



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL UFC/ URCA

FABIANA DOS SANTOS LIMA

ATLAS LINGUÍSTICO DOS SERTÕES CEARENSES
(ALSCE)

FORTALEZA-CE

2019

FABIANA DOS SANTOS LIMA

ATLAS LINGUÍSTICO DOS SERTÕES CEARENSES (ALSCE)

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.

FORTALEZA-CE
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L698a Lima, Fabiana dos Santos.
Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE) / Fabiana dos Santos Lima. – 2019.
333 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.
Orientação: Prof. Dr. Maria do Socorro Silva de Aragão.
1. Dialetoлогия. 2. Geolinguística. 3. Atlas linguístico. 4. Sertões cearenses. 5. Falar cearense. I. Título.
CDD 410
-

FABIANA DOS SANTOS LIMA

ATLAS LINGUÍSTICO DOS SERTÕES CEARENSES (ALSCE)

Tese submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 10/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Dra Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, o meu Senhor e Salvador.

ELEVO os meus olhos para os montes: de onde me virá o socorro?

O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra.

Não deixará vacilar o teu pé; aquele que te guarda não tosquenejará.

Eis que não tosquenejará nem dormirá o guarda de Israel.

O SENHOR é quem te guarda; o SENHOR é a tua sombra à tua direita.

O sol não te molestará de dia, nem a lua, de noite.

O SENHOR te guardará de todo mal; ele guardará a tua alma.

O SENHOR guardará a tua entrada e a tua saída, desde agora e para sempre.

(Salmos 121)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me conduzido em todo percurso, por ter me guardado do dia mal, por ter me levado dalém mar e por ter me feito um instrumento em Suas mãos em prol de Sua obra. A Ele toda honra e toda glória, desde agora e para sempre.

À minha família, meu pai Lúcio, minha mãe Fátima e meus irmãos Adilles, Claudiano e Fábio, minhas cunhadas e meus sobrinhos lindos que me alegraram nos momentos de maior desânimo. Grata por serem minha coluna e minha fortaleza.

À família Silva (Oseas, Ana Paula, Isaque e Israel), minha família cristã que me adotou como filha e tem me guiado pelas veredas do amor de Deus aos quais eu tenho eterna gratidão por terem sido tão presente.

À irmandade de Quixadá e aos meus irmãos e amigos de fé que fiz e que são testemunhas de todos os passos rumo à conclusão deste trabalho.

Aos meus parentes e amigos de Fortaleza que me acolheram durante todo este período, em especial, à minha prima/irmã Lu, por ter cedido, não só a sua casa, mas o seu ombro amigo.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística e à Universidade Regional do Cariri (URCA) por terem ofertado uma turma de doutorado interinstitucional (DINTER), oportunizando uma vaga subjacente da qual pude fazer parte, contribuindo para o meu crescimento e desenvolvimento acadêmico e profissional.

Aos meus amigos de turma que contribuíram mais ainda para o aperfeiçoamento não só do meu conhecimento, mas das relações interpessoais que deixaram marcas valiosas e a construção de uma amizade para toda a vida.

À minha colega de turma, irmã de fé, amiga e parceira de negócios, Paula Perin, por ser essa pessoa extraordinária.

À professora Maria Elias, a quem carinhosamente chamo de madrinha, por mais uma vez ter sido determinante na construção deste doutoramento, quem aprendi a admirar e a respeitar por toda sua história dentro do programa e da universidade.

À minha orientadora, profa. Socorro, por mais uma vez ter aceitado o desafio de trilhar esse caminho comigo, por ter se tornado muito mais do que uma orientadora, uma mãe, quem eu admiro e tenho como exemplo a ser seguido em todos os âmbitos de sua vida: família, trabalho, conhecimento e amizade.

Ao prof. Dr. Valter Romano, idealizador do Programa [SVCGLIN] que possibilitou a produção das cartas linguísticas e que me orientou pacientemente na utilização do programa.

À FUNCAP, PRPI e ao CNPq, pelo apoio financeiro e humano (bolsistas) durante o desenvolvimento deste projeto.

Ao IFCE – Quixadá, pelo apoio profissional, logístico e espacial durante o desenvolvimento do curso, uma vez que os bolsistas foram oriundos de seus cursos: Integrado em Edificações e Licenciatura em Geografia.

Ao IFCE – Baturité, por também contribuir com os bolsistas que finalizaram o projeto.

Aos meus bolsistas amados e queridos, Caroline Amorim, José Mauro e Neyla Ellen por terem iniciado todo o processo de pesquisa e viabilizado a organização das pesquisas de campo. Mas, meu agradecimento especial aos 02 primeiros, Carol e Mauro, por terem me acompanhado ao longo de todo o trabalho de pesquisa, transcrição e seleção dos dados. Meus eternos agradecimentos por terem sido o meu clone quando eu não tinha tempo de trabalhar na tese, mesmo não sendo compensados financeiramente pelas bolsas.

Ao bolsista voluntário Naylson, do campus Baturité, por já chegar ao barco andando e ter conseguido remar, e à bolsista IFCE Karissa por estar prestes a iniciar um novo processo.

Às instituições públicas das 9 cidades pesquisadas que abriram as portas para me receber e me orientar na condução de como encontrar o melhor informante para os inquéritos.

Às pessoas maravilhosas que encontrei em cada cidade, ajudando-me a fazer contato com os informantes: Haulivan (Quixadá), Onedi (Boa Viagem), Francisquinha (Nova Russas), Bete (Crateús), Mirian (Tauá), Dejacildo (Aiuaba), Ana Iris (Milhã), Nayara (Acopiara) e Daniel (Pedra Branca).

Aos diretores e servidores das escolas que foram usadas como local de inquérito, sem os quais não poderia realizar as entrevistas.

A todos os informantes, por se dispuserem a contribuir com a pesquisa sem pedir nada em troca. Minha eterna gratidão.

À banca examinadora, Prof. Dr. José de Ribamar, da UFMA, Profa. Dra. Aluiza da UECE, Prof. Dr. Luciano, da UECE/UFRN e a Profa. Dra. Maria Elias, da UFC, pelas importantes contribuições feitas a este trabalho.

A todos os professores, mestrandos e doutorandos do Programa PPGL que contribuíram de uma forma ou de outra para o meu engrandecimento teórico e metodológico.

Aos meus amigos Ana Cristina, Karina, Amaury, Josi, Elton, Vânia, Monalisa, Beth e Francivanda pela crença em meu potencial e pelo auxílio moral, psicológico, espiritual e logístico no empreendimento desta etapa em minha vida.

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

(...)

Cearense não morre... ele bate a biela!

Cearense não exagera... ele alopra!

Cearense não percebe... ele dá fé!

Cearense não vigia as coisas... ele pastora!

Cearense não vê destruição... ele vê só o distroço!

Cearense não sai apressado... ele sai desembestado!

Cearense não observa... ele passa os pano!

Cearense não agarra a mulher... ele arroxa!

Cearense não dá volta... ele arrudêia!

Cearense não serve almoço... ele bota o dicumê na mesa!

Cearense não diz que fulano não é de confiança... ele diz que a mercadoria é sem nota!

Cearense não espera um minuto... ele espera um pedaço!

Cearense não é distraído... ele é avoadado!

Cearense não fica encabulado... ele fica todo errado!

Cearense não comete gafe... ele dá uma rata!

Cearense não sobe na árvore... ele se trepa no pé de pau!

Cearense não passa a roupa... ele engoma a roupa!

Cearense não ouve barulho... ele ouve zuada!

Cearense não acompanha casal de namorados... ele segura vela!

Cearense não dá cantada... ele quêxa!

Cearense não é esperto... ele é desenrolado!

Cearense não é rico... ele é estribado!

Cearense não é homem... ele é macho ou é cabra danado!

Ser cearense é ser único!

Ô orgulho véi besta!!!

Autor do texto: um cearense paidégua.

Fonte: Jornal da Casa do Ceará (2013).

RESUMO

O Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE) é um trabalho de conclusão de doutoramento que tem por objetivo documentar o falar cearense, especificamente da mesorregião Sertões Cearenses, através do método geolinguístico que tem como característica principal coletar dados e representá-los por meio de cartas linguísticas. Este estudo foi desenvolvido a partir da metodologia da Geolinguística pluridimensional que está presente no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB, 2013). Sendo assim, o ALSCE se propôs a fazer um levantamento mais sistematizado do léxico e da morfossintaxe dessa mesorregião para dar continuidade aos estudos geolinguísticos iniciados pelos atlas já existentes no Ceará. Como a região escolhida é um grande polo sócio, econômico, político e cultural do Estado do Ceará, contém um grande arcabouço linguístico a ser pesquisado. Para fundamentar este trabalho, recorreu-se a teóricos que discutem o importante papel da Dialectologia e da Geolinguística para o estudo de um inventário linguístico. Dentre eles, podem-se destacar: ARAGÃO (1983, 2007), CÂMARA JR (2004), CARDOSO E FERREIRA (1994), COSERIU (1987), LABOV (2008), MONTEIRO (1995), ROMANO (2015) E THUN (1999). A pesquisa foi realizada seguindo os princípios da Geolinguística moderna, fazendo o registro de parâmetros diatópicos e diastráticos do espaço geográfico escolhido, por meio do controle de 3 variáveis: sexo, idade e escolaridade. Dessa forma, foi construída uma malha linguística com 9 pontos de inquéritos, onde foram entrevistadas 8 pessoas em cada um, perfazendo um total de 72 informantes. Destes 36 são homens e 36 mulheres, conforme o critério da variável sexo; com faixas etárias entre 18 e 30 anos e 45 e 60 anos, e escolaridade em duas modalidades: informantes com grau de escolaridade até o Ensino Médio (EM) e informantes com Ensino Superior (ES). Os questionários para obtenção dos dados coletados foram o Questionário Semântico lexical (QSL) e o Questionário Morfossintático (QMF) do Projeto ALiB e a ferramenta operacional geradora das cartas foi o software de elaboração de cartas linguísticas chamado [SVGCLIN]. Com isso, foram produzidas 80 cartas semântico-lexicais, abrangendo todos os itens lexicais abordados pelos atlas produzidos no Estado até então, e 30 cartas morfossintáticas, abordando os aspectos mais pertinentes à morfossintaxe do falar cearense, perfazendo um total de 110 cartas linguísticas. Assim, podem-se encontrar cartas lexicais como Carta L01- Riacho, Carta L31 - Vereda, Carta L50 – Sovaqueira e Carta L77 – Guloso, e cartas morfossintáticas como Carta M09 - Plural de Pão, Carta M16 - Pronomes Nós/ a gente e Carta M24 - Por (1ª PS). Logo, ao se registrar a língua falada dos Sertões Cearenses, é

possível perceber as influências socioculturais na língua em seu cotidiano, fortalecendo suas raízes linguísticas. Sendo assim, apesar de toda a complexidade da pesquisa geolinguística, a produção de um atlas linguístico ainda pode proporcionar boas pesquisas e diminuir a distância entre a academia e a sala de aula.

Palavras-chave: Dialetoologia, Geolinguística, Atlas Linguístico, Sertões Cearenses, Falar cearense.

ABSTRACT

The Linguistic Atlas of the Sertões Cearenses (ALSCE) is a PhD conclusion work that aims to document the Cearense speaking, specifically from the Sertões Cearenses mesoregion, through the geolinguistic method whose main characteristic is to collect data and represent them by means of letters linguistic. This study was developed based on the multidimensional Geolinguistics methodology that is present in the Atlas Linguistic Project of Brazil (ALIB, 2013). Therefore, ALSCE proposed to carry out a more systematic survey of the lexicon and morphosyntax of this mesoregion to continue the geolinguistic studies initiated by the already existing atlas in Ceará. As the chosen region is a great socio, economic, political, and cultural center of the State of Ceará, it contains a great linguistic framework to be researched. To support this work, theorists were discussed who discuss the important role of dialectology and geolinguistics for the study of a linguistic inventory. Among them, the following stand out: ARAGÃO (1983, 2007), CÂMARA JR (2004), CARDOSO E FERREIRA (1994), COSERIU (1987), LABOV (2008), MONTEIRO (1995), ROMANO (2015) AND THUN (1999). The research was carried out following the principles of modern Geolinguistics, recording diatopic and diastratic parameters of the chosen geographical space, by controlling 3 variables: sex, age and education. Thus, a linguistic network was constructed with 9 survey points, where 8 people were interviewed in each one, making a total of 72 informants. Of these, 36 are men and 36 women, according to the criterion of the gender variable; with ages between 18 and 30 years and 45 and 60 years, and education in two modalities: informants with education level up to High School (HS) and informants with University Education (UE). The questionnaires for obtaining the collected data were the Lexical Semantic Questionnaire (QSL) and the Morphosyntactic Questionnaire (QMF) of the ALiB Project and the operational tool for generating the letters was the software for making linguistic letters called [SVGCLIN]. With that, 80 semantic-lexical letters were produced, covering all lexical items covered by the atlases produced in the State until then, and 30 morphosyntactic letters, addressing the most pertinent aspects to the morphosyntax of Ceará speaking, making a total of 110 linguistic letters. Thus, one can find lexical letters such as Letter L01- Riacho, Letter L31 - Vereda, Letter L50 - Sovaqueira and Letter L77 - Sweet tooth, and morphosyntactic letters like Letter M09 - Plural of Bread, Letter M16 - Pronouns We / a people and Letter M24 - By (1st PS). Therefore, when registering the spoken language of the Sertões Cearenses, it is possible to perceive the socio-cultural influences on the language in their daily lives, strengthening their

linguistic roots. Thus, despite all the complexity of geolinguistic research, the production of a linguistic atlas can still provide good research and reduce the distance between the academy and the classroom.

Keywords: Dialectology, Geolinguistics, Linguistic Atlas, Sertões Cearenses, Cearense Speak.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Capitania do Ceará	26
Mapa 2. Localização do Ceará.....	29
Mapa 3: Mapa físico do Ceará.....	30
Mapa 4 Evolução territorial do Estado do Ceará.....	32
Mapa 5. Mesorregiões do Estado do Ceará	33
Mapa 6. Pontos de Inquérito	64
Mapa 7. Os Sertões Cearenses dentro do Estado do Ceará	111
Mapa 8. Os Sertões Cearenses dentro do Brasil	112

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Praça da Matriz de Boa Viagem.....	65
Figura 2. Pedra da Galinha choca, Quixadá-CE.....	67
Figura 3. Praça de Crateús.....	70
Figura 4. Arco de Nova Russas.	72
Figura 5. Igreja de Aiuaba.	74
Figura 6. Praça de Tauá: Dr. Alberto Feitosa Lima.	76
Figura 7. Arco da entrada de Acopiara.	78
Figura 8. Vista panorâmica de Milhã.	80
Figura 9. Pedra que deu origem à cidade.	82
Figura 10. Tela inicial do Programa [SGVCLIN]	108
Figura 11. Mapa base com os pontos de Pesquisa do ALSCE	109

LISTA DE SIGLAS ABREVIATURAS

ADDU	Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay
AGeLO	Atlas Geossolingüístico de Londrina
AIS	Atlas Ítalo-Suíço
ALAM	Atlas Lingüístico do Amazonas
ALCa	Atlas Lingüístico Léxico-semântico de Capistrano
ALEIC	Atlas da Córsega
ALECMa	Atlas Lingüístico (y etnográfico) de Castilha-La Mancha
ALERS	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALF	Atlas Lingüístico da França
ALECE	Atlas Lingüístico do Estado do Ceará
ALiB	Atlas Lingüístico do Brasil
ALiG	Atlas Lingüístico Léxico-semântico de Iguatu
ALIPE	Atlas Lingüístico de Pernambuco
ALiPTG	Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar
ALISPA	Atlas Lingüístico Sonoro do Estado do Pará
ALM	Atlas Lingüístico do México
ALMASPE	Atlas Lingüístico da Mata Sul de Pernambuco
ALMESEMT	Atlas Lingüístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso
ALMS	Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul
ALPb	Atlas Lingüístico da Paraíba
ALPR	Atlas Lingüístico do Paraná
ALS	Atlante Lingüístico della Sicilia
ALS	Atlas Lingüístico de Sergipe
ALS II	Atlas Lingüístico de Sergipe II
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
CARNACRAT	Carnaval fora de Época de Crateús
CE	Ceará
CVC	Consoante, Vogal, Consoante
CCV(C)	Consoante, Consoante, Vogal, (Consoante)
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EALLO	Esboço de um atlas lingüístico de Londrina
EALMG	Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais

EM	Ensino Médio
ES	Ensino Superior
FE	Faixa Etária
FENECRAT	Feira de Negócios Agropecuários, Dia do município
FENERI	Feira de Negócios da Região dos Inhamuns
FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano.
IDM	Índice de Desenvolvimento Municipal.
IDS-O	Índice de Desenvolvimento Social de Oferta
IDS-R	Índice de Desenvolvimento Social de Resultado
IFCE	Instituto Federal do Ceará
INF	Informante
INQ	Inquiridor
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estatística do Ceará
Micro AFERJ	Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro
MRhSA	Mittelrheinischer Sprachatlas / Atlas Linguístico da Romênia Central
MVL	Mapeamento de Variação Linguística
NORPOFOR	Norma Oral Popular De Fortaleza
NUPEL	Núcleo de Pesquisa e Estudos Linguísticos
NURC	Norma Urbana Culta
PIB	Produto Interno Bruto
PhD	Doctor of Philosophy
PP	Pessoa do Plural.
PORCUFORT	Português Oral Culto de Fortaleza
PRAAT	<i>Software</i> para a análise de voz
PROFALA	Português Falado no Ceará.
PRPI	Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação
PS	Pessoa do Singular
QFF	Questionário Fonético-fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-lexical
SIRGAS	Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas
SPDGL	Sistema do Processamento de Dados Geolinguísticos
SGVCLin	Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas

UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 ESTADO DO CEARÁ	23
2.1 Panorama histórico	23
2.2 Situação geográfica	28
2.3 Mesorregião Sertões Cearenses	33
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	35
3.1 Dialetologia	35
3.1.1 A Dialetologia no Brasil	44
3.1.2 A Dialetologia no Ceará	46
3.2 Geolinguística	50
3.2.1 A Geolinguística moderna e seu caráter pluridimensional	50
3.2.2 A Geografia Linguística no Brasil	57
4 METODOLOGIA	63
4.1 Caracterização da localidade	63
4.2 Caracterização do informante	84
4.3 Instrumentos de pesquisa	104
4.4 Pesquisa de campo	105
4.5 Arquivamento e transcrição do <i>corpus</i>	106
4.6 Análise do material	106
4.7 Elaboração das cartas linguísticas	107
5 ATLAS LINGUÍSTICO DOS SERTÕES CEARENSES (ALSCE)	114
5.1 Apresentação	114
5.2 Cartas semântico-lexicais	116
5.3 Cartas morfossintáticas	247
6 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CARTAS LINGUÍSTICAS	298
6.1 As cartas semântico-lexicais	298
6.2 As cartas morfossintáticas	302
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	305
REFERÊNCIAS	308
ANEXOS	313

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de se descrever e analisar a língua sempre foi uma preocupação de estudiosos e gramáticos que remota às teorias desenvolvidas pela Gramática Comparativa ainda no século XVIII. Neste viés, temos a Dialectologia que vem auxiliando a ciência desde os trabalhos mais remotos como a descrição de fenômenos fonéticos em pequenas localidades rurais até os dias de hoje com suas técnicas e áreas de atuação mais aprimoradas.

Para aprimorar mais ainda seus estudos, a Dialectologia buscou no método geolinguístico uma forma mais eficiente de coleta, descrição e divulgação de dados linguísticos de uma determinada comunidade de fala, que foi consolidado por Jules Gilliéron, ao produzir o Atlas Linguístico da França (1902-1910). Desde então, inúmeros trabalhos foram desenvolvidos com essa metodologia, buscando aliar o estudo das variações linguísticas de um espaço geográfico com suas características socioculturais.

No limiar entre severas críticas acerca do seu método monodimensional e o desafio de implantar aspectos extralinguísticos às suas pesquisas, foi que a Dialectologia deu um salto de qualidade com o desenvolvimento de pesquisas usando a geografia linguística pluridimensional, ou seja, questões como arealidade, número de informantes, faixa etária, escolaridade e estilística foram contempladas nesses novos meios de pesquisa. A partir de então todos os países da Europa passaram a desenvolver os estudos dialetológicos, elaborando seus atlas, fazendo o mapeamento de sua região, seguindo os métodos geolinguísticos

É nesta perspectiva que dialetólogos brasileiros também buscaram desenvolver trabalhos sobre os dialetos e falares brasileiros, tendo como principal objetivo a realização do Atlas Linguístico do Brasil. Esse objetivo só pôde ser alcançado em 2015 com a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), produzido por um comitê científico liderado por Alice Suzana Marcelino Cardoso. Esse feito foi realizado depois de uma longa jornada que começa com a divisão dialetal de Nascentes (1952) e que proporciona a produção de diversos trabalhos geolinguísticos de pequeno porte como atlas regionais e de pequenos domínios, trazendo novas perspectivas para o trabalho dialetal brasileiro. É neste cenário que se insere a dialectologia cearense.

No entanto, é sabido que a pesquisa geolinguística no Estado do Ceará ainda é incipiente com a realização de apenas 3¹ trabalhos com a metodologia geolinguística: o Atlas

¹ Há mais um atlas em fase de produção, concomitante a este, desenvolvido por Carlos Alberto Saraiva, referente à região do Cariri: Atlas Fonético e Léxico-Semântico da Região do Cariri cearense (Alicace).

Linguístico Semântico-Lexical de Iguatu (ALIg), realizado por mim, Fabiana Lima, e foi defendido como Dissertação de mestrado em 2009; o Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), realizado por José Rogério Fontenele Bessa e equipe, e publicado em 2010, e o Atlas Semântico-Lexical de Capistrano (ALCa), realizado por Jamile Monteiro e defendido como Dissertação de mestrado em 2011.

Apesar desses 3 atlas terem sido publicados nos anos 2000, eles não contêm a mesma orientação metodológica.; pois, apesar de o ALECE ter sido publicado em 2010, traz registros coletados na década de 80 do século XX, proporcionando uma necessidade de dar continuidade aos estudos geolinguísticos no Estado do Ceará para fortalecer os dados coletados na pesquisa do atlas nacional. É nesse viés que se propõe a produção de mais um atlas dentro da região cearense. Daí surgiu o Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE).

O ALSCE é um atlas que se propõe a registrar dados linguísticos da mesorregião Sertões Cearenses tanto de cunho lexical quanto morfossintático. Este é o diferencial mais marcante em relação aos atlas já existentes, pois os demais só fizeram registros fonéticos e lexicais. Além disso, fazer um dos primeiros registros morfossintáticos, só fortalece a importância desse atlas para a comunidade acadêmica. Contudo é preciso salientar que esses dados também serão documentados nas cartas morfossintáticas do ALiB, as quais se encontram em fase de publicação.

Diante disso, elencamos, a seguir, outros elementos que justificam a realização deste atlas:

1. a mesorregião Sertões Cearenses é a maior do Estado;
2. além de registros lexicais, o Estado do Ceará passará a ter registros morfossintáticos;
3. a região pesquisada não tem nenhum atlas de pequeno domínio;
4. com os dados coletados, teremos mais um banco de dados para futuras pesquisas geolinguísticas, dialetológicas e sociolinguísticas, as quais trazem grande contribuição para o estudo do falar cearense.

A região escolhida é um grande polo sócio, econômico, político e cultural do Estado do Ceará, que, devido ao grande fluxo de pessoas e ao forte investimento no desenvolvimento social, cultural e educacional, proporcionando um grande arcabouço linguístico a ser pesquisado. Assim, é de grande valia registrar sua língua falada com o intuito não só de perceber as influências socioculturais na língua em seu cotidiano, como também de

observar se há distinção entre o seu falar regional e o das demais regiões do Estado; podendo, portanto, fortalecer suas raízes linguísticas.

Com base no exposto, estabelecemos os seguintes objetivos: fazer o levantamento do léxico e dos aspectos morfossintáticos da mesorregião; dar seguimento aos estudos dialetológicos e geolinguísticos do falar cearense; elaborar cartas semântico-lexicais e morfossintáticas para a constituição do Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses, e oferecer subsídios importantes para a pesquisa geolinguística no Brasil e para os estudos da Língua Portuguesa falada.

Sendo assim, este trabalho ficou estruturado da seguinte forma:

Após a introdução, a tese inicia o segundo capítulo, intitulado O Estado do Ceará, apresentando uma síntese do panorama histórico e geográfico do Ceará, até chegar à distribuição político-administrativa do Estado na conjuntura atual, onde finaliza com uma pequena descrição geográfica dos Sertões Cearenses.

O terceiro capítulo é destinado à Fundamentação Teórica onde é abordada a sistematização histórica e conceitual da Dialectologia e da Geolinguística com suas devidas áreas de alcance científico, além da interface com áreas como a Sociolinguística e a Etnolinguística, bem como áreas determinantes para o desenvolvimento da Geolinguística moderna. Neste mesmo capítulo, discutimos o desenvolvimento destas disciplinas no Ceará. Essas discussões foram embasadas por teóricos como Aragão (1983, 2007), Câmara Jr (2004), Cardoso e Ferreira (1994), Coseriu (1987), Labov (2008), Monteiro (1995), Romano (2015), Thun (1999), dentre outros.

O quarto capítulo destina-se à Metodologia. Nele descreve-se de forma detalhada todo o procedimento metodológico para a constituição do Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses que vai desde a pesquisa bibliográfica até a forma como são produzidas cartas linguísticas semântico-lexicais e morfossintáticas.

O quinto capítulo, intitulado Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE), refere-se às cartas produzidas para compor o atlas. Inicia-se com uma pequena apresentação com o intuito de orientar o leitor sobre quais informações serão encontradas nas cartas e a forma como deve ser interpretada cada uma. Em seguida, há uma tabela com a relação dos 80 itens semântico-lexicais que serão encontrados nas cartas lexicais. Depois, mais uma tabela com a relação dos 30 itens que serão encontrados nas cartas morfossintáticas

O sexto capítulo, Breves considerações sobre as cartas linguísticas, refere-se a uma pequena análise da produção linguística do ALSCE.

Por fim, a tese finaliza-se com as devidas Considerações Finais, seguidas das Referências e dos Anexos. Os anexos são compostos pelos formulários de pesquisa e pelos questionários Questionário Semântico-Lexical (QSL) e Questionário Morfossintático (QMS).

2 ESTADO DO CEARÁ

A região geográfica em estudo é a mesorregião Sertões Cearenses, contudo não é possível tratar dessa região isoladamente sem fazer referência ao contexto geográfico ao qual pertence. Sendo assim, traçamos um perfil histórico e geográfico do Estado do Ceará para entender as características dessa mesorregião.

2.1 Panorama histórico

O Ceará até ser elevado à condição de Estado da federação brasileira passou por um processo de povoamento diferente dos demais estados da região Nordeste. Intitulado como Capitania do Ceará, era inicialmente administrada pela Capitania de Pernambuco e servia apenas como caminho para a capitania do Maranhão, pois não possuía nenhum valor mercantil que pudesse chamar a atenção de Portugal, como podemos observar nas palavras de Carvalho (2013, pp. 6-7): “Em meio a esse processo, o espaço territorial da capitania do Ceará era caracterizado como uma zona intermédia sem nenhuma definição ou interesse por parte da Coroa portuguesa dentro da projeção da economia mercantilista [...]”

Mesmo as terras do Ceará se enquadrando dentro do projeto expansionista colonial como espaço a ser explorado, ocupado e povoado pela estrutura político-administrativa da coroa ibérica, como atesta Carvalho (2013), seu processo de povoamento foi tardio devido ao abandono e descaso exercido pela mesma, caracterizando-a como um espaço neutro e de trânsito livre entre dois extremos, o da costa litorânea leste atlântica e o da fronteira oeste do Maranhão e Grão-Pará, pontos estratégicos no processo expansionista do império português.

Isso só veio a mudar quando os holandeses, em 1637, aportaram facilmente no porto do Mucuripe com o intuito de apoderar-se do forte de São Sebastião localizado na barra do rio Ceará, obrigando a coroa lusitana a enviar esforços para combater e expulsar os holandeses da capitania, sendo socorrida por André Vidal de Negreiros, somente no ano de 1647, o qual incorporou sua jurisdição à capitania do Maranhão. Mesmo assim, a ocupação dos “sertões de fora”, como era conhecida a área sertaneja cearense, não estava no projeto expansionista da coroa, uma vez que não lhes rendia lucro algum. Com isso, a solução

foi doar sesmarias com condições mínimas de regulamentação, deixando nas mãos de famílias e pecuaristas o controle sobre a ocupação desses sertões.

Esse processo de interiorização, de forma desordenada e com a imposição das normas do “homem branco” (arrendatários e colonos), levou, ao mesmo tempo, a um genocídio e a um etnocídio da população indígena no interior da capitania cearense. Não só ocorreu a destruição da etnia indígena, como também a destruição de sua cultura. Os conflitos entre sesmeiros e indígenas foram tanto que hoje só nos resta os nomes dos topónimos no interior do Estado. A cultura indígena só se mantém viva e em pequeno número nas regiões mais litorâneas do Estado como Caucaia e Itarema.

Diante das dificuldades de povoamento do território cearense, historiadores como Jucá Neto (2012), Carvalho (2013) e Chaves (2016) afirmam que essa ocupação se deu do interior para o litoral, inversamente comparada às demais capitanias que tinham a cultura canavieira como a principal fonte de renda. Essa ocupação seguia o trajeto do gado e da produção da carne de charque pivores financeiros da capitania, bem como o trajeto dos grandes rios onde as sesmarias eram implantadas. A fazenda se localizava sempre à beira de um rio, onde se construía os currais e, a partir daí, a exploração da localidade se estendia sertão a dentro, estabelecendo a posse da terra pelas famílias de sesmeiros, como podemos atestar no texto de Jucá Neto (2012).

Dentro das sesmarias, as fazendas localizavam-se em pontos estratégicos, muitas vezes em locais elevados e sempre próximos a um riacho ou rio. Todo o programa das fazendas estava diretamente associado às necessidades produtivas da economia. Além da sede, havia o curral e cercados para a agricultura; em algumas, pequenos açudes e, muito raramente, uma capela. (JUCÁ NETO, 2012, p. 135)

No que diz respeito à participação da Igreja Católica nesse processo, podemos afirmar que as campanhas jesuíticas foram determinantes por dois motivos. O primeiro eram os padres que faziam a intermediação entre indígenas e portugueses, tornando o processo de convivência mais ameno e, ao mesmo tempo, proporcionando o acultramento do povo indígena, conforme explica Jucá Neto (2012, p. 135), “[...] presenciou-se o processo de miscigenação e aculturação entre índios e brancos, de fundamental importância para a formação da sociedade cearense.”. O segundo foi a garantia do controle da coroa lusitana por meio de incentivos financeiros para a construção de ermidas, capelas e freguesias (JUCÁ NETO, 2012), tornando-se pontos estratégicos de onde surgiram as primeiras vilas com estruturas administrativas e jurídicas.

Sobre o surgimento das vilas, Jucá Neto (2012) afirma que

[...] as vilas criadas localizavam-se onde outrora os primeiros desbravadores haviam construído suas fazendas e erguido as primeiras ermidas ou capelas da capitania. Eram pontos eminentemente estratégicos, que possibilitavam a fluidez de mercadorias e pessoas – leia-se das boiadas e boiadeiros – e garantiam a conectividade com o restante do Brasil e com a dinâmica mercantilista internacional. (JUCÁ NETO, 2012, p. 142)

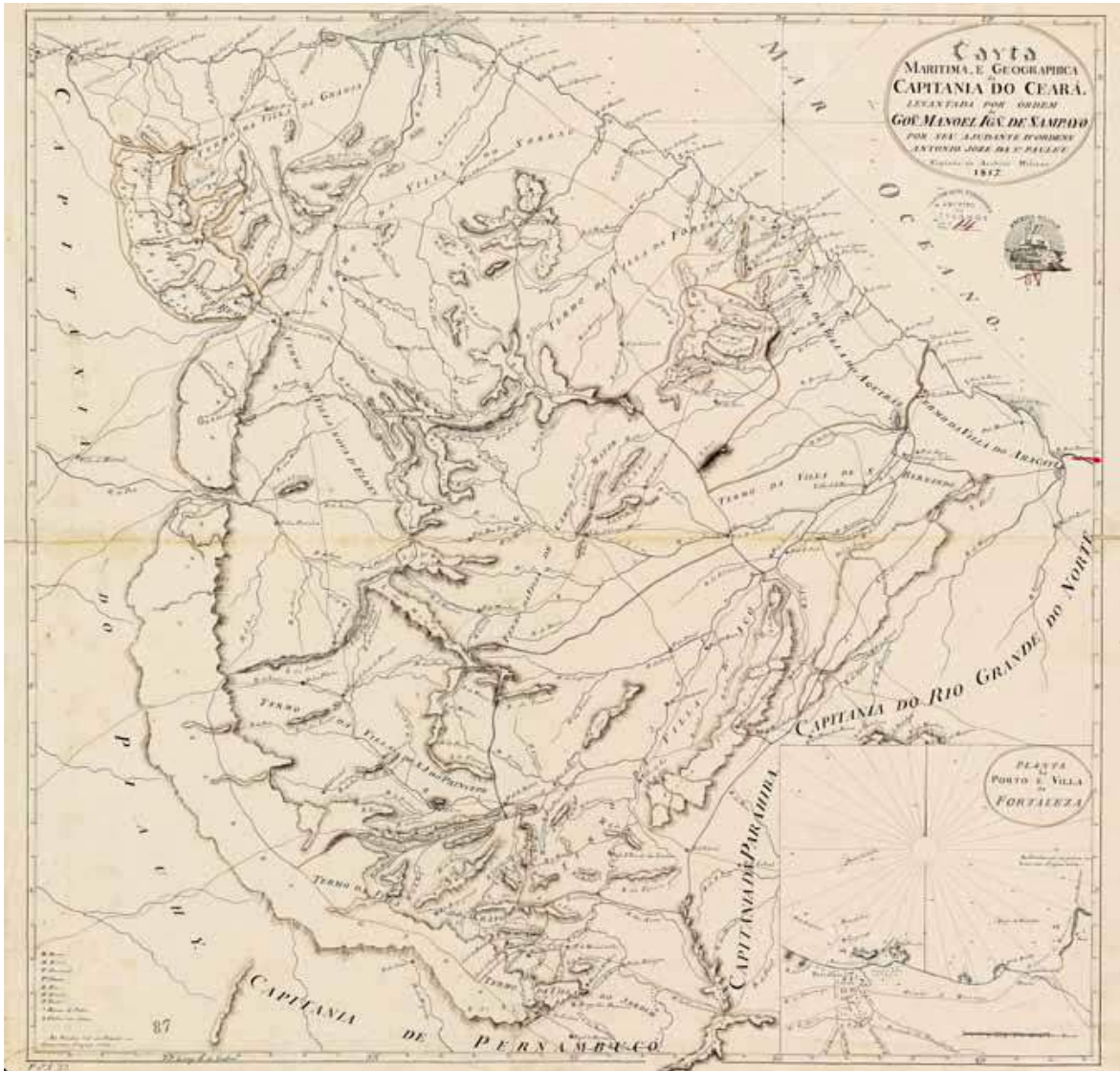
Abaixo citamos as primeiras vilas criadas que deram prosseguimento ao processo de soberania do império português, garantiram a manutenção do território cearense e promoveram sua ordenação espacial.

Vila de Aquiraz (1713); Vila de Fortaleza (1723); Vila do Icó (1736); Vila de Santa Cruz do Aracati (1748); Vila Real de Soure, atual Caucaia (1755); Vila de Messejana (1756); Vila Real de Arronches, atual Parangaba (1759); Vila Viçosa Real (1759); Vila de Monte-mor o Novo d'América, atual Baturité (1764); Vila Real do Crato (1764); Vila Real de Sobral (1773); Vila Real de Granja (1776); Vila de Campo Maior de Santo Antônio de Quixeramobim (1789); Vila Nova d'El Rei, atual Ipu (1791); Vila de São Bernardo de Russas (1801); Vila de São João do Príncipe, atual Tauá (1802); Vila de Jardim (1814); e a Vila de Lavras da Mangabeira (1817). (JUCÁ NETO, 2012, p. 142)

Dentre elas, encontram-se duas vilas que demarcam a região pesquisada: Vila de Campo Maior de Santo Antônio de Quixeramobim e Vila de São João do Príncipe, atual Tauá.

Com isso, os diversos agentes (Estado, Igreja, fazendeiros e os índios) marcaram suas presenças no território, alterando lentamente a paisagem natural da Capitania do Ceará, conforme o mapa 1.

Mapa 1: Capitania do Ceará



Carta Marítima e Geográfica da Capitania do Ceará, 1817. Gabinete de Estudo Arqueológicos de Engenharia Militar (Geaem), Lisboa. Fonte: (JUCÁ NETO, 2012)

Passado o período colonial, o Ceará já havia sido elevado à categoria de província e se tornado independente da comarca de Pernambuco. Contudo seus problemas econômicos e administrativos continuavam os mesmos dadas as características geográficas da província. Sendo assim, as dificuldades de escoamento da carne de charque e sua concorrência com a província do Rio Grande do Sul obrigaram os cearenses a encontrarem outro meio de subsistência da economia local.

Nesse contexto, surge a cultura do algodão arbóreo e herbáceo que se adaptou muito bem ao clima do território cearense, tornando-se a mais nova fonte de renda lucrativa desse povo. As vilas foram ganhando *status* de cidades e a cidade de Fortaleza foi se firmando

como capital da província por seus portos que agilizava o escoamento da produção algodoeira e por suas indústrias têxteis que captavam grande parte dessa produção. Além disso,

Outros fatores como a construção da estrada de ferro de Baturité, o melhoramento na estrutura portuária e a construção de rodovias interligando-a aos demais interiores, a fortaleceram economicamente. Isso contribuiu [...] para que a Fortaleza fosse paulatinamente adquirindo feições de grande metrópole [...]. (CHAVES, 2016, p. 46)

Somente no início do século XIX é que Fortaleza e os pontos comerciais interioranos (Aracati, Baturité, Crato, Icó, Quixeramobim e Sobral) foram elevados à categoria de cidade.

Nesse interim, o Ceará participou de dois movimentos sociais históricos que representava a insatisfação do governo cearense mediante à falta de recursos enviados pelo imperador à província. O primeiro foi a Confederação do Equador, em 1817, “movimento de caráter separatista e libertador republicano iniciado em Pernambuco e pretendia tornar as Províncias de Pernambuco, Piauí, Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas independentes do restante do país.” (CHAVES, 2016, p. 38). Contudo foi abafado pelas tropas imperiais, ocasionando o insucesso da empreitada. E o segundo foi a libertação dos escravos; uma vez que, com os altos custos na aquisição dos escravos, os fazendeiros optavam por libertá-los e contratá-los como trabalhador rural, apesar do processo não ser tão simples devido a toda conotação de subordinação e superioridade estabelecida por meio da escravatura. No entanto, como forma de pressionar o império, além de libertá-los, fazia-se propaganda em jornais. (CHAVES, 2016)

A última parte a se destacar neste contexto histórico é como se deu o desenvolvimento do Estado do Ceará a partir do período republicano.

Segundo Chaves (2016), esse período de implantação da República foi marcado pelas oligarquias políticas, baseadas na troca de favores entre os governantes. A mais conhecida do Ceará é a oligarquia Acciolina, comandada pela família Nogueira Accioly, natural de Icó. Essa oligarquia durou até 1912 e “seu governo foi caracterizado pelo autoritarismo, nepotismo, desencadeando a violência e a corrupção.” (CHAVES, 2016, p. 51)

Após a fase das oligarquias, instaurou-se no país a ditadura militar iniciada em 1964 e que se estendeu até 1985. Com isso, a política desenvolvida no Ceará é conhecida como Coronelismo, em que os governantes eram militares e estes mantinham uma rede de relações estabelecidas pela troca de favores em que uma das moedas de troca era o voto de

seus subordinados. Com isso, os “currais” de votos sustentavam essas alianças políticas no poder.

Com o término da ditadura militar e o esgotamento desse sistema, surge no Ceará um grupo de jovens empresários que enveredaram na política com uma proposta de mudanças, ficando conhecidos como “os governos da mudança”, representado pelo então líder político Tasso Jereissati e que marca a nova era do cenário político, econômico e administrativo do Ceará. A principal bandeira levantada por esse grupo de empresários era

implementar no Ceará um projeto de modernização, visando fortalecer setores como o de turismo, construindo uma visão distanciada do atraso e de miséria legitimada pela imprensa, principalmente devido às constantes secas. Mas essa modernização se consolidou de maneira autoritária, construindo um modelo de gestão burocrática. (CHAVES, 2016, p. 60)

O intuito de acabar com as amarras do coronelismo foi alcançado pelo governo das mudanças, no entanto deu origem a um Estado marcado pelo domínio de um pequeno grupo de empresários, caracterizando-se como governo burguês e autoritário que se sustenta até os dias atuais, como complementa Chaves (2016).

A seção seguinte diz respeito aos aspectos geográficos do estado e suas implicações para a constituição sociocultural da região pesquisada.

2.2 Situação geográfica

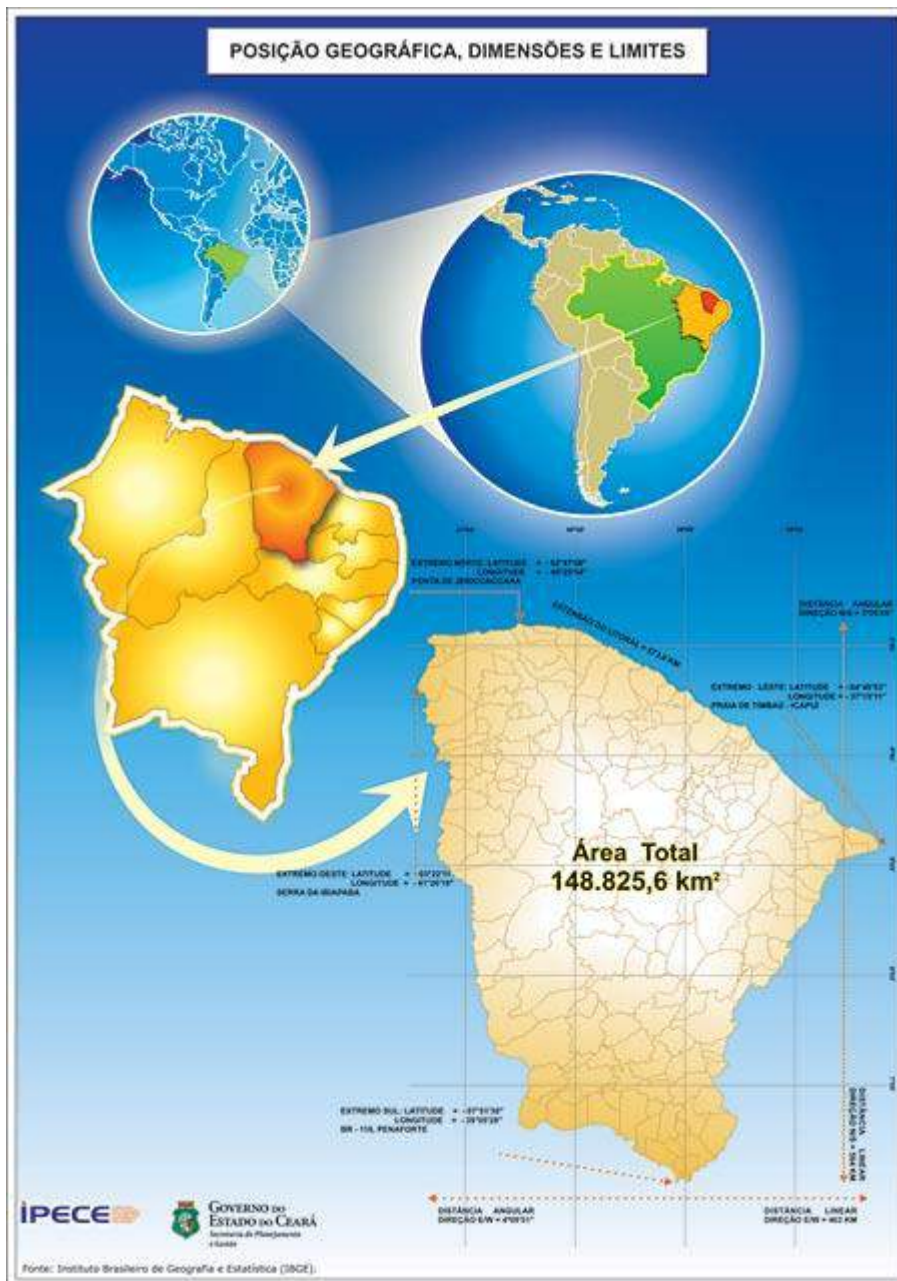
Geograficamente o Estado do Ceará é uma das 27 unidades federativas do Brasil, pertencente à região Nordeste, limitando-se ao norte com o Oceano Atlântico, a nordeste com o Rio grande do Norte, a leste com a Paraíba, ao Sul com Pernambuco e a oeste com o Piauí. Sua área total é de 148.920,472 km², distribuída entre 184 municípios, chegando a mais de 9 milhões de habitantes em 2018, conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tornando-se o oitavo Estado mais populoso do país.

O clima do Estado é tropical nas regiões litorâneas e semiárido no interior. O relevo é formado por planalto, planícies e várzeas a leste e oeste. Sua vegetação é caracterizada pela vegetação de restinga e salinas na região litorânea, enquanto prevalece a caatinga em quase todo restante do território. O ponto mais alto é Pico da Serra Branca com 1.154 metros, localizado na Serra do Olho d'água, na cidade de Monsenhor Tabosa. Seus principais recursos naturais são o ferro, calcário, água mineral, granito, argila e magnésio e os principais rios são Acaraú, Banabuiú, Curu, Curuá, Jaguaribe, Pirangi, e Salgado, os quais

formam as bacias hidrográficas do Estado. Quanto aos problemas ambientais enfrentados, encontramos o desmatamento, a desertificação, poluição do ar especialmente na capital.²

Diante do exposto, apresentamos a seguir os mapas físico (mapa 2) e de localização do Ceará (mapa 3).

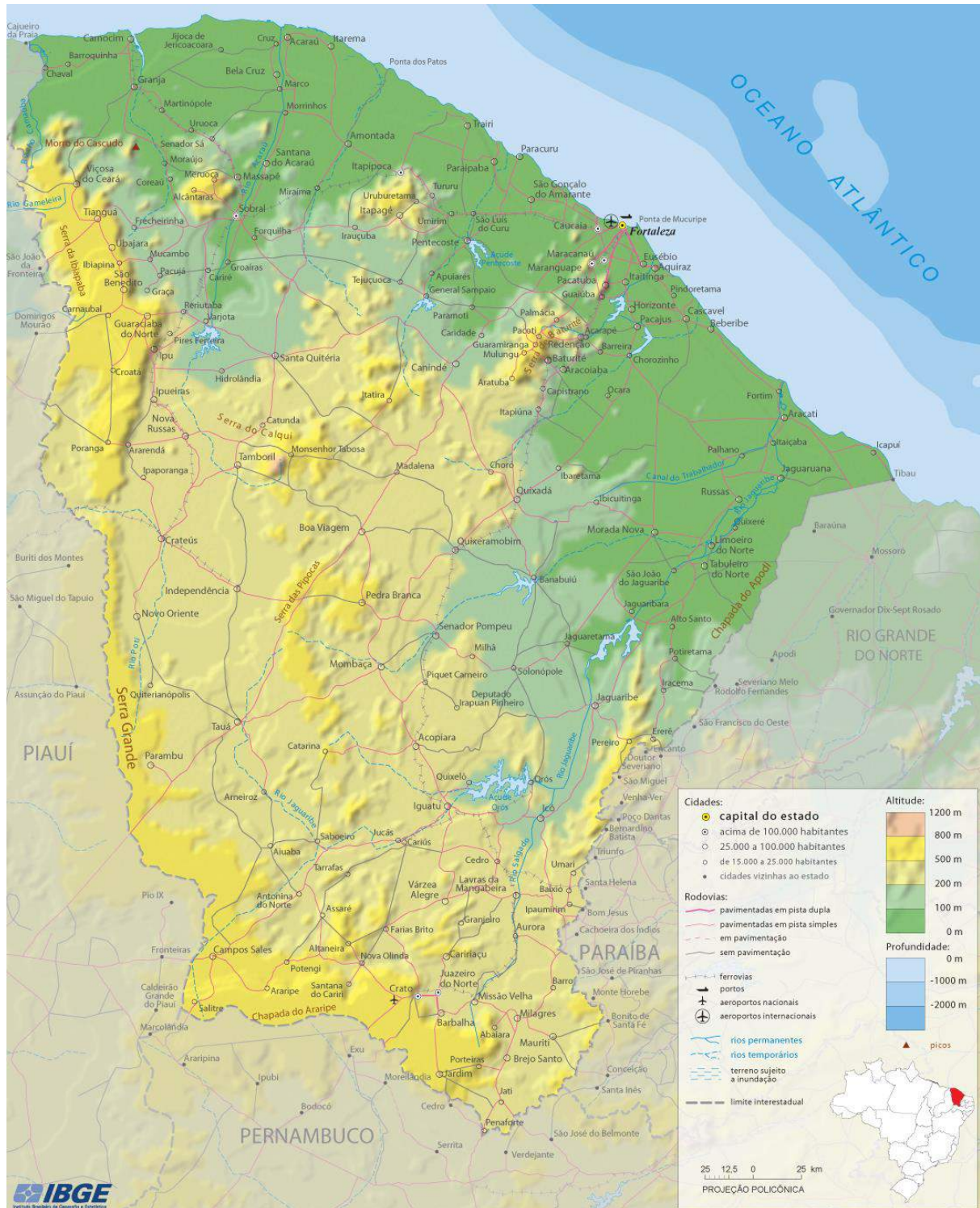
Mapa 2. Localização do Ceará



FONTE: IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (2018). Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/111.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

² Informações coletadas do *site Sua pesquisa.com*. Geografia do Estado do Ceará. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/geografia/ceara.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Mapa 3: Mapa físico do Ceará



FONTE: Guia Geográfico. Disponível em: <<http://www.ceara-turismo.com/mapas/mapa-fisico.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

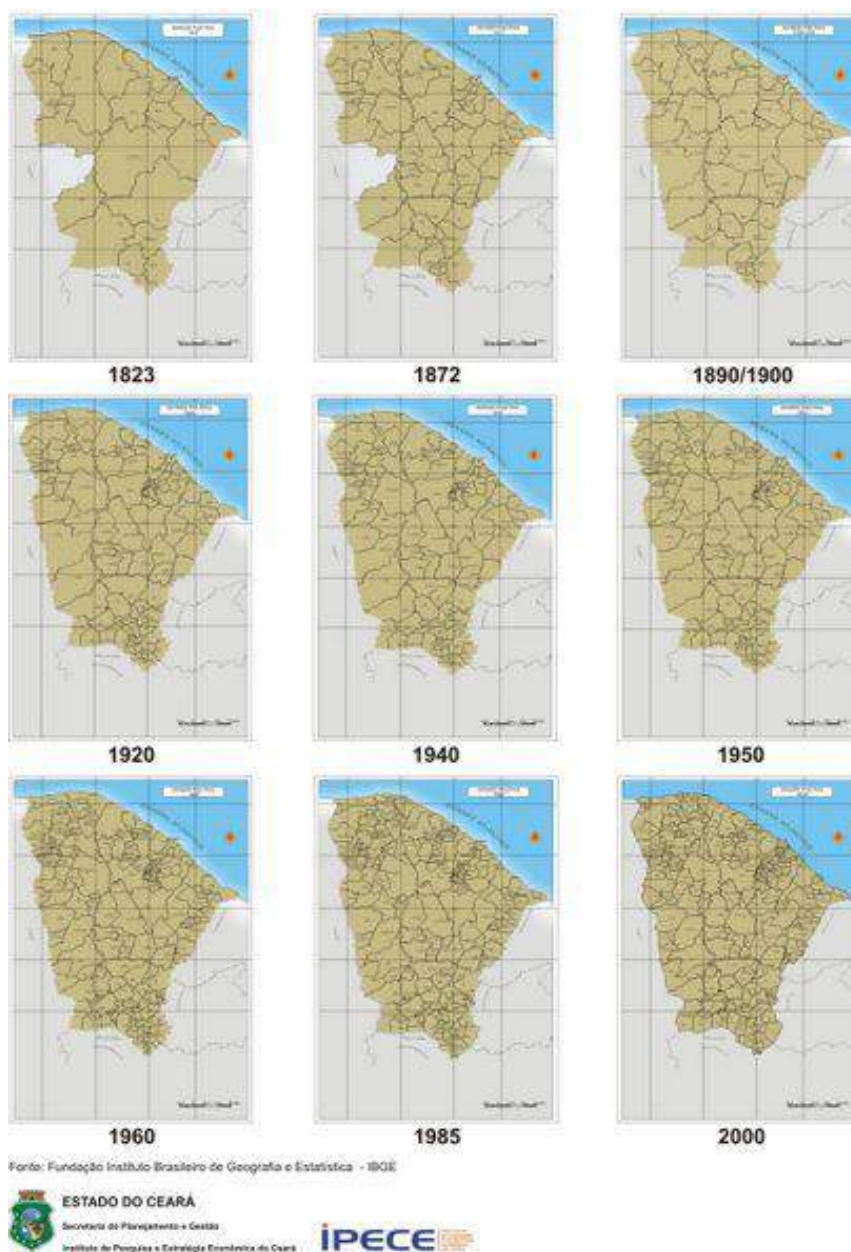
Essa constituição geográfica apresentada no mapa 3 não representa uma forma estática e permanente do espaço físico de uma localidade, uma vez que sua extensão territorial depende das relações socioculturais e políticas que vão se construindo e alterando o modelo

espacial, conforme afirmam Bandeira e Lima (2013, p. 1040), [...] estas transformações decorrem de atividades desenvolvimentistas, que vão desde práticas sociais, políticas, econômicas e culturais, [...] modelando o espaço, fragmentando o território e dando oportunidade para o surgimento de fronteiras em meio a fronteiras já existentes.

Assim, esses fatores promovem alterações constantes, necessárias para a dinâmica da sociedade, como podemos observar no mapa 4, que representa a evolução territorial do Estado de 1823 a 2000, mesmo sem uma descrição atualizada dos trechos de divisas, como esclarecem Lima e Bandeira (2013, p. 1044): “[...] apresenta a evolução territorial do estado do Ceará no período de 1823 até 2000. Através dela, podemos perceber que a criação de municípios foi bastante acentuada, embora não tenha sido levada em consideração uma descrição atualizada dos trechos de divisas.”

Mapa 4 Evolução territorial do Estado do Ceará

Evolução Territorial do Estado do Ceará 1823 - 2000



FONTE: IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (2018). Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/112.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

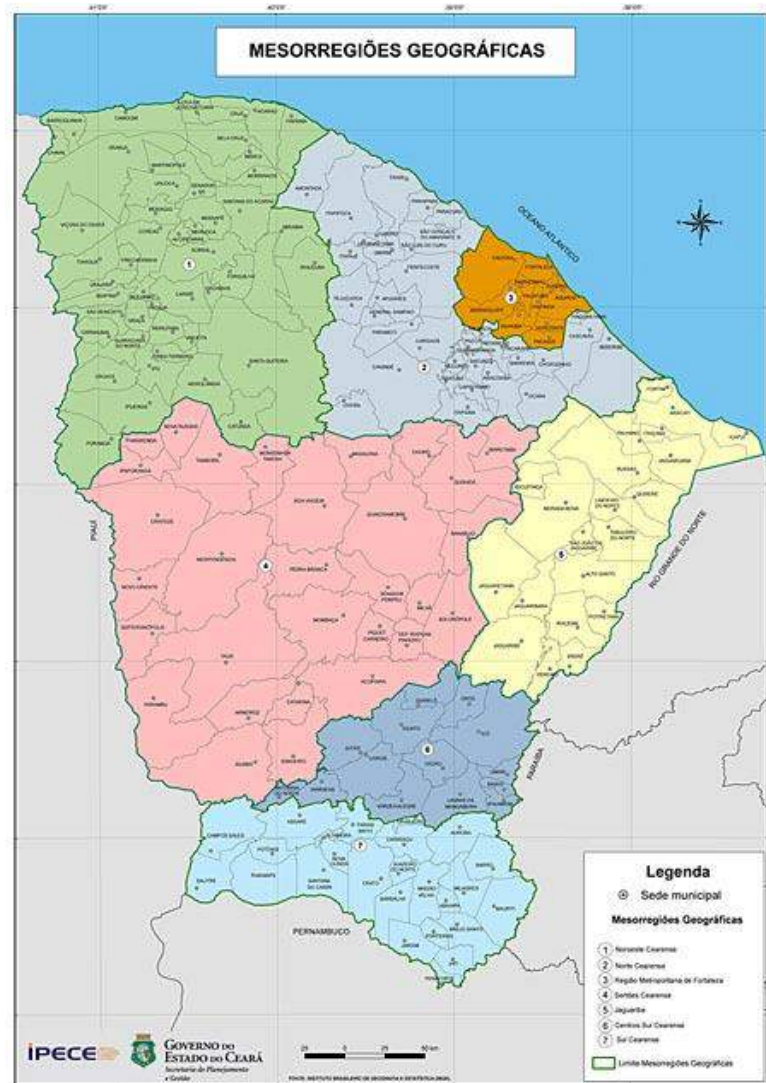
Com a visualização dos mapas, percebemos o quanto o Ceará cresceu e se modernizou especialmente quando colocamos um olhar mais atento sobre o mapa físico (Mapa 3) em termos de rodovias estaduais, demarcadas no mapa pelas linhas de cor rosa. Apesar da extensão territorial e dos problemas característicos de seu bioma, a facilidade de acesso por meio de rodovias estaduais e federais tem proporcionado a sustentabilidade de seu

desenvolvimento. Neste contexto, escolhemos a mesorregião Sertões Cearenses como base de nosso trabalho para constituir dados linguísticos a partir de sua demarcação geográfica.

2.3 Mesorregião Sertões Cearenses

O Estado do Ceará está dividido geograficamente em 07 mesorregiões definidas pelo IBGE como Noroeste Cearense, Norte Cearense, Metropolitana de Fortaleza, Sertões Cearenses, Jaguaribe, Centro-Sul Cearense e Sul Cearense, conforme o mapa 5.

Mapa 5. Mesorregiões do Estado do Ceará



FONTE: IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (2018). Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/129.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

No que se refere à mesorregião Sertões Cearenses, os indicadores geográficos atestam que as características dessa região onde os efeitos das secas se fazem sentir de forma mais drástica, têm maior amplitude do que a mesorregião com o mesmo nome. Mesmo assim, nela se enquadra o maior número de município com as mesmas características desenvolvidas pelos efeitos dos longos períodos de seca, trazendo limitações para o seu desenvolvimento econômico e social. Com isso, os indicadores sociais e econômicos dessa região encontram-se sempre ou na média, ou abaixo da média, exigindo maiores esforços da administração pública.

Apesar das adversidades impostas por seu bioma, os Sertões Cearenses são compostos por 30 cidades que ocupam uma área total de 46,233,7 km² e possuem uma população aproximada de 837.657 habitantes. O forte investimento no desenvolvimento educacional e socioeconômico em suas principais cidades vem tornando essa região um grande polo sócio, econômico, político e cultural, devido ao grande fluxo de pessoas atraídas por esses investimentos, fato que podemos perceber (geograficamente) na tabela abaixo:

Tabela 1. Microrregiões dos Sertões Cearenses.

MICRORREGIÕES	POPULAÇÃO	ÁREA (Km ²)	MUNICÍPIOS
Sertão de Crateús	239.027	12.665,1	Ararendá; Crateús; Independência; Iraporanga; Monsenhor Tabosa; Nova Russas; Novo Oriente; Quiterianópolis; Tamboril.
Sertão de Inhamuns	143.398	11.747,3	Aiuaba; Arneiroz; Catarina; Parambu; Saboeiro; Tauá.
Sertão de Quixeramobim	245.525	12.021,9	Banabuiú; Boa Viagem; Choró; Ibareta; Madalena; Quixadá; Quixeramobim.
Sertão de Senador Pompeu	209.707	9.799,4	Acopiara; Deputado Irapuan Pinheiro; Milhã; Mombaça; Pedra Branca; Piquet Carneiro; Senador Pompeu; Solonópole.

FONTE: GEOGERAL. Disponível em < <http://geogeral.com/h/m/b/brcest.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

Foi com base nesses dados que empreendemos a tarefa de produzir um atlas para documentar parte de seu inventário linguístico.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Dialetoлогия

A Dialetoлогия que pode ser definida como o estudo do(s) dialeto(s) de uma determinada região é uma ciência que está inserida no campo da Linguística e tem como objetivo principal recolher, sistematizar, analisar e interpretar traços linguísticos dos dialetos e falares de uma região, sendo eles cultos ou populares, urbanos ou rurais, pertencentes a regiões desenvolvidas ou subdesenvolvidas, como conceitua a dialetóloga Aragão (2007)³.

Entretanto, a primeira grande questão que esta ciência enfrenta é definir o que é língua e o que é dialeto e qual a diferença entre os dois para determinar seu campo de atuação, já que muitos autores, como Amaral (1976) e outros, afirmam que a diferença é muito mais política do que linguística, porém nos parece mais aconselhável fazer uma distinção linguística, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994, p. 11), quando afirmam que uma língua “é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade”, por isso ela é considerada como um sistema que se constituiu ao longo de um processo histórico e que foi evoluindo na mesma proporção. Só que esse sistema é extremamente abstrato, porque a língua não possui uma forma única para todos os falantes. Sendo assim, sua realização apresenta inúmeras diversificações consideradas subsistemas que são chamados dialetos, conforme Aragão (1983):

A língua é sempre vista como uma unidade, um todo indivisível. No entanto esta unidade é composta de infinitas variações – regionais, grupais ou individuais – que podem ser estudadas através dos níveis de análise fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico. Cada língua, ou sistema linguístico, é constituído de subsistemas que apresentam pontos de intersecção e de disjunção. Esses subsistemas são os dialetos. (ARAGÃO, 1983, p. 17).

Com essa definição, fica bastante clara a distinção entre língua e dialeto, mas a definição de dialeto ainda concorre com a de falar, causando mais um ponto de divergência entre os teóricos. Até que ponto determinada variação pode ser considerada dialeto ou falar? Um bom exemplo disso é o próprio português falado no Brasil e suas variações dentro do território. Para responder a essa questão, recorremos a Câmara Jr.:

³ Anotações de aula da disciplina de Dialetoлогия, ministrada no curso de Mestrado em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), no período 2007.2.

Do ponto de vista puramente linguístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais. Entretanto, ao conceito lingüístico se acrescenta em regra um conceito extralingüístico de ordem psíquica, social ou política, isto é, a) a existência de um sentimento lingüístico comum, b) a existência de língua culta, superposta aos dialetos, que assim ficam limitados ao uso cotidiano, sem maior expressão cultural ou literária; c) a subordinação política das respectivas regiões como partes de um estado político nacional. Quando se verificam essas condições extralingüísticas, mas não a coincidência dos traços lingüísticos essenciais, já não se tem dialetos, mas línguas distintas. (CÂMARA JR., 2004, p. 95)

Como podemos observar, a Dialectologia moderna se preocupa em estudar o dialeto ou falar regional em todos os aspectos – diatópico, diastrático e diafásico. Entretanto os primeiros estudos com indícios dialetológicos tinham o objetivo de fazer apenas uma comparação entre as línguas para conhecer sua ancestralidade, desenvolvida pela Gramática Comparativa. Somente a partir da última década do século XIX é que os métodos dialetológicos propriamente ditos passaram a ter um lugar de honra na Linguística.

Mesmo assim, as pesquisas desenvolvidas no final do século XIX e início do século XX voltaram-se exclusivamente para o meio rural, por ser considerado o ambiente ideal ao conhecimento da língua e suas variações na essência, uma vez que o homem rural era um ser que não possuía contato com o meio citadino e, por isso, ainda não havia sido influenciado, ou seja, contaminado pelo progresso cultural e tecnológico que este impõe.

Preocupação esta, demonstrada por Gaston Paris, segundo Cunha (1968), durante a conferência sobre *Les parlers de France* (1888), quando alertou para o desaparecimento de *patois*⁴ do idioma francês e seus dialetos, devido à força unificadora do progresso cultural:

Se não podemos impedir a flora de nossos campos de perecer em face da cultura que a substitui, devemos, antes que ela desapareça totalmente, recolher com cuidado seus espécimes, descrevê-los, dissecá-los e classificá-los piedosamente num grande herbário nacional. (CUNHA, 1968, p. 50)

E sugeriu, ainda, além da utilização do método monográfico, que se utilizassem o mesmo usado por Gilliéron, no *Petit atlas phonétique du Valais Roman (sud du Rhône)*, por cobrir maiores áreas fonéticas e fonológicas, pois assim poderiam obter dados precisos sobre os aspectos essenciais da geografia linguística da França (CUNHA, 1968). Ao contrário do que o renomado romanista previa, os estudos dialetológicos desenvolvidos demonstraram

⁴ Palavra de origem francesa que significa falar local, dialeto. 1. Dialeto rural francês, geralmente utilizado por um grupo restrito (ex.: patoá loreno, patoá picardo). 2. Dialeto de uma língua, majoritariamente oral, falado numa região restrita. Fonte: "patoás", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/pato%C3%A1s>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

uma grande riqueza dos falares franceses, fragilizando a doutrina dos neogramáticos de que “a lei fonética é um fato natural, mecânico e inevitável” (CUNHA, 1968, p. 52). Por esse motivo as leis fonéticas da Gramática Comparativa não poderiam mais ser postuladas como base etimológica da língua.

Entretanto, tais descobertas não aniquilaram a importância dos estudos realizados pelos neogramáticos; ao contrário, vieram para auxiliar a ciência ao incentivar o alargamento de seus horizontes. O que realmente se destruiu foi a rigidez dos conceitos impostos por tais teóricos.

A partir de então, linguistas e dialetólogos passaram a preferir as comunidades rurais por possuírem indivíduos que detinham um falar regional, eram rústicos e pertenciam às gerações mais velhas, ou seja, eram indivíduos detentores de uma longa tradição linguística. Esses estudos voltados apenas para a definição espacial de fronteiras linguísticas ficaram conhecidos como Dialetologia horizontal, pois não se aprofundavam nas questões socioculturais da comunidade em análise, conforme explicita Cunha (1968).

Esta metodologia provocou bastante inquietação entre os linguistas, pois se afastava da língua viva dos grandes centros urbanos e deixava de analisar certos aspectos extralinguísticos, caracterizados como organismos vivos dessa língua. Se a metodologia cartográfica limitava-se a estudar somente os limites geográficos de determinado fenômeno linguístico, isto não os interessava.

Diante de tais lacunas, os estudiosos passaram a se interessar pelos assuntos do meio citadino e pela história social das comunidades modernas também, passando a realizar um estudo vertical da comunidade investigada. Não só o campo era estudado, mas também a cidade, que vive em contínua mudança. Com isso, especialmente através do método geolinguístico, a Dialetologia passou a resolver dois problemas: o primeiro era fazer um registro documental de uma tradição linguística que estava em constante evolução, e o segundo era registrar e descrever a língua viva em um determinado momento que passou a proporcionar diversas interpretações, em múltiplos campos de estudo. Dessa forma, surgiu a Dialetologia vertical como um complemento da horizontal.

A Dialetologia só veio a se destacar no meio acadêmico através da realização de dois trabalhos, utilizando o método geolinguístico. Os trabalhos foram a coleta de dados do falar alemão, por Wenker⁵, e o Atlas linguístico da França, por Gilliéron, no final do século XIX e início do século XX, respectivamente. Assim, esses trabalhos deram origem à

⁵ G. Wenker (1852-1991).

Geografia Linguística que surgiu mais como um método da Dialetoлогия do que como uma ciência, segundo conceitua Coseriu (1982):

Geografia lingüística designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo... e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovada mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território[...] (COSERIU, 1982, p. 79)

Em outras palavras, a Geografia Linguística estuda as variações linguísticas, como a Dialetoлогия, mas coloca essas variações no espaço geográfico em que ocorrem, daí sua relação com a geografia, sem, contudo, usar todos os métodos que esta ciência utiliza.

Historicamente a importância do conhecimento das variações regionais é tão antigo quanto a bíblia, permitindo a identificação de um determinado povo simplesmente pela pronúncia de uma palavra, como destacaram Aragão (2007)⁶ e Viaro (2011)⁷ acerca da passagem bíblica em Juízes (13: 5-6), no contexto de uma guerra entre os Efraimitas e os Gileaditas em que tal situação é descrita.

Porém tomaram os gileaditas aos efraimitas os vaus do Jordão: e sucedeu que, quando os fugitivos de Efraim diziam: Passarei; então os homens de Gileade lhes diziam: És tu efraimita? E dizendo ele: Não. Então lhe diziam: Dize pois, Chibolete; porém *ele* dizia: Sibolete, porque o não podia pronunciar assim bem. (JUÍZES, 13: 5-6)⁸

No entanto, como já sabemos, o estudo sistemático das variações regionais só tomou fôlego na segunda metade do século XIX, através de filólogos e neogramáticos como Paul Meyer e Gaston Paris, na França, e Leibniz, Joannes Schmidt, Hugo Schuchardt, Wenker e Weigand, na Alemanha, entre outros, e eclodiu no final do mesmo século e início do século XX, após a realização dos trabalhos supracitados, com a sistematização do método geolinguístico.

O primeiro, referente ao falar alemão, que consistiu numa coleta de dados por correspondência, em 40.736 localidades, obtendo um total de 44.251 respostas, com o intuito de documentar precisamente os limites dialetais do território alemão, segundo Cardoso (2001; p. 2),

⁶ Anotações em sala de aula da disciplina Dialetoлогия, UFC, 2007.

⁷ VIARO, Mário Eduardo. O sistema linguístico como conjunto e como código: o papel da diacronia nos estudos da linguagem. In: **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, Nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/189.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.

⁸ ALMEIDA, J. F. de. **Bíblia Sagrada**. 1.ed. 3.imp. São Paulo-SP: Geográfica, 2012.

trouxe como benefício a extensa faixa territorial pesquisada, permitindo a comparação entre os dados coletados nesta extensão. Entretanto, seus maiores problemas encontram-se na falta de controle das variáveis sociais dos informantes, como sexo, escolaridade e faixa etária, e, principalmente, no tipo de coleta das informações, uma vez que os questionários não foram respondidos pelos informantes a que se destinaram, mas por pessoas letradas, responsáveis pelo ensino na região onde deveriam aplicá-los. (CARDOSO, 2001, p. 2)

Os resultados iniciais foram publicados em 1881, em Strassburg, através de um conjunto de 06 cartas linguísticas, sendo 02 fonéticas e 04 morfológicas, conforme Cardoso (2001; p. 3), intitulado *Sprachatlas des Deutschen Reichs*. De qualquer forma, esses problemas serviram de orientação para que os novos trabalhos na mesma linha aprimorassem a metodologia.

O segundo trabalho, o ALF, teve toda sua pesquisa realizada *in loco* e com um único inquiridor, Edmond Edmont, inaugurando uma nova etapa nos estudos dialetais e colocando a Geolinguística definitivamente no cenário linguístico europeu.

Três razões principais levaram Gilliéron a realizar o *ALF*, segundo Coseriu (1982; p. 87):

- 1) a necessidade de salvar para a ciência e para a posteridade uma parte da riqueza e variedade histórica das falas locais, ameaçadas pela rápida difusão da língua comum; 2) a necessidade duma coleção de materiais de todos os dialetos que permitisse assentar em bases firmes o seu estudo comparativo; e 3) a necessidade duma coleção de material, na medida do possível, homogêneo. (COSERIU, 1982, p. 87)

Para a última necessidade, Gilliéron pensava que a pesquisa deveria ser empenhada por uma única pessoa e que não fosse ligada à área linguística, entretanto seu investigador, apesar de ser um simples comerciante, possuía fortes interesses dialetológicos.

Coseriu (1982, p. 88) relata que o *ALF* foi publicado entre 1902 e 1910, por meio de 36 fascículos com um total de 1.920 mapas, subdivididos em três séries alfabéticas. A primeira série compreende todo o território francês; a segunda, apenas a meridional; e a terceira abrange somente uma parte da zona meridional. Conta ainda com um extenso índice e um tomo de materiais recolhidos fora dos limites dos questionários e que não foram cartografados.

Apesar de sua obra ter sido recebida cautelosamente por estudiosos da época, seu reconhecimento se deu quando outros Atlas foram realizados, dentre os quais podemos destacar especialmente o Atlas Ítalo-Suíço¹⁰ (*AIS*), de Jud e Jaberg, e o Atlas da Córsega (*ALEIC*).

A partir de então todos os países da Europa passaram a desenvolver os estudos dialetológicos, elaborando seus atlas, fazendo o mapeamento de sua região, seguindo mais ou menos os métodos de Gillieron. Sendo assim, os atlas mais tradicionais da Europa e da América, incluindo o *ALF* são: Atlas Linguístico do Alemão (1926), realizado por Wenker; Atlas Linguístico da Itália e do Sul da Suíça, por Jaberg e Jud; Atlas Linguístico Romeno, por Sever Pop e Sextil Puscarin; Atlas Linguístico da Suíça Alemã (1942), por H. Maumgarten e R. Hozenköcherle; Atlas Linguístico do Inglês, por John On e Eugen Dieth; Atlas Linguístico dos Estados Unidos e Canadá (1935-1945), por H. Kurath e Bloomfield; Atlas com explicações sobre a língua popular dinamarquesa (1892-1912), por Valdemar Bennike e Marius Kristensen; Atlas Linguístico da Noruega, por Amund Bredsen Larsen, o Atlas Linguístico da Finlândia (1940), por Lauri Kettunen e o Atlas Linguístico da Península Ibérica (1962), dirigido por Tomás Navarro, como relata Cardoso (2001, p. 3).

Com esses resultados, a geografia linguística consolidou sua importância tanto por seu valor sincrônico, fotografando os estágios de uma língua, num determinado momento e num determinado espaço, com um determinado contexto social, e, ao mesmo tempo, diacrônico, registrando estágios diferentes de uma língua, ao detectar formas em desuso e formas em visível ascensão.

Mas essa consolidação só veio a se estabelecer quando a Dialetoлогия sentiu a necessidade de buscar em outros campos de investigação linguística e cultural as bases para o aprimoramento de sua metodologia, tornando o alcance de seus objetivos cientificamente mais criterioso.

Entre as ciências que mais se assemelham à Dialetoлогия, dentro dos estudos da Linguística moderna, estão a Sociolinguística e a Etnolinguística, pois ambas estudam a influência da sociedade e da cultura na linguagem, apesar de se distinguirem quanto ao método e, principalmente, quanto ao foco. Sendo assim, teceremos alguns comentários sobre elas no que diz respeito à sua contribuição no desenvolvimento das pesquisas dialetológicas.

Usando as palavras de Coseriu (1987, p. 5), “a sociolinguística é o estudo da linguagem em relação com o contexto social [...] é o estudo da variedade e variação da linguagem com a estrutura social das comunidades falantes”. Essa definição mostra por que a Dialetoлогия é muitas vezes confundida com a Sociolinguística. No entanto, os aspectos variacionistas dos quais a Sociolinguística se ocupa foram determinantes para o desenvolvimento da pesquisa dialetológica, uma vez que os estudos das variações diastráticas e diafásicas trouxessem um novo enfoque para o tratamento dos fenômenos linguísticos encontrados.

Apesar de a Sociolinguística ser relativamente nova em relação à Dialetoлогия e à Etnolinguística, seus estudos trouxeram novas perspectivas a essas ciências, já que impuseram uma nova visão ao enfoque de estudo destas. Através da Sociolinguística, a Dialetoлогия passou a priorizar as variáveis extralinguísticas na recolha de seu material, utilizando-se, principalmente, de fatores estabelecidos pela “Teoria da Variação Linguística”, como explica Oliveira (1998):

A metodologia da sociolinguística contribui, também para realização da seleção dos informantes, chama a atenção para o paradoxo do observador, orienta para um método de entrevista dinâmico, o que vai favorecer uma melhor coleta de dados para estudo morfossintático e apresenta fatores extralinguísticos para estratificação dos informantes. (OLIVEIRA, 1998, p. 238)

Essa explicação é reforçada por Brandão (1996) referenciada por Oliveira em 1998, quando afirma:

É, portanto do fato de uma localidade constituir, antes de tudo, um complexo social em permanente mutação que advêm não só as dificuldades de se delimitarem redes em pesquisas geolinguísticas mais amplas, mas também a certeza de que para em partes superá-las e assim dar conta da multidimensionalidade dos fenômenos linguísticos, é necessário aliar os métodos da sociolinguística aos da dialetoлогия e acercar-se de outros ramos da ciência. (OLIVEIRA, 1998, p. 1)

Sendo assim, os fatores de ordem sociocultural citados por Labov em sua teoria passaram a ser largamente estudados. Segundo Monteiro (2002, p. 68), os fatores mais discutidos são “o estilo de fala, o sexo, a idade, a escolaridade, a profissão, a classe social, a região de residência ou a origem do falante”. Dentre eles, os que foram adotados pelo método geolinguístico são o estilo de fala, o sexo, a idade e a escolaridade.

Ao incluir o método de análise quantitativa desses fatores ao modelo já existente, os dialetólogos preencheram algumas lacunas que até então se encontravam em aberto. Dessa forma, passou-se a estabelecer um número exato de informantes para cada ponto com base nos mesmos.

Dessa forma, as pesquisas dialetológicas como a orientação do projeto ALIB (2013) passaram a definir o número de informantes tendo em vista o sexo, a faixa etária e a escolaridade. A partir de então, em cada ponto pesquisado, passaram a ser inquiridos 04 (quatro) informantes, levando-se em consideração o controle de duas faixas etárias (18-30 e 50-65) e do sexo (homem – mulher), já que um dos objetivos da Dialetoлогия é recolher e

interpretar traços linguísticos dos dialetos tanto em tempo aparente quanto em tempo real e, para isso, é preciso que se tenham informantes de duas faixas etárias, sendo um de cada sexo.

Na variável escolaridade, inicialmente foi privilegiado somente o informante que, enquadrando-se nas outras variáveis, deveria ter o mínimo possível de conhecimento escolar, seguindo a velha mentalidade da busca pelo dialeto puro. Com as mudanças sociais, essa mentalidade foi se modificando e, hoje, o intuito maior é registrar a língua nas suas mais diversas dimensões. Sendo assim, busca-se não apenas informantes com baixa escolaridade, mas também com nível superior. Quando o pesquisador opta por essa variante, o número de informantes aumenta para 08 (oito), seguindo os mesmos critérios citados.

Quanto ao estilo de fala, a Dialectologia utiliza o método da narrativa pessoal, como explicita Tarallo (1985), uma vez que, quando o informante se envolve em narrativas pessoais envolventes, a preocupação com a forma desaparece quase completamente, dando lugar ao seu falar natural. Foi a partir dessas narrativas que as características morfossintáticas e discursivas de uma determinada região puderam ser estudadas com maior rigor científico.

Outra contribuição valiosíssima da Sociolinguística, como mesmo cita Oliveira (1998), foi a solução para o problema que chamamos de paradoxo do observador, sobre se envolver ou não nas situações de fala, interagindo com o informante. A indicação de formular questionários que guiassem a conversação possibilitou a homogeneização dos dados para futuras comparações. Vale ressaltar que a Dialectologia sempre trabalhou com a aplicação de questionários, no entanto eles tinham como objetivo principal detectar fatos fonéticos e léxicos, com essa orientação os questionários ampliaram seu campo de atuação, recobrando também a morfossintaxe, a prosódia, a metalinguagem e a conversação.

Já a Etnolinguística possui uma linha mais tênue ao se diferenciar da Dialectologia. Coseriu (1987, p. 128) define-a como “o estudo da linguagem em relação com a civilização e a cultura das comunidades, e acrescenta ainda que é o estudo dos saberes acerca das coisas”. Sendo assim, a Etnolinguística estuda as estruturas socioculturais refletidas na língua, através da manifestação dos saberes, das crenças, da cultura, e do próprio espírito criador do homem, procurando analisar e descrever como a língua se coloca na construção da identidade individual do ser humano.

A Dialectologia também faz uso dos métodos etnolinguísticos que foram herdados da Antropologia a qual prega que não se pode estudar uma cultura sem que o pesquisador esteja inserido nela, devendo se aproximar, ao máximo, dos indivíduos observados como se fosse parte deles ao longo de uma intensa pesquisa.

Dentre tais métodos, os que mais nos auxiliam é o armazenamento de dados por meio de gravação em áudio, bem como a utilização de fotografias e a preocupação em reunir os dados sobre a comunidade tanto no aspecto histórico quanto no socioeconômico e cultural.

Dessa forma, as pesquisas dialetológicas atuais, com o aperfeiçoamento metodológico que estas disciplinas proporcionaram, passaram a ter mais concretude na recolha de informações, tornando-se uma verdadeira fonte de dados para novos estudos e, com isso, auxiliando outras disciplinas.

Sendo assim, seu campo de atuação tornou-se bem mais abrangente, como reforça Aragão (1983, p. 30-1), “o estudo atual da Dialectologia inclui não apenas aspecto geográfico, como também o temporal e o social, este último compreendendo o socioeconômico-cultural”, áreas também de influência sociolinguística e etnolinguística.

Uma das maiores preocupações dos teóricos é saber qual é o grau de aprofundamento desses aspectos em seus estudos atuais, uma vez que as características das comunidades linguísticas estão cada vez mais diferentes, como demonstra Cardoso (2001), e as ciências em questão estão cada vez mais se infiltrando nesse espaço:

Do isolamento semitotal, caminha-se para a quebra de limites e fronteiras, movida pelo avanço dos meios de comunicação, pela interligação constante entre os centros de povoamento, pelo deslocamento mais intenso dos habitantes de região para outra, pela redefinição da constituição demográfica, pela flutuação da população de cada área, estimulada pelos novos mecanismos de caráter econômico e social. (CARDOSO, 2001, p. 8)

Entretanto o que Cardoso questiona é se, com os novos caminhos, a Dialectologia deve manter sua característica primordialmente diatópica ou se deve enveredar em outros aspectos, seguindo a tendência atual em busca de novos métodos.

A própria autora posiciona-se a favor da conservação da característica primordial, mas não desprivilegia em tempo algum a contribuição das outras ciências, já que as mesmas complementam a interpretação das análises dos fatos linguísticos. Na verdade, a tendência é buscar a cooperação entre as ciências para tal propósito.

Logo percebemos que a Dialectologia e seus métodos de estudos estão se fortalecendo cada dia mais, por adaptar-se às mudanças em cena e por ser importante meio de estudo da língua em permanente mudança. Vejamos, a seguir, como os estudos dialetológicos se desenvolveram no Brasil.

3.1.1 A Dialetoлогия no Brasil

A Dialetoлогия brasileira começou através dos trabalhos de Domingos Borges de Barros, conhecido como o Visconde de Pedra Branca, em 1826, com a publicação de “*Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, compare à la langue du Portugal*”. Essa obra marca não só o início da Dialetoлогия no Brasil, como também as novas fases por que passaram os estudos dialetais antes do estabelecimento da Geolinguística propriamente dita, os quais foram divididos em três fases, como explicita Ferreira e Cardoso (1994, p. 37).

A primeira fase começa em 1826, como já citamos, com a publicação do Visconde de Pedra Branca, terminando com a publicação de “*O Dialeto Caipira*”, de Amadeu Amaral, em 1920. Esta fase é caracterizada por trabalhos de cunho exclusivamente lexicográficos, observados pela produção de inúmeros volumes de dicionários, glossários e vocabulários regionais. Somente um trabalho em meio a essas produções lexicográficas traz um destaque ao aspecto gramatical, “*O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*”, de José Jorge Paranhos da Silva, publicado em 1879, segundo ainda Ferreira e Cardoso (1994, p. 39).

A segunda fase continua mantendo a tradição lexicográfica, embora já se tenha a preocupação de observar diretamente a área a ser descrita, porém dois trabalhos se sobressaem pelo seu aspecto metodológico: “*O Dialeto Caipira*”, que inicia essa fase, e “*O linguajar carioca*”, em 1922, de Antenor Nascentes. O primeiro surge da necessidade de se registrar cientificamente o processo dialetal brasileiro e o segundo do desejo de caracterizar todos os dialetos da nação brasileira, pretensão essa que tem em suas bases o desenvolvimento de atlas linguísticos regionais ou locais atuais, mas que ainda não foi concretizada, apesar de relevantes esforços para tal.

A obra de Amadeu Amaral demonstrou não só a preocupação com o registro a diversidade dialetal brasileira, como também com a realização da pesquisa *in loco*; elaborando, assim, as linhas básicas para um trabalho sério, como afirma Ferreira e Cardoso (1994):

[...] a observação imparcial; a sistemática, o método, no trabalho; a retratação fiel da realidade a partir do que as amostras recolhidas permitiam; e, por fim, a importância da verificação pessoal dos fatos e da sua constatação, eliminando-se tudo o que ficasse no terreno hipotético ou no campo da incerteza. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 40)

Quanto ao Linguajar carioca, Nascentes tenta enquadrá-lo no conjunto dos falares brasileiros, para os quais propõe uma divisão dialetal que, até hoje, é ponto de referência entre dialetólogos e geolinguistas, abrindo de vez as portas para a Geolinguística. Apresenta, ainda,

estudo sobre aspectos fonéticos, léxicos e morfossintáticos do dialeto carioca e um vocabulário de locuções populares do Rio de Janeiro.

É preciso salientar que essa fase foi bastante frutífera, pois outro trabalho que se destacou nesse período foi “*A língua do Nordeste*”, de Mário Marroquim, publicada em 1934. É um estudo aprofundado dos aspectos fonético-fonológicos, léxicos e sintáticos do falar de Alagoas e Pernambuco que, segundo o autor, tem influência direta nos demais falares da região Nordeste, devido ao sistema de colonização dos demais Estados, com exceção da Bahia e Sergipe, pois estes já marcavam outra zona dialetal.

Além de Marroquim e os outros dois já citados, muitos autores desenvolveram trabalhos de cunho fonético-fonológico e morfossintático em algumas regiões do Brasil e, ainda, trabalhos sobre a influência do africanismo no português, por ser um dos elementos formadores do português brasileiro.

A terceira fase inicia-se em 1952, com a publicação do Decreto 30.643, de 20 de março, em que estabelece no seu Artigo 3º que uma das finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa é a elaboração do Atlas linguístico do Brasil, dando início aos estudos geolinguísticos no país. Entretanto sem o empenho de quatro incansáveis e destemidos dialetólogos, o desenvolvimento da geografia linguística não teria sido tão bem-sucedido, a saber: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Antenor Nascentes, pelo constante objetivo de realizar o Atlas linguístico brasileiro, mesmo reconhecendo, naquele momento ser uma tarefa impossível, em que publica as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, em 1958, com orientações fundamentais para a realização da pesquisa dialetal, além da sugestão de pontos de inquéritos por todo o território nacional.

Serafim da Silva Neto, pela publicação do *Guia para estudos dialetológicos*, em 1957, e uma série de outras publicações na *Revista Brasileira de Filologia*, em que incentiva não só a realização de Atlas, como também monografias que aprofundem os dados cartografados.

Celso Cunha, pela preocupação com a Língua Portuguesa nos mais diversos aspectos e, em especial, com o ensino, quando sugere que se abandone o ensino de regras inoperantes e se dedique ao estudo da língua, em sua obra *Uma política do idioma*, em 1968 (CARDOSO; FERREIRA, 1994, p. 47). Sua contribuição se estende ainda aos estudos

sociolinguísticos, por ter sido um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto NURC⁹.

E, finalmente, Nelson Rossi, o grande realizador do primeiro Atlas linguístico regional do território brasileiro: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963). Obra que marca o fim da terceira fase e a implantação definitiva da geografia linguística no Brasil. Seu mérito não diz respeito somente à realização desse feito, mas também ao desenvolvimento do espírito dialetológico na comunidade linguística, especialmente entre os estudantes, já que graças a eles, ou melhor, elas¹⁰, o *APFB* se concretizou, dando impulso para que outros trabalhos viessem a se realizar.

Esses autores e tantos outros foram os pesquisadores precursores que se dispuseram a mergulhar no universo dialetal, tornando-se os primeiros a abrirem espaço e apontarem caminhos para serem seguidos por nós atualmente. Daí a importância de abordar seus trabalhos para entender em que ponto estamos e para onde queremos seguir com os estudos dialetais.

A quarta fase da dialetologia brasileira que diz respeito à realização do Atlas Linguístico do Brasil será abordada no item relativo à Geolinguística no Brasil. Vamos discutir agora como a dialetologia foi tratada pelos pesquisadores cearenses.

3.1.2 A Dialetologia no Ceará

Os estudos dialetais cearenses podem ser registrados desde o início do século XX, sob os mais diversos aspectos, como esclarece Monteiro (1995), entretanto a suposta ausência do registro desses estudos dá-se devido à sua escassa divulgação.

Com intuito de sanar esse equívoco, Monteiro faz uma revisão bibliográfica no ensaio “*Fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense*” (MONTEIRO, 1995, p. 68), apresentando-a subdividida em seis categorias por considerar que o registro dos fatos linguísticos do falar cearense é multiforme e variado, como atestado em algumas obras de Florival Seraine¹¹ acerca de traços linguísticos distintos em várias localidades do Ceará, tal como a região do Cariri.

⁹ Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta.

¹⁰ A equipe formada por Rossi era composta por nove alunas bolsistas que, mais tarde, vieram a tornar-se dialetólogas e colegas de trabalho de seu mestre.

¹¹ Estudos cearenses (1942), Aspectos históricos da língua nacional no Ceará, (1949), Os estudos etnográficos e folclóricos cearenses (1951), Ensaio de interpretação linguística (1954a), e Contribuição ao estudo da formação de palavras na linguagem popular cearense (1957), entre outros.

Dessa forma, as categorias selecionadas foram: pesquisas sobre o português do Brasil; estudos sobre o folclore cearense; obras de caráter regionalista; textos de cantadores e poetas populares; ensaios e estudos sobre o falar cearense, e dicionários de termos populares.

A primeira categoria de registro são obras publicadas por autores de diversas partes do país, sobre o português brasileiro e que fazem referência às características do falar cearense. Monteiro destaca especialmente duas obras: a primeira de autoria de Renato Mendonça, *O Português do Brasil* (1936), e a segunda de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira* (1920), cuja obra é considerada o marco inicial da segunda fase da Dialectologia no Brasil.

A segunda categoria, relativa aos estudos sobre o folclore cearense, é relevante, porque muitos desses estudos, além de apresentarem o registro da fala genuína do homem cearense e sua cultura, ainda trazem informações elucidativas sobre expressões populares através de glossários e notas. Exemplo disso é a obra de Juvenal Galeno, *Lendas e canções populares* (1982, 2.ed.) que ainda faz uma análise dos traços comuns desse falar. Nesse grupo podemos destacar também Martinz de Aguiar, Florival Seraine, Luís da Câmara Cascudo, Idelfonso Albano e Sílvio Júlio, entre outros.

A categoria sobre obras de caráter regionalista é uma das mais extensas por haver um elevado número de publicações literárias a esse respeito. Sendo assim, as obras destacadas por Monteiro foram somente aquelas que produzissem subsídios bastante aprofundados para os estudos dialetológicos. Dentre elas, podemos destacar: *Dona Guidinha do Poço* (1952), de Manuel de Oliveira Paiva; *Mississipi* (1961), *Terra de Sol* (1962) e *Praias e várzeas: alma sertaneja* (1979), de Gustavo Barroso; *Lendas e canções populares* e *Cenas populares*, (1969, 3.ed.), de Juvenal Galeno; *O Cabeleira* (1966), de Franklin Távora; *A fome* (1922, 2.ed.) e *Maria Rita* (1987), de Rodolfo Teófilo; *Luzia-Homem* (1980), de Domingos Olímpio; *O*

Quinze (1967, 8.ed.) e *João Miguel* (1973), de Rachel de Queiroz; *Perfis sertanejos* (1987), de José Carvalho; *Luizinha* (1980), de Araripe Júnior; *Ponta de rua* (1937), *Poço de paus* (1938), *A rua e o mundo* (1964), *Dois de ouros* (1966b), de Fran Martins, e *O chão dos mortos* (1964a), *Morro do Ouro* (1964b), *Rosa do Lagamar* (1964c), *À véspera do dilúvio* (1966), e *Os deserdados* (1967), de Eduardo Campos.

A quarta categoria, voltada para cantadores e poetas populares, faz referência à composição de cordel, uma das maiores fontes de descrição da linguagem sertaneja e que é usado abundantemente como fonte de análise. Por sua produção ser numerosa e nem sempre servir aos propósitos dialetológicos, Monteiro fez uma seleção de obras antológicas que destacam aspectos do falar cearense e que interessam à pesquisa dialetal. As principais antologias são *Vaqueiros e Cantadores* (1939), de Luís da Câmara Cascudo; *Alma do*

Nordeste (1945, 5.ed.), de Nery Camello; *Sertão alegre* (1965, 2.ed.), *No tempo de Lampião* (1967, 2.ed.), *Cantadores e Violeiros do Norte* (1976, 4.ed.), de Leonardo Mota; *Cancioneiro do Norte* (1967, 3.ed.), de Rodrigues de Carvalho; *Classificação popular da literatura de cordel* (1976), de Liêdo Maranhão de Sousa; o *Projeto Literatura de Cordel* (1978), coordenado por Roberto Aurélio Lustosa da Costa e a antologia *Literatura de cordel* (1982), organizada por José de Ribamar Lopes.

Na quinta categoria, encontram-se ensaios e estudos sobre o falar cearense em que destaca como pioneiro Martinz de Aguiar, através do trabalho de análise das características fonéticas do português cearense publicado no livro *Repasse crítico da gramática portuguesa* (1922). Aliado a ele, encontramos Antônio Sales com as obras *Notas de linguagem* (1924) e *O falar cearense* (1927). Entretanto o autor que mais se destaca nesses estudos é Florival Seraine, com uma vasta obra dialetológica, que vai da análise dos aspectos fonéticos aos morfossintáticos, dos léxicos aos semânticos, perpassando por bilinguismos, cantigas populares e arcaísmos que podem ser conferidas em publicações de gramática, glossário, artigo, ensaio e livro.

Dentre suas obras podemos citar especialmente *Estudos cearenses* (1942), *Aspectos históricos da língua nacional no Ceará* (1949), *Os estudos etnográficos e folclóricos cearenses* (1951), *Estudos de lexicografia e semântica cearenses* (1954b), *Dicionário de termos populares* (1958a), *Dialetologia cearense - morfologia e algumas notas semânticas* (1967), *A relação do Maranhão do Padre Luís Figueira e o falar cearense atual* (1970), *Marcas de ruralidade na fala urbana* (1983), *Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza* (1984), *Linguagem e cultura* (1985) e *Temas de linguagem e de folclore* (1987). Na vasta obra de Seraine, não podemos deixar de citar *Introdução ao Atlas Linguístico e Folclórico do Cariri* (1972), trabalho, este, que já precisava a importância do mapeamento linguístico do falar regional cearense.

Monteiro, ainda discorrendo nesta categoria, refere-se, com reservas, a alguns trabalhos sobre a identificação da influência indígena em nosso linguajar realizados por Renato Braga, Paulino Nogueira e Thomaz Pompeu Sobrinho. O autor cita ainda duas dissertações de mestrado *O dialeto cearense* (1974) e *O léxico da cultura e industrialização do caju, em Pacajus-Ce* (1985), defendidas por Hamilton de Andrade e Luciano Pontes, respectivamente.

Por último, a categoria destinada a dicionários de termos populares. Esse conjunto relata o acervo de dicionários publicados, destacando o léxico cearense, a saber: *Dicionário de termos populares* (1958a), de Florival Seraine; *Vocabulário popular cearense* (1967), de

Raimundo Girão; *Dicionário de termos e expressões populares* (1972), de Tomé Cabral; *Locuções tradicionais no Brasil* (1977), de Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do palavrão e termos afins* (1979) e *Dicionário folclórico da cachaça* (1980, 2.ed.), ambos de Souto Maior e *Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará* (1985), de Eurípedes Chaves Jr.

O autor conclui seu ensaio apresentando alguns projetos que foram iniciados nas universidades da capital cearense, mas não concluídos no anseio de dar continuidade aos estudos dialetológicos cearenses. Esses projetos são a descrição da norma culta de Fortaleza, coordenado pelo prof. Macambira, e o Atlas Linguístico do Estado do Ceará¹², pelo prof. José Rogério Bessa.

Apresenta, por fim, o projeto PORCUFORT¹³ (Português Oral Culto de Fortaleza), sob sua própria coordenação, que vem auxiliando pesquisadores nos mais diversos trabalhos.

Ao lado de Monteiro, podemos citar a Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão que publicou, por meio digital, uma bibliografia completa de todos os trabalhos realizados no campo da Dialetologia, Sociolinguística e Etnografia em nível nacional desde os primeiros registros até o ano de 2002, intitulada *Bibliografia Dialetal Brasileira*, em duas edições: a primeira discorre até o ano de 1985 e a segunda, até 2002. Nesse trabalho, podemos encontrar as referências feitas por Monteiro e os trabalhos sobre o falar cearense até 2002.

Apesar dos esforços coletâneos desses dois autores, podemos acrescentar ainda as Dissertações de mestrado de Capistrano, *Estudo da nasalidade na cidade de Fortaleza numa perspectiva perceptual e fonética* (2004); Ferreira, *Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir: um estudo dos movimentos sígnicos* (1997); Santiago, *A metátese da consoante vibrante / r / nos padrões vocálicos CVC e CCV(C) no português falado em Russas-Ce* (2003); Silva, *Vocabulário da construção civil da linguagem dos pedreiros de Limoeiro - CE* (1997), e Uchoa, *A sinalização de limites e conexões sintagmáticas por elementos prosódicos no dialeto de Fortaleza* (1996). Além do trabalho elaborado por Roncarati, como parte do relatório final do Projeto Dialetos Sociais Cearenses, intitulado *Enfraquecimento das fricativas sonoras* (1988).

Quinze anos depois, muitos são os trabalhos dialetológicos, sociolinguísticos e etnográficos sobre nosso falar que foram publicados. Dentre eles, podemos destacar as teses de doutorado de Alencar, *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações*

¹² Publicado em 2010.

¹³ O projeto PORCUFORT encontra-se em sua 2ª fase de elaboração, coordenado pela profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo, da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

dos fonemas /r/ e /R/ e Araújo, *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*, ambas em 2007, e grupos de pesquisa como o PROFALA¹⁴, coordenado por Maria Elias Soares (2007), e os projetos de pesquisa PORCUFORT¹⁵ (1993 a 1995) e NORPOFOR¹⁶ (2003 a 2006) que têm como objetivo maior disponibilizar um banco de dados sobre o português falado no Ceará.

Quanto aos trabalhos que seguem o método geolinguístico, temos 03: a publicação do ALECE, após anos de longa espera para esse fim, e a realização de 02 atlas locais seguindo a metodologia do Projeto ALiB como dissertação de mestrado: ALIg (2009) e ALCa (2011).

Quanto à região a ser pesquisada, só encontramos um trabalho com viés dialetológico, enfocando a zona rural de Quixadá numa tese (PhD) de Helen McKinney Jereslow, “*Rural cearense portuguese: a study o fone variety of non-standard Brazilian Portuguese*”, em 1974, pela Cornell University.

As seções seguidas tratam dos conceitos gerais da Geolinguística e sua área de atuação no Brasil e no Ceará.

3.2 Geolinguística

3.2.1 A Geolinguística moderna e seu caráter pluridimensional

Nos primeiros anos do século XXI, uma das grandes preocupações dos geolinguistas era combater as críticas feitas pelas ciências afins de que seus métodos, após um século de aplicação, continuavam sendo os mesmos: monotópicos, monostráticos e monofásicos, ou seja, o foco da pesquisa era uma localidade, com a escolha de apenas uma dimensão extralinguística (sexo, ou idade) e um elemento estilístico. Essa preocupação atualmente é um tanto descabida quando observamos os inúmeros atlas realizados, tanto em nível mundial, quanto nacional, que se redobram esforços para divulgar a pluridimensionalidade de seus dados.

A pressão estabelecida por essas críticas, contudo, proporcionou ganhos positivos à Geolinguística, uma vez que a impulsionou a repensar seus métodos investigativos e, ao mesmo tempo, traçar para si um novo cenário. Então, em vez de se buscar o dialeto puro,

¹⁴ Programa Português falado no Ceará.

¹⁵ Projeto Português Culto de Fortaleza.

¹⁶ Projeto Norma Oral Popular De Fortaleza.

voltou-se para analisar a influência dos meios de comunicação de massa tanto no meio rural quanto urbano, mudando a ótica do dialeto nessas duas áreas, bem como a importância da mobilidade do homem que provoca mudanças sociais, culturais e linguísticas.

Essa preocupação era justificada à época, pois, como admitem Radtke e Thun (1999), houve uma inegável interrupção da pesquisa geolinguística, especialmente na romanística de língua alemã, fazendo com que sua característica de ciência orientadora de novos conhecimentos fosse ultrapassada por outras ciências.

Para superar essas adversidades e demonstrar que também poderia se adaptar à nova realidade, a Geolinguística fez uma reavaliação de seus métodos e incorporou técnicas de outras ciências como a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística e a Linguística de contato, demonstrando que o mais empírico dos métodos jamais poderia se tornar obsoleto.

Geolinguistas, como Radtke e Thun (1999), foram determinantes para a alavancagem das novas formas de se fazer pesquisa dialetológica nos dias de hoje, incentivando aos novos pesquisadores a se aventurarem pelas veredas dialetais. O direcionamento que deram aos estudos dialetais primam por uma geolinguística multidimensional que vai além da variação diatópica e acrescenta a seus estudos os parâmetros diastráticos e diafásicos.

Desde então, a principal variação da Geografia Linguística, pela qual, se faz jus seu nome, a diatópica, vem constantemente sendo ampliada, ultrapassando os limites políticos, em busca dos limites linguísticos. Podemos exemplificar com a elaboração do próprio ALiB que seguiu essa linha, colocando como um de seus objetivos específicos a intenção de “estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.” (ALiB, 2013, p. 32)

Radtke e Thun (1999) apresentam uma sucinta descrição desses parâmetros, demonstrando seus avanços e suas dificuldades, além de levantarem questões sobre o saber metalinguístico, a topostática e a topodinâmica e sobre a inclusão do contato linguístico. É válido destacar que os autores fazem uma distinção entre a variação diastrática e as diageracional e diassexual, enquanto outros as incluem num único parâmetro. Sendo assim, as análises que recobrem o parâmetro diastrático priorizam somente o fator sociocultural da comunidade linguística.

Os autores atestam que, nos mais avançados projetos, há uma constante combinação entre os parâmetros diatópico, diastrático e diafásico que faz com que se possam extrair inúmeras informações que recobrem diversas áreas de conhecimento. A combinação

mais frequente é entre a variação diatópica e a diastrática. No entanto, é possível representar até 08 dimensões da variação linguística, como atesta Romano (2014):

A dimensão dialingual – quando o atlas envolve duas línguas diferentes; a dimensão diatópica – relacionada à topoestaticidade dos informantes, ou seja, informantes naturais da região pesquisada; a dimensão diatópico-cinética – que inclui, além de informantes de caráter topoestático, informantes topodinâmicos, ou seja, informantes que migraram de outras regiões para a pesquisada ou que cotidianamente fazem o trânsito entre duas regiões linguísticas; a dimensão diastrática – que considera informantes de classes sociais diferentes (classe alta X classe baixa); a dimensão diageracional – relacionada a duas ou mais faixas etárias (jovens, idade adulta, idosos); a dimensão diassexual – informantes dos dois gêneros (homem X mulher); a dimensão diafásica – graus de interlocução diferentes (discurso controlado, discurso livre, texto de leitura, entre outros); e a dimensão diarreferencial – relacionada a questões objetivas e/ou metalinguísticas da língua. (ROMANO, 2014, p. 146)

Dentre as variações linguísticas apresentadas, os autores constataram que, em Atlas como MRhSA¹⁷, ALM¹⁸ e ADDU¹⁹, a variação diastrática é mais complicada de se realizar, sem que se trace um perfil sociológico anterior ao início da pesquisa geolinguística. Já a variação diageracional, ao contrário, é bem mais fácil de trabalhar e realiza um antigo desejo da Geolinguística, cartografar o “tempo visível” (diacrônico) reproduzido pela convivência de gerações. Essa variação permite, ainda, o estabelecimento de isoglossas e a constatação de mudança e/ou variação, quando se trata de uma pequena área de estudo, como o município de Bagé – RS.

Notamos, assim, que dentro dessa nova abordagem o parâmetro diastrático está diretamente ligado aos pontos urbanos, onde é possível se fazer uma análise vertical mais segura; entretanto, sem os recursos da Sociolinguística, esse objetivo não poderia ser alcançado.

Assim como o ALiB, os atlas realizados a partir de suas orientações trazem a variação diastrática dentro das demais (diageracional, diagenérica e diafásica), fazendo com que todos os parâmetros sejam aplicados nos pontos de inquérito. Só há uma distinção quanto à variável escolaridade, já que nas pesquisas do ALiB os informantes de nível superior só foram pesquisados nas capitais.

Quanto ao parâmetro diassexual, Radtke e Thun (1999) fazem a seguinte observação:

¹⁷ Mittelrheinischer Sprachatlas/ Atlas Lingüístico da Romênia Central.

¹⁸ Atlas Lingüístico de México.

¹⁹ Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay.

Na era da emancipação feminina, parece surpreendente que o parâmetro biológico ou diassexual seja considerado em tão poucos atlas, [**questionam-se**] se o comportamento lingüístico das mulheres é mais conservador ou mais inovador do que os dos homens, ou se a diferença biológica na verdade seria uma diferença social produzida pela distribuição fixa dos papéis sociais na sociedade. (RADTKE; THUN, 1999, p. 38).

Sociolinguistas como Coulthard (1991, p. 15) afirmam que “enquanto algumas diferenças lingüísticas são biologicamente determinadas (qualidade da voz, por exemplo), a grande maioria tem a função de identificar os/as falantes em seus papéis sexuais”. Sendo assim, não há como a Geolinguística moderna deixar passar esse fato despercebido. Tanto que podemos perceber essa preocupação no ALPR²⁰, no ALS²¹ e no ALECMAN²², tendo maior enfoque os dados cartografados no ALM.

Se antes havia dificuldades de se cartografar contrastivamente esse parâmetro, hoje não é difícil cartografar o sexo, como o trabalho em questão, em que as cartas léxicas apresentarão uma cruz onde os homens são ímpares e as mulheres pares.

A variação diafásica é a mais problemática na apresentação das cartas, devido ao grande número de estilos que podem ser identificados no ato da investigação junto aos informantes. Somente dois atlas, o ADDU e o ALM, se propuseram a fazer esse registro, através de mapas sintéticos, mesmo sendo passíveis de severas críticas.

Com essa constatação, os autores afirmam:

A descrição da variação diafásica põe em evidência uma necessidade especialmente notória de ajustes metodológicos e de aprimoramento das técnicas de gravação, para convertê-la em um elemento constitutivo da documentação geolinguística [...] uma grande parte do registro da variação diafásica, devido justamente à exigência de comparabilidade dos dados, fica reservada ao aprofundamento por estudos monográficos, ou seja, o mapa como indicativo de problemas lança o desafio à monografia pontual. (RADTKE; THUN, 1999, p. 40)

Acreditamos que a dimensão diafásica seja mais visível em cartas lingüísticas morfossintáticas, já que a distinção de escolaridade é mais marcada pelo conhecimento lingüístico das formas gramaticais adquiridas ao longo de uma escolarização formal. Sendo assim, os atlas morfossintáticos como ALIPE²³ deixam em evidência a realização desses traços.

²⁰ Atlas Linguístico do Paraná

²¹ Atlante Linguistico della Sicilia.

²² Atlas Linguistico (y etnográfico) de Castilha-La Mancha.

²³ Atlas Linguístico de Pernambuco.

Outras dimensões que Radtke e Thun (1999) demonstraram também bastante preocupação foram a forma de registro sobre os saberes metalinguísticos dos informantes e o registro das informações relativas aos movimentos topostático e topodinâmico. Felizmente, com o desenvolvimento da tecnologia e das pesquisas geolinguísticas, tornou-se possível a cartografia destas variáveis.

E por último, a preocupação se estende em como registrar a coexistência de várias línguas e a influência que elas exercem uma sobre as outras. Em sua busca incansável pela cartografia pluridimensional simplificada, desde 2008, Thun juntamente com Altenhofen desenvolve um macroprojeto chamado *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* (ALMA) que tem a pretensão de representar todos esses elementos. Somos simpatizantes com essa preocupação, uma vez que a forma de apresentação desses dados coletados é de extrema importância, já que representa o resultado final de todo um processo de investigação.

Nesse aspecto, Radtke e Thun (1999, p. 45) afirmam que “o mínimo que se pode exigir de um mapa linguístico moderno é a indicação estatística da quantidade dos exemplos com que se trabalha”. Essa afirmação é uma crítica à ideia de que os atlas podem ser feitos à revelia, ou sobrecarregados de informações, ou sem nenhum mapa como “alguns propõem com a afirmação de que cada um poderia elaborar o mapa que lhe interessasse, a partir de um banco de dados, ao qual tivesse acesso”. O grande problema dos atlas modernos é como transmitir as informações coletadas relativas à sintaxe, à prosódia, à entonação e ao texto.

Faz-se necessário que haja uma cooperação técnica entre os teóricos para o desenvolvimento de tais projetos; fato que já podemos observar na produção dos mapas modernos. Vale ressaltar que os novos programas computacionais têm ajudado bastante nesse aspecto.

É diante destes fatos que corroboramos a análise feita pelos autores ainda no início do século XXI acerca dos novos caminhos da Geolinguística românica que vem se confirmando a cada dia.

A geolinguística está em vias de converter-se em uma ciência abrangente da variação. Ela aproveita as técnicas de processamento de dados com grande naturalidade e, em parte, com a intenção de inovar. Lhe resta ainda conquistar os níveis mais complexos da estrutura da língua que a tem salvado de todas as crises, verdadeiras ou sugeridas: a orientação para o realizável e o enraizamento em uma base empírica. (RADTKE; THUN, 1999, p. 49)

O alinhamento, a intersecção e a cooperação técnica entre geolinguistas tradicionais e modernos têm trazido grandes benefícios para os novos campos de pesquisa; garantindo, assim, a continuidade dos estudos dialetológicos e abrangendo a multidimensionalidade em que os fatos linguísticos estão inseridos imposta pelo mundo atual.

Para entendermos melhor como esse processo multidimensional é apresentado para a comunidade acadêmica, gramáticos, professores e interessados em geral, faz-se necessário abordarmos, mesmo que sucintamente, como são produzidos os atlas linguísticos e quais objetivos se querem alcançar. Como nosso trabalho é de cunho semântico-lexical e morfossintático, daremos ênfase aos atlas que se caracterizam com essas funções.

Sabemos que as funções da Geolinguística perpassam a coleta e registro de materiais linguísticos através de Atlas que confirmam hipóteses, põem em evidência novos fatos e contribuem para esclarecer e modificar uma série de problemas que antigamente eram de difícil solução.

Os Atlas linguísticos possuem vantagens que as pesquisas dialetais não têm por permitir que se comprove a existência de uma forma, que se tenha induções de índole histórica e de caráter geral a respeito da mesma e que se façam importantes deduções no campo da comparação linguística. Assim a Geolinguística “mostra, por um lado, o constante jogo dialético entre inovação e conservação, entre criação individual e tradição, e, por outro, o jogo entre o ato individual e norma social, entre heterogeneidade e homogeneidade”. (COSERIU 1982, p.105).

Ainda, segundo Coseriu (1982), os Atlas linguísticos são coleções cartográficas de material linguístico e fazem parte da geografia linguística que considera não só o homem em seu *habitat* e todas as realizações humanas num espaço territorial, como também as relações entre a vida sociocultural do homem e seu ambiente natural. Sua importância encontra-se, como podemos perceber, na afirmação da dialetóloga Aragão (1983, 1996, 2004):

[...] facilidades advindas da modernização dos meios de comunicação de massa trazem a tendência de nivelar, em todos os sentidos – espacial, temporal e social – os vários dialetos ou falares de uma mesma língua. Daí a importância e a necessidade de se estudar e caracterizar tais falares, antes que sejam absorvidos e desapareçam sem que deles se faça um estudo sistematizado e um registro para a história da língua.

Entretanto, para que se tenha um trabalho representativo de tais falares ou dialetos, é preciso que haja uma série de etapas antes da elaboração das cartas linguísticas que comporão o mapa. Estas etapas compreendem a preparação, coleta e arquivamento do material que será registrado em mapas para posterior análise e interpretação do mesmo.

Tais procedimentos estão exaustivamente especificados no item concernente à metodologia, que engloba a definição dos pontos de inquérito, os critérios de seleção dos informantes, a aplicação do questionário voltado para a obtenção dos itens lexicais e sua organização, arquivamento e transcrição do *corpus* e preparação das cartas léxicas. (COSERIU, 1982, p. 84).

Dependendo do enfoque que se deseja abordar, os mapas linguísticos podem ser apresentados através de cartas sintéticas, pontuais, similares, demonstrativas ou interpretativas. Entretanto não se devem superlotar as cartas de informações que, em vez de esclarecer, confundirão os analisadores. Diante desses desafios, programas computacionais vêm sendo criados e testados com intuito de facilitar a divulgação dos dados linguísticos coletados e, ao mesmo tempo, manter um banco de dados geolinguísticos.

Dentre eles, podemos citar: o *Sistema do Processamento de Dados Geolinguísticos* (SPDGL), utilizado pelo ALERS²⁴ e pelo ALMS²⁵, o *Mapeamento de Variação Linguística* (MVL), programa específico utilizado pelo ALAM e, mais recentemente o *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* (SGVCLin), que se propõe ajudar a todos os pesquisadores geolinguistas que se embasem pela metodologia desenvolvida pelo ALiB. (ROMANO, 2014)

Como o ALSCE é um trabalho voltado para as realizações semântico-lexicais e morfossintáticas de uma mesorregião, os mapas produzidos foram de caracteres semântico-lexical e morfossintático. Dessa forma, foram elaboradas um conjunto de 80 cartas léxicas e outro conjunto de 30 cartas morfossintáticas, a partir dos dados coletados através da aplicação dos questionários referenciados na metodologia: o QSL e o QMS. (ALIB, 2013)

Enquanto os atlas linguísticos semântico-lexicais de abordagem pluridimensional possuem a função de registrar os itens lexicais alinhados com os fatores socioculturais que os cercam, os morfossintáticos dentro deste mesmo alinhamento dedicam-se aos fatos mais gerais do Português falado, tornando-se uma importante fonte de análise linguística do ponto de vista gramatical.

Sendo assim, esse atlas cumpriu seu principal papel ao registrar uma “parte viva da língua, patrimônio social da comunidade”, como conceituam Antunes e Vianna (2006, p. 24), e propôs-se a oferecer um considerável volume de dados aos interessados nos estudos linguísticos, como lexicógrafos, gramáticos, escritores e professores, para que estes

²⁴ Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil

²⁵ Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul

aprimorem seu campo de atuação, valorizando o falar de sua comunidade linguística, em consonância com a variante culta. (ALIB, 2013).

3.2.2 A Geografia Linguística no Brasil

A Geografia linguística brasileira se solidifica com o início da quarta fase dos estudos dialetais, marcada pelo desenvolvimento e publicação de nove Atlas linguísticos regionais, já que a realização do Atlas Linguístico do Brasil não se cumpriu, conforme a Portaria 536/26.maio.52²⁶ estabelecia. A não realização deu-se por conta de uma série de fatores que entravaram a realização do grande Atlas linguístico brasileiro, citados por Thun (1992) e retomados por Ferreira e Cardoso (1995), os quais seriam a enorme superfície do país, a falta do homem pesquisador, a ausência de interesse das autoridades estatais em tal empreendimento e a ausência de uma mentalidade dialetológica entre professores e alunos.

Sendo assim os modernos atlas linguísticos de algumas regiões brasileiras começam a se desenvolver, trazendo informações sobre a variação linguística em diferentes dimensões. A diatópica, a diastrática, diageracional, diassexual e a diafásica. Seguindo métodos que ora se assemelham, ora se distanciam, são publicados os seguintes atlas: *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963)*, *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG (1977)*, o *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPb (1984)*, o *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (1987)*, o *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (1994)*, o *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul – ALERS (2002)*, o *Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS II (2002)*, o *Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará – ALISPA (2004)*, o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS (2007)*, e o *Atlas Linguístico do Ceará – ALECE (2010)*.

Com a publicação dos 05 primeiros atlas acima relacionados e o empreendimento de tantos outros, os pesquisadores geolinguistas brasileiros viram que era chegada hora de concretizar o desejo de Antenor Nascentes e deram início à realização do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, o qual fora iniciado no final do século XX, no ano de 1996.

Desde então, uma equipe composta pelos autores dos principais atlas regionais publicados montou um comitê nacional para traçar um plano de ação concreto rumo à realização desse grande sonho. Razões não lhes faltavam, mas 03 foram essenciais para mover o espírito batalhador desses pesquisadores:

²⁶ Portaria estabelecida a partir do Decreto de Lei 30.643, sobre a obrigatoriedade de realizar o Atlas Linguístico do Brasil, cf. FERREIRA e CARDOSO (1994, p. 92).

A inexistência de uma caracterização geral do português do Brasil a partir de dados buscados *in loco*; a ausência de dados que permitissem traçar uma divisão dialetal do nosso país; a necessidade de ter-se a multidimensionalidade da língua não apenas para efeito de precisar e demarcar espaços geolinguísticos, mas para que se possa também contribuir para um melhor equacionamento entre realidade de cada área e o ensino da língua materna que nela se processa. (CARDOSO, 2012, p. 13)

Com a implantação desse projeto, os trabalhos nesse campo de pesquisa se multiplicaram, dando origem a uma vasta lista que se utilizaram de sua metodologia, especialmente, os cadernos de questionários, para se realizarem. À medida que o projeto ALiB se desenvolvia, novos trabalhos iam surgindo, proporcionando uma verdadeira revolução nos estudos geolinguísticos brasileiros.

Hoje, 22 anos depois, 07 documentos publicados, 250 localidades pesquisadas, 1.100 informantes, 3.300 horas gravadas e 02 volumes publicados, o projeto ALiB tornou-se referência no mundo inteiro, principalmente, exemplo de perseverança e estímulo aos novos e futuros dialetólogos e geolinguistas que se alimentarão com os frutos desse imenso trabalho. Assim apresentamos, a seguir, seus filhotes, atlas realizados e em andamento desde então.

Os atlas que foram realizados como trabalhos de pós-graduação e possuem abrangência regional: *Atlas Linguístico do Amazonas*, Tese defendida na UFRJ em 2004; *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar – ALiPTG*, Tese defendida na UFRJ, em 2007; *Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC*, Tese defendida na USP, em 2007; *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – Micro AFERJ*, Tese defendida na UFRJ, em 2008; *Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso – ALMESEMT*, Dissertação defendida na UFMS, em 2009; *Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco – ALMASPE*, Dissertação defendida na UFPB, em 2009; *Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba* - municípios do Litoral Norte de São Paulo, Tese defendida na USP, em 2010; *Atlas Geossolinguístico de Londrina - AGeLO*, Dissertação defendida na UEL, em 2012, e *Atlas Linguístico de Pernambuco - ALIPE*, Teses defendida na UFPB, em 2013.

Romano (2013, p. 231) faz uma seleção de atlas denominada “atlas de pequeno domínio, que contempla determinada região dentro de um estado, de limites internacionais, de determinada etnia ou município”. Esses atlas surgiram a partir do incentivo dos cursos de Pós-Graduação das universidades em todo o país, incentivando cada vez mais o fazer dialetológico.

Em seu apanhado entre 1987 e 2013, o autor identificou 35 atlas de pequeno domínio, sendo 10 Teses de doutorado, 17 Dissertações de mestrado, 03 Monografias de especialização e um atlas como projeto de Iniciação Científica. Destes, 31 estão concluídos e 04 em andamento (ROMANO, 2013). Observemos a tabela 2, construída pelo autor.

Tabela 2. Panorama dos atlas linguísticos de pequeno domínio no Brasil (1987 - 2013)²⁷

Aspectos Linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina – EALLO	(1987)	Vanderci de A. Aguilera	UNESP	Dissertação	Concluído
Esboço de um Atlas Linguístico de Tamarana/PR	(1997)	Rosana Simone Fabris	UEL	Monografia	Concluído
Esboço de um atlas linguístico de Centenário do Sul	(1997)	Tânia Mara de Podestá Pizolato	UEL	Monografia	Concluído
Pequeno Atlas linguístico de Jaú. UEL (1997)	(1997)	Ana Paula Toratti	UEL	Monografia	Concluído
Estudo com vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: Abordagem de aspectos semânticos lexicais.	(1999)	Lígia Maria Campos Imaguire	USP	Dissertação	Concluído
Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico	(2000)	Fádua Maria Moisés Lino	UEL	Dissertação	Concluído
Pelos caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis	(2001)	Fabiane Cristina Altino	UEL	Dissertação	Concluído
Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais no campo semântico “alimentação e cozinha” no município de Sorocaba.	(2002)	Sonia Sueli Berti Santos	USP	Dissertação	Concluído
Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas Linguístico da mesorregião do Marajó/Pará.	(2002)	Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva	USP	Dissertação	Concluído
Variação lexical e fonética na ilha de Marajó	(2004)	Arlon Francisco Carvalho Martins	UFPA	Iniciação Científica	Concluído
Estudo geolinguístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais	(2004)	Lígia Maria Campos Imaguire	USP	Tese	Concluído
Abordagem semântico-lexical no falar sorocabano, com base no questionário do ALiB	(2005)	Sonia Sueli Berti Santos	USP	Tese	Concluído
Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela	(2005)	Márcia Regina Teixeira da Encarnação	USP	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico do município de Ponta Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai	(2006)	Regiane Coelho Pereira Reis	UFMS	Dissertação	Concluído
Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara	(2006)	Luciana Gomes de Lima	UFRJ	Dissertação	Concluído
Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC	(2007)	Adriana Cristina Cristianini	USP	Tese	Concluído
Atlas Linguístico do Litoral Potiguar	(2007)	Maria das Neves	UFRJ	Tese	Concluído

²⁷ROMANO, S. *Entretextos*, Londrina, v.13, n° 02, p. 203 - 242, jul./dez. 2013, pp. 232-5.

		Pereira			
Atlas Linguístico de São Francisco do Sul	(2008)	Tânia Braga Guimarães	UEL	Tese	Concluído
Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste do Mato Grosso	(2009)	Marigilda Antônio Cuba	UFMS	Dissertação	Concluído
Estudo sociogeolinguístico do município de Iguape: Aspectos semântico-lexicais	(2009)	Roseli Silveira	USP	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico da Mata-Sul de Pernambuco	(2009)	Edilene Maria Oliveira Almeida	UFPB	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu	(2009)	Fabiana dos Santos Lima	UFC	Dissertação	Concluído
Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ihabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo	(2010)	Márcia Regina Teixeira da Encarnação	USP	Tese	Concluído
Um estudo geossociolinguístico do Oeste do Paraná	(2010)	Sanimar Busse	UEL	Tese	Concluído
Atlas dos Falares do Baixo Amazonas	(2011)	Roseanny de Melo Brito	UFAM	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar	(2012)	Moisés Batista da Silva	UFC	Tese	Concluído
Atlas Geossociolinguístico de Londrina	(2012)	Valter Pereira Romano	UEL	Dissertação	Concluído
Atlas dos Falares do Alto Rio Negro	(2012)	Jeiviane dos Santos Justiniano	UFAM	Dissertação	Concluído
Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê -São Paulo	(2012)	Rita de Cássia da Silva Soares	USP	Tese	Concluído
Atlas Linguístico Etnográfico da fronteira Brasil/Paraguai	(2013)	Regiane Coelho Pereira Reis	UEL	Tese	Concluído
Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário	(2013)	Beatriz Aparecida Alencar	UFMS	Dissertação	Concluído
Atlas Linguístico da Fronteira do Estado do Paraná com o Paraguai	(2012)	Valeska Gracioso Carlo	UEL	Tese	Andamento
Atlas Linguístico das Variedades do Português falado no Território Incaracterístico	(2012)	Marigilda Antonio Cuba	UEL	Tese	Andamento
Atlas Linguístico do Oeste de São Paulo	(2013)	Ariane Cardoso dos Santos	UEL	Dissertação	Andamento
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata	(2013)	Cléo V. Altenhofen; Harald Thun	UFRGS	Projeto de pesquisa interinstitucional	Andamento

Fonte: Romano (2013)

Pelo quadro, podemos afirmar que a Geolinguística tem alcançado todo o território nacional com o intuito de se desvencilhar das dificuldades impostas pelo meio acadêmico no que diz respeito à publicação dos atlas.

Para finalizar, fazemos referências aos caminhos dos estudos geolinguísticos no Ceará que também se insere no cenário nacional. Atualmente, o estado conta com 03 trabalhos: o atlas estadual, o ALECE (2010) e dois locais, o ALIg (2009), referenciado no quadro acima, e o ALCa (2011), dissertação de mestrado, realizada por Jamile Monteiro.

É sabido que o ALECE, apesar de só ter sido publicado em 2010, toda a sua pesquisa foi realizada na década de 80 do século passado. Um dos motivos são problemas estruturais e financeiros que ainda embargam o desenvolvimento de seus projetos.

Sua pesquisa foi realizada em 69 municípios, inclusive em 03 pontos pesquisados pelo trabalho em questão, contendo um total de 268 informantes entre homens e mulheres, com faixa etária entre 30 e 60 anos, sendo analfabetos ou possuindo até a 4ª série do fundamental.

O questionário, aplicado *in loco*, continha 306 perguntas, distribuídas em 583 itens dos seguintes campos semânticos: (i) natureza: tempo, o homem, parentesco, partes do corpo, funções do corpo e doenças; (ii) o homem: características físicas, tipos sociais, jogos, objetos de uso pessoal, atividades e utensílios domésticos, comida, religião, animais e outros. Este é o único questionário que apresenta uma característica peculiar, todas as suas perguntas podem ser destacadas.

O Atlas foi organizado para ser publicado em 03 volumes: o primeiro, contendo a introdução, a orientação teórica, a metodologia e uma bibliografia dialetal cearense; o segundo, contendo as cartas fonéticas e léxicas, e o terceiro, um glossário e um apêndice das formas e expressões que foram identificadas, mas não foram pré-determinadas pelo estudo. Contudo a publicação final só contou com os dois primeiros volumes.

No entanto, o seu objetivo principal não foi abandonado, sua pretensão não era somente registrar o falar cearense, mas também ser um instrumento que pudesse fornecer dados para a reformulação do ensino de língua portuguesa, especialmente no ensino fundamental. (ISQUERDO, 2006)

Quanto ao Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu (ALiG) e ao Atlas Linguístico Léxico-semântico de Capistrano (ALCa), foram soluções encontradas pelas autoras para desenvolver a pesquisa geolinguística e, ao mesmo tempo, estudar o falar cearense em seu *habitat* natural.

O ALiG (Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu), realizado por Fabiana Lima, foi defendido como Dissertação de mestrado em 2009. Teve sua pesquisa realizada *in loco* durante o ano de 2008. Possui 06 pontos de investigação, sendo 04 urbanos e 02 rurais, perfazendo um total de 24 informantes. Destes, 12 são mulheres e 12 são homens, distribuídos entre primeira e segunda faixas etárias, de acordo com as instruções do Questionário Léxico Semântico do ALiB. Controlou-se também a escolaridade para não ultrapassar a 9º ano do Ensino Fundamental II.

O atlas possui 49 cartas léxicas que recobrem os 15 campos semânticos do QSL (2001), encontrando maior produção nos seguintes campos: Fenômenos atmosféricos e fauna; Atividades agropastoris; Corpo humano, e Convívio e comportamento social. Seguiram-se as orientações do caderno de Questionário do Atlas Linguístico do Brasil (2001), enfocando nos aspectos linguísticos e sociais da localidade pesquisada. A cidade visitada localiza-se na mesorregião Centro-sul do Estado do Ceará e foi ponto de pesquisa tanto do ALECE (ponto 30) quanto do ALIB (ponto 49).

O ALCa (Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Capistrano), produzido em 2011, por Jamile Monteiro, como dissertação de mestrado defendida no mesmo ano, segue a metodologia pluridimensional do projeto ALiB com algumas adaptações (MONTEIRO, 2011).

Sua rede de pontos abarca 04 localidades, sendo um ponto na sede do município e 03 na zona rural. Em cada ponto, foram pesquisados 04 homens e 04 mulheres, pertencentes a duas faixas etárias distintas (18 a 30 anos e 45 a 60 anos) e às escolaridades de Ensino Médio e Ensino Superior. O atlas, composto por 57 cartas linguísticas, cartografa o falar da cidade de Capistrano, localizada na mesorregião Norte do Ceará, ponto 17 do ALECE. Estas cartas recobrem todos os campos lexicais do QSL-ALiB (2001) em, pelo menos, uma ocorrência.

A descrição detalhada desses atlas tem a pretensão de mostrar as diferenças e semelhanças entre eles para justificar as escolhas dos itens lexicais que compõem as cartas semântico-lexicais. Com isso, a realização do ALSCE empreende mais um trabalho de cunho geolinguístico que virá alicerçar novas pesquisas.

O capítulo seguinte refere-se à descrição empreendida neste trabalho.

4 METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolveu tendo por base a metodologia empregada no Projeto ALiB, na versão 1999 que foi revisada em 2001 e revisada e publicada novamente em 2013, após a realização das pesquisas em todo o território brasileiro. Este material nos orientou desde a seleção dos pontos de inquérito até a apresentação das cartas linguísticas, bem como o arquivamento do material recolhido. Seguimos, ainda, os princípios da Geolinguística moderna, fazendo com que o registro seguisse os parâmetros diatópicos e diastráticos.

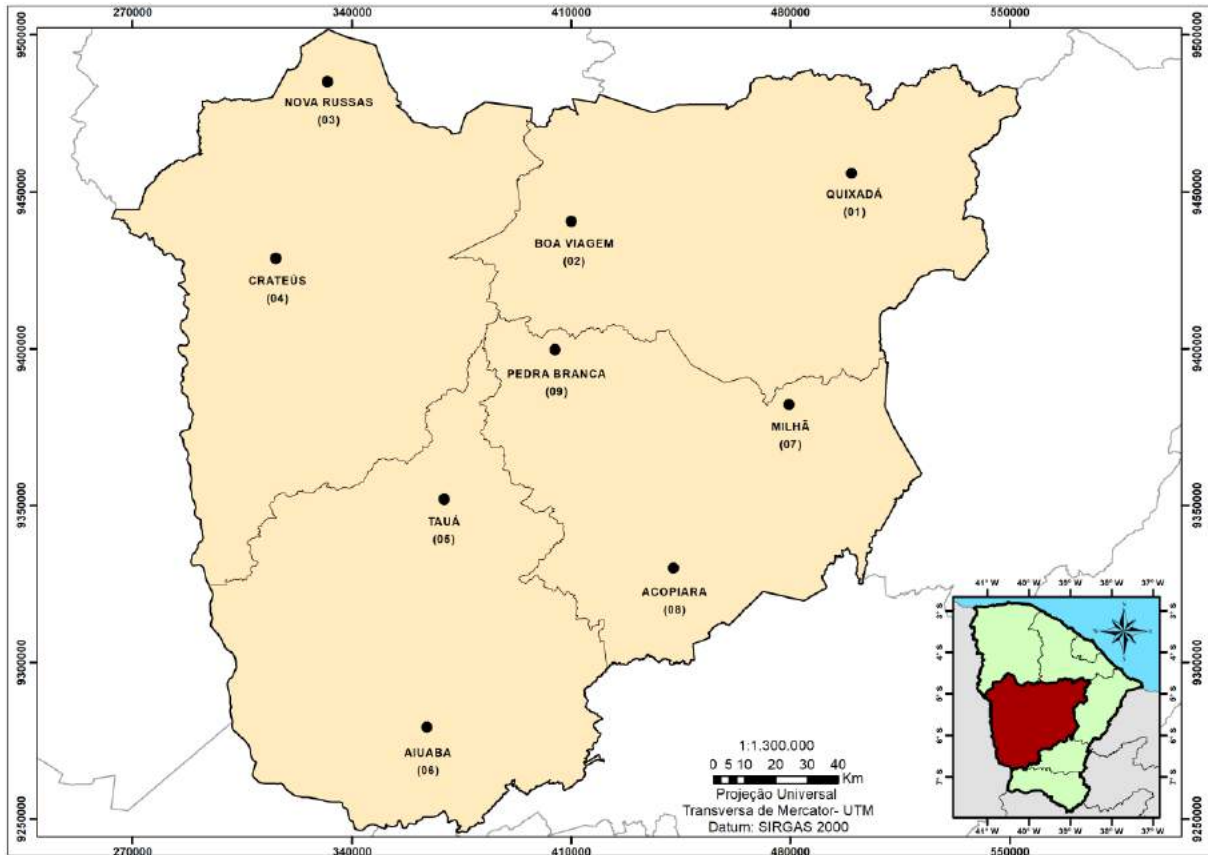
4.1 Caracterização da localidade

Para a realização deste atlas, foram escolhidas 09 cidades. Primeiramente escolhemos a cidade mais desenvolvida por microrregião (Quixadá, Crateús, Tauá e Acopiara); em seguida, a que ficasse mais equidistante em relação à cidade de melhor porte de desenvolvimento (Boa Viagem, Nova Russas, Aiuaba e Milhã); e, por último, uma cidade central (Pedra Branca) com o intuito de obter um centro de intersecção das realizações linguísticas. É preciso ressaltar que a ideia de centro de intersecção não foi produtiva e a cidade de Pedra Branca se tornou apenas um ponto comum como os demais. Logo temos os seguintes pontos de inquéritos: (01) Quixadá, (02) Boa Viagem, (03) Nova Russas, (04) Crateús, (05) Tauá, (06) Aiuaba, (07) Milhã, (08) Acopiara e (09) Pedra Branca.

Do final do século passado e início do século XXI, Os Sertões Cearenses foram foco de pesquisas linguísticas tanto do ALiB, quanto do ALECE. Das 30 cidades que compõem essa região, somente 03 fizeram parte da pesquisa do ALiB (Crateús, Quixeramobim e Tauá), enquanto 11 foram pesquisadas pelo ALECE, incluindo as 03 já citadas no ALiB, assim temos: Aiuaba, Boa Viagem, Crateús, Independência, Mombaça, Monsenhor Tabosa, Parambu, Quixadá, Quixeramobim, Senador Pompeu e Tauá. É preciso ressaltar que as pesquisas realizadas pelo ALECE foram no final do século XX e as do ALiB, no início deste século. Sendo assim, há uma considerável diferença temporal entre as duas pesquisas que possibilitam um estudo diacrônico do falar cearense.

Deste modo, construímos uma malha de pesquisa que abrangesse toda a mesorregião em análise, conforme podemos visualizar no mapa 6.

Mapa 6. Pontos de Inquérito



Fonte: Caroline Amorim (2018)

Passaremos agora a descrever geográfico, histórico, socioeconômico e culturalmente cada cidade a ser pesquisada de acordo com sua mesorregião. Ressaltamos que as informações sobre os índices socioeconômicos foram retiradas do *site* do IPECE (Instituto de Pesquisa e Estatística do Ceará). Esses índices (IDM²⁸, IDH²⁹, IDS-O³⁰, IDS-R³¹ e PIB³²) são importantes, porque expõem a relação de desenvolvimento entre o espaço e o tempo influenciando na cultura de cada localidade.

4.1.1 Mesorregião Sertão de Quixeramobim

4.1.1.1 Boa Viagem

²⁸ IDM - Índice de Desenvolvimento Municipal.

²⁹ IDH - Índice de Desenvolvimento Humano.

³⁰ IDS-O - Índice de Desenvolvimento Social de Oferta.

³¹ IDS-R - Índice de Desenvolvimento Social de Resultado.

³² PIB - Produto Interno Bruto.

Figura 1 Praça da Matriz de Boa Viagem



Fonte: arquivo pessoal.

“Sua história parece um conto de fadas, onde a inocência e a pureza do amor se confundem num horizonte de esperança e desejo de paz construindo um belo enredo, ainda que num cenário agreste” (Placa de homenagem)

A cidade de Boa Viagem foi criada em 21 de novembro de 1864 com a Lei Nº 1.128, emancipando-se do município de Quixeramobim. O nome é uma forma simplificada de Nossa Senhora de Boa Viagem, denominação da capela erguida em cumprimento à promessa feita por casal de enamorados fugitivos que se encontrava em perigo. No entanto, seu primeiro topônimo foi “Cavalo morto”. Seu gentílico é Boa-viagense.

Geograficamente está localizada no Centro-Oeste na região nordeste do estado do Ceará, tendo como municípios limítrofes as cidades de Madalena, Itatira, Santa Quitéria, Independência, Pedra Branca, Quixeramobim, e Monsenhor Tabosa. As médias territoriais têm área absoluta de 2.836,77 km² e área relativa correspondente a 1,91%, com altitude equivalente a 275,6 m e distância em linha reta da capital equivalente a 206 km.

As características ambientais da cidade em seus aspectos climáticos versam com um clima tropical quente semi-árido e pluviosidade igual a 703,8 mm. A temperatura média em °C é de 26°C a 28°C, sendo o período chuvoso nos meses de fevereiro a abril. As demais variações ambientais de relevo são depressões sertanejas e maciços residuais, os solos são litólicos, latossolo vermelho-amarelo, podzólico vermelho-amarelo e vertissolo, a

vegetação presente é a caatinga arbustiva densa, floresta caducifolia espinhosa e floresta subcaducifolia tropical pluvial, a bacia hidrográfica está situada em Banabuiú.

O município, em sua divisão política administrativa, contém 13 distritos, incluindo a sede, sendo estes: Boa Viagem, Águas Belas, Boqueirão, Domingos da Crosta, Guia, Ibuacu, Ipiranga, Jacampari, Massapê dos Paes, Olho D'Água do Bezerril, Olho D'Água dos Facundos, Poço da Pedra e Várzea da Ipueira. Sobre a regionalização, sua região administrativa é 12, a macrorregião de planejamento consiste no Sertão de Canindé, a mesorregião se encontra nos Sertões Cearenses e a microrregião corresponde ao Sertão de Quixeramobim.

Os aspectos demográficos e sociais da cidade em relação à população residente se apresentam em movimento crescente desde 1991, segundo os dados: 47.918 no ano de 1991, 50.306 no ano de 2000, e 52.498 no ano de 2010. Essas populações residentes se concentram nos centros urbanos e rurais. No ano de 2010, a população referente a homens tinha um quantitativo de 26.340 representando 50,17%, e a população referente a mulheres tinha um quantitativo referente a 26.158 representando 49,83%.

Os índices de desenvolvimento como Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), no ano de 2012, possuía um valor de 23,53 e ocupava a 124 posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no ano de 2010, apresentava um valor de 0,598 e ocupava a 140ª. posição no ranking; já o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O), no ano de 2009, apresentava um valor de 0,333 e ocupava a 160ª. posição no ranking e o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), no ano de 2009, girava em torno de 0,464 e ocupava a 124ª. posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem um valor de R\$ 230.651 mil e os dados relativos ao PIB per capita possuem valores de R\$ 4.391,59.

A economia de Boa Viagem gira em torno da agricultura, da indústria, do comércio e do turismo; na agricultura, destaca-se a produção voltada para o algodão, arroz, cana-de-açúcar, feijão, milho, mamona e mandioca; existe também o cultivo de fruticultura e hortaliças; na indústria é notável pequeno número de fábricas de confecção, de alimentos, de calçados e de construção civil. Além disso, há a exploração da mina de cal para a indústria de tintas. A economia do município depende principalmente do setor terciário de comércio e dos serviços, as empresas desse setor são atacadistas e varejistas.

No entanto, o turismo que possui atividades voltadas especialmente para os negócios, eventos, agroturismo, ecoturismo, entre outros, vem se fortalecendo no turismo de aventura devido ao clima da região, sendo bastante comum a prática de esportes radicais como *rally*, asa-delta, rapel, parapente entre outros.

Os aspectos culturais se concentram nos principais eventos como: festa da padroeira Nossa Senhora da Boa Viagem que ocorre em 01 de janeiro, vaquejadas, cavalgadas, carnaval, reisados, pastoril e prados.

4.1.1.2 Quixadá

Figura 2. Pedra da Galinha choca, Quixadá-CE.



Fonte: Arquivo pessoal.

“... cheguei ao cume do cruzeiro para observar a beleza, avaliar a grandeza de nossa Quixadá e beijá-la carinhosamente. Pedi ao vento que levasse a mensagem de gratidão e respeito a esta cidade que me viu nascer e coloriu meus sonhos na juventude. Que me confortará nas desventuras da velhice e me acolherá no seu ventre no meu repouso eterno.” (João Eudes Costa)

Quixadá é um município originado do município de Quixeramobim e foi criado em 1870 com a lei de mesmo número. Sua toponímia é de denominação da tribo Tapuia, habitante do interior da capitania. Seu gentílico é Quixadaense.

Geograficamente está localizada no centro do estado do Ceará, tendo como municípios limítrofes as cidades de Ibaretama, Itapiúna, Choró, Quixeramobim, Banabuiú, Morada Nova e Ibicuitinga. As médias territoriais têm área absoluta de 2.019,8 km² e área

relativa correspondente a 1,36%, com altitude equivalente a 190,0 m e distância em linha reta da capital equivalente a 147 km.

As características ambientais da cidade em seus aspectos climáticos versam com um clima tropical quente semi-árido e pluviosidade igual a 838,1 mm. A temperatura média em °C é de 26°C a 28°C, sendo o período chuvoso nos meses de fevereiro a abril. As demais variações ambientais de relevo são depressões sertanejas e maciços residuais, os solos são bruno não cálcico, solos litólicos, planossolo solódico, podzólico vermelho-amarelo, regossolo e solonetz solodizado, a vegetação presente é a caatinga arbustiva densa, floresta caducifólia espinhosa e floresta subcaducifolia, a bacia hidrográfica divide-se entre a região metropolitana e Banabuiú.

O município, em sua divisão política administrativa, contém 13 distritos, incluindo a sede, sendo estes: Quixadá, Califórnia, Cipó dos Anjos, Custódio, Daniel de Queiroz, Dom Maurício, Juá, Juatama, São Bernardo, São João dos Queirozes, Riacho Verde, Várzea da Onça e Tapuiará. Sobre a regionalização, sua região administrativa é 12, a macrorregião de planejamento consiste no Sertão Central, a mesorregião se encontra nos Sertões Cearenses e a microrregião corresponde ao Sertão de Quixeramobim.

Os aspectos demográficos e sociais da cidade em relação à população residente se apresentam em movimento crescente, chegando a 80.604 habitantes no ano de 2010. Essa população concentra-se entre o centro urbano e rural. No ano de 2010, a população referente a homens tinha um quantitativo de 39.769 representando 49,34%, e a população referente a mulheres tinha um quantitativo de 40.835 representando 50,66%.

Os índices de desenvolvimento como Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), no ano de 2012, possuía um valor de 34,92 e ocupava a 45^a. posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no ano de 2010, apresentava um valor de 0,659 e ocupava a 14^a. posição no ranking; já o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O), no ano de 2009, apresentava um valor de 0,386 e ocupava a 78^a. posição no ranking e o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), no ano de 2009, girava em torno de 0,541 e ocupava a 32^a. posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem um valor de R\$ 729.507 mil e os dados relativos ao PIB per capita possuem valores de R\$ 8.686,00.

Quixadá é um dos centros comerciais mais expressivos do Ceará, para onde afluem as comunidades das cidades vizinhas, sua maior fonte de empregabilidade é a administração pública com mais de 2 mil funcionários. Suas principais atividades econômicas são relacionadas à prestação de serviços e ao comércio, seguidos pela avicultura e pela ovinoaprinocultura.

O comércio é responsável por 70% do PIB municipal e está concentrado no centro da cidade onde recebe semanalmente centenas de moradores das áreas rurais e de municípios vizinhos como Choró, Banabuiú, Ibicuitinga, Ibaretama e Quixeramobim.

O município possui pequenas empresas alimentícias, tecelagens e calçadistas. Entre as grandes indústrias existe uma fábrica de calçados, além de uma usina de biodiesel localizada no distrito de Juatama.

Ainda podemos acrescentar à economia o turismo quixadaense, responsável por trazer turista ao redor do mundo. Embora pouco explorado, apresenta grande potencial devido à beleza de suas paisagens e as diversas atrações turísticas, dentre as quais podemos citar: Açude Cedro, Pedra da Galinha Choca, Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão, Pedra do Cruzeiro, Fazenda Não me Deixes (Rachel de Queiroz), Memorial Cego Aderaldo, entre outros.

Em termos culturais, possui uma fundação cultural que agrega e incentiva todos os movimentos culturais do município, o memorial Rachel de Queiroz onde fica o atual chalé da pedra e um cinema, localizado no Pinheiro Supermercado que disponibiliza 2 salas e sessões diárias com filmes lançados recentemente. Tem como principais eventos religiosos a romaria de Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão.

Além disso, a cidade de Quixadá possui um forte apelo cinematográfico, sendo cenário para vários filmes de repercussão tanto nacional quanto internacional. Dentre os mais conhecidos, temos “O cangaceiro trapalhão” (1980), “O Quinze” (2004), baseado no romance de Rachel de Queiroz, “Area-Q” (2011) e “Cini Holliúdy” (2012).

4.1.2 Mesorregião de Sertões de Crateús

4.1.2.1 Crateús

Figura 3. Praça de Crateús.

Fonte: Página Aberta: cidades. Disponível em < <https://www.paginaaberta.com.br/cidades/cidade-de-crateus-comemora-185-anos-de-emancipacao-politica.html>> Acesso em: 22 maio 2019.

“Ao beijar a cidade de Crateús, o Rio Poti se bifurca e, como um bolo atraente, uma coroa de terra emerge: é o Bairro da Ilha. (...) É em especial, aquele caminho constituído por dormentes de aroeira, trilhos de e uma passarela cerimoniosa, imponente e primorosa que liga o Bairro ao restante da urbe: a ponte de ferro.” (Dr. Junior Bonfim)

Crateús inicialmente era um distrito da cidade de Marvão-Piauí, foi criada em 1880 sob o Decreto no. 3.012. Seu nome é uma palavra tupi que significa raiz de lagarto, no entanto sua primeira denominação foi Piranhas, pela abundância de peixes, e, em seguida, passou a ser chamada de Príncipe Imperial, até se firmar como Crateús. Seu gentílico é crateuense.

Municípios Limítrofes são Tamboril, Ipaporanga, Independência, Novo Oriente e Poranga, Estado do Piauí. Sua área total é de 2.985,41 km², sua altitude em relação ao nível do mar é de 247,7, e sua distância até a capital em linha reta é de 293,0 km.

Suas terras fazem parte da depressão sertaneja. Seus solos são lanossolos, latossolos, e podzólicos, a leste suas formas de relevo tem maior porção de território suave e pouco dissecados.

As suas principais fontes de água fazem parte da bacia do Parnaíba, tendo como principais rios Poti e Jatobá e os riachos do Meio, dos Patos, Tourão, Capitão Pequeno,

Boqueirão, São Francisco, do Mato, e do Besouro. Entre seus principais açudes encontram-se o açude do Carnaubal ou Gota Grande e Realejo.

Seu clima é tropical quente semiárido, o nível de chuva é de 800 mm, sua temperatura média é de 26° a 28° C e seu período chuvoso é de janeiro a abril.

Em relação à divisão político-administrativa, o município contém 13 distritos, incluindo a sede: Crateús, Assis, Curral Velho, Ibiapaba, Irapuá, Lagoa das Pedras, Montenebo, Oiticica, Poti, Realejo, Santo Antônio, Santana e Tucuns. Sua regionalização inclui-se na 13ª região administrativa, macrorregião do Sertão dos Inhamuns, sua mesorregião é os Sertões Cearenses e sua microrregião o Sertão de Crateús.

Sua maior população encontra-se na zona rural, a sede dispõe de abastecimento de água, fornecimento de energia elétrica, serviço telefônico, agência de correios, telégrafos, serviços bancários, hospitais, hotéis, ensino fundamental e médio e formação universitária, uma biblioteca pública, e um teatro, além de acolher o 40º Batalhão de Infantaria.

Quanto aos aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente, o município indica um total de 72.812 habitantes em 2010, sendo a quantidade de homens equivalentes a 35.509, representando 48,77%, e a de mulheres a 37.303, representando 51,23%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentava um valor de 26,32 e ocupava a 102ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,644 e ocupava a 31ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O), em 2009, tinha um valor de 0,428 e ocupava a 28ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,499 e ocupava a 76ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem um valor de R\$ 476.383,00 e os dados relativos ao PIB per capita representam um valor R\$ 6.429,00.

A economia local é baseada na agricultura (algodão, arbóreo e herbáceo, feijão, milho, mamona, cana-de-açúcar, castanha de caju e frutas diversas) e na pecuária (bovinos, caprinos, ovinos, suínos e avícola). A atividade pesqueira é feita nos açudes de forma rudimentar. Também faz parte da economia o extrativismo vegetal para a fabricação de carvão vegetal, bem como a extração de madeiras diversas para lenha e construção de cercas e de oiticica e de carnaúba.

Nos setores de indústrias comércio e serviços, podemos destacar as indústrias de extrativismo mineral, construção civil e de transformação. O comércio se destaca pelo artesanato de redes, chapéus-de-palha e bordados, sendo uma fonte de renda muito

importante. Por fim, os serviços, tendo o turismo como principal fonte de renda para Crateús devido às suas belezas naturais: Canyon do rio Poti, a fauna dos caboclos, as grutas e as cavernas, a reserva natural serra das almas e a casa de farinha (construção com mais de 100 anos), entre outros.

Os principais eventos culturais de Crateús são a Festa do Padroeiro, Carnafolia, Feira de Negócios Agropecuários, Dia do município, FENECRAT, festival de teatro amador, CARNACRAT, festejos do distrito de Montenebo e do distrito de Assis e festivais de quadrilhas juninas.

4.1.2.2 Nova Russas

Figura 4. Arco de Nova Russas.



Fonte: Arquivo pessoal.

*Ergo a vista e te vejo, Nova Russas, no comburir do sol
que te incendeia, com fulgores e luzes tu me aguças, a ser
louca por ti, doce sereia. (Zilmar Mendes Martins)*

O município de Nova Russas é originário de Ipueiras e foi criado em 1922, sob a Lei de Criação no. 2.043. Seu topônimo é uma homenagem do Padre Joaquim Ferreira de Castro à sua terra natal São Bernardo de Russas. No entanto, sua primeira denominação foi

Curtume, em virtude do curtimento de couros e peles que havia na localidade. Seu gentílico é nova-russense.

Os municípios limítrofes são Hidrolândia, Ipaporanga, Tamboril, Ipueiras e Ararendá. As medidas territoriais têm área absoluta de 742,8 km² e área relativa referente a 0,50%. Possui altitude de 240,8 m e a distância em linha reta, em relação a capital, é 255 km.

Nova Russas, em suas características ambientais existentes, apresenta aspectos climáticos como clima tropical quente semi-árido e pluviosidade equivalente a 840,8 mm. A temperatura média em °C é de 26°C a 28°C e o período chuvoso acontece entre os meses de fevereiro a abril. Os demais componentes ambientais são o relevo com depressões sertanejas e maciços residuais, o solo apresentando depressões sertanejas bruno não cálcico, solos litólicos, planossolo solódico e podzólico vermelho-amarelo, a vegetação presente é a caatinga arbustiva aberta e floresta caducifólia espinhosa, e a bacia hidrográfica é proveniente dos rios Acaraú e Parnaíba.

Em relação à divisão político-administrativa, o município contém 06 distritos com a sede: Nova Russas, Canindezinho, Espacinha, Major Simplício, Nova Betânia e São Pedro. Sobre a regionalização, a região administrativa é 13, a macrorregião de planejamento é o Sertão dos Crateús, a mesorregião é os Sertões Cearenses e a microrregião é o Sertão de Crateús.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente, têm um total de 30.965 habitantes no ano de 2010, sendo residentes na zona rural e urbana. No ano de 2010, a quantidade de homens era de 15.024, representando 48,52% e a de mulheres era de 15.941, representando 51,48%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentava um valor de 21,76 e ocupava a 142ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,614 e ocupava a 88ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,398 e ocupava a 58ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,489 e ocupava a 94ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem um valor de R\$ 195.702,00 e os dados relativos ao PIB per capita representam um valor R\$ 6.175,00.

A economia gira em torno da agricultura, da bovinocultura de leite intensiva e semi-intensiva, da caprinocultura de corte semi-intensiva, da ovinocultura extensiva e da piscicultura. Suas indústrias são voltadas para a fabricação de laticínios, de artigos de vestuário e calçados de couro, tecidos fibras, madeira ou borracha, e fabricação de tecidos e

artigos de malha. O extrativismo vegetal também é uma das atividades econômicas para a fabricação de carvão vegetal, para lenha e construção de cercas, e a extração de oiticica e carnaúba para atividades artesanais. O destaque maior vai para a produção de crochê tipo exportação que também é uma das fontes de renda.

Os principais eventos culturais presentes na cidade são a festa da padroeira Nossa Senhora das Graças, no período de 5 a 15 de agosto, e o Carnaval. Além disso, a população pode se utilizar da biblioteca, museu, centro cultural e dos 02 teatros para outras atividades.

4.1.3 Mesorregião Sertão de Inhamuns

4.1.3.1 Aiuaba

Figura 5. Igreja de Aiuaba.



Fonte: Aiuaba Notícias. Disponível em < <http://aiuaba.ce.gov.br/noticias/festejos-da-padroeira-do-municipio-de-aiuaba-inicia-se-no-dia-06-de-agosto>> Acesso em: 22 maio 2019.

“Pedaço do sertão/ Que alegra o coração/ Congrega e motiva/ A nossa geração/ Ó juventude ativa/ Vibrante e aguerrida/ Amai Aiuaba/ Nossa Terra querida/ Pedaço do sertão/ Que alegra o coração” (Hino - prof^a. Maria Adalzira de Oliveira).

Aiuaba é originário do Município de Saboeiro e foi criado em 1956, sob a Lei de Criação no. 3.338. Sua toponímia é uma palavra indígena que significa lugar da bebida, bebedouro, pois era uma lagoa onde habitualmente os criadores de gado davam de beber aos seus rebanhos. Seu gentílico é aiuabense.

Geograficamente Aiuaba limita-se com os municípios de Catarina, Arneiroz, Parambu, Campos Sales, Antonina do Norte, Saboeiro e Estado do Piauí. Localiza-se ao sudoeste do estado, tem sua área absoluta de 2.434,4 km², sua altitude em relação ao nível do mar é de 466,4 m, sua distância em linha reta até a capital é de 457,8 km. Seu Clima é Tropical Quente Semiárido, seu índice pluviométrico é de 562,4 mm, sua temperatura média é de 24° a 26° C e tem seu período chuvoso de fevereiro a abril.

Sua vegetação principal é a floresta caducifólia espinhosa, caatinga arbustiva aberta, carrasco e floresta subcaducifólia tropical pluvial, seu solo pode ser classificado em solos bruno não cálcico, litóticos, planossolo solódico e podzólicos vermelho-amarelo, apresentando relevos de depressão sertaneja e planalto da Ibiapaba. A bacia hidrográfica provém do Alto Jaguaribe.

Sua divisão territorial possui apenas 02 distritos incluindo a sede: Aiuaba e Barra. Está incluído como a 15ª região administrativa na macrorregião Sertão dos Inhamuns, mesorregião Sertões Cearenses e microrregião Sertão dos Inhamuns.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente, mostram um total de 16.203 no ano de 2010, sendo estas, populações residentes nos centros rural e urbano. Em termos da relação entre homens e mulheres, nesse mesmo ano, divulgou-se que a quantidade de homens era de 8.117, representando 50,10%, e a de mulheres era de 8.086, representando 49,90%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentava um valor de 16,76 e ocupava a 172ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,569 e ocupava a 177ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,304 e ocupava a 178ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,444 e ocupava a 147ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem um valor de R\$ 78.473,00 e os dados relativos ao PIB per capita representam um valor R\$ 4.675,00.

A fonte de economia do município gira em torno dos empregos da administração pública e da aposentadoria, seguidos pelo comércio e serviço, além das indústrias de

transformação e caseiras. O comércio é comandado pelos estabelecimentos varejistas e de reparação.

Suas atividades sociais e culturais são marcadas por atividades da Biblioteca pública e pelos eventos culturais tradicionais: Festa da padroeira, Nossa Senhora do Patrocínio (15 de agosto) e o dia do Evangélico (dia 30 de novembro).

4.1.3.2 Tauá

Figura 6. Praça de Tauá: Dr. Alberto Feitosa Lima.



Fonte: Arquivo pessoal.

*Eu nasci no Ceará,
No sertão dos Inhamuns,
Com seus feitos incomuns
Minha cidade é Tauá
Outra mais bela não há
Por esse imenso rincão
Digo sem tapeação
Para mostrar a verdade
Até o mar tem vontade
De ser desse meu torrão.
(Paulo de Tarso, o poeta de Tauá)*

Tauá foi criada em 1801 por meio de uma Portaria. Uma das primeiras vilas criadas quando o Ceará ainda era capitania sob a denominação de São João do Príncipe dos Inhamuns, sendo substituído pela Lei no 485 de 14 de outubro de 1898 pelo seu atual nome:

Tauá. Esse topônimo se origina do tupi o qual significa barro amarelo e argiloso, no entanto há outras interpretações como “cidade antiga” ou “aldeia antiga”. É o segundo maior município em extensão territorial do Ceará e bastante conhecido como a terra do carneiro e/ou Princesa dos Inhamuns. O gentílico é tauaense.

Geograficamente Tauá limita-se com os municípios de Pedra Branca, Independência, Parambu, Arneiroz, Mombaça e Quiterianópolis. Localiza-se ao sudoeste do estado, tem sua área absoluta de 4.018,19 km², sua altitude em relação ao nível do mar é de 402,7 m, sua distância em linha reta até a capital é de 320 km. Seu Clima é Tropical Quente Semiárido, seu índice pluviométrico é de 597, 2 mm sua temperatura média de 26° a 28° C e tem seu período chuvoso de fevereiro a abril. Pode-se chegar à capital através da BR-020 que tem a distância de 337 km.

Sua vegetação principal é a floresta caducifólia espinhosa e caatinga absortiva aberta, seu solo pode ser classificado em solos litóticos, planossolo solódico e podzólicos vermelho-amarelo, apresentando relevos de depressões sertanejas e maciços residuais. A bacia hidrográfica provém do Alto Jaguaribe.

Sua divisão territorial possui 08 distritos incluindo a sede: Tauá, Barra Nova, Carrapateiras, Inhamuns, Marrecas, Marruás, Santa Tereza e Trici. Está incluído como a 15ª região administrativa na macrorregião Sertão dos Inhamuns, mesorregião Sertões Cearenses e microrregião Sertão dos Inhamuns.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente, mostram um total de 55.716 no ano de 2010, sendo estas, populações residentes nos centros rural e urbano. Em termos da relação entre homens e mulheres, nesse mesmo ano, divulgou-se que a quantidade de homens era de 27.357, representando 49,10%, e a de mulheres era de 28.359, representando 50,10%.

Os índices de desenvolvimento, como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentava um valor de 25,66 e ocupava a 106ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,633 e ocupava a 44ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,344 e ocupava a 150ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,524 e ocupava a 43ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem um valor de R\$ 389.676,00 e os dados relativos ao PIB per capita representam um valor R\$ 6.807,00.

A economia do município gira em torno da indústria de transformação, serviços industriais de utilidade pública, construção civil, comércio, serviços, administração pública e

agropecuária. O turismo também é uma grande fonte de economia e de atividades culturais e de lazer. Podemos destacar seus principais pontos: o parque aquático, o memorial do Cólera, museu dos Inhamuns, parque da Cidade. Nesse entorno, encontram-se diversas churrascarias, sorveterias, *fast food*, pizzaria, restaurantes com uma gastronomia variada.

Ainda como turismo ecológico, podem-se encontrar três sítios paleontológicos e 15 arqueológicos que podem ser visitados, porém só podem ser explorados por pesquisadores profissionais cadastrados.

A cidade é repleta de hotéis, pousadas, desde os mais simples aos mais requintados. Seu mercado público possui um centro de artesanato, conhecido internacionalmente que recebe visitantes o ano inteiro.

As festas anuais mais tradicionais são as festas religiosas, FestBerro, ExpoTauá, FENERI, festa das mães, Tauá natalino, dia das crianças de Tauá, reisado na vila de Vera Cruz – Inhamuns e festival junino.

4.1.4 Sertão de Senador Pompeu

4.1.4.1 Acopiara

Figura 7. Arco da entrada de Acopiara.



Fonte: Caderno Popular. Disponível em: <http://cadernopopular.blogspot.com/p/acopiara_08.html> Acesso em: 22 maio 2019.

*Todo povo tem sua história.
Toda história é um infinito e incalculável valor.
Todo valor é pouco quando atribuído aos heróis de carne e osso, que antes de nós chegaram, e lutaram para construir seu ninho, seu lar coletivo, o seu território...!
Ame a sua terra, ela é, pois, senão a sua pátria, a sua identidade onde começa sua própria história. Sem ela você não tem origem. (Paz Loureiro)*

A cidade foi criada em 28 de setembro de 1921 com a Lei Nº 1.875, tendo como município de origem Iguatu, está localizada no Centro-sul na região nordeste no estado do Ceará. Anteriormente conhecida como Affonso Pena, por ocasião das concessões das sesmarias, o topônimo Acopiara é originário do tupi e significa o “agricultor” ou “aquele que cultiva”. Os municípios limítrofes são: Solonópole, Deputado Irapuã Pinheiro, Piquet Carneiro, Mombaça, Jucás, Iguatu, Quixelô, Catarina e Saboeiro. As medidas territoriais têm área absoluta de 2.265,32 km², e área relativa referente a 1,52%. Possui altitude de 317,1 m e a distância em linha reta em relação a capital é 280 km.

O município de Acopiara, em suas características ambientais existentes, apresenta aspectos climáticos como clima tropical quente semi-árido e pluviosidade equivalente a 748,5 mm. A temperatura média em °C é de 26°C a 28°C e o período chuvoso acontece nos meses de fevereiro a abril. Os demais componentes ambientais são o relevo com depressões sertanejas e maciços residuais, o solo sendo aluviais, litólicos, planossolo solódico, podzólico vermelho amarelo e vertissolos, a vegetação presente é a caatinga arbustiva densa, floresta caducifólia espinhosa e floresta subperenifólia tropical pluvial, e a bacia hidrográfica está contida no Alto Jaguaribe.

Em relação à divisão político-administrativa, o município contém 10 distritos: Acopiara, Barra do Ingá, Ebron, Isidoro, Quincôê, Santa Felícia, Santo Antônio, São Paulinho, Solidão e Trussu. Sobre a regionalização, a região administrativa é 16, a macrorregião de planejamento é no Cariri centro-sul, a mesorregião é no sertão cearense e a microrregião é no sertão de Senador Pompeu.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente tem um total de 51.160 no ano de 2010, sendo estas populações residentes nos centros rurais e urbanos. No ano de 2010, a quantidade de homens era de 25.624 representando 50,09% e a de mulheres era de 25.536 representando 49,91%.

Os índices de desenvolvimento como o Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), em 2012, apresentava um valor de 22,53 e ocupava a 131ª posição no ranking; o

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2010, girava em torno de 0,595 e ocupava a 144ª posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) em 2009 tinha um valor de 0,367 e ocupava a 112ª posição no ranking, o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), em 2009, possuía um valor de 0,442 e ocupava a 150ª posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem um valor de R\$ 236.658,00 e os dados relativos ao PIB per capita representam um valor R\$ 4.598,07.

A economia gira em torno da produção agrícola, com a agricultura em sua maioria voltada para a subsistência de pequenos produtores; destacando-se também o ramo aviário que vem crescendo nos últimos anos. Acopiara já foi considerada o segundo produtor de algodão do estado do Ceará; porém, com as secas constantes, a produção foi reduzida. Destacam-se também as indústrias de sabão, cerâmicas, refinaria de óleo e construção civil. O comércio dispõe de lojas de roupas, mercantis e supermercados, como também de lojas de eletrodomésticos.

Os principais eventos culturais presentes na cidade são as festas da padroeira Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro (15 de setembro), Festa de São Francisco (31 de Setembro), o Carnafest, que é considerado por muitos o melhor carnaval do interior do Ceará, e o FETAC, que é o Festival de Teatro Amador e teve início no ano de 1989, com a realização de mostra de espetáculos teatrais de grupos de Acopiara.

4.1.4.2 Milhã

Figura 8. Vista panorâmica de Milhã.



Fonte: Câmara de Milhã. Disponível em: <<https://camaramilha.ce.gov.br/>> Acesso em: 22 maio 2019.

*Milhã, por teus filhos és amada
De ti sentem orgulho, és terra de amor
No áureo de tua vida gloriosa e altaneira
Ressoa o clarim de um novo esplendor.
És tida ó terra por todos que a conhecem
Como berço de paz e de boa acolhida
A força, o trabalho, a fé, a coragem
És símbolo de progresso, ó terra querida.
(Maria de Fátima Pinheiro)*

A cidade foi criada em 05 de fevereiro de 1985, com a Lei Nº 11.011, tendo como município de origem Solonópole. No início, chamava-se sítio Conceição, mas no ano de 1887 tornou-se vila, com o mesmo nome (Conceição) que, portanto, influenciaria na escolha da padroeira da futura cidade. A atual denominação se refere a uma espécie de gramínea existente na região.

Está localizada no centro da região nordeste do estado do Ceará e seus municípios limítrofes são Quixeramobim, Banabuiú, Deputado Irapuã Pinheiro, Solonópole e Senador Pompeu. As medidas territoriais contêm área absoluta correspondente a 502,04 km² e área relativa correspondente a 0,34%, com altitude igual a 215 m e a distância em linha reta da capital é de 228 km.

Milhã, em suas características ambientais, apresenta clima tropical quente semi-árido, a pluviosidade é equivalente a 791 mm e a temperatura média em °C é de 26°C a 28°C, contendo período chuvoso nos meses de fevereiro a abril. Os componentes ambientais como o relevo são depressões sertanejas, os solos são Bruno não cálcico, planossolo, solódico, Podzólico vermelho-amarelo e regossolo, a vegetação é composta pela caatinga arbustiva e densa e a bacia hidrográfica encontra-se em Banabuiú e no Médio Jaguaribe.

A divisão política administrativa da região apresenta 6 distritos: Milhã, Carnaubinha, Baixa Verde, Barra, Ipueira e Monte Grave. Em se tratando da regionalização, sua região administrativa é 14, a macrorregião de planejamento é o Sertão Central, a mesorregião são os Sertões Cearenses e a microrregião é o Sertão de Senador Pompeu.

Os aspectos demográficos e sociais em relação à população residente correspondem a 13.086 em 2010. Essas populações residentes estão divididas entre os centros urbanos e rurais. No ano de 2010, a população de homens consistia em 6.528, com um percentual de 49,89%, e a população de mulheres consistia em 6.558 com um percentual de 50,01%.

Os índices de desenvolvimento como Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), no ano de 2012, representava um valor de 21,33 e ocupava a 146^a. posição no ranking;

o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no ano de 2010, era de 0,626 e ocupava a 57ª. posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O), no ano de 2009, apresentava um valor de 0,354 e ocupava a 139ª. posição no ranking, e o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), no ano de 2009, tinha um valor de 0,549 e ocupava a 24ª. posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem valores de R\$ 53.615 mil e os dados relativos ao PIB per capita apresentam valores de R\$ 3.649,52.

A economia da cidade de Milhã corresponde principalmente às atividades agrícolas e agropecuárias, voltadas principalmente para a subsistência de pequenos produtores. Os eventos culturais são os festivais de quadrilhas, as festas da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, comemorado em 8 de dezembro, e os eventos da Semana do Município contendo diversas atrações.

4.1.4.3 Pedra Branca

Figura 9. Pedra que deu origem à cidade.



Fonte: Arquivo Pessoal.

*Com aparência de mulher faceira
Branca de neve, em dias de inverno,
Na Santa Rita, a serra algodoeira,
A minha terra encontra-se encravada.
É a Pedra Branca, sempre hospitaleira,
Cheia de luz, em noite enluarada.*

*Minha cidade, esbelta e feiticeira,
De silvestre perfume ambalsamado.
(Prof. Oswaldo Sant'ago Moreira de Souza)*

O município de Pedra Branca foi criado em 1871, sob a Lei de Criação - 1.407, deixando de ser vila do território de Mombaça e passando à categoria de cidade. Seu topônimo refere-se a uma pedra muito alva, grande e de pouca altura que se tornou ponto de referência para a reunião dos vaqueiros que por ali campeavam. Esta pedra ainda hoje pode ser facilmente vislumbrada, pois se tornou um símbolo da cidade. Seu gentílico é pedrabranquense.

Pedra Branca localiza-se no centro do estado do Ceará, bem dos Sertões Cearenses e seus municípios limítrofes são Quixeramobim, Boa Viagem, Independência, Mombaça, Senador Pompeu e Tauá. As medidas territoriais contêm área absoluta correspondente a 1.303,3 km² e área relativa correspondente a 0,88%, com altitude igual a 500,7 m e a distância em linha reta da capital é de 236 km.

As características ambientais de Pedra Branca apresentam clima tropical quente semi-árido, a pluviosidade é equivalente a 1.238,2 mm e a temperatura média em °C é de 24° a 26°, contendo período chuvoso entre os meses de fevereiro a abril. Os componentes ambientais como o relevo são maciços residuais e depressões sertanejas; os solos são brunizem avermelhado, bruno não cálcico, solos litólicos e podzólico vermelho-amarelo; a vegetação é composta pela caatinga arbustiva densa, floresta caducifólia espinhosa e floresta subcaducifólia tropical pluvial, e a bacia hidrográfica encontra-se em Banabuiú.

A divisão política administrativa da região apresenta 5 distritos, incluindo a sede: Pedra Branca, Mineirolândia, Capitão Mor, Santa Cruz do Banabuiú e Troia. Em se tratando da regionalização, sua região administrativa é 14, a macrorregião de planejamento é o Sertão Central, a mesorregião são os Sertões Cearenses e a microrregião é o Sertão de Senador Pompeu.

Os aspectos demográficos e sociais, em dados de população residente possui um total de 41.890 no ano de 2010, sendo divididas entre populações residentes nos centros rurais e urbanos. No ano de 2010, a quantidade de homens era de 20.697, representando 49,41% e a de mulheres era de 21.193, representando 50,59 %.

Os índices de desenvolvimento como Índice de Desenvolvimento Municipal (IDM), no ano de 2012, representava um valor de 26,25 e ocupava a 103ª. posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no ano de 2010, era de 0,603 e ocupava a 127ª. posição no ranking; o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O), no ano de 2009,

apresentava um valor de 0,351 e ocupava a 142ª. posição no ranking, e o Índice de Desenvolvimento Social de Resultado (IDS-R), no ano de 2009, tinha um valor de 0,478 e ocupava a 108ª. posição no ranking. Os dados relativos ao PIB possuem valores de R\$ 197.774 mil e os dados relativos ao PIB per capita apresentam valores de R\$ 4.638.

A economia do município gira em torno dos empregos da administração pública e da aposentadoria, seguidos pelo comércio varejista, serviço e indústria de transformação, enquanto o desenvolvimento social está centrado em 50 escolas de ensino fundamental, 05 escolas de ensino médio e uma instituição de ensino superior. A cultura é desenvolvida por meio de bibliotecas, museu e um centro cultural.

4.2 Caracterização do informante

A seleção dos informantes foi feita com base na classificação do projeto ALiB (2013) em que se deve levar em consideração, além da variação diatópica, a variação diastrática. Neste ponto, as variáveis diastráticas selecionadas foram sexo, idade e escolaridade. A variável idade foi representada por duas faixas etárias; uma mais jovem, de 18 a 30 anos, e outra mais velha, de 45 a 60 anos; enquanto a variável sexo foi representada por um homem e uma mulher para cada faixa etária e para cada nível escolar.

Quanto à variável escolaridade, optamos por selecionar duas variantes: a primeira representada por informantes com escolaridade até o Ensino Médio, e a segunda por informantes com nível superior. No entanto, é preciso fazer algumas considerações sobre essa escolha, já que a metodologia do ALiB nos orienta a selecionar apenas a variante da primeira modalidade de ensino, até o Ensino Médio, para as localidades do interior do Estado.

Esta orientação está descrita na metodologia do ALiB, ao tratar dos critérios de escolha da variável escolaridade, conforme descrita abaixo:

[...] o tipo de informante representativo de cada localidade não deve estar nos graus extremos de formação escolar, optando-se por indivíduos alfabetizados e que tenham cursado, no máximo, até a 4ª série. Excetuam-se as capitais de estado, onde, levando em conta a maior densidade populacional e a grande diversidade de estratos sociais, o número de informantes é maior, incluindo-se também quatro informantes de nível de escolarização universitário. (ALiB, 2013, pp. 39-40)

Como o ALSCE refere-se a uma mesorregião que não inclui a capital do Estado, deveríamos nos concentrar apenas na variante do primeiro nível escolar, contudo a forte presença de cursos universitários em cidades do interior e, conseqüentemente, a elevação do

nível escolar da população nos impulsionaram a verificar se há interferências relevantes no falar da região pesquisada. Dessa forma, a variante equivalente ao nível superior também foi selecionada para a pesquisa.

Com isso, os informantes foram selecionados com base nos critérios abaixo:

- | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|
| a) Número total de informantes: 72 | c) Sexo |
| | Homens – 36 |
| b) Faixa Etária | Mulheres – 36 |
| I – 18 a 30 anos | d) Escolaridade |
| II – 45 a 60 anos | I – Escolarizado até o Ensino Médio |
| | II – Ensino Superior |

Na construção do perfil dos informantes, buscamos controlar sua naturalidade de forma que o selecionado tivesse nascido na localidade, ou chegado com, pelo menos, 5 anos e que os pais fossem naturais da mesma ou pertencentes à região circunvizinha.

Dessa forma, elencamos a seguir a caracterização de cada informante por ponto inquerido, seguindo a ordem descrita: Pontos de inquérito, número da localidade e número do informante. Iniciais do nome completo, apelido se houver. Sexo (M ou F), faixa etária (FE1 ou FE2). Idade. Escolaridade (EM ou ES). Naturalidade. Tempo de residência no local. Viagens realizadas. Local de nascimento do cônjuge (se houver) e dos pais. Meios de comunicação. Diversão.

(01) Quixadá

INF 01.1 – MALJ. M. FE1. EM. 18 anos. Natural de Quixadá. Mora na localidade desde o nascimento. Viagens somente de férias para lugares da região. Os pais nasceram em Quixadá. Meios de comunicação mais usados são celulares e televisão para ver esportes, noticiários e filmes. Sua maior diversão é futebol.

INF 01.2 – RLS. F. FE1. EM. 27 anos. Natural de Quixadá. Mora na localidade desde que nasceu e só viajou para cidades circunvizinhas. Os pais são naturais de Quixadá e seu cônjuge de Ibicuitinga-CE. Assiste à tevê todos os dias e usa o celular com frequência. Sua maior diversão é assistir ao marido jogar futebol.

INF 01.3 – CGRC. Guedes. M. FE2. EM. 46 anos. Natural de Quixadá. Mora na localidade desde que nasceu e só realizou viagens curtas. Os pais e a esposa são naturais de Quixadá. Assiste à tevê todos os dias e usa celular. Sua maior diversão é sair com a família para a igreja.

INF 01.4 – LRS. F. FE2. EM. 50 anos. Natural de Quixadá. Mora na localidade desde que nasceu e nunca viajou. Os pais são naturais de Quixadá e o companheiro de Aratuba-CE. Assiste à tevê às vezes para ver os noticiários. Sua maior diversão são os shows em praça pública e as manifestações folclóricas.

INF 01.5 – FNSL. M. FE1. ES. 25 anos. Natural de Quixadá. Mora na localidade desde o nascimento e realizou viagens curtas. Os pais são naturais de Quixadá. Nunca assiste à tevê, mas utiliza a internet. Às vezes, vai ao cinema, a shows, a manifestações folclóricas e gosta de vários esportes.

INF 01.6 – GCL. Gaby. F. FE1. ES. 20 anos. Natural de Quixadá. Mora na localidade desde o nascimento e realizou apenas viagens curtas. A mãe é natural de Baturité e o pai de Quixadá. Assiste à tevê às vezes para ver filmes e documentários e faz uso do celular e da internet. Sua maior diversão é ir ao cinema e sair com os amigos.

INF 01.7 – DMN. M. FE2. ES. 46 anos. Natural de Redenção-CE. Mora na localidade desde os 6 meses de idade e só realizou viagens curtas. A mãe é natural de Redenção-CE e o pai de Quixadá. Assiste a documentários na tevê todos os dias e faz uso do celular e da internet. Sua maior diversão é sair com os amigos e assistir a esportes como vôlei e basquete.

INF 01.8 – MSTL. F. FE2. ES. 48 anos. Natural de Quixadá. Passou 6 meses morando no Pará durante o ano de 2015. Os pais são naturais de Quixadá. Assiste à tevê às vezes para ver filmes e faz uso da internet e do celular. Sua maior diversão é estar com a família e participar das manifestações folclóricas da cidade.

(02) Boa Viagem

INF 02.1 – JDSF. M. FE1. EM. 18 anos. Natural de Boa Viagem. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Sua mãe é de Boa Viagem e seu pai de Madalena-

CE. Assiste tevê às vezes para ver filmes e documentários, mas faz uso da internet e do celular. Sua maior diversão é correr em vaquejada, além de futebol e outros esportes.

INF 02.2 – NRL. F. FE1. EM. 26 anos. Natural de Boa Viagem. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Sua mãe e seu companheiro são de Boa Viagem e seu pai de Quixadá-CE. Assiste aos mais diversos programas na tevê todos os dias e faz uso do celular. Sua maior diversão é sair com os amigos, ir a shows e a festas folclóricas.

INF 02.3 – JO. M. FE2. EM. 58 anos. Natural de Boa Viagem. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas por vários lugares do país. Seus pais e seu cônjuge são de Boa Viagem. Foi criado pelos avós em Boa Viagem. Assiste à tevê todos os dias nos horários dos noticiários e faz uso da internet e do celular. Sua maior diversão é pescar e ler poesia popular.

INF 02.4 – ANN. Nilda. F. FE2. EM. 46 anos. Natural de Boa Viagem. Mora na localidade desde o nascimento e nunca viajou. Sua mãe é da Paraíba e seu pai e seu cônjuge são de Boa Viagem. Assiste à tevê às vezes para ver os noticiários, prefere ouvir às rádios. Sua maior diversão são as festas folclóricas, mas prefere ficar em casa.

INF 02.5 – VPL. M. FE1. ES. 29 anos. Natural de Boa viagem. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Os pais são naturais de Boa Viagem e a esposa de Fortaleza. Nunca assiste à tevê, mas lê jornais todos os dias pela internet. Faz uso do celular. Sua maior diversão é tocar e participar de atividades culturais.

INF 02.6 – VTS. F. FE1. ES. 28 anos. Natural de Boa viagem. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Os pais e o esposo são naturais de Boa Viagem. Assiste à tevê às vezes para ver os noticiários e ouve rádio, faz uso da internet e do celular. Sua maior diversão é sair com a família para restaurantes.

INF 02.7 – CPN. M. FE2. ES. 58 anos. Natural de Boa viagem. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Os pais são naturais de Boa Viagem. Assiste à tevê todos os dias para ver os noticiários. Sua maior diversão é ler e escrever, além de participar de atividades culturais.

INF 02.8 – ASL. F. FE2. ES. 50 anos. Natural de Boa viagem. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Os pais são naturais de Boa Viagem. Assiste à tevê às vezes e lê jornais todos os dias pela internet. Faz uso do celular. Sua maior diversão é sair com as amigas, mas também gosta de praticar esportes e participar de atividades culturais.

(03) Nova Russas

INF 03.1 – RKAS. M. FE1. EM. 18 anos. Natural de Nova Russas. Morou no Rio de Janeiro logo depois do nascimento até os 08 anos de idade, voltando à terra natal aos 09 anos por motivo de doença. A mãe é de Nova Russas e o pai de Catunda-CE. Foi criado pelos avós, ambos de Nova Russas. Nunca assiste à tevê, mas lê jornais todos os dias pela internet e faz uso do celular. Sua maior diversão é tocar e participar de atividades culturais.

INF 03.2 – JMCM. Juh. F. FE1. EM. 17 anos. Natural de Nova Russas. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Os pais são naturais de Nova Russas. Às vezes, assiste à tevê, lê jornais todos os dias pela internet e faz uso do celular. Sua maior diversão é sair com os amigos e participar de atividades culturais.

INF 03.3 – FPT. Das Chagas. M. FE2. EM. 51 anos. Natural de Nova Russas. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Os pais são naturais de Santa Quitéria- CE e a esposa de Ipu-CE. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários e esportes e faz uso do celular. Sua maior diversão é sair com familiares e amigos e participar de atividades folclóricas e culturais.

INF 03.4 – SMC. Sol. F. FE2. EM. 53 anos. Natural de Nova Russas. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Os pais são naturais de Nova Russas e o esposo de massapé-CE. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários, lê jornais da cidade e faz uso de celular. Sua maior diversão é passar o fim de semana na fazenda e participar de atividades culturais.

INF 03.5 – AAL. M. FE1. ES. 28 anos. Natural de Nova Russas. Morou 06 anos em São Paulo na idade adulta para estudar. Os pais e a esposa são naturais de Nova Russas. Às vezes, assiste à tevê para ver notícias sobre esportes, lê jornais todos os dias pela internet e faz uso

do celular. Sua maior diversão é ler sobre esportes e praticá-los, além de participar de atividades culturais.

INF 03.6 – DFS. F. FE1. ES. 23 anos. Natural de Nova Russas. Morou 04 anos em Crateús-CE para fazer faculdade. Os pais e o cônjuge são naturais de Nova Russas. Às vezes, assiste à tevê para ver filmes, lê revistas em *websites* e faz uso do celular. Sua maior diversão é sair com a família e com os amigos, além de participar de atividades culturais.

INF 03.7 – ARN. M. FE2. ES. 47 anos. Natural de Nova Russas. Morou em Fortaleza durante 04 anos para fazer faculdade. Os pais e a esposa são naturais de Nova Russas. Assiste à tevê todos os dias, lê jornais pela internet e faz uso do celular. Sua maior diversão é ir à igreja com a família e participar de atividades culturais.

INF 03.8 – MLVF. Meire. F. FE2. ES. 53 anos. Natural de Nova Russas. Morou 04 anos em Recife para fazer faculdade. Os pais e o cônjuge são naturais de Nova Russas. Assiste à tevê todos os dias, lê jornais pela internet e faz uso do celular. Sua maior diversão é ler, ir ao cinema, assistir a filmes em casa e participar de atividades culturais.

(04) Crateús

INF 04.1 – JAML. M. FE1. EM. 22 anos. Natural de Crateús. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Sua mãe é natural de Crateús e não conhece a procedência de seu pai. Assiste à tevê e ouve rádio às vezes para tomar conhecimento sobre esportes e noticiários locais, lê as revistas *Sentinela* e *Despertar* da sua religião semanalmente e faz do celular. Sua maior diversão é frequentar a igreja, sair com os amigos e ver futebol.

INF 04.2 – MRPV. F. FE1. EM. 18 anos. Natural de Crateús. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Seus pais são naturais de Crateús. Assiste à tevê e ouve rádio, às vezes, para ouvir músicas e tomar conhecimento sobre os noticiários locais e nacionais, lê a revista *Veja* e faz uso do celular. Sua maior diversão é participar de manifestações folclóricas com os amigos, além de viajar.

INF 04.3 – JEP. Zé dos ovos. M. FE2. EF1. 47 anos. Natural de Crateús. Morou em São Paulo durante 12 anos, na fase adulta, em busca de melhores condições de vida. Sua mãe é de

Independência, já seu pai e seu cônjuge são de Crateús. Assiste à tevê nos finais de semana para ver programas de auditórios, ouve rádio todos os todos, especialmente os noticiários policiais. Sua maior diversão é ver futebol e ir passear no seu terreno.

INF 04.4 – MCFA. F. FE2. EF2. 45 anos. Natural de Crateús. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Sua mãe é de Tauá, seu pai e seu cônjuge são de Crateús. Foi criada pela avó. Assiste à tevê, às vezes, para se informar sobre os noticiários, ouve rádio todos os dias, especialmente, os noticiários locais; lê os jornais *O povo* e *Jornal Crateús online* sobre variedades e política e lê revistas sobre cabelos, dietas e cuidados pessoais. Sua maior diversão é sair com a família.

INF 04.5 – FTSV. M. FE1. ES. 25 anos. Natural de Crateús. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Seus pais são naturais de Crateús e sua esposa é de Novo Oriente – CE. Assiste a noticiários e a filmes na tevê, às vezes, e raramente lê jornais. Sua maior diversão é viajar e sair com amigos e familiares.

INF 04.6 – PCPJ. F. FE1. ES. 27 anos. Natural de Crateús. Afastou-se da localidade por 04 anos para fazer faculdade na cidade de Quixadá-CE. Seus pais são de Tamboril – CE. Às vezes, assiste a novelas e a noticiários na tevê, ouve rádio todos os dias, especialmente, músicas e noticiários em geral. Sua maior diversão é participar de manifestações folclóricas e sair com os amigos.

INF 04.7 – RCTF. Ribeira do Poti. M. FE2. ES. 58 anos. Natural de Crateús. Afastou-se da localidade por 04 anos para fazer faculdade na cidade de Fortaleza. Seus pais são de Crateús. Às vezes, assiste aos noticiários na tevê e ouve rádio, lê os jornais digitais “O povo online” e “O Estadão” todos os dias e a revista literária “Gente de ação” toda semana. Sua maior diversão é fazer viagens de aventura e assistir ao futebol.

INF 04.8 – LMBR. F. FE2. ES. 52 anos. Natural de Crateús e só realizou viagens curtas. Seus pais são naturais de Crateús. Às vezes, assiste a programas religiosos e noticiários na tevê, bem como ouve músicas no rádio e lê somente revistas evangélicas. Sua maior diversão é participar de grupos de oração.

(05) Tauá

INF 05.1 – MRO. M. FE1. EM. 28 anos. Natural de Tauá. Afastou-se da localidade por 05 anos em busca de melhores condições de vida, transitando entre as regiões Sul e Sudeste do país. Seus pais são naturais de Tauá e sua esposa é de Arneiroz – CE. Às vezes, assiste à tevê e ouve rádio para se informar dos noticiários locais e nacionais. Lê *blogs* da região e revistas eletrônicas. Participa de várias atividades de diversão: shows, manifestações folclóricas, futebol, pratica vários esportes e faz passeio automobilístico.

INF 05.2 – CRN. Gleice. F. FE1. EM Incompleto. 25 anos. Natural de Tauá. Afastou-se da localidade por 01 ano em busca de melhores condições de vida, estabelecendo-se no Estado de Minas Gerais. Seus pais são naturais de Tauá. Assiste a novelas na tevê às vezes. Sua maior diversão é sair com os amigos.

INF 05.3 – AAOL. Antônio Mário. M. FE2. EM Técnico. 57 anos. Natural de Tauá. Afastou-se na juventude por 04 anos para estudar e trabalhar. Seus pais são naturais de Tauá e sua esposa é de Parambu – CE. Às vezes, assiste à tevê e ouve rádio para se informar dos noticiários locais e nacionais, bem como para ver esportes e ouvir músicas. Lê esporadicamente os jornais impressos “O povo” e “Diário do Nordeste” e a revista “Isto é”. Sua diversão divide-se entre manifestações folclóricas, futebol e sair com a família.

INF 05.4 – ZGP. F. FE2. EM Técnico. 44 anos. Natural de Tauá. Afastou-se da localidade por 04 anos em busca de melhores condições de vida, estabelecendo-se em Paracuru – CE. Seus pais e seu cônjuge são naturais de Tauá. Assiste à tevê e ouve rádio todos os dias para se informar sobre os noticiários em geral, além de ouvir música. Lê o jornal impresso “Diário do Nordeste” e as revistas “Quem” e “Caras” esporadicamente. Sua maior diversão é o lazer com a família.

INF 05.5 – GTL. Tio Gê. M. FE1. ES. 27 anos. Natural de Pedra Branca – CE. Veio morar na localidade com 05 anos de idade, permanecendo até os dias de hoje e realizando apenas viagens curtas. Seus pais são naturais de Pedra Branca. Às vezes, assiste à tevê e ouve rádio para se informar sobre os noticiários locais e nacionais, assim como ouvir músicas e ver filmes. Lê o jornal impresso “Diário do Nordeste” especialmente as sessões de editorial, variedades e política; além de lê semanalmente as revistas “Veja” e “Isto é”. Sua diversão gira em torno das participações em manifestações folclóricas, futebol, ler e sair com os amigos.

INF 05.6 – MGL. F. FE1. ES. 28 anos. Natural de Tauá. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Seus pais são naturais de Tauá. Ouve rádio todos os dias para se informar sobre os noticiários locais e ouvir músicas. Esporadicamente lê o jornal impresso “Diário do Nordeste” nas sessões de variedades e política e semanalmente lê a revista de sua área de atuação “Serviço Social”. Sua diversão é sair com os amigos.

INF 05.7 – MACA. M. FE2. ES. 47 anos. Natural de Tauá. Afastou-se da localidade por 01 ano para estudar em Fortaleza, capital do Estado. Sua mãe é natural de Tauá, seu pai é do Rio Grande do Norte e sua esposa é de São Paulo. Ouve rádio no horário do meio-dia para se informar sobre os noticiários locais e raramente lê jornais, apenas boletins eletrônicos. Sua diversão é congregar e sair com a família.

INF 05.8 – FFML. Francisquinha. F. FE2. ES. 61 anos. Natural de Tauá. Mora na localidade desde o nascimento e só realizou viagens curtas. Seus pais e seu cônjuge são naturais de Tauá. Às vezes, assiste à tevê para se informar sobre os noticiários nacionais, ouve rádio parte do dia para ouvir músicas e notícias locais. Raramente lê jornais e costuma lê a revista “Época”. Sua diversão gira em torno de shows e manifestações folclóricas.

(06) Aiuaba

INF 06.1 – JKAM. M. FE1. EM Incompleto. 22 anos. Natural do Pio IX, mas chegou à localidade quando ainda era bebê. Desde então, só realiza viagens curtas. Sua mãe e seu cônjuge são de Aiuaba e seu pai é da região do Cariri. Assiste à tevê todos os dias para ver novelas, esportes e noticiários. Às vezes, ouve rádio para se informar sobre os noticiários em geral. Sua diversão gira em torno das manifestações folclóricas, sair com a família e assistir a outros esportes que não seja futebol.

INF 06.2 – GFFC. F. FE1. EM Incompleto. 28 anos. Natural de Aiuaba. Afastou-se da localidade somente para viagens curtas. Seus pais e seu cônjuge são de Aiuaba. Assiste à tevê todos os dias para ver os noticiários e os programas de auditório. Ouve rádio todos os dias para ouvir músicas e se informar sobre os noticiários locais. Às vezes, lê o jornal eletrônico “G1”, assim como lê a revista “Veja”. Sua maior diversão é sair com a família.

INF 06.3 – RJMA. Ré. M. FE2. EM. 53 anos. Natural de Aiuaba. Afastou-se da localidade somente para viagens curtas. Seus pais e seu cônjuge são de Aiuaba. Às vezes, assiste à tevê para ver esportes, noticiários e programas de auditórios. Ouve rádio enquanto trabalha para se informar sobre os noticiários locais e policiais. Lê o jornal “Diário do Nordeste” todos os dias especialmente as sessões de esportes, variedades, política e página policial. Raramente lê revistas, mas quando lê é a “Placar”. Sua diversão gira em torno da participação em manifestações folclóricas, futebol e vaquejada.

INF 06.4 – MEPF. Nega. FE2. EM. 48 anos. Natural de Aiuaba. Afastou-se da localidade somente para viagens curtas. Seus pais são de Aiuaba. Assiste à tevê todos os dias para ver novelas e noticiários. Ouve rádio todos os dias para se informar sobre os noticiários local e policial, assim como ouvir músicas. Às vezes, lê os jornais eletrônicos “G1” e “O Povo Online” na sessão de política. Sua diversão é participar de shows e manifestações folclóricas.

INF 06.5 – FWLCL. M. FE1. ES. 26 anos. Natural de Aiuaba. Afastou-se da localidade somente para viagens curtas. Sua mãe é de Aiuaba e seu pai de Mombaça – CE. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários e lê os jornais eletrônicos “Diário do Nordeste” e “G1”, todos os dias, especialmente as sessões de esportes, variedades, política e economia. Sua maior diversão é sair com os amigos.

INF 06.6 – LACT. F. FE1. ES. 28 anos. Natural de Aiuaba. Afastou-se da localidade durante 10 anos para estudar em Juazeiro do Norte – CE. Seus pais e seu cônjuge são de Aiuaba. Às vezes, assiste à tevê para ver programas de auditório e filmes. Lê os jornais eletrônicos “Uol Notícias” e “Diário do Nordeste” todos os dias para ver as sessões de variedade e política. Às vezes, lê revistas científicas e a “Superinteressante”. Sua diversão gira em torno da participação em manifestações folclóricas, esportes em geral e sair com a família.

INF 06.7 – ADG. Grimauth. M. FE2. ES. 53 anos. Natural de Aiuaba. Afastou-se da localidade somente para viagens curtas. Sua mãe é de Aiuaba, seu pai de Jucás – CE e seu cônjuge de Saboeiro – CE. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários e lê os jornais eletrônicos “Carta Capital” e “G1” para ver as sessões de política e variedade. Sua diversão gira em torno de participação em shows manifestações folclóricas e sair com a família.

INF 06.8 – FMR. F. FE2. ES. 52 anos. Natural de Aiuaba. Afastou-se da localidade somente para viagens curtas. Sua mãe é de Aiuaba e seu pai de Catarina – CE. Assiste à tevê todos os dias para ver os noticiários e os esportes. Ouve rádio enquanto trabalha em casa para se informar sobre os noticiários local e policial. Lê o jornal impresso “Diário do Nordeste” todos os dias e semanalmente as revistas “Veja” e “Época”. Sua diversão gira em torno de ouvir músicas e assistir ao futebol.

(07) Milhã

INF 07.1 – PPB. M. FE1. EM. 18 anos. Natural de Sorocaba-SP. Veio morar na localidade aos 06 anos de idade e, desde então, só faz viagens curtas. Sua mãe é de Mombaça-CE e seu pai de Milhã. Às vezes, assiste à tevê para ver esportes e noticiários e ouve rádio todos os dias para se informar sobre os noticiários locais e nacionais e ouvir músicas. Lê somente a sessão de variedades de jornais impressos. Sua diversão gira em torno de shows, manifestações folclóricas, sair com os amigos e namorar.

INF 07.2 – ACSF. F. FE1. EJA-EM. 18 anos. Natural de Milhã. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais são de Milhã. Assiste à tevê todos os dias para ver novelas, filmes, séries e noticiários e ouve rádio todos os dias para se informar dos noticiários locais e nacionais e ouvir músicas. Às vezes, lê os jornais eletrônicos “G1” e “DN” nas sessões de variedades e política. Participa de várias atividades de diversão: shows, manifestações folclóricas, futebol, pratica vários esportes e vai a serestas.

INF 07.3 – RNS. Raimundo do bar. M. FE2. EF 1. 56 anos. Natural de Milhã. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e sua esposa são de Milhã. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários, nunca ouve rádio nem lê jornais ou revistas. Sua diversão é ir à igreja evangélica.

INF 07.4 – MDO. Deija. F. FE2. EM. 54 anos. Natural de Milhã. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e seu cônjuge são de Milhã. Nunca assiste à tevê e ouve rádio somente parte do dia para se informar sobre os noticiários locais e policiais. Às vezes, lê o jornal “Diário do Nordeste” nas sessões de variedades e política. Lê somente a bíblia. Sua diversão gira em torno das manifestações folclóricas.

INF 07.5 – FCP. Deilson. M. FE1. ES. 27 anos. Natural de Milhã. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e sua esposa são de Milhã. Às vezes, assiste à tevê para ver filmes, séries e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar sobre os noticiários locais e nacionais e ouvir músicas. Lê todos os dias os jornais eletrônicos “G1”, “Folha de São Paulo” e “O povo *online*” nas sessões de variedades e política e, às vezes, lê a revista “Veja”. Sua diversão gira em torno das manifestações folclóricas e sair com a família.

INF 07.6 – AMJP. Natália. F. FE1. ES. 23 anos. Natural de Milhã. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Sua mãe é de Senador Pompeu-CE e seu pai de Milhã. Às vezes, assiste à tevê para ver filmes e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar sobre os noticiários locais e nacionais e ouvir músicas. Mensalmente lê revistas científicas. Sua diversão gira em torno das manifestações folclóricas, passeios e viagens.

INF 07.7 – FAP. Deilson. M. FE2. ES. 61 anos. Natural de Milhã, antigamente era distrito de Solonópole. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e sua esposa são de Milhã. Todos os dias, assiste à tevê para ver novelas, filmes, documentários e noticiários e nunca ouve rádio. Lê, às vezes, os jornais eletrônicos “Diário do Nordeste”, “O cariri” e “O povo *online*” nas sessões de variedades, esportes e política e, às vezes, lê as revistas “Época” e “Revista parlamentar”. Sua diversão gira em torno das manifestações folclóricas e de sair com a família e amigos.

INF 07.8 – MCA. F. FE2. ES. 59 anos. Natural de Milhã. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais são de Milhã. Às vezes, assiste à tevê para ver filmes, séries e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar dos noticiários locais e nacionais e ouvir músicas. Lê, todos os dias, os jornais eletrônicos “Diário do Nordeste” e “O povo *online*” nas sessões de esporte, variedades e política e, às vezes, lê a revista “Carta Capital”. Sua diversão gira em torno das manifestações folclóricas e de assistir a vários tipos de esporte.

(08) Acopiara

INF 08.1 – CCS. M. FE1. EM. 21 anos. Natural de Acopiara. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais são de Acopiara. Às vezes, assiste à tevê para ver novelas, programas de auditório e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar sobre

os noticiários locais e ouvir músicas. Lê, às vezes, o jornal eletrônico “O povo online” nas sessões de variedades e programa cultural e raramente lê a revista “Veja”. Sua diversão gira em torno das manifestações folclóricas e de sair para tocar.

INF 08.2 – NRT. F. FE1. EM. 25 anos. Natural de Acopiara. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais são de Acopiara. Às vezes, assiste à tevê para ver filmes, programas de auditório e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar sobre os noticiários locais e ouvir músicas. Lê raramente o jornal “Diário do Nordeste” na sessão regional e raramente lê a revista “Veja”. Sua diversão gira em torno das atividades esportivas.

INF 08.3 – LRF. M. FE2. EF II. 48 anos. Natural de Acopiara. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e sua esposa são de Acopiara. Todos os dias assiste à tevê para ver novelas, esportes e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar dos noticiários locais. Nunca lê jornais ou revistas. Sua diversão gira em torno das atividades físicas e raramente participa de manifestações folclóricas.

INF 08.4 – GGC. F. FE2. EM. 46 anos. Natural de Acopiara. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais são de Acopiara e seu cônjuge é de Piquet Carneiro-CE. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários e ouve rádio todos os dias para se informar dos noticiários locais e ouvir músicas. Lê raramente o jornal “Diário do Nordeste” na sessão regional e semanalmente lê as revistas eletrônicas “Globo play” e “Fantástico”. Sua diversão gira em torno das manifestações folclóricas e de reunir-se com os amigos.

INF 08.5 – FAPM. M. FE1. ES. 27 anos. Natural de Acopiara. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e seu cônjuge são de Acopiara. Todos os dias, assiste à tevê para ver filmes e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar sobre os noticiários locais e ouvir músicas. Lê jornal todos os dias nas sessões de esportes, variedades e política e semanalmente lê a revista “Educação Física”. Sua diversão inclui várias atividades como teatro, show, manifestações folclóricas, sair com os amigos e viajar.

INF 08.6 – MAP. F. FE2. ES. 24 anos. Natural de Acopiara. Afastou-se da localidade por 04 anos para fazer faculdade na cidade do Crato-CE. Sua mãe é de Saboeiro-CE e seu pai de Acopiara. Todos os dias, assiste à tevê para ver filmes e séries e nunca ouve rádio. Lê, todos os dias, os jornais eletrônicos “O povo online” e “Diário do Nordeste” nas sessões de

variedades, política e regional e semanalmente lê a revista científica “O galileu”. Sua diversão gira em torno das manifestações folclóricas, de sair com os amigos e de viajar.

INF 08.7 – IPG. M. FE2. ES. 50 anos. Natural de Acopiara. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e seu cônjuge são de Acopiara. Todos os dias assiste à tevê para ver documentários e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar dos noticiários locais e ouvir músicas. Lê todos os dias os jornais eletrônicos “O povo online”, “Diário do Nordeste” e “G1” nas sessões de variedades, programa cultural, política e regional e raramente lê a revista “Superinteressante”. Sua diversão inclui shows de forró, participação em manifestações folclóricas e movimentos pastorais.

INF 08.8 – MSTA. F. FE2. ES. 46 anos. Natural de Acopiara. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais são de Acopiara. Às vezes, assiste à tevê para ver filmes e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar sobre os noticiários locais. Lê regularmente os jornais eletrônicos “Diário do Nordeste”, “O globo” e “Gazeta” nas sessões de política e economia e semanalmente lê a revista “Caros amigos”. Sua diversão gira em torno de shows e de festival de violeiros.

(09) Pedra Branca

INF 09.1 – FRPL. Neném. M. FE1. EM. 24 anos. Natural de Pedra Branca. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Sua mãe é de Pedra Branca e seu pai de Quixadá. Às vezes, assiste à tevê para ver filmes e nunca ouve rádio. Raramente lê jornais e, quando lê, somente as sessões de variedades, programa cultural e política e nunca lê revista. Sua diversão gira em torno de participação em shows e sair para tocar.

INF 09.2 – ASD. F. FE1. EM. 24 anos. Natural de Juazeiro do Norte-CE, veio para localidade aos 08 anos de idade e só se afastou para fazer viagens curtas. Sua mãe é do Juazeiro do Norte-CE e seu pai de Pedra Branca. Às vezes, assiste à tevê para ver novelas e filmes e nunca ouve rádio. Lê jornais, às vezes, para ver as páginas policiais e nunca lê revista. Sua diversão gira em torno de cuidar de seus filhos.

INF 09.3 – ASD. Louro. M. FE2. EM incompleto. 46 anos. Natural de Pedra Branca. Afastou-se da localidade por 01 ano para residir na cidade de São Paulo. Seus pais são do Rio Grande

do Norte e sua esposa é de Pedra Branca. Todos os dias, assiste à tevê para ver novelas e noticiários e ouve rádio parte do dia para se informar sobre os noticiários locais. Nunca lê jornais ou revistas. Sua diversão gira em torno de jogos de futebol.

INF 09.4 – CBO. F. FE2. EM. 49 anos. Natural de Pedra Branca. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais são de Pedra Branca e seu cônjuge é de Senador Pompeu-CE. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários e ouve rádio enquanto trabalha. Todos os dias, lê os jornais eletrônicos “G1”, “O globo” e “Uol” e raramente lê revistas do tipo fotonovelas. Sua diversão gira em torno de participação em shows e em manifestações folclóricas.

INF 09.5 – AFRR. M. FE1. ES. 24 anos. Natural de Pedra Branca. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e seu cônjuge são de Pedra Branca. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários e ouve rádio esporadicamente para se informar sobre os noticiários locais e dos esportes e ouvir músicas. Às vezes, lê os jornais eletrônicos “G1” e “R7” nas sessões de esportes, variedades e política e nunca lê revista. Sua diversão gira em torno de jogos de futebol e de cavalgar.

INF 09.6 – CERP. Dê. F. FE1. ES. 27 anos. Natural de Pedra Branca. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais são de Pedra Branca. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários e filmes e ouve rádio, às vezes, para se informar sobre os noticiários locais. Todos os dias, lê os jornais eletrônicos “G1” e “Diário do Nordeste”, “Folha de São Paulo” e “O povo *online*” nas sessões de editorial e política e raramente lê revista. Sua diversão gira em torno de manifestações folclóricas, de assistir a séries e de ler livros.

INF 09.7 – MASF. M. FE2. ES. 53 anos. Natural de Pedra Branca. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e sua esposa são de Pedra Branca. Às vezes, assiste à tevê para ver os noticiários e ouve rádio todos os dias para se informar sobre os noticiários locais e ouvir músicas. Todos os dias, lê jornais eletrônicos para ver as sessões de variedades, programa cultural, política e páginas policiais e semanalmente lê revistas eletrônicas. Sua diversão gira em torno de ir ao cinema e de produzir hinos de cidades.

INF 09.8 – MHVP. F. FE2. ES. 48 anos. Natural de Pedra Branca. Afastou-se da localidade somente para fazer viagens curtas. Seus pais e seu cônjuge são de Pedra Branca. Todos os

dias, assiste à tevê para ver os noticiários, novelas, esportes e programa de auditório e ouve rádio todos os dias para se informar sobre os noticiários locais e ouvir músicas. Raramente lê jornais e semanalmente lê revistas como “Superinteressante”. Sua diversão gira em torno da participação em manifestações folclóricas e da leitura.

4.2.1 Perfil geral dos Informantes

Ponto/ Informante	NOME	SEXO	Idade	Escolaridade	Profissão	Estado civil	Profissão dos pais/cônjuge	Religião	Tipo de renda
01.1	MALJ	M	18	EM incompleto	Estudante	Solteiro	Eletricista/assistente social	Católica	Familiar
01.2	RLS	F	27	EF2	Dona de casa	Casada	Pescador/dona de casa/síndico	Católica	Familiar
01.3	CGRC	M	46	EM Profissionalizante	Eletricista	Casado	Funcionário público/donas de casa	Evangélica	Familiar
01.4	LRS	F	50	EM	Autônoma	Solteira	Artifício de mecan/dona de casa/autônomo	Católica	Familiar
01.5	FNSL	M	25	ES Tecnólogo em Agronegócio	Professor	Solteiro	Desempregado/cozinheira	Evangélica	Familiar
01.6	GCL	F	20	ES Lic. Química	Estudante	Solteira	Vendedor/dona de casa	Católica	Familiar
01.7	DMN	M	46	Pós-graduado em Letras	Professor	Solteiro	Funcionário público/dona de casa	Católica	Individual
01.8	MSTL	F	48	Pós-graduada em Arte Educação	Professora	Divorciada	Agricultores	Católica	Familiar
02.1	JDSF	M	18	EM incompleto	Vendedor	Solteiro	Caminhoneiro/vendedora	Católica	Individual
02.2	NRL	F	26	EM	Atendente	União estável	Funcionário público/dona de casa / cozinheiro	Católica	Familiar
02.3	JO	M	58	EM	Funcionário público	Viúvo	Agricultores/professora	Evangélica	Familiar
02.4	ANN	F	46	EF2	Auxiliar de serviços gerais	Casada	Agricultores	Católica	Familiar
02.5	VPL	M	29	Graduado em Letras	Professor/músico	Casado	Agricultor/dona de casa/professora	Católica	Familiar
02.6	VTS	F	28	Graduada em Matemática	Professora	Casada	Agente penitenciário/professora/mecânico	Católica	Familiar
02.7	CPN	M	58	Graduado em História	Professor/museólogo	Solteiro	Agricultores	Católica	Individual
02.8	ASL	F	50	Pós-graduada em Ciência da Educação	Funcionária pública	Viúva	Agricultor/dona de casa	Católica	Familiar

03.1	RKAS	M	18	EM Incompleto	Estudante	Solteiro	Os avós são agricultor e costureira	-	Individual
03.2	JMCM	F	17	EM Incompleto	Estudante	Solteira	Agricultor/ professora	Evangélica	Individual
03.3	FPT	M	51	EM	Empresário	Casado	Comerciantes /professora	Católica	Familiar
03.4	SMC	F	53	EM	Auxiliar administrativa	Casada	Agricultor/ dona de casa/ aposentado	Testemunhas de Jeová	Familiar
03.5	AAL	M	28	Graduado em História	Professor	Casado	Funcionário público/ dona de casa/ professora	Católica	Familiar
03.6	DFS	F	23	Graduada em Química	Professora	Casada	Autônomos/ professor	Católica	Familiar
03.7	ARN	M	47	Pós-graduado em História e Geografia	Professor	Casado	Professora	Católica	Familiar
03.8	MLVF	F	53	Pós-graduada em Pedagogia	Professora	Casada	Agricultor/ dona de casa/ bancário	Católica	Familiar
04.1	JAML	M	22	EM	Auxiliar técnico do almoxarifado	Solteiro	Agricultora	Testemunha de Jeová	Familiar
04.2	MRPV	F	18	EM	Auxiliar de escritório	Solteira	Vendedores	Católica	Individual
04.3	JEP	M	47	EF1	Comerciante	Casado	Agricultora/ comerciante	Católica	Familiar
04.4	MCFA	F	45	EF2	Cabelereira	Casada	Dona de casa/ vigia	Católica	Familiar
04.5	FTSV	M	25	Graduado em Enfermagem	Administrador	Casado	Comerciante/ assistente social/ enfermeira	Católica	Familiar
04.6	PCPJ	F	27	Graduada em Psicologia	Psicóloga	Solteira	Agricultor/ costureira	Católica	Individual
04.7	RCTF	M	58	Graduado em Matemática	Professor	Separado	Pais falecidos	Católica	Familiar
04.8	LMBR	F	52	Graduada em Teologia	Administradora	Viúva	Agricultor/ professora	Evangélica	Familiar
05.1	MRO	M	28	EM	Agente de cidadania	Solteiro	Aposentados	Evangélica	Familiar
05.2	CRN	F	25	EM incompleto	Atendente de loja	solteira	Agricultor/ dona de casa	Católica	Individual
05.3	AAOL	M	57	EM Técnico	Auxiliar de biblioteca	Casado	Aposentado/ dona de casa/ professora	Católica	Familiar

05.4	ZGP	F	44	EM Técnico	Auxiliar de secretária	Casada	Agricultores/técnico agropecuária	Evangélica	Familiar
05.5	GTL	M	27	Pós-graduado em Pedagogia	Professor	Solteiro	Agricultor/dona de casa	Evangélica	Familiar
05.6	MGL	F	28	Graduada em Serviço Social	Assistente social	Solteira	Aposentada	Evangélica	Familiar
05.7	MACA	M	47	Graduado em Gestão pública	Contabilista	Casado	Aposentados/ agente de saúde	Evangélica	Familiar
05.8	FFML	F	61	Pós-graduada em Psicopedagogia	Psicopedagoga	Casada	Agricultores/ gerente comercial	Católica	Familiar
06.1	JKAM	M	22	EM Incompleto	Ajudante de pedreiro	União estável	Pedreiro/ professora/ estudante	-	familiar
06.2	GFFC	F	28	EM Incompleto	Sindicalista	Casada	Agricultores	Católica	Familiar
06.3	RJMA	M	53	EM	Funcionário público	Casado	Vaqueiro/ dona de casa/ professora	Católica	Familiar
06.4	MEPF	F	48	EM	Dona de casa	Solteira	Eletricista/ dona de casa	Católica	Familiar
06.5	FWLCL	M	26	Graduado em Ciências Contábeis	Técnico contábil	Solteiro	Autônomo/ professora	Católica	Individual
06.6	LACT	F	28	Pós-graduada em Pedagogia	Professora	Casada	Agricultores/ vendedor	Católica	Familiar
06.7	ADG	M	53	Pós-graduado em História	Professor	Casado	Agricultores/ professora	Católica	Familiar
06.8	FMR	F	52	Pós-graduada em História	Professora	Solteira	Agricultores	Católica	Individual
07.1	PPB	M	18	EM	Estudante	Solteiro	Empresários	Católica	-
07.2	ACSF	F	18	EJA	Dona de casa	Casada	Agricultores	Católica	Familiar
07.3	RNS	M	56	EF1	Comerciante	Casado	Agricultor/donas de casa	Evangélica	Familiar
07.4	MDO	F	54	EM	Agricultora	Casada	Agricultores	Católica	Familiar
07.5	FCP	M	27	Pós-graduado em História	Professor	Casado	Agricultores/ estudante	Católica	Familiar
07.6	AMJP	F	23	Graduada em Física	Professora	Solteira	Agricultores	Católica	Individual
07.7	FAP	M	61	Pós-graduado em Gestão Pública	Funcionário público	Casado	Agricultor/ donas de casa	Católica	Familiar

07.8	MCA	F	59	Pós-graduada em Gestão Pública	Professora	Solteira	Agricultor/dona de casa	Católica	Familiar
08.1	CCS	M	21	EM Técnico	Projetista	Solteiro	Dona de casa	Católica	Individual
08.2	NRT	F	25	EM	Auxiliar de sala	solteira	Carpinteiro/autônoma	Católica	Familiar
08.3	LRF	M	48	EF2	Marceneiro	Casado	Motorista/dona de casa/autônoma	Católica	Familiar
08.4	GGC	F	46	EM	Comerciante	Casada	Agricultor/aposentada/comerciante	Católica	Familiar
08.5	FAPM	M	27	Graduado em Educação Física	Instrutor de academia	Casado	Agricultores/estudante	Católica	Familiar
08.6	MAP	F	24	Graduada em Geografia	Estudante	Solteira	Administrador público/professora	Católica	Familiar
08.7	IPG	M	50	Pós-graduado em História	Professor	Casado	Comerciantes / professora	Católica	Familiar
08.8	MSTA	F	46	Pós-graduação em Letras	professora	Solteira	Agricultor/dona de casa	Católica	Individual
09.1	FRPL	M	24	EM	Instrutor de artes	Solteiro	Eletricista/dona de casa	Agnóstico	Individual
09.2	ASD	F	24	EM Incompleto	Auxiliar de serviços gerais	Solteira	Agricultor/auxiliar de serviços gerais	Católica	Familiar
09.3	ASD	M	46	EM Incompleto	Agricultor	Casado	Aposentados/dona de casa	Católica	Familiar
09.4	CBO	F	49	EM	Auxiliar de secretária	Separada	Agricultores	Católica	Familiar
09.5	AFRR	M	24	Pós-graduado em Educação Física	Professor	casado	Agricultor/auxiliar de serviços gerais/ dona de casa	Católica	Familiar
09.6	CERP	F	27	Pós-graduada em Letras	Professora	Solteira	Agricultor/auxiliar de serviços gerais	Católica	Familiar
09.7	MASF	M	53	Pós-graduado em Pedagogia	Professor/radialista	Casado	Comerciantes	Católica	Familiar
09.8	MHVP	F	48	Pós-graduado em Letras	Professora/bibliotecária	Casada	Pedreiro/doméstica/ agente de endemias	Católica	Familiar

4.3 Instrumentos de pesquisa

Os questionários que a pesquisa utilizará foram formulados pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB, na versão publicada em 2013, com o intuito de equalizar as informações e servirem de base para a consolidação dos registros linguísticos nacionais.

a) Ficha da Localidade - preenchida previamente pelo inquiridor em que se constata informações sobre o nome oficial, regional, anterior e dados, informados pelos habitantes sobre a localidade, o número de habitantes, as atividades econômicas predominantes, as sublocalidades, sua infraestrutura, meios de comunicação e dados sobre emigração, segundo o Projeto ALiB (2013).

b) Ficha dos Informantes - preenchida pelo inquiridor de acordo com informações fornecidas pelo informante sobre seus dados pessoais, renda, contato com meio de comunicação, participação em diversões e características observadas durante a entrevista.

c) Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202 perguntas que recobrem 15 áreas semânticas, dentre as quais estão os acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, fauna, flora, atividades agropastoris, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religiões e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, e vida urbana.

d) Questionário Morfossintático (QMF), com 49 perguntas que se objetivam em identificar variantes diatópicas nas construções sintáticas e morfológicas, como, por exemplo, a presença ou ausência de artigo diante de nome próprio, ou o uso de tu ou você como pronome sujeito, assim como fatos característicos da variação diastrática, como a flexão de nomes em -ão; o plural de nomes em -al, -el, -ol; e casos de concordância.

É preciso ressaltar que o conjunto de questionários produzidos pelo ALiB compõe ainda o Questionário Fonético-fonológico (QFF), com 159 perguntas acrescidas de 11 questões de prosódia; 4 questões de pragmática, com 4 perguntas; temas para discursos semidirigidos (4 questões); 6 questões metalinguísticas e um texto final para leitura, com o objetivo de analisar a variação diastrática da região.

4.4 Pesquisa de campo

Nossa pesquisa de campo foi realizada *in loco* com o auxílio de 03 bolsistas de pesquisa Pibic jr e Pibic do IFCE – Quixadá, selecionados por meio de submissão de projeto de pesquisa pela PRPI da própria instituição com vigência de 01 (um) ano, que foram fomentados tanto pelo CNPq quanto pela FUNCAP. Esses bolsistas tiveram a tarefa de auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa por meio das pesquisas bibliográficas acerca da região investigada, na preparação do material para início dos inquéritos, no acompanhamento das primeiras entrevistas no ponto 01 (Quixadá) e nas realizações das primeiras transcrições. Vale ressaltar que 2 desses bolsistas continuaram trabalhando de forma independente nas transcrições dos inquéritos e na produção dos mapas geográficos até a finalização do trabalho.

As entrevistas foram realizadas em sua maioria em local apropriado para o informante a fim de que ele se sentisse à vontade e confortável para responder as perguntas. Dessa forma, a maioria ocorreu onde os informantes trabalhavam ou estudavam e as demais em suas próprias casas. Já o contato com os mesmos realizou-se por meio das escolas de ensino médio e/ou profissionalizantes, algumas com as secretarias de Ação Social e, por fim, por meio da estratégia “amigo do amigo”. Dentre as estratégias utilizadas, a mais eficaz foi o método “amigo do amigo”. Esse método é citado por sociolinguistas, como Milroy (2007), para justificar a aproximação entre inquiridor e informante, já que deixa de ser um ser “estranho” e passa a ter intimidade por ser amigo de seu amigo. Em todas as localidades tivemos êxito com este método.

O informante em potencial, ao ser convidado a participar do inquérito, recebia uma série de informações sobre o teor da entrevista, tais como os objetivos do trabalho, os meios de divulgação das informações e o sigilo do nome do informante. Diante dessas explicações, o informante ficava livre para aceitar ou não fazer a entrevista.

Em relação à realização das entrevistas, foi utilizado o gravador estéreo, um gravador digital de voz da marca ZOOM H4NSP, com cartão de memória de 8 *gigabites* a pilha. As gravações foram feitas no formato *wave*³³ para que futuramente seja possível se analisar as realizações linguísticas por meio do programa de fonética acústica PRAAT. É preciso ressaltar que, mesmo não sendo aplicado o QFF, foi possível perceber realizações

³³ Sistema de gravação de alta qualidade.

singulares de aspectos fonético-fonológicos, como nas realizações léxicas da pergunta 18³⁴ do QSL, onde obtivemos *neblina*, *nebrina*, *lebrina* e *librina*. Essas realizações foram destacadas nas notas explicativas de suas respectivas cartas.

4.5 Arquivamento e transcrição do *corpus*

As entrevistas em formato *wave* foram armazenadas em nuvem por meio do sítio eletrônico *Mega.nz* (<https://mega.nz/>) e do sistema de armazenamento em nuvem *Onedrive* da própria autora para futuras pesquisas de fonética acústica. Foi armazenado também uma cópia em formato MP3, na nuvem do *Onedrive*, devidamente identificados (número do ponto e do informante: INF 01.1), com o intuito de facilitar o manuseio para futuras pesquisas lexicais e morfossintáticas.

Toda a documentação com os dados empíricos sobre a rede de pontos está arquivada em posse da pesquisadora. Da mesma forma, as transcrições estão arquivadas em nuvem juntamente com as gravações, uma vez que o sistema em nuvem facilita a transmissão de dados, podendo ser útil a futuros pesquisadores interessados na área e possibilitando uma consulta eficiente. Os dados estão cadastrados no sistema de geração de cartas [SGVCLIN].

A transcrição do *corpus* seguiu as orientações do Projeto ALiB em que todos os questionários devem seguir a transcrição grafemática, com exceção do questionário fonético-fonológico em que a transcrição é fonética. Dessa forma, realizou-se uma transcrição grafemática tanto do QSL, quanto do QMS. Até os fatos fônicos que requeriam alguma atenção, como o caso de *neblina*, foram transcritos grafematicamente.

4.6 Análise do material

A análise dos dados voltou-se para a seleção de itens lexicais e morfossintáticos representativos do falar cearense a partir de dados coletados que constituíram as cartas léxicas e morfossintáticas do Atlas dos Sertões Cearenses. Os aspectos sociolinguísticos dos dados, além de estarem presentes na identificação dos informantes, podem ser extraídos por

³⁴ ... uma chuva bem fininha?

meio de um relatório estatístico com base na produção linguística dos informantes de acordo com cada variável (sexo, idade e escolaridade).

Esses relatórios produzidos pelo próprio sistema [SGVCLIN] serão de grande valia para futuros estudos linguísticos especialmente os estatísticos, já que “nos estudos lexicais, carecem pesquisas que abordam tratamentos estatísticos sofisticados na análise dos dados adentrando à formulação de hipóteses, e não somente pautando-se na descrição de percentuais em função de frequências absolutas e relativas.” (ROMANO, 2015, p. 148)

4.7 Elaboração das cartas linguísticas

A elaboração das cartas foi feita por meio de um software específico para esse tipo de trabalho chamado [SGCVLIN] que requer uma explanação mais abrangente sobre sua operacionalização.

4.7.1 O Sistema [SGVCLin] - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas

O [SGVCLin] é um software desenvolvido para a geração e visualização das cartas linguísticas com o intuito de facilitar o manuseio dos dados com mais propriedade pelo linguista sem a dependência de terceiros para a produção das cartas linguísticas, como conceitua seus autores:

O sistema consiste em uma ferramenta computacional inovadora projetada para fornecer uma interface simples que permita o armazenamento de dados geolinguísticos e posterior geração de cartas linguísticas por meio de consultas ao banco de dados. Além disso, o software permite a criação de grupos de questões por usuário e a geração de relatórios pautados por diferentes variáveis, bem como a criação de cartas bidimensionais: diatópica/diassexual e diatópica/diageracional (THUN, 1998), além de cartas de isoglossas. (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014, p. 128)

Com esta ferramenta, a liberdade do linguista torna-se ainda maior, pois o mesmo poderá testar inúmeras maneiras de representar os dados linguísticos coletados de acordo com sua intenção científica.

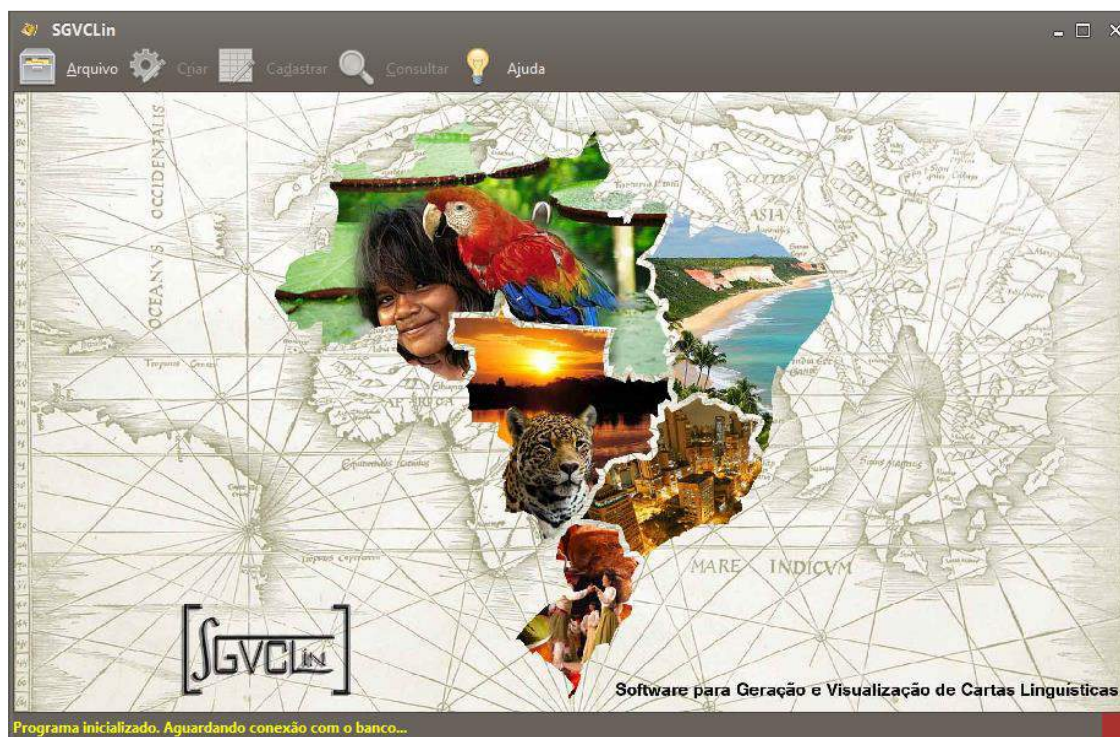
Para proporcionar a flexibilidade e agilidade no armazenamento das informações, o *software* foi desenvolvido utilizando linguagem *Java*³⁵ e banco de dados *MySQL*³⁶, tendo

³⁵ <http://www.java.com/>

³⁶ <http://www.mysql.com/>

como modelo as fichas dos informantes e toda a metodologia do Projeto ALiB. Sua página inicial é representada pela figura 10:

Figura 10. Tela inicial do Programa [SGVCLIN]



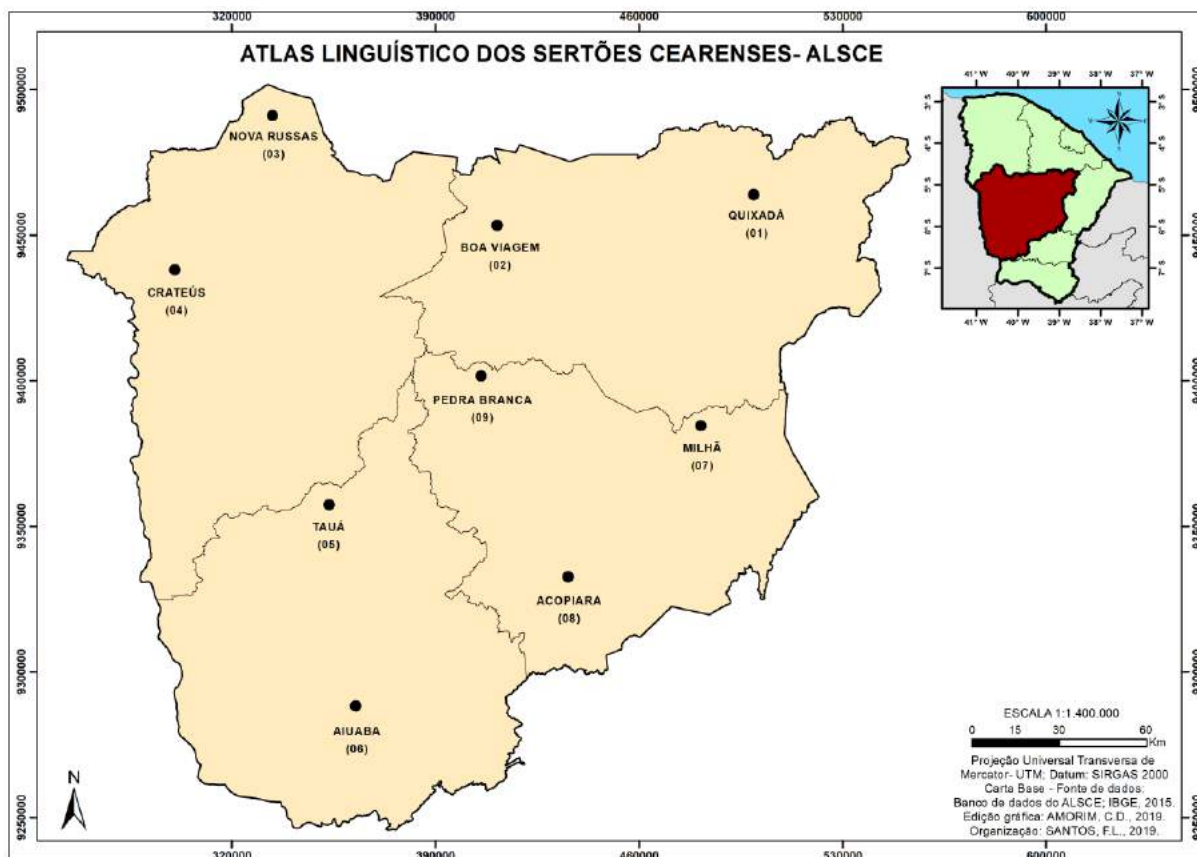
FONTE: Romano (2015)

Assim, por meio dessa ferramenta, podemos criar exportar e importar arquivos, criar, cadastrar e editar bancos de dados, produzir mapas, gerar relatórios estatísticos e imprimir os dados para compor o atlas linguístico.

Para geração das cartas linguísticas, é preciso se fazer um mapa-base nos moldes da geografia espacial para situar o leitor no espaço geográfico real em que a pesquisa linguística foi realizada. Dessa forma, apresentamos, na figura 11, o mapa-base do ALSCE já com seus pontos de pesquisa. Esse mapa foi construído a partir do mapa geográfico da mesorregião Sertões Cearenses, acrescido dos pontos de pesquisa com base nas coordenadas de localização, gerados pelo sistema de produção de mapas espaciais conhecido como SIRGAS (Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas), versão 2000, adquirido pelo IFCE³⁷.

³⁷ Projeção universal Transversa de Mercator: UTM Datum SIRGAS, 2000. Versão adquirida pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará.

Figura 11. Mapa base com os pontos de Pesquisa do ALSCE



FONTE: Caroline Amorim (2019)

No que diz respeito à geração dos relatórios, a ferramenta disponibiliza 03 três conjuntos, distribuídos em treze formatos diferentes, tendo por base os dados cadastrados ao longo da construção do atlas. Observemos a descrição dos autores:

O conjunto de relatórios Geral possui quatro opções: (i) Geral; (ii) Geral por sexo; (iii) Geral por faixa etária; e (iv) Geral por ponto. O segundo conjunto de relatórios – por Estado – abrange quatro opções: (i) Por estado; (ii) Por estado, segundo o Sexo; (iii) Por estado, segundo a faixa etária; e (iv) Por estado, segundo o sexo e a faixa etária. O terceiro e último conjunto de relatórios diz respeito a algumas informações pessoais dos informantes: (i) Geral por estado civil; (ii) Geral por escolaridade; (iii) Geral por profissão; (iv) Geral por religião; e (v) Geral por categoria social. ((ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014, p. 138)

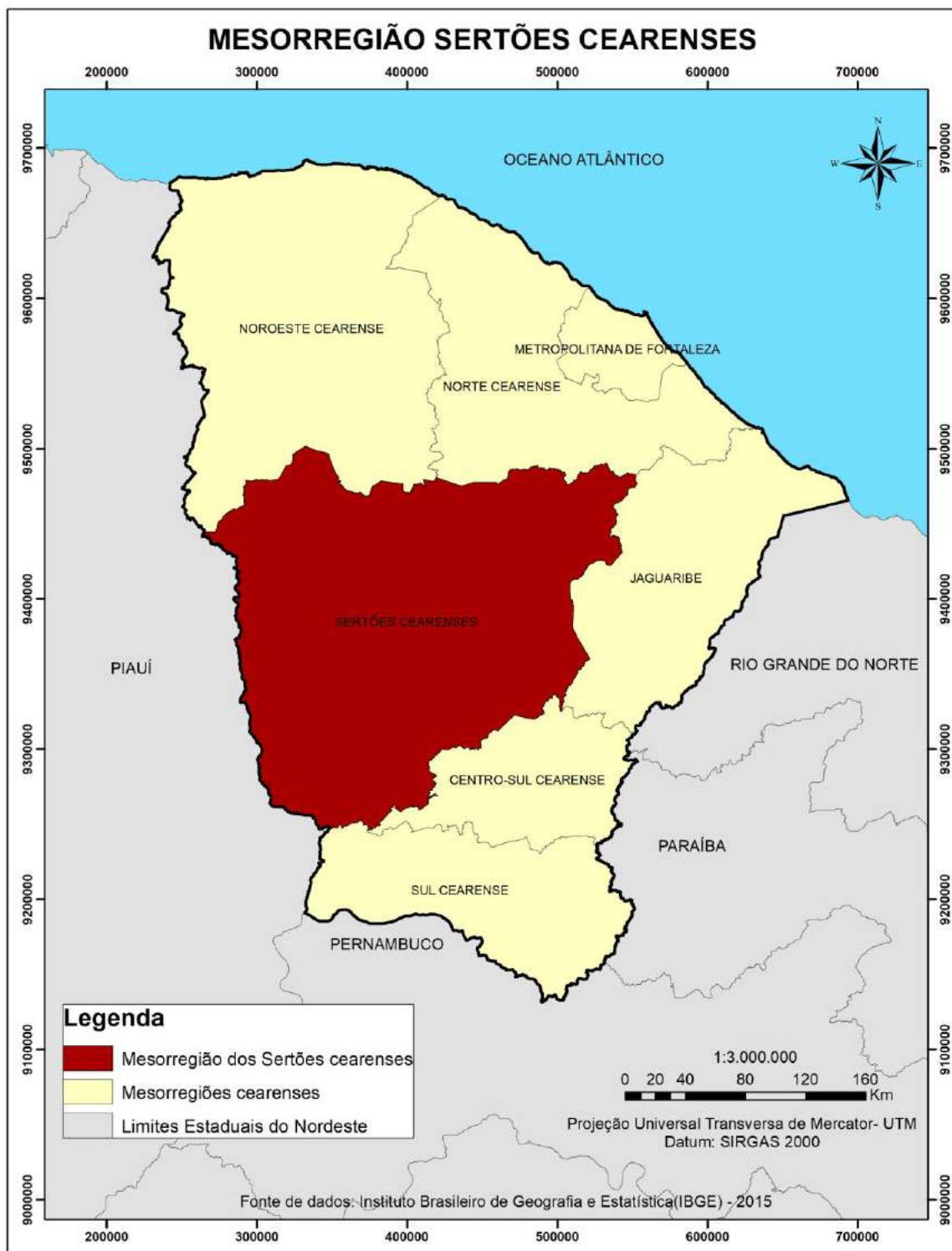
Com isso, estes relatórios possibilitam a realização de estudos investigativos, correlacionando possíveis respostas às variáveis extralinguísticas. Um avanço para os estudos sociolinguísticos que carecem dessa interface entre a coleta geolinguística e o trato dos elementos socioculturais.

4.7.2 A produção do atlas linguístico

Após toda a descrição da metodologia desenvolvida para a realização do atlas, chegou-se à etapa em que se produz efetivamente. Sendo assim, seguiu-se duas etapas: a primeira diz respeito à identificação geográfica da localidade em estudo e a segunda, às cartas linguísticas de acordo com o tipo de atlas a ser desenvolvido.

Dessa forma, elaborou-se o primeiro grupo de mapas para referenciar geograficamente os Sertões Cearenses tanto dentro do Estado do Ceará, quanto dentro do Brasil, como podemos observar no mapa 7.

Mapa 7. Os Sertões Cearenses dentro do Estado do Ceará



FONTE: Caroline Amorim (2018)

O mapa 8 refere-se à mesorregião dentro do país.

Mapa 8. Os Sertões Cearenses dentro do Brasil



FONTE: Caroline Amorim (2018)

4.7.3 Considerações sobre a produção das cartas linguísticas

A segunda etapa, descrita no capítulo 4, são as cartas linguísticas que compõem este atlas, as quais estão divididas em 02 blocos. Antes da exposição das cartas, há uma pequena apresentação orientando como elas devem ser lidas.

O primeiro diz respeito ao conjunto de cartas semântico-lexicais composto por 80 itens escolhidos a partir dos itens semântico-lexicais cartografados nos 03 atlas produzidos no Estado do Ceará. Dessa forma, o leitor poderá fazer uma comparação entre as realizações semântico-lexicais deste atlas e os demais. Este bloco inicia-se com uma tabela de identificação de cada carta semântico-lexical, como veremos a seguir.

O segundo bloco refere-se ao conjunto de cartas morfossintáticas composto por 30 itens que caracterizam a forma como o cearense produz sintaticamente suas frases. Este bloco segue o mesmo padrão do anterior, sendo precedido por uma tabela de identificação de cada carta morfossintática.

Já no capítulo 5, após a exposição do atlas, foram realizadas algumas breves análises sobre os aspectos mais relevantes obtidos a partir das cartas produzidas, levando-se em consideração as hipóteses iniciais e os objetivos específicos deste empreendimento.

5 ATLAS LINGUÍSTICO DOS SERTÕES CEARENSES (ALSCE)

5.1 Apresentação

Este capítulo é destinado à apresentação dos dados coletados na pesquisa por meio de cartas linguísticas produzidas pela ferramenta operacional [SGVCLin] – Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas. Trata-se de cartas que representam a variação lexical e morfossintática da mesorregião Sertões Cearenses do Estado do Ceará.

As cartas geradas são diatópicas representadas a partir de um mapa-base da região com suas dimensões geográficas em escalas, além de um pequeno mapa de localização que se encontra no lado direito superior do mapa. Além das informações sobre a localização geográfica da região, o mapa-base fornece o nome do atlas, as divisões territoriais das quatro microrregiões que compõem os Sertões Cearenses e os pontos de inquérito. Com base nessa estrutura fixa e os dados cadastrados no sistema, a ferramenta gerou as cartas linguísticas de acordo com o item lexical ou morfossintático solicitado.

Dessa forma, as informações contidas em cada carta estão descritas abaixo.

A carta possui um mapa na posição centro-esquerda com os pontos das localidades e um gráfico em forma de pizza abaixo de cada ponto, representando as realizações por localidade em cores diferentes.

Ainda dentro do mapa, encontram-se informações sobre o nome do atlas na parte superior centralizado, as informações geográficas no lado direito canto superior e inferior, um gráfico destacando a porcentagem das realizações linguísticas e o nome da ferramenta de produção, [SGVCLin].

Na posição direita da carta, externa ao mapa-base, encontram-se as informações sobre o nome da carta linguística, o número e a pergunta do questionário utilizado e as realizações linguísticas na posição vertical. O nome da carta vem representado pela seguinte configuração: a palavra Carta, a letra L para as cartas semântico-lexicais e a letra M para as morfossintáticas, seguindo do número sequencial e o nome do item linguístico documentado. (Ex. Carta L01 RIACHO, Carta M02 ALFACE). Em algumas cartas, o número e a pergunta realizada para obtenção do dado estão dentro do mapa, logo acima do gráfico de porcentagem, para que haja mais espaço para as variantes coletadas de forma que o leitor possa entender a informação dada.

Quanto às variantes documentadas, elas são elencadas verticalmente dentro de uma legenda por ordem de realização. Assim as primeiras variantes são sempre as que obtiveram maior frequência. Além disso, são categorizadas por cores diferentes que aparecem das mais vibrantes às mais frias de acordo com a frequência de realização, sempre da maior para a menor. No entanto, quando ultrapassa o número de 10 variantes, o sistema associa essa informação a *outros* atribuindo a cor cinza para as demais. Em algumas cartas, a informação *outros* vem suprimindo as demais variantes coletadas; já em outras essas variantes estão presentes no corpo da carta com a cor cinza.

Por fim, algumas cartas possuem notas explicativas que atestam informações sobre Respostas não produtivas (RNP), realizações de algumas variantes, esclarecimentos sobre a produção de certas variantes, dados de realização dos informantes, realizações fonéticas e curiosidades sobre alguns dados linguísticos. Essas notas foram colocadas logo abaixo de cada carta equivalente.

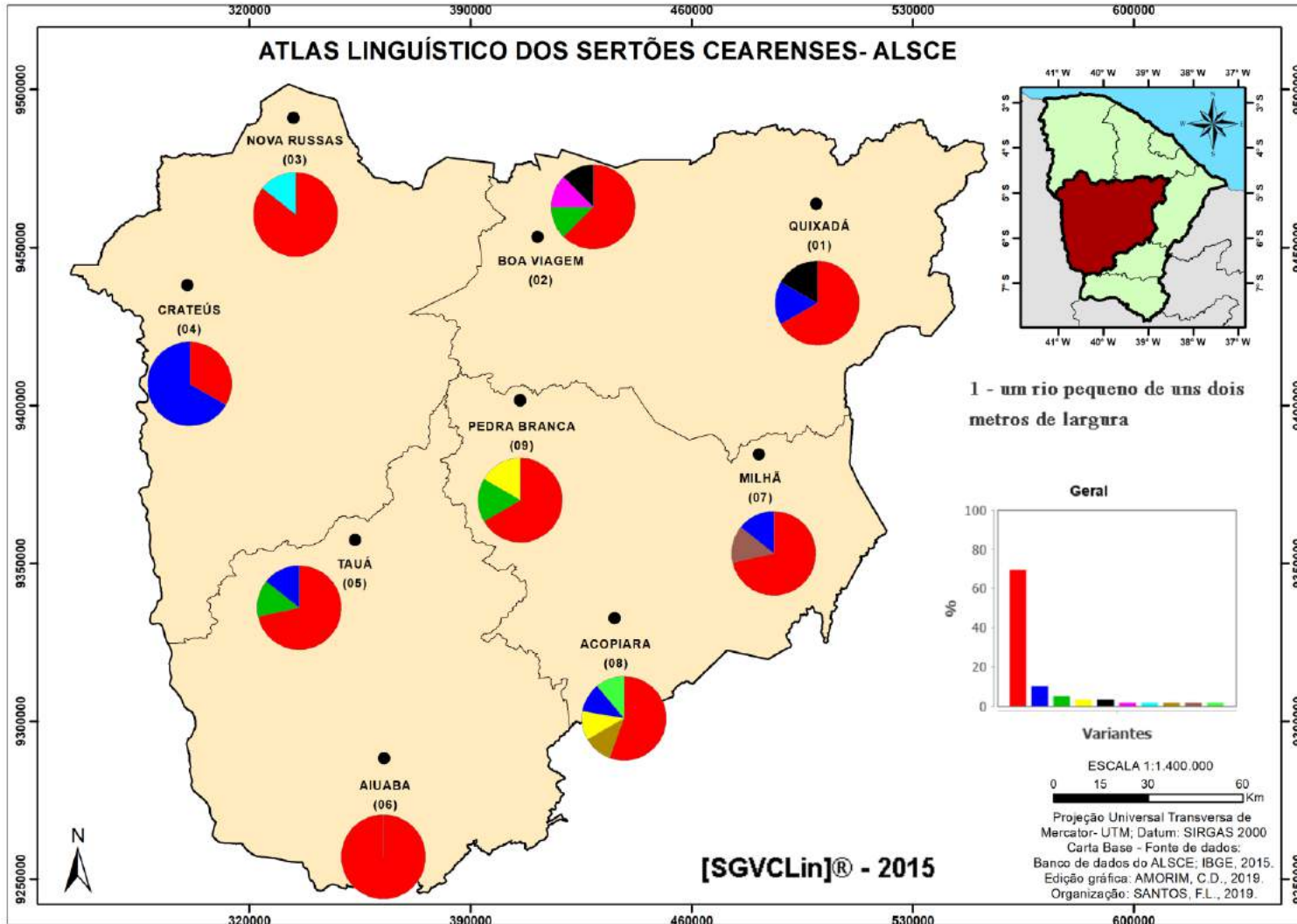
Há, ainda, a lista das cartas com seus respectivos nomes, representando o sumário tanto das cartas semântico-lexicais como das morfossintáticas do atlas. Logo em seguida, encontra-se a relação dos 80 itens semântico-lexicais cartografados com suas respectivas notas explicativas, bem como os 30 itens morfossintáticos seguindo o mesmo conceito.

5.2 Cartas semântico-lexicais

Carta L 1 Riacho	118
Carta L 2 Ponte.....	120
Carta L 3: Redemoinho (de água)	122
Carta L 4: Corrente.....	124
Carta L 5. Redemoinho (de vento)	126
Carta L 6. Relâmpago	127
Carta L 7. Raio	129
Carta L 8. Tempestade.....	130
Carta L 9. Tempestade (chuva rápida).....	131
Carta L 10. Tempestade (temporal).....	133
Carta L 11. Granizo	135
Carta L 12. Casamento da Raposa	137
Carta L 13. Arco-íris	139
Carta L 14. Neblina.....	140
Carta L 15. Terra umedecida pela chuva.....	142
Carta L 16. Orvalho.....	144
Carta L 17. Névoa	145
Carta L 18. Alvorada	147
Carta L 19. Boca da Noite.....	149
Carta L 20. Estrela cadente	150
Carta L 21. Antes de ontem.....	151
Carta L 22. Antes de antes de ontem.....	153
Carta L 23. Mangará	155
Carta L 24. Cabos.....	156
Carta L 25. Canga	158
Carta L 26. Caçua.....	159
Carta L 27. Mala	161
Carta L 28. Borrego.....	162
Carta L 29. Trabalhador	164
Carta L 30. Caminho	165
Carta L 31. Vereda.....	166
Carta L 32. João-de-barro.....	168
Carta L 33. Capote	171
Carta L 34. Sura	172
Carta L 35. Bico	173
Carta L 36. Patas dianteiras.....	174
Carta L 37. Lombo	175
Carta L 38. Garupa	177
Carta L 39. Úbere	178
Carta L 40. Manco.....	180
Carta L 41. Libélula	181
Carta L 42. Tapuru.....	183
Carta L 43. Pálpebras	184
Carta L 44. Cisco.....	185
Carta L 45. Zanolho	188
Carta L 46. Meleca	190
Carta L 47. Nuca	191
Carta L 48. Gogó.....	192

Carta L 49. Axila	193
Carta L 50. Sovaqueira.....	195
Carta L 51. Útero.....	197
Carta L 52. Cambota	199
Carta L 53. Tornozelo.....	201
Carta L 54. Parir	203
Carta L 55. Caçula.....	204
Carta L 56. Menino	205
Carta L 57. Menina	207
Carta L 58. Tagarela	208
Carta L 59. Miserável.....	210
Carta L 60. Corno.....	212
Carta L 61. Prostituta	213
Carta L 62. Bêbado	215
Carta L 63. Ponta-de-cigarro	217
Carta L 64. Diabo	219
Carta L 65. Alma	220
Carta L 66. Macumba.....	221
Carta L 67. Presépio	223
Carta L 68. Cambalhota	225
Carta L 69. Bila	226
Carta L 70. Pega-pega	228
Carta L 71. Tramela.....	229
Carta L 72. Vaso sanitário	232
Carta L 73. Fuligem	233
Carta L 74. Café da manhã.....	235
Carta L 75. Canjica	236
Carta L 76. Esbaforido	238
Carta L 77. Guloso	240
Carta L 78. Presilha.....	242
Carta L 79. Terreno	244
Carta L 80. Bar.....	245

Carta L 1 Riacho



CARTA L01 - RIACHO

NOTAS

O item lexical RASO é uma resposta insegura dada pelo informante masculino, faixa etária 1, de nível médio da localidade de Boa Viagem (INF 02.1):

INQ.: Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

Não sei. (risos)

INQ: Mais você nunca viu um rio pequeno?

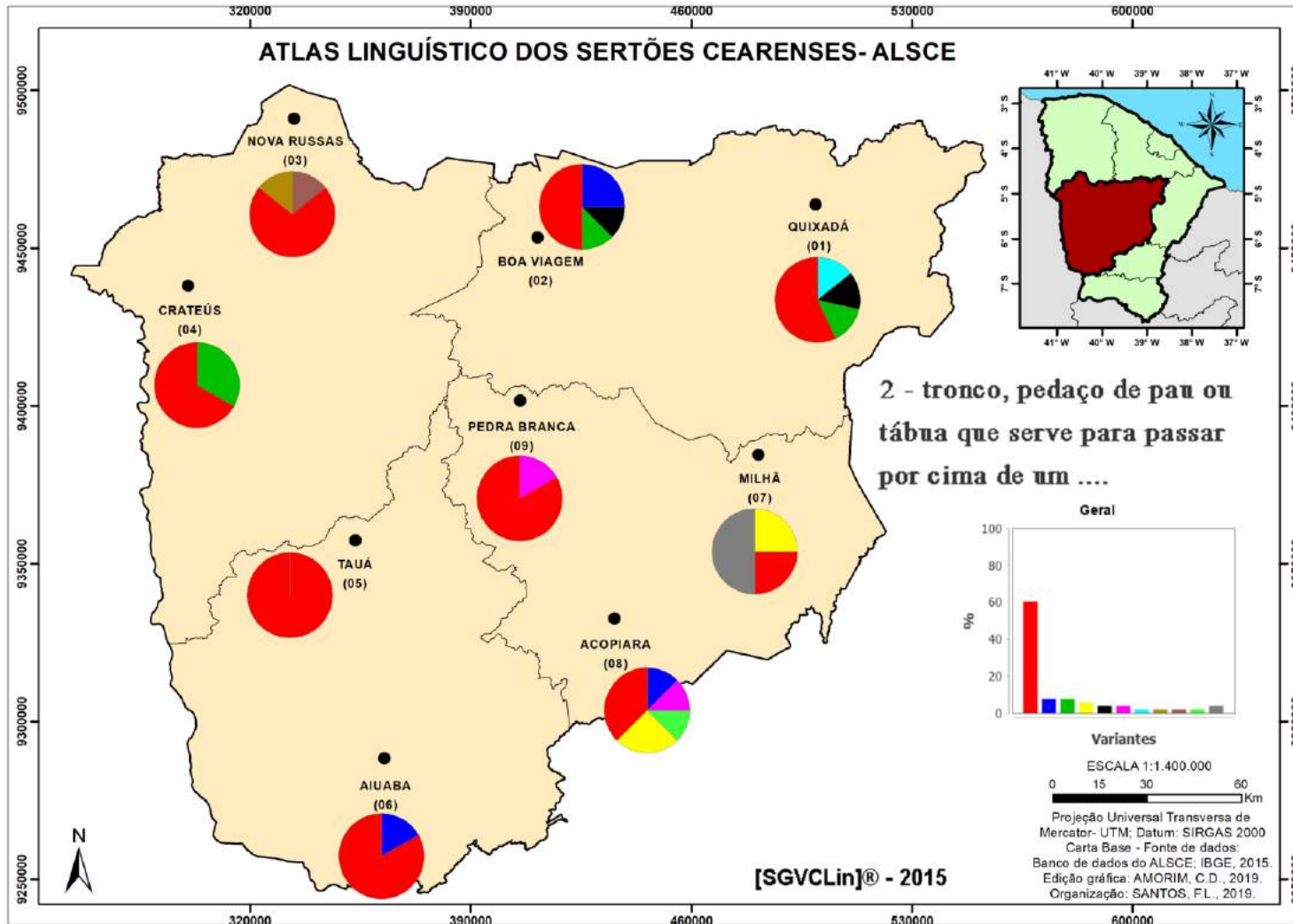
INF: Já, mais eu não sei assim o, né?

INQ: é quando ele é, você vê uma água corrente que é pequeno que dá pra passar a pé, como é que você chama esse lugar? Esse, essa água corrente?

INF: raso? INQ: hunrum.

Todos os informantes de escolaridade Nível Médio, da localidade de Crateús, não souberam responder a esta pergunta (INF 04.1, 04.2, 04.3 e 04.4).

Carta L2 Ponte



CARTA L02 - PONTE

Legenda

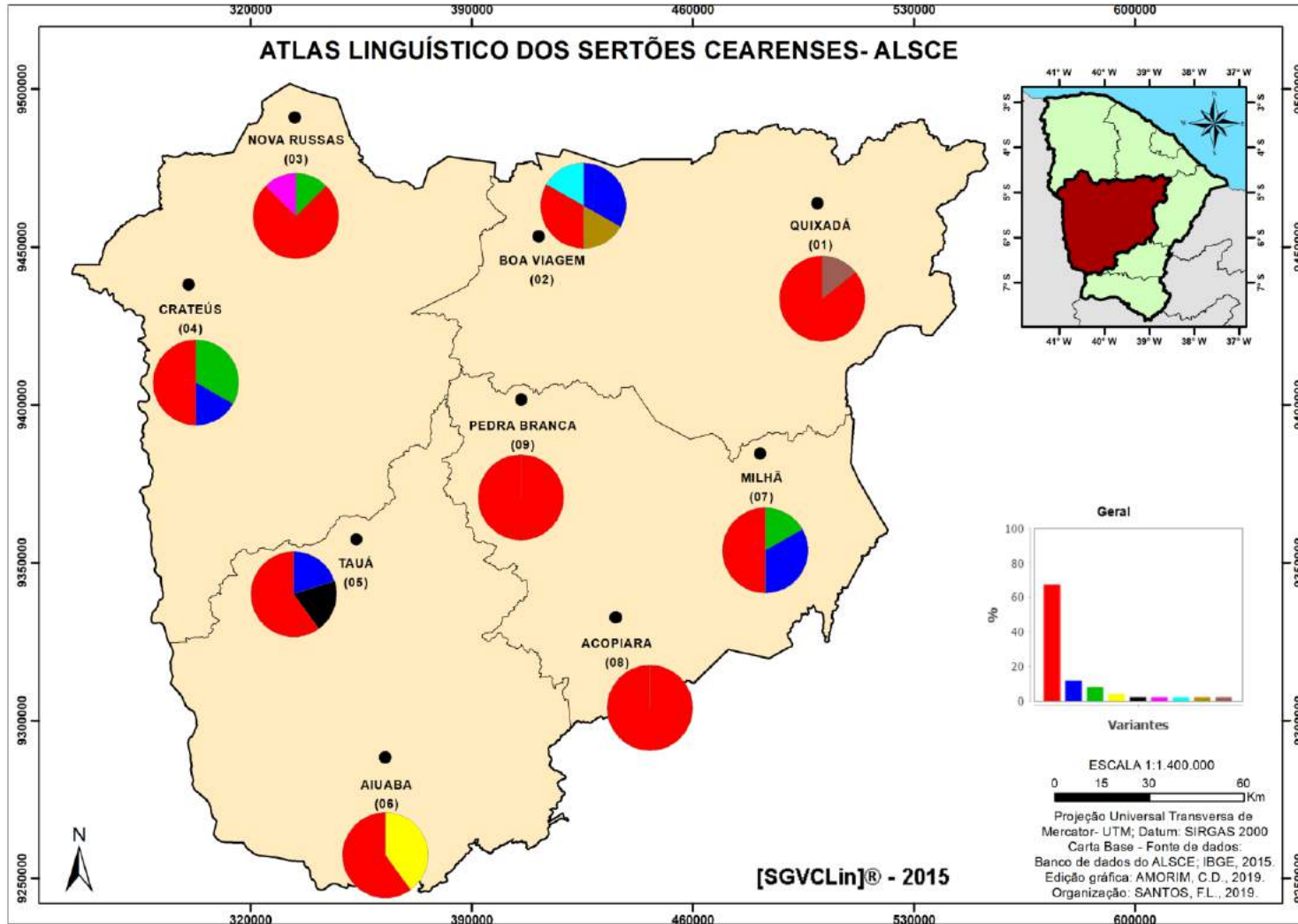
- Ponte
- Passarela
- Tronco
- Tábua
- Madeira/ Ponte de Madeira
- Cavalete
- Valeta
- Canoa
- Prancha
- Pinguela
- Outros

NOTAS

Outros registram respostas únicas dos informantes: *Oiticica* (INF 07.4) e *Uma porta* (INF 07.6).

No ponto 05 (Tauá), somente o informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio (INF 05.1), respondeu. Os demais não souberam responder.

Carta L 3: Redemoinho (de água)



Carta L03 - REDEMOINHO (de água)

4 - Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isso?

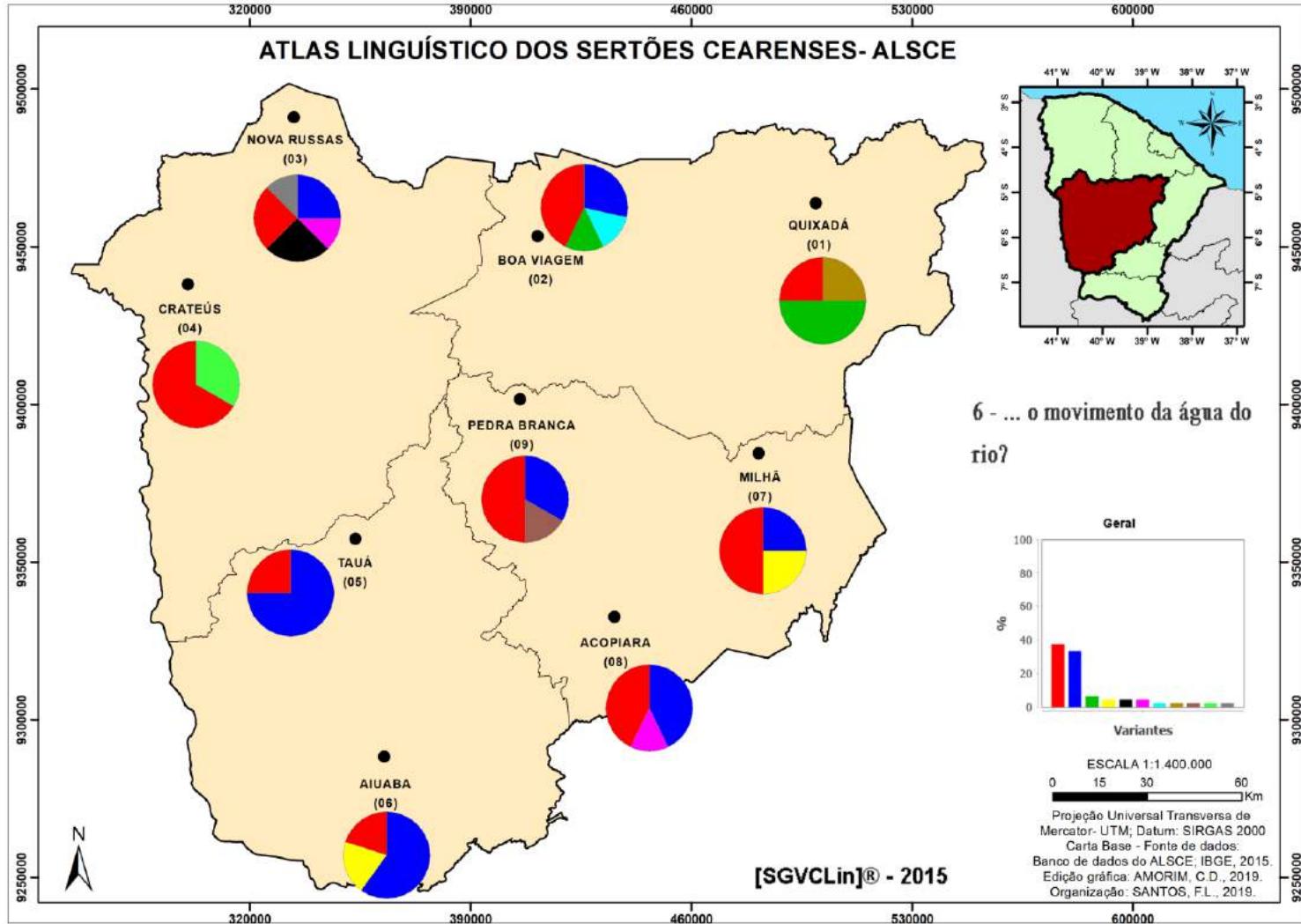
Legenda

- Redemoinho
- Remanso
- Funil
- Moinho
- Vossorooca
- Olho d' água
- Furacão
- Pororooca
- Parafuso

NOTA

Foram identificadas as seguintes variações fonéticas do item lexical redemoinho: *Redimuinho / Ridimoinho / Ridimunhim*.

Carta L4: Corrente

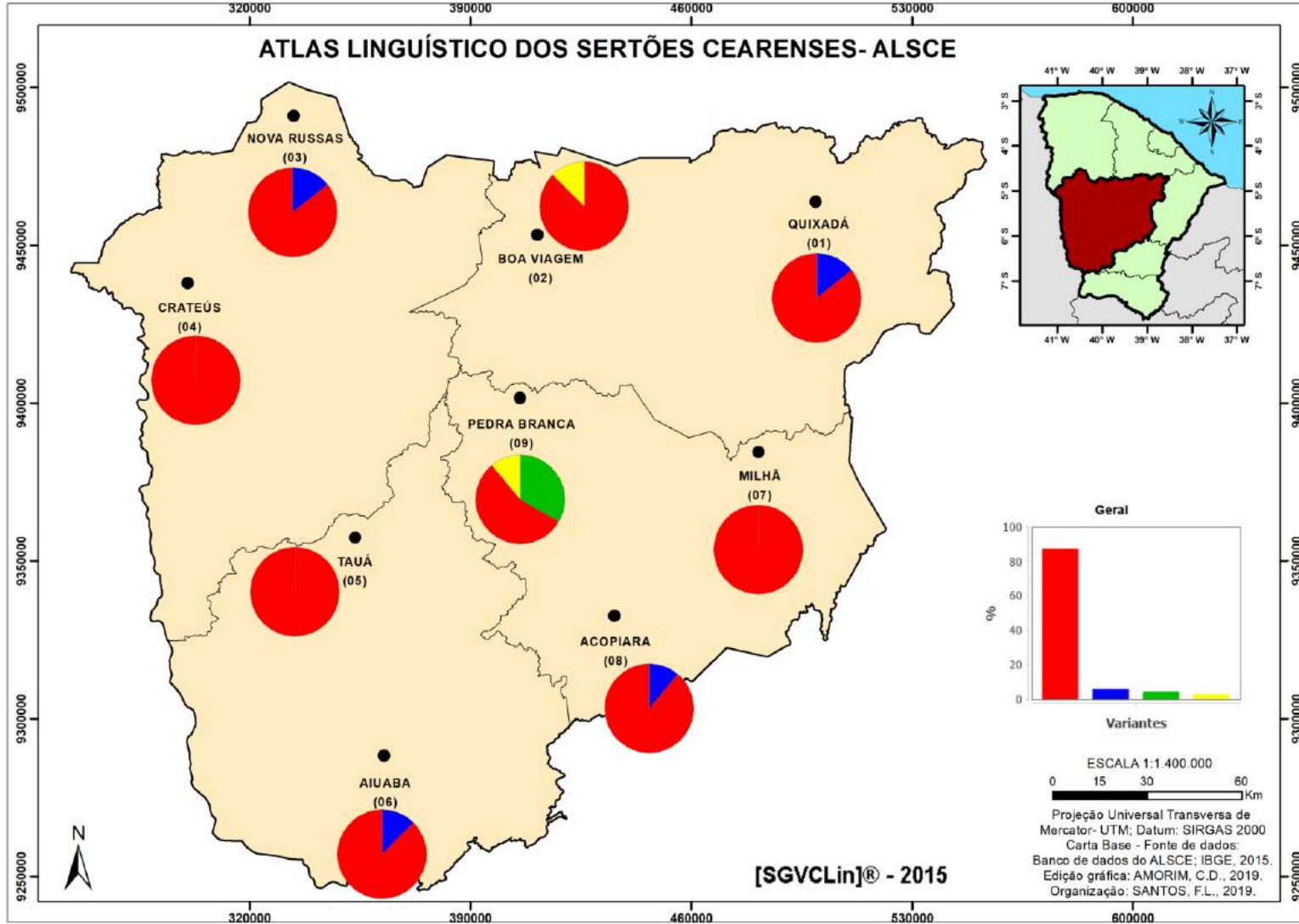


CARTA L04 - CORRENTE

NOTAS

Em *Outros*, encontramos a ocorrência *Enchente*, dita pelo informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Nova Russas (INF 03.3).

Carta L 5. Redemoinho (de vento)



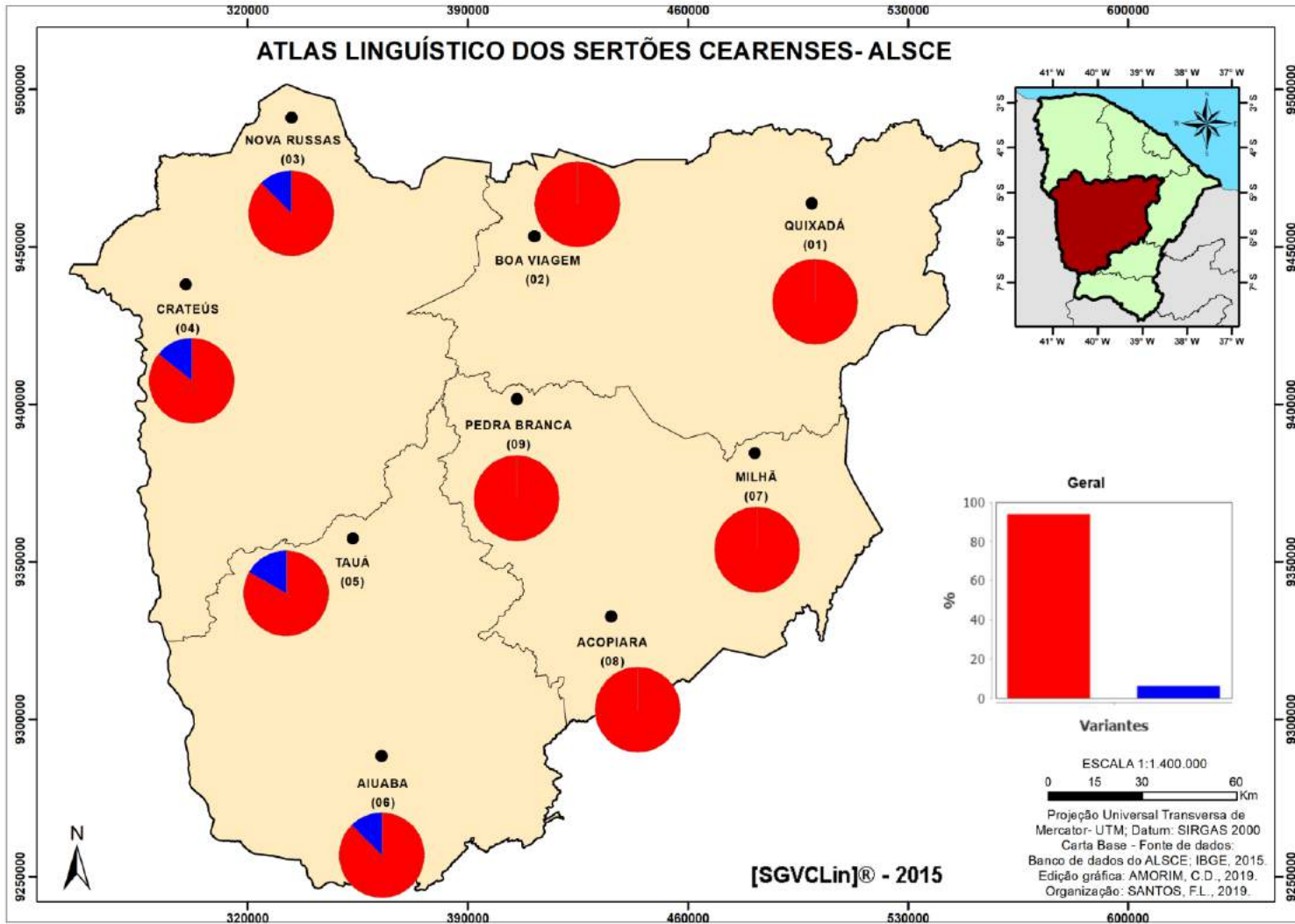
CARTA L05 - REDEMOINHO (de vento)

7 - ... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

NOTAS

Foram identificadas as seguintes variações fonéticas do item lexical redemoinho: *Redemonho / Redemuinho / Redimunho / Ridimuinho / Ridimuim*.

Carta L 6. Relâmpago



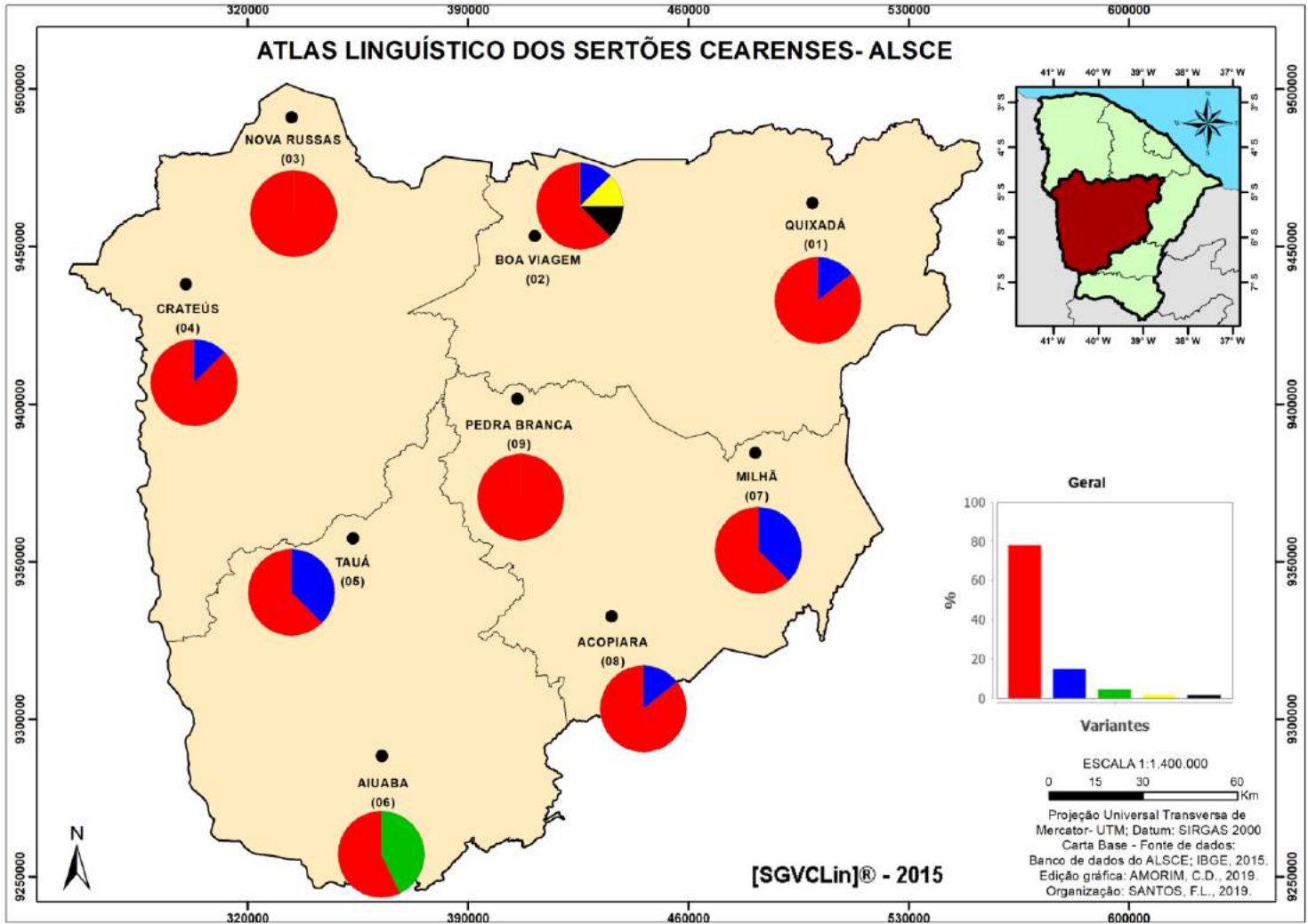
CARTA L06 - Relâmpago

8 - ... um clarão que surge no céu em dias de chuva?

Legenda

- Relâmpago
- Raio

Carta L 7. Raio



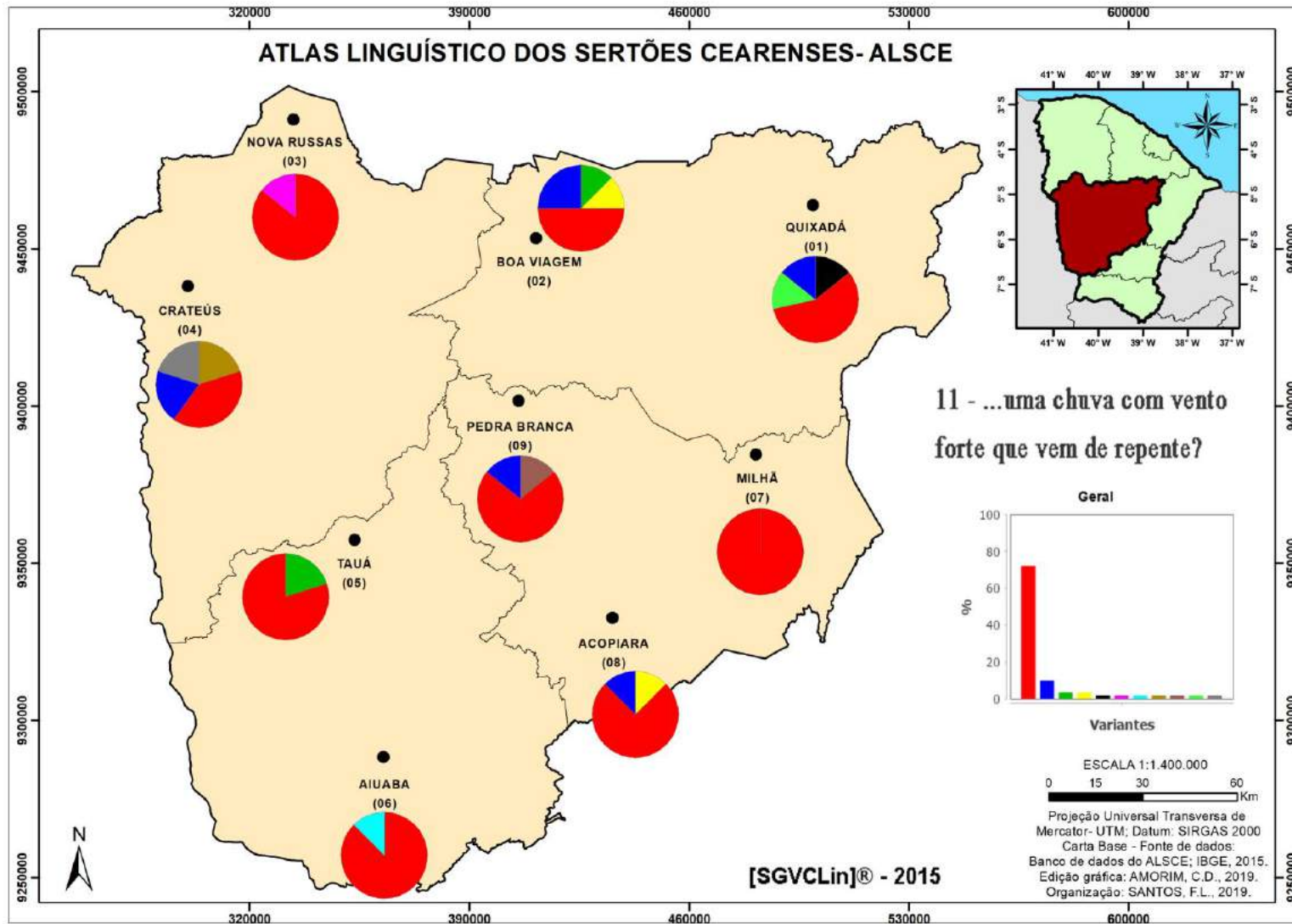
CARTA L07 - RAIIO

9 - ... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mal tempo?

Legenda

- Raio/Raios
- Relâmpago
- Curisca/ Curisco
- Chorisco
- Nevoeiro

Carta L 8. Tempestade

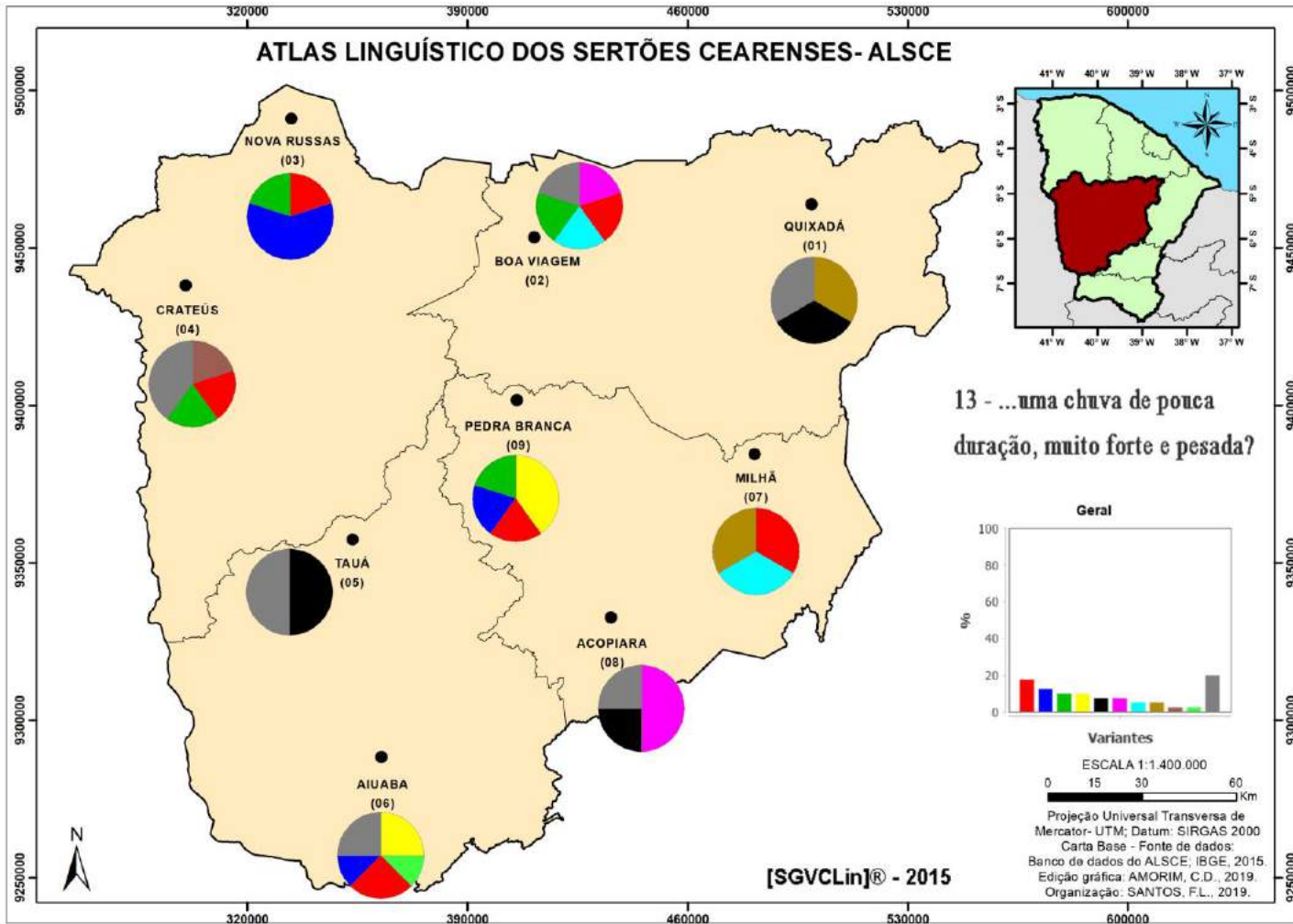


CARTA L08 - TEMPESTADE

Legenda

- Tempestade
- Vendaval
- Chuva com ventania
- Temporal
- Chuva
- Chuva muito grossa
- Temporada
- Trovoada
- Ventania
- Pancadas de chuva
- Outros

Carta L 9. Tempestade (chuva rápida)



CARTA L09 - TEMPESTADE (Chuva rápida)

Legenda

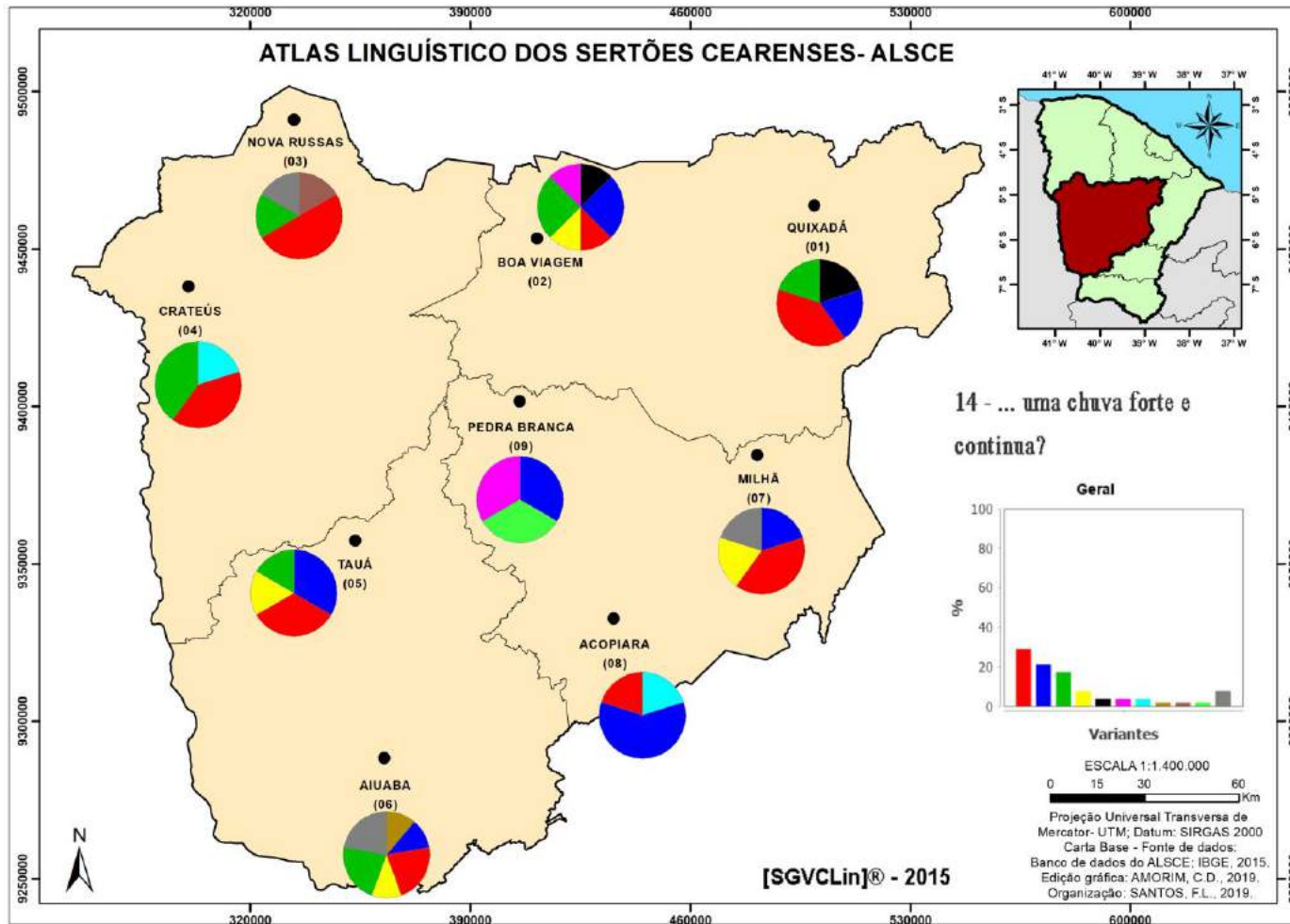
- Tempestade
- Chuva grossa rápida/ Chuva rápida / Muito rápida
- Chuva forte
- Chuva passageira
- Pancada de chuva / Pancadas de chuva
- Temporal
- Chuva grossa
- Toró
- Inverno
- Queda d'água
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Chuva* (INF 01.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Quixadá); *Coisa passageira* (INF 02.2 – informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem); *Cair a casca* (INF 04.7 – informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Crateús); *Torrente* (INF 04.8 – informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Crateús); *Vendaval* (INF 05.4 – informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Tauá); *Chuvada* (INF 06.6 – informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Aiuaba); *Chuva grande* (INF 06.7 – informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Aiuaba), e *Chuva moderada* (INF 08.5 – informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Acopiara).

Apesar do variado número de realizações para a pergunta semasiológica, quase 50% dos informantes não lembraram ou não souberam responder.

Carta L 10. Tempestade (temporal)



CARTA L10 - TEMPESTADE (TEMPORAL)

Legenda

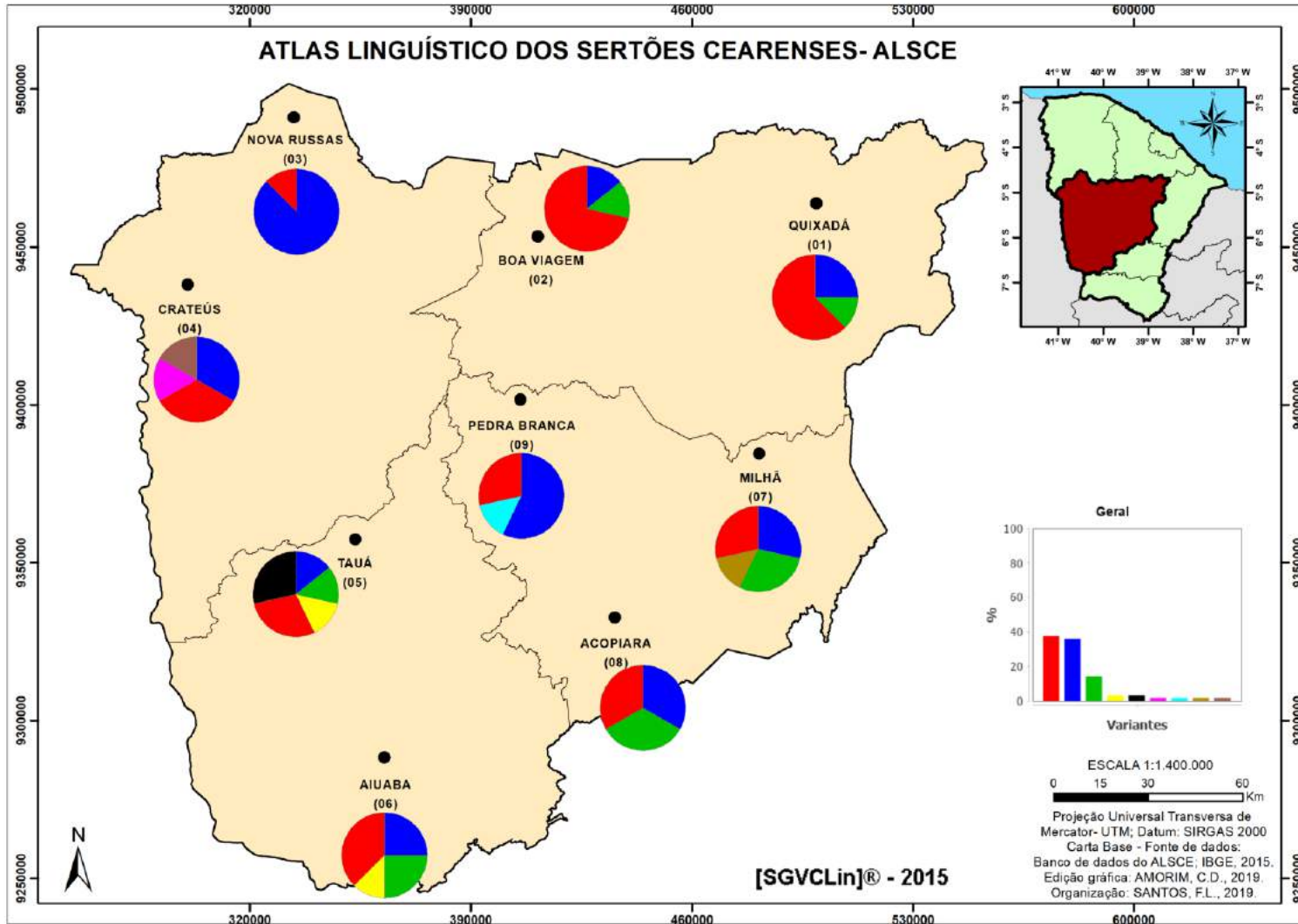
- Tempestade
- Temporal
- Chuva
- Chuva grande/ Grande chuva
- Torrente
- Chuva pesada
- Dilúvio
- Pé d'água
- Chuva boa
- Inverno
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Demorada* (INF 03.6 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Nova Russas); *Chuva grossa* (INF 06.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Aiuaba); *Chuva torrencial* (INF 06.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Aiuaba), e *Chuvão* (INF 07.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Milhã).

Pedra Branca foi a localidade onde não tivemos nenhuma realização entre o grupo dos informantes de escolaridade de Nível Médio.

Carta L 11. Granizo



CARTA L11 - GRANIZO

15 - Durante uma chuva, pode cair bolinhas de gelo como chamam essa chuva ?

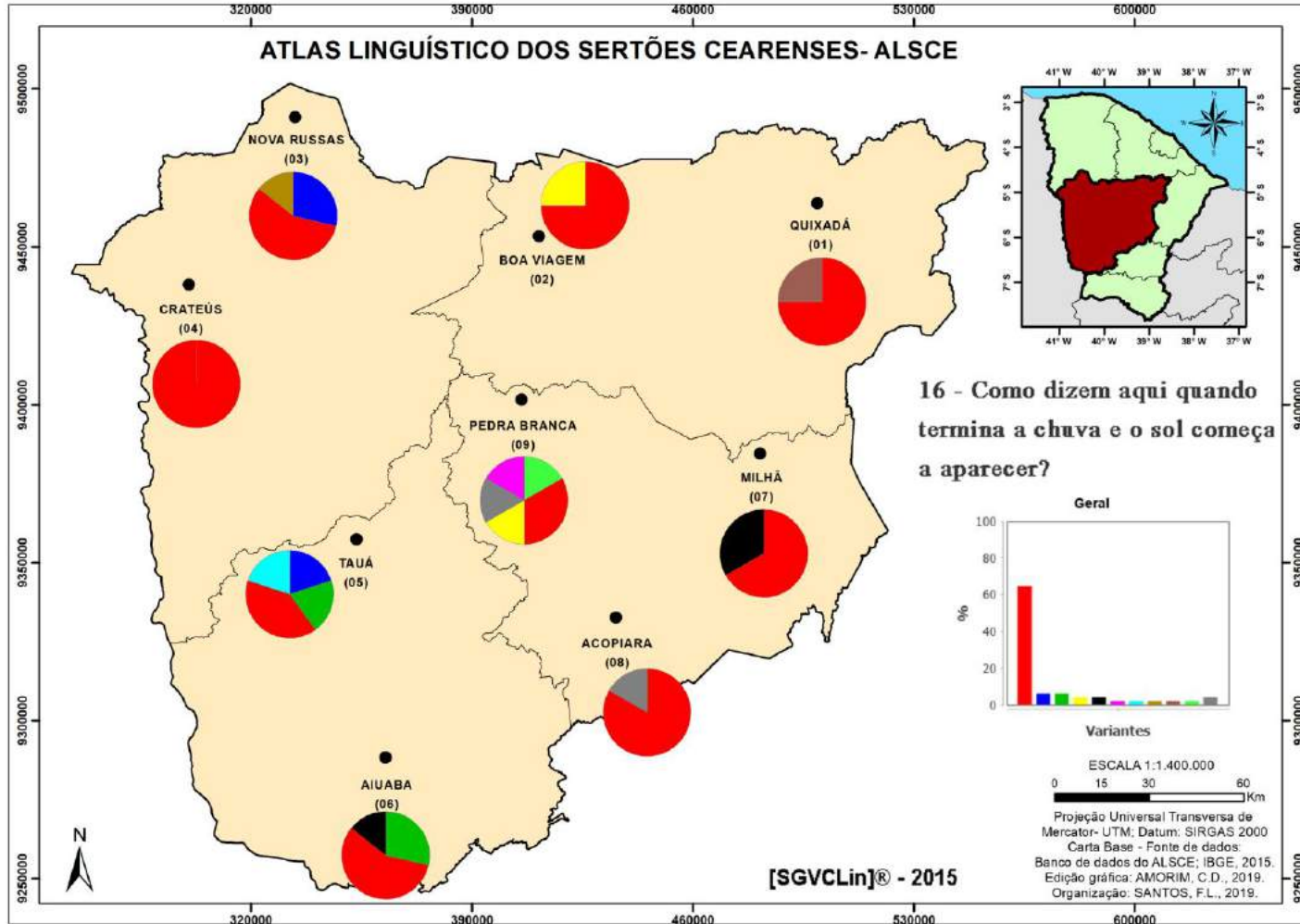
Legenda

- Granizo
- Chuva de granizo
- Chuva de pedra
- Chuva de pedra de gelo
- Nevado
- Nevando
- Geadas
- Chuva com granizo
- Chuva de gelo

NOTAS

Foram identificadas as seguintes variações fonético-fonológicas do item lexical Granizo: *Granito / Chuva de granito*.

Carta L 12. Casamento da Raposa



CARTA L12 - CASAMENTO DA RAPOSA

Legenda

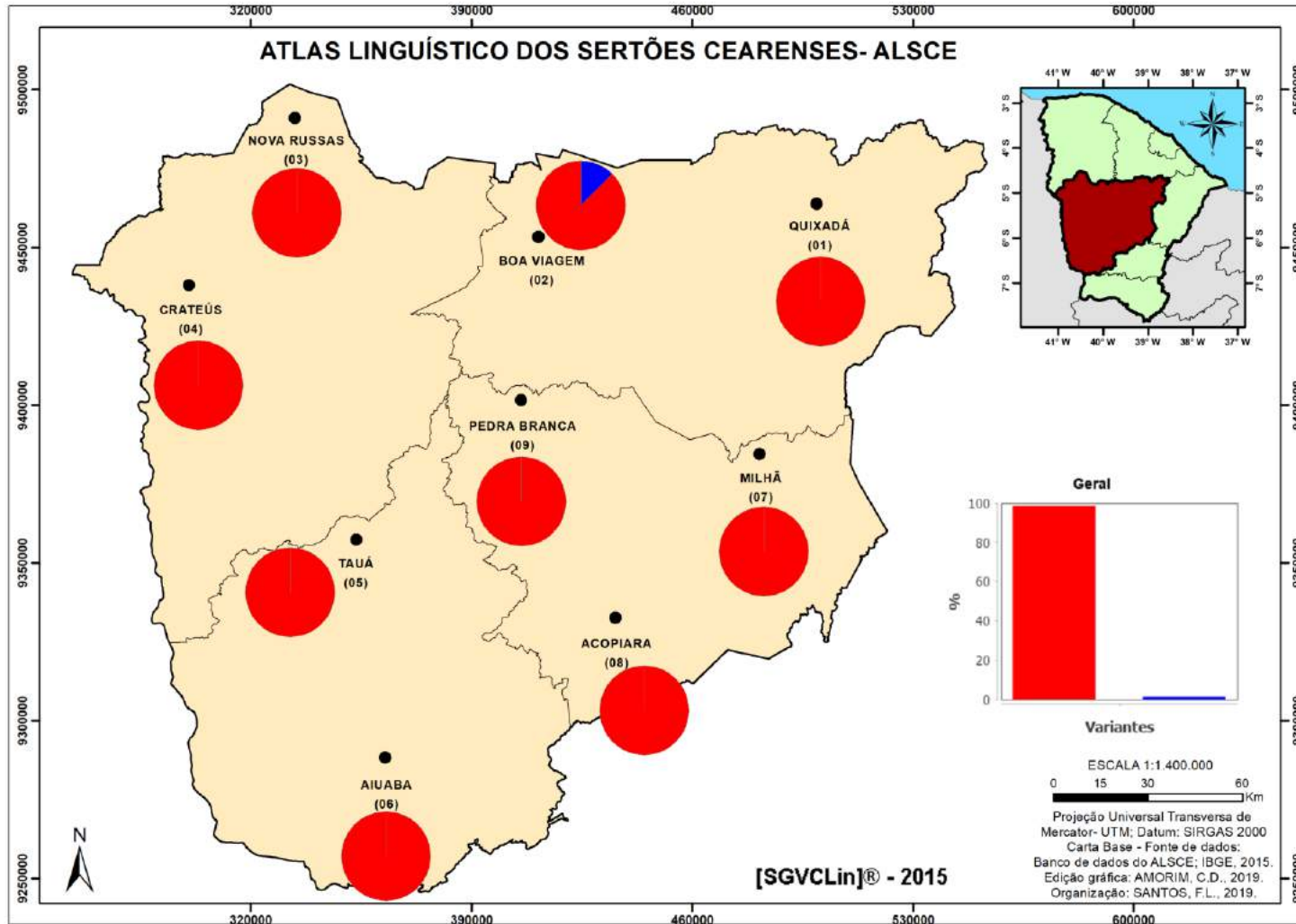
- Casamento da raposa/ Casamento de raposa
- Céu abriu/ Céu se abriu/ O céu tá se abrindo
- Estiado / Estiagem/ Estiou
- Raposa casando / Tá casando a raposa
- Tempo abrindo / Tempo abriu
- Nublado
- Vem chuva mais forte
- Casamento de viúva
- Mormaço.
- Sol tá saindo
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Raiá do sol* (INF 08.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Acopiara); *Sol quente* (INF 09.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Perda Branca), e *Tá casando a raposa* (INF 09.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Pedra Branca).

Milhã foi a localidade onde não tivemos nenhuma realização entre o grupo dos informantes de escolaridade de Nível Médio.

Carta L 13. Arco-íris



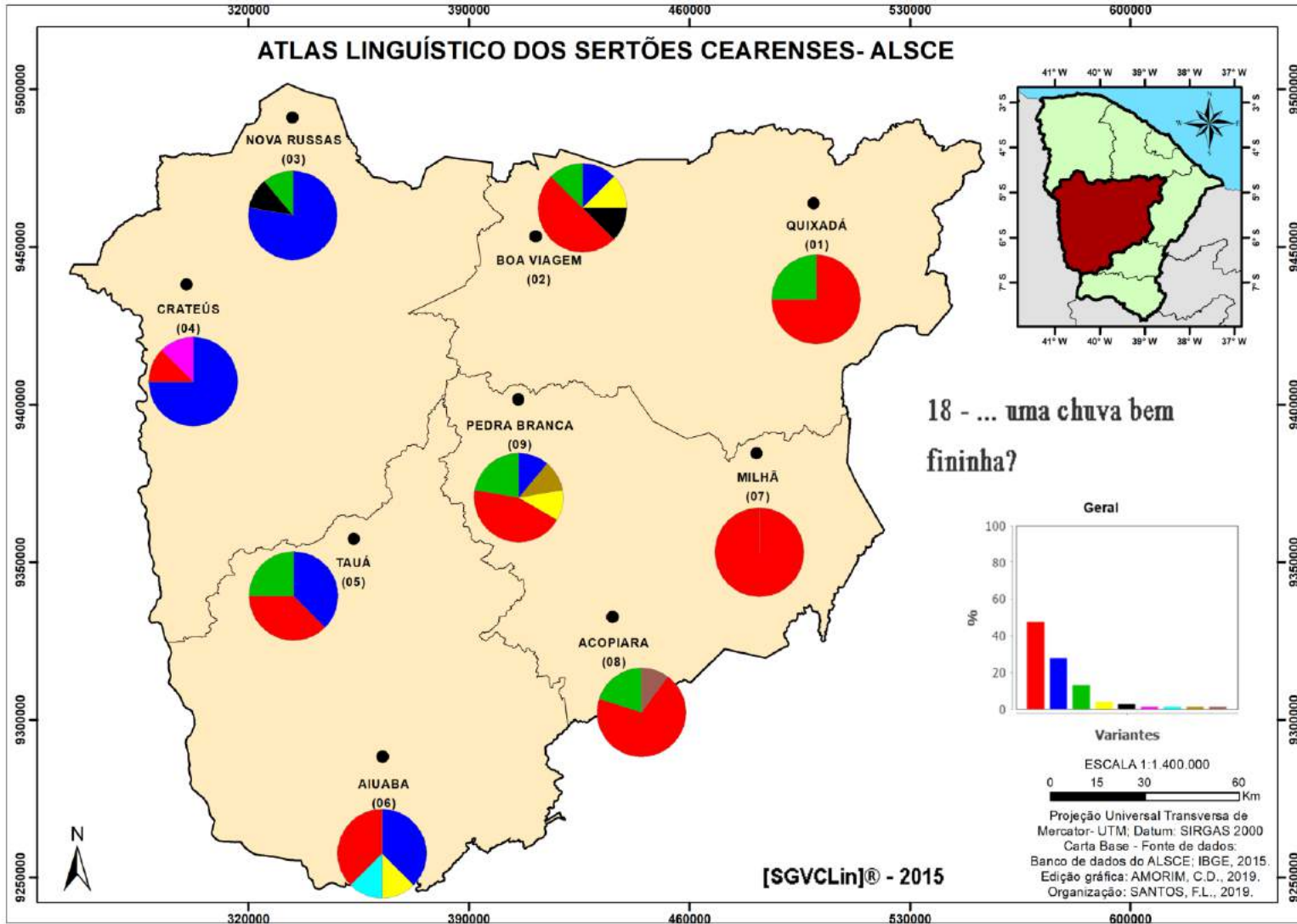
CARTA L13 - Arco-íris

17 - Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímicas) Que nomes dão a essa faixa?

Legenda

- Arco-íris
- Ocurismo

Carta L 14. Neblina

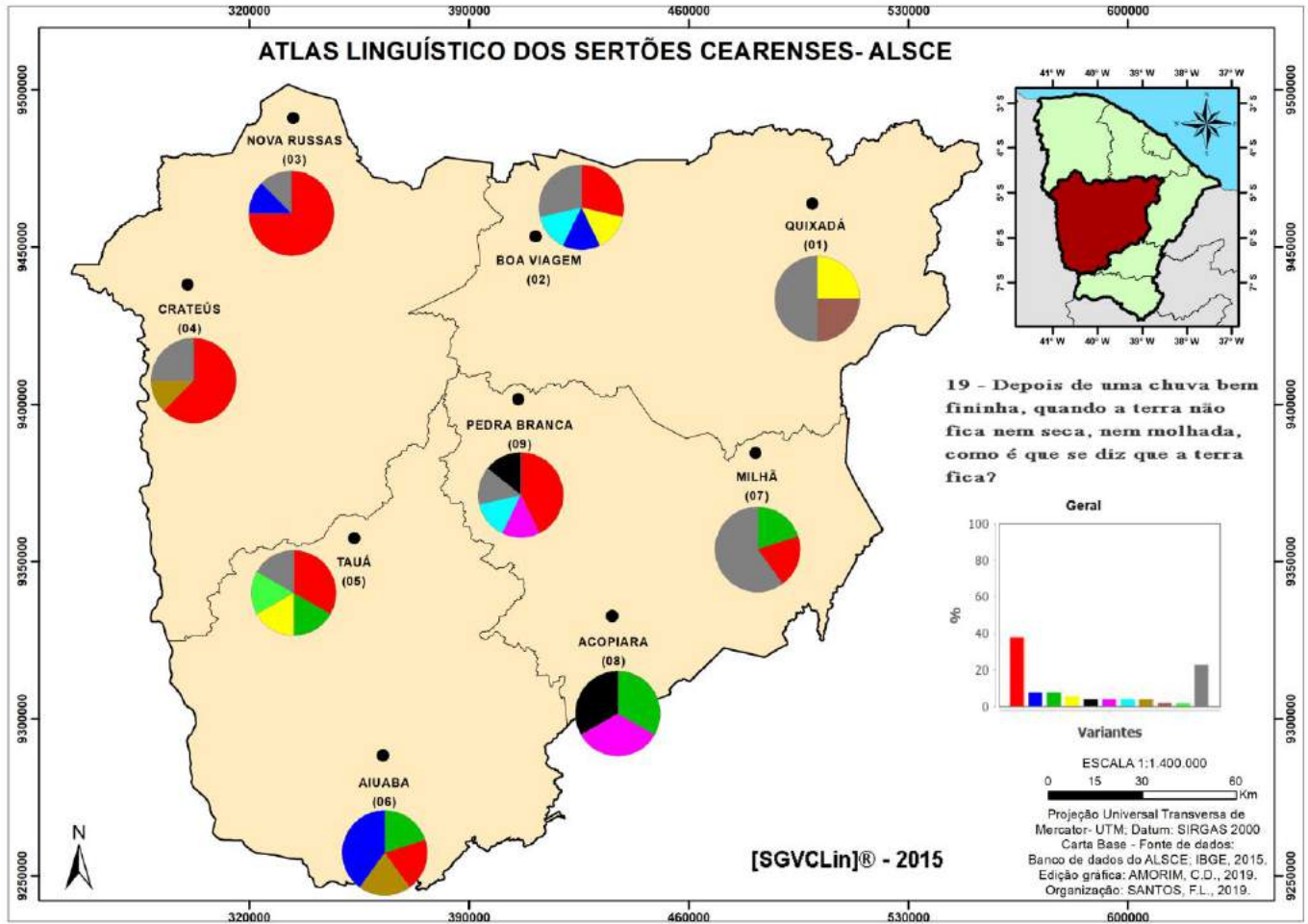


CARTA L14 - NEBLINA

NOTAS

Foram identificadas as seguintes variações fonéticas do item lexical Neblina: *Leblina / Lebrina*.

Carta L 15. Terra umedecida pela chuva



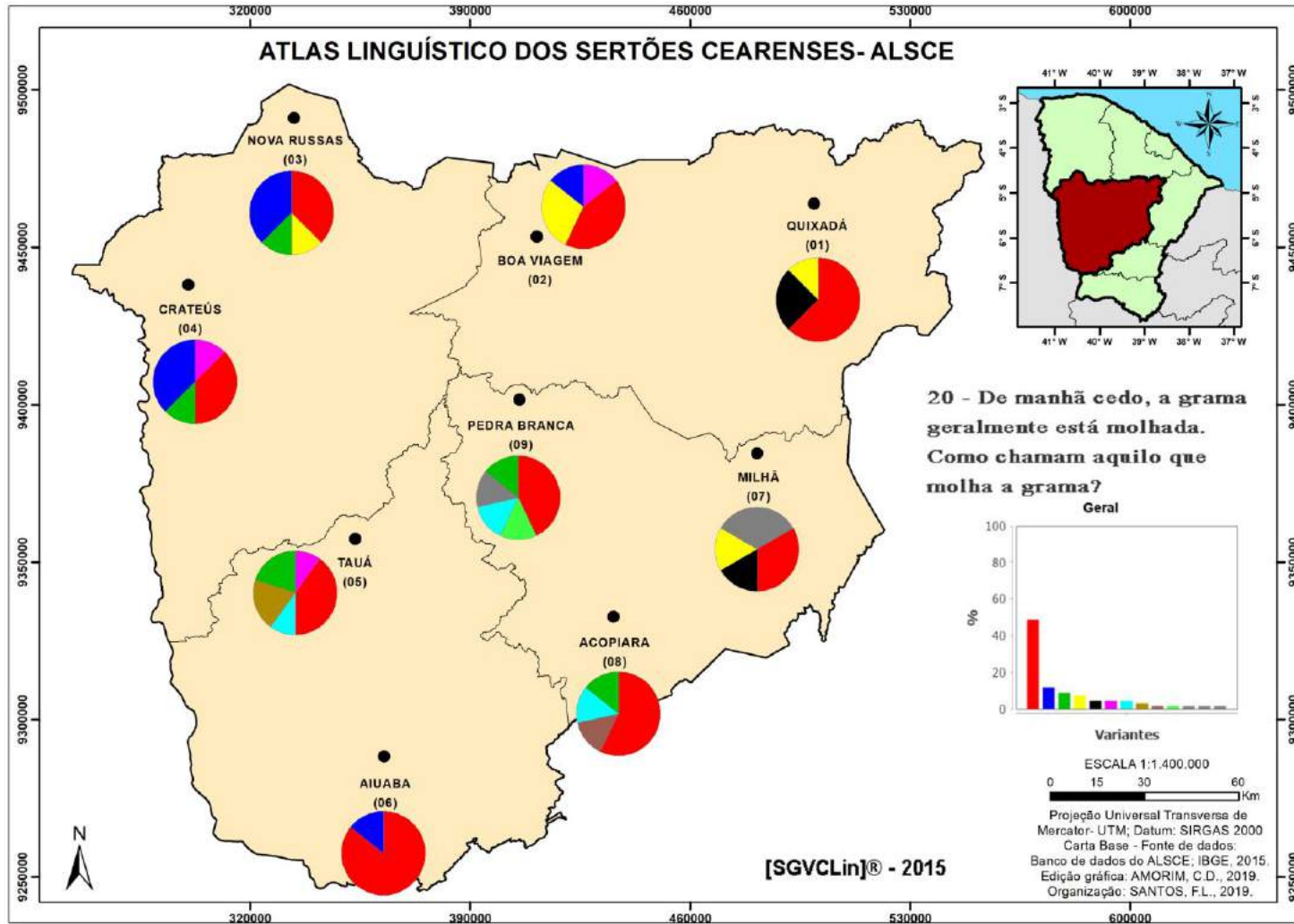
CARTA L15 - TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Mariada* (INF 01.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Quixadá); *Orvalhada* (INF 01.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Quixadá); *Bate a poeira da terra* (INF 02.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem); *Cheiro de terra* (INF 02.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem); *Esfriou a terra* (INF 03.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Nova Russas); *Chuvosa* (INF 04.4 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Crateús); *Umedecida* (INF 04.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Crateús); *Pastosa* (INF 05.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Tauá); *Enchovada* (INF 07.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Milhã); *Melou a capa da terra* (INF 07.6 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Milhã); *Terra molhada* (INF 07.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Milhã) e *Fértil* (INF 09.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Pedra Branca).

As localidades com o menor número de realizações foram Quixadá e Acopiara.

Carta L 16. Orvalho

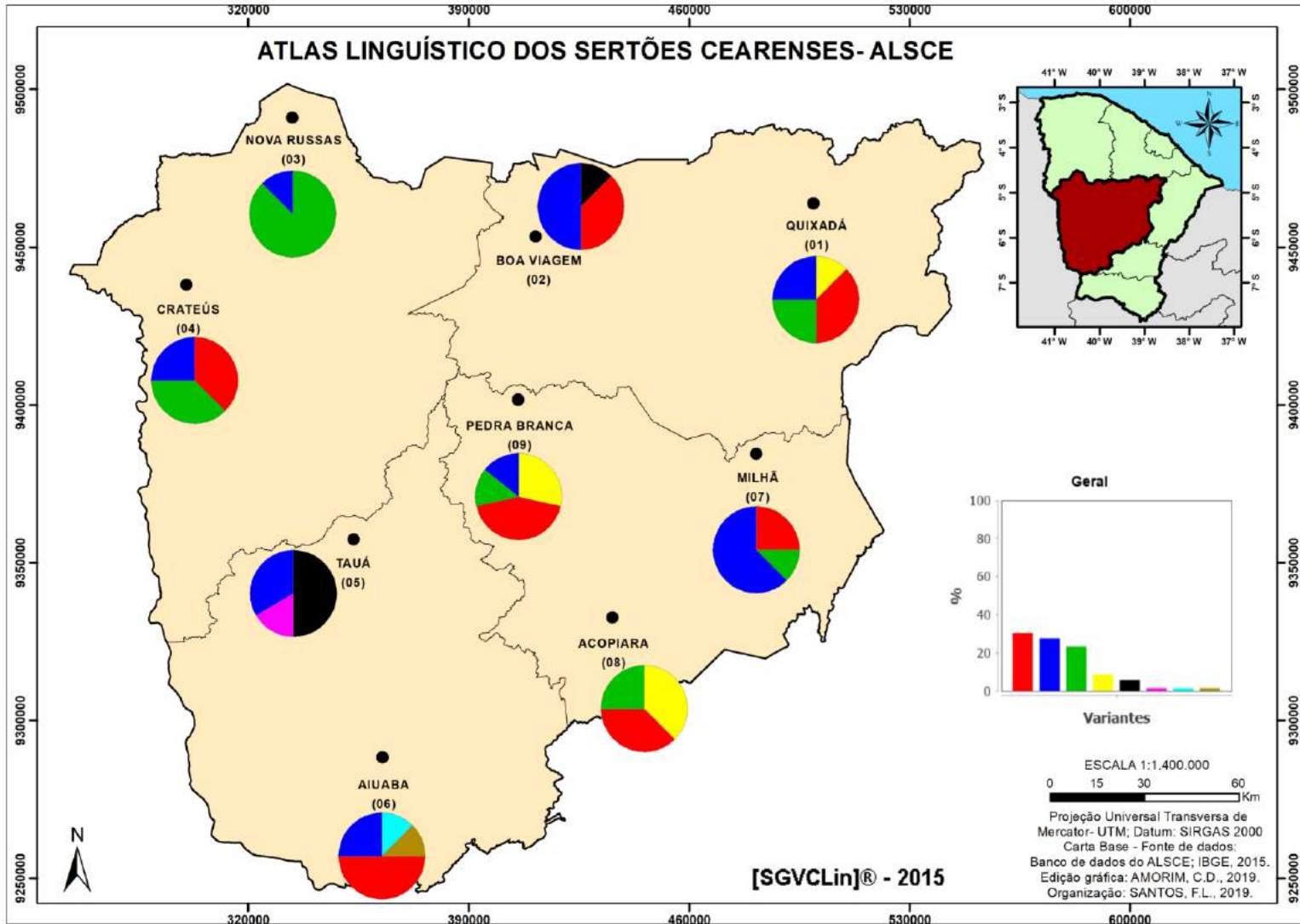


CARTA L16 - ORVALHO

Legenda

- Orvalho
- Sereno da noite
- Neblina
- Garoa
- Água
- Sereno
- Neblina da noite
- Orvalho da noite
- Relva
- Evaporação
- Mormaço
- Chuva
- Neve

Carta L 17. Névoa



CARTA L17 - Névoa

21 - Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, cobre tudo. Como chamam isso?

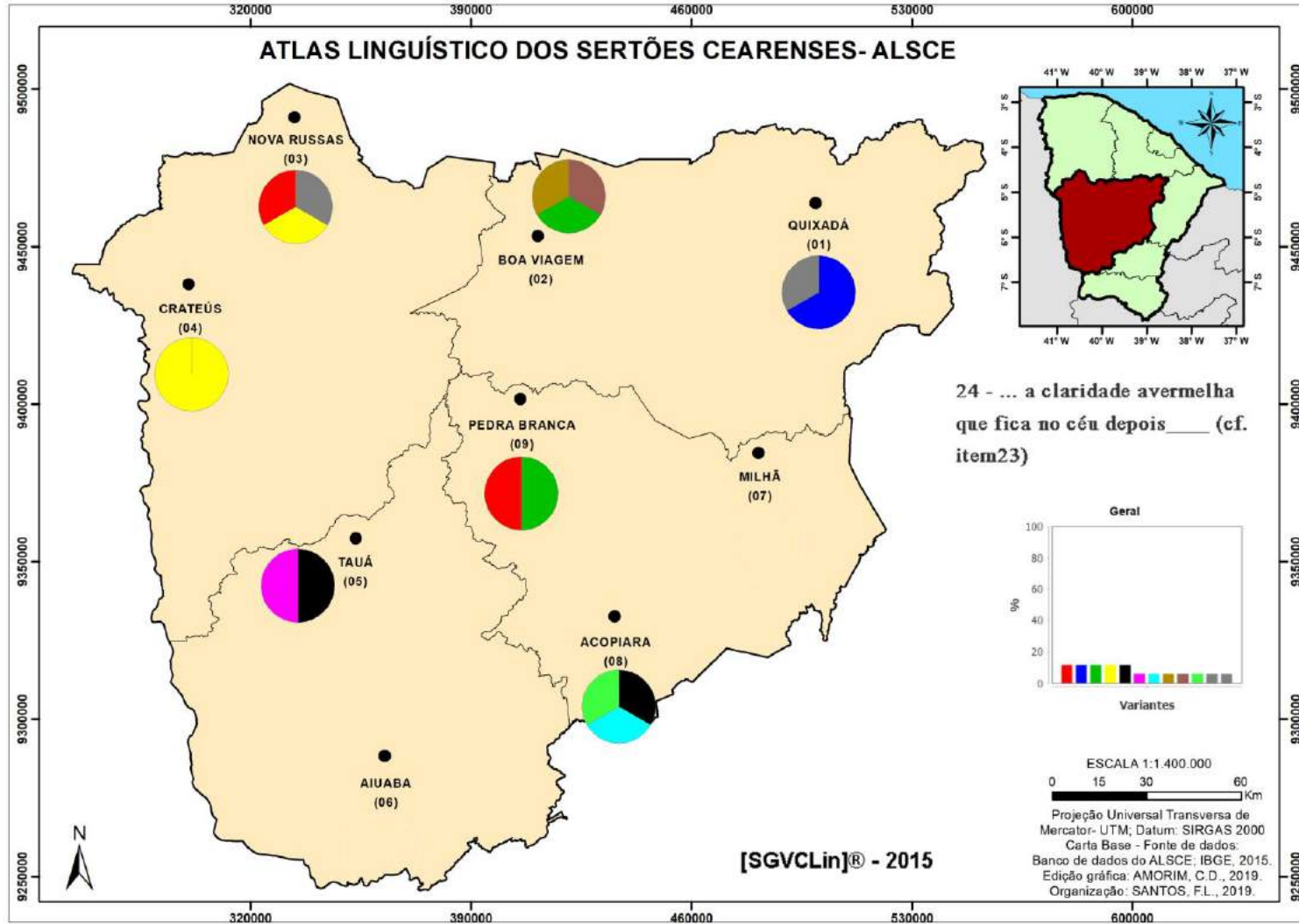
Legenda

- Névoa
- Neve (s)
- Neblina
- Nevoeiro
- Nevando/ Nevado/ Enevado
- Neblina intensa
- Cerração
- Incerração

NOTAS

Foram identificadas as seguintes variações fonéticas do item lexical Neblina: *Nebrina / Lebrina*.

Carta L 18. Alvorada



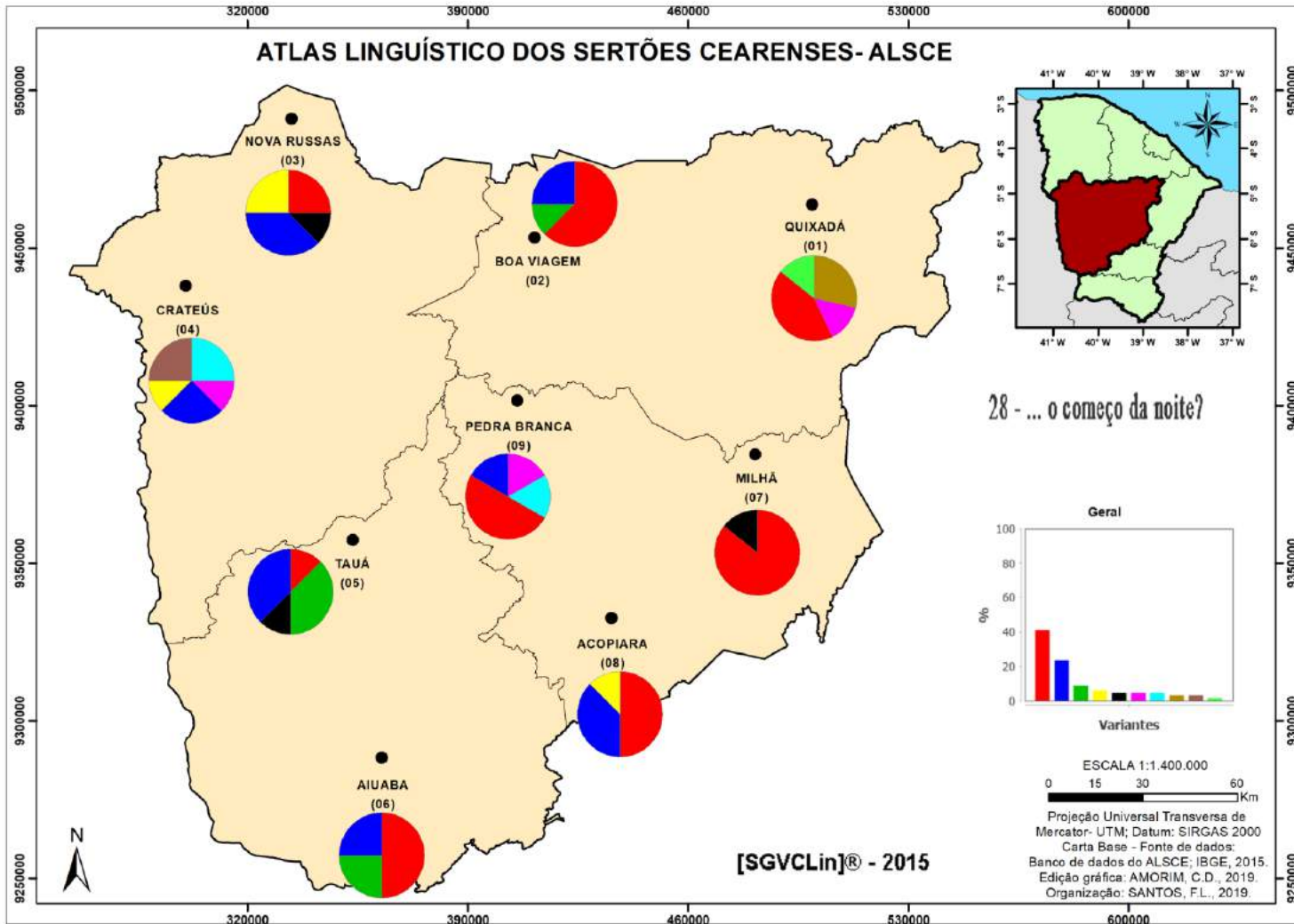
CARTA L18 - ALVORADA

- Legenda**
- Alvorada
 - Amanhecendo o dia/ Amanhecer
 - O sol vem nascendo/ Sol tá nascendo
 - Nascente do sol/ Nascente
 - Aurora
 - Boreal
 - Nascer do sol
 - Barra
 - Barra da madrugada
 - Raiar do dia
 - Reflexos do sol
 - Alvorecer

NOTAS

Apesar das ocorrências verificadas para este item lexical, a produção dos informantes foi baixíssima. Nas localidades de Quixadá, Nova Russas e Acopiara obtivemos apenas 03 realizações em cada uma; nas localidades de Tauá e Pedra Branca foram apenas 02; na localidade de Crateús, apenas uma, e nas localidades de Aiuaba e Milhã, nenhuma realização.

Carta L 19. Boca da Noite

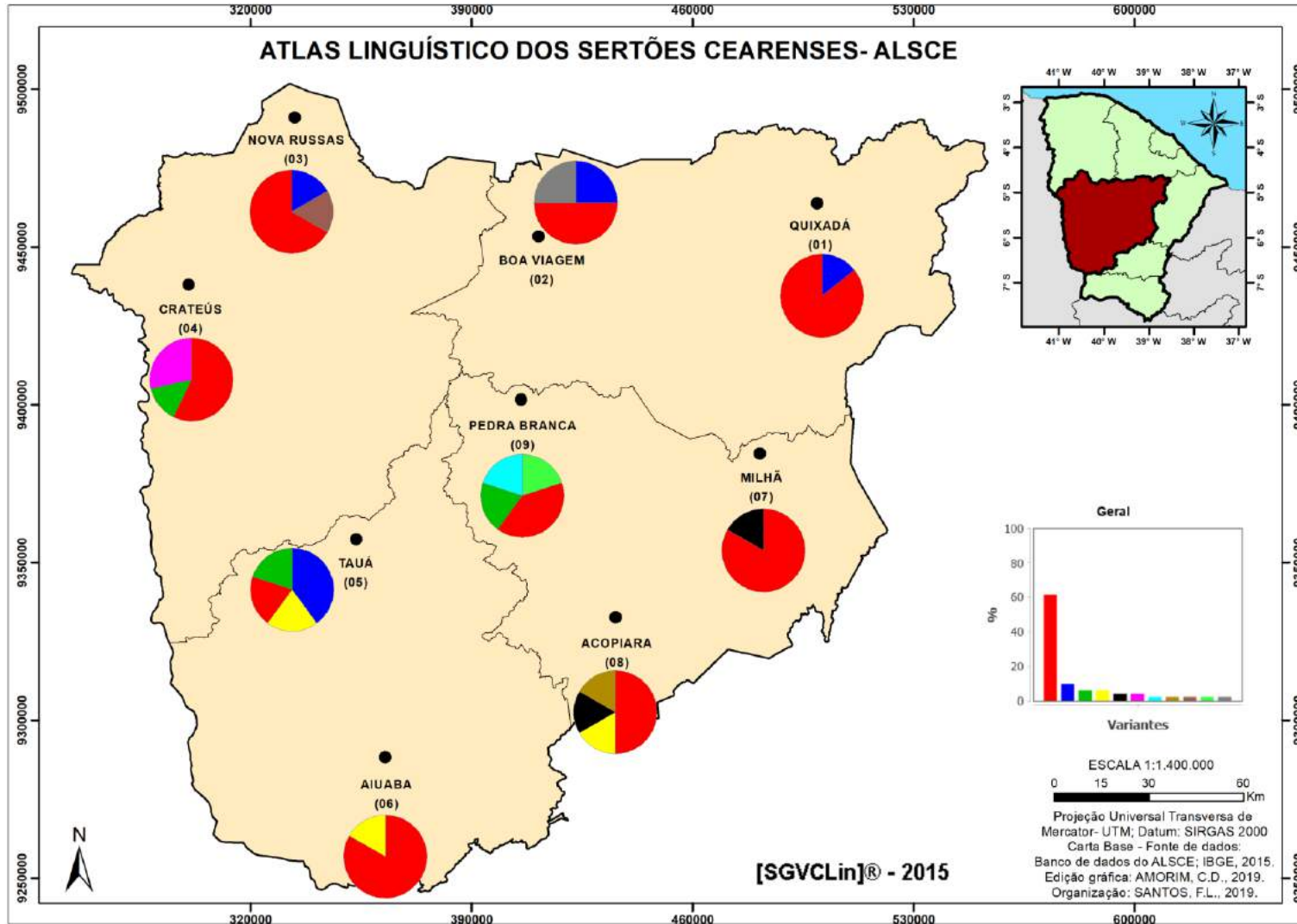


CARTA L19 - BOCA DA NOITE

Legenda

- Boca da Noite/ Boquinha da noite
- Anoitecer/ Anoitecendo/ Anoitece
- (De) Tardezinha/ Tardinha
- Noitinha
- Começo (início) da noite
- Entardecer
- Noite/ Noitarada
- Escurecendo
- Final de tarde
- Fica de Noitinha

Carta L 20. Estrela cadente



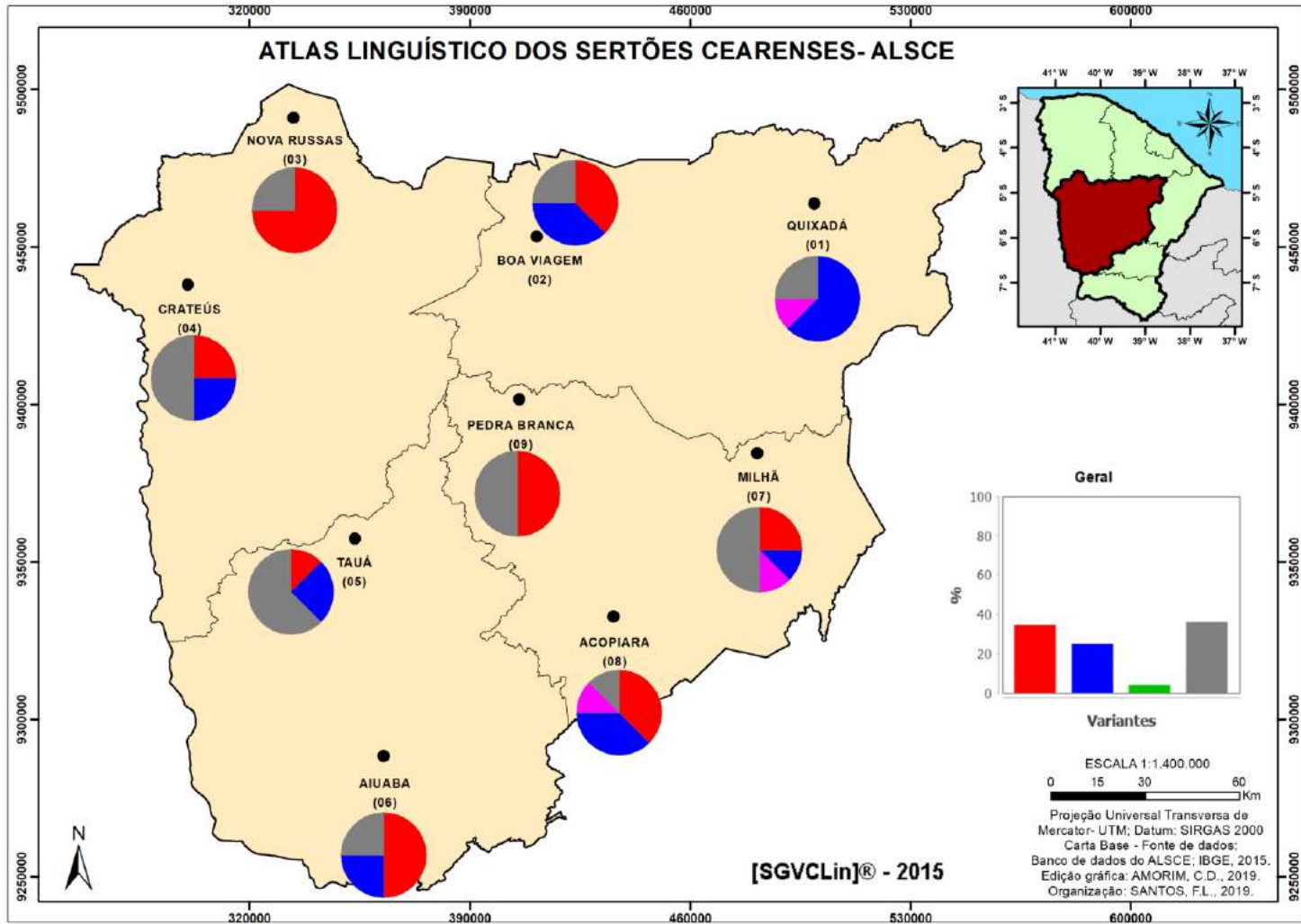
CARTA L20 - ESTRELA CADENTE

31 - De noite, muitas vezes, pode-se observar uma estrela que desloca no céu, assim (mímica) e faz um risco de luz. Como se chama isso?

Legenda

- Estrela cadente
- Estrela caindo
- Cadente
- Estrela guia
- Zelação
- Pedaço de meteoro
- Velação
- Meteoro
- Estrela cedente
- Cometa
- Estrela errante

Carta L 21. Antes de ontem



CARTA L21 - ANTES DE ONTEM

37 - ... o dia que foi antes desse dia? Um dia para trás?

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* referem-se ao dia da semana ou à data do dia em questão. Vejamos alguns exemplos:

(INF 01.8)

INQ.: E o dia que foi antes desse dia?

INF: Segunda, foi seis.

(INF 03.7)

INQ.: E o dia que foi antes desse dia?

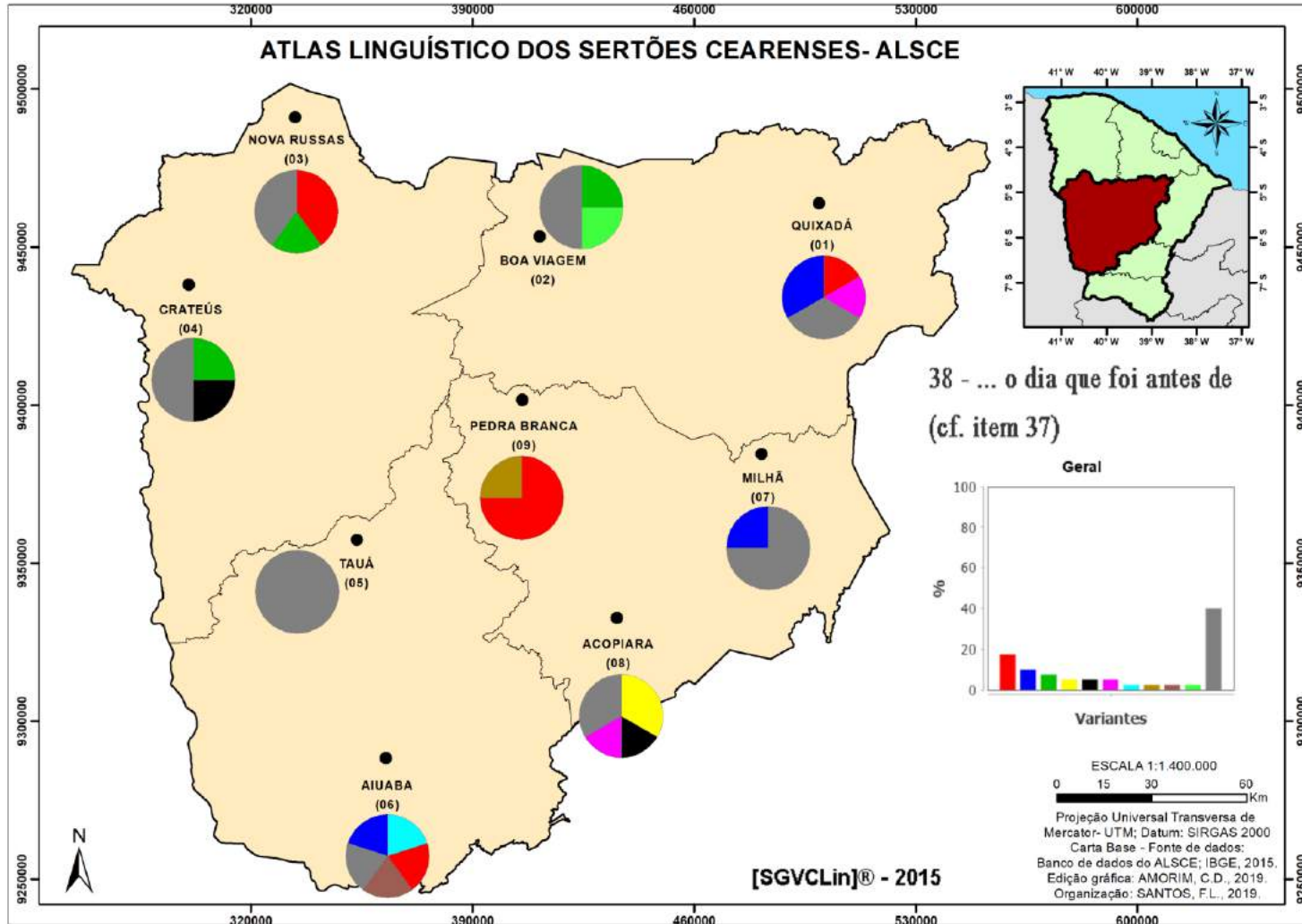
INF: Terça.

(INF 09.3)

INQ.: E o dia que foi antes desse dia?

INF: Dia vinte um.

Carta L 22. Antes de antes de ontem



CARTA L22 - ANTES DE ANTES DE ONTEM

Legenda

- Anteontem
- Antes de antes de ontem
- Antontem
- Antes de anteontem
- Ternantonte
- Anteanteontem
- Antes de antonte
- Transnantontem
- Ternaontontem
- Três nantontem
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Anteantonte* (INF 02.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem); *Ternaantonte* (INF 02.6 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Boa Viagem); *Anteontem de ontem* (INF 03.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Nova Russas); *Tresontontem* (INF 04.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Crateús); *Ternaontonte* (INF 05.6 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Tauá); *Ternatonte* (INF 06.4 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Aiuaba); *Terna antontem* (INF 07.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Milhã); *Depois de antes de ontem* (INF 08.4 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Acopiara), e *Teontontem* (INF 08.5 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Acopiara).

Houve um alto número de ocorrências não produtivas, pois os informantes responderam citando o dia da semana.

O informante (INF 03.4 - Nova Russas) respondeu que se chama pelo nome do dia.

INF: Não sei não. INQ: o...

INF: Antes de ontem e o antes dele?

INQ: É. Como é que vocês chamam aqui?

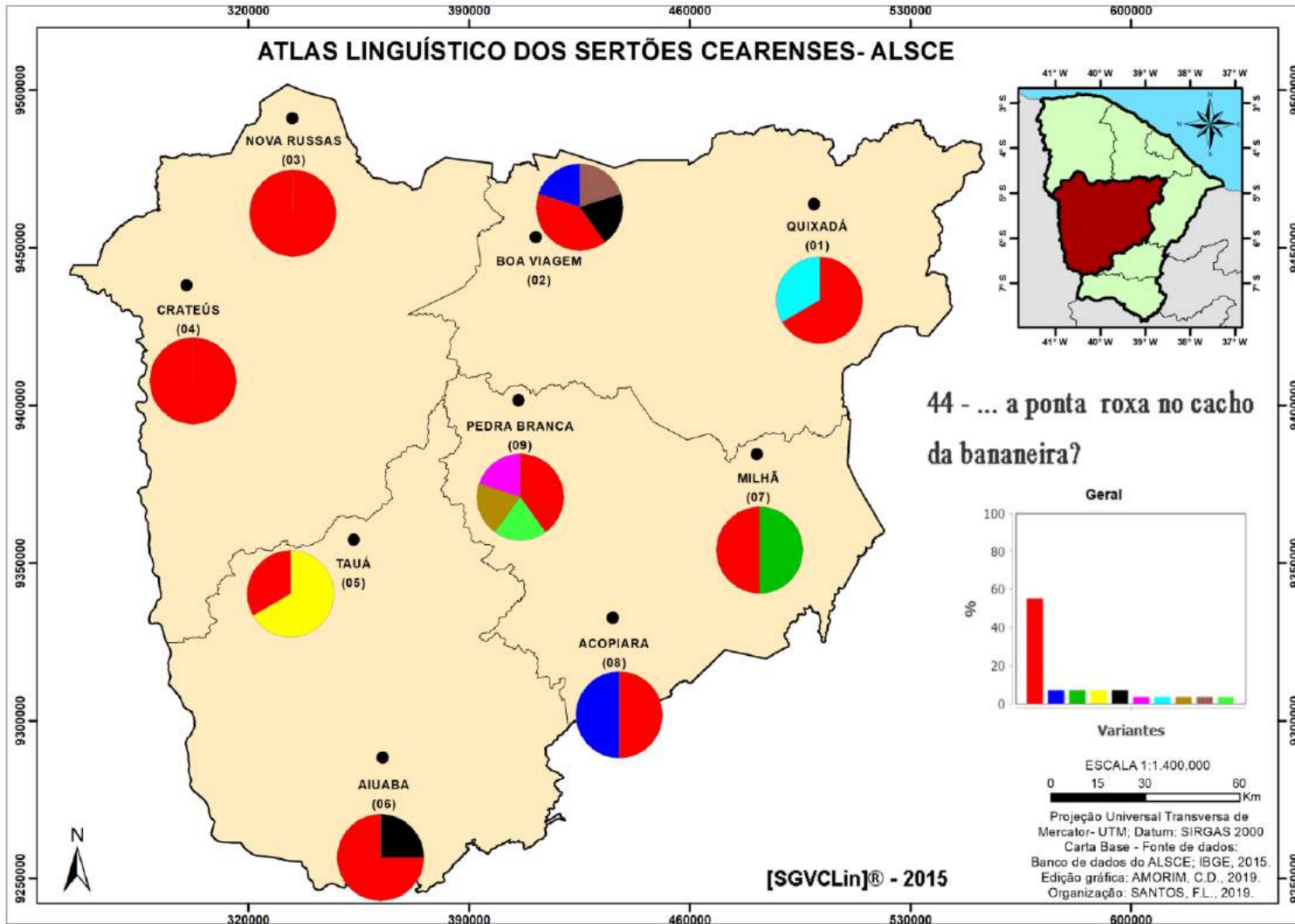
INF: Aí já não chama mais nada. Chama o nome dele mesmo.

INQ: ah certo! Entendi.

INF: É o nome do dia mesmo, quinta feira, ou sexta, ou sábado...

INQ: Entendi.

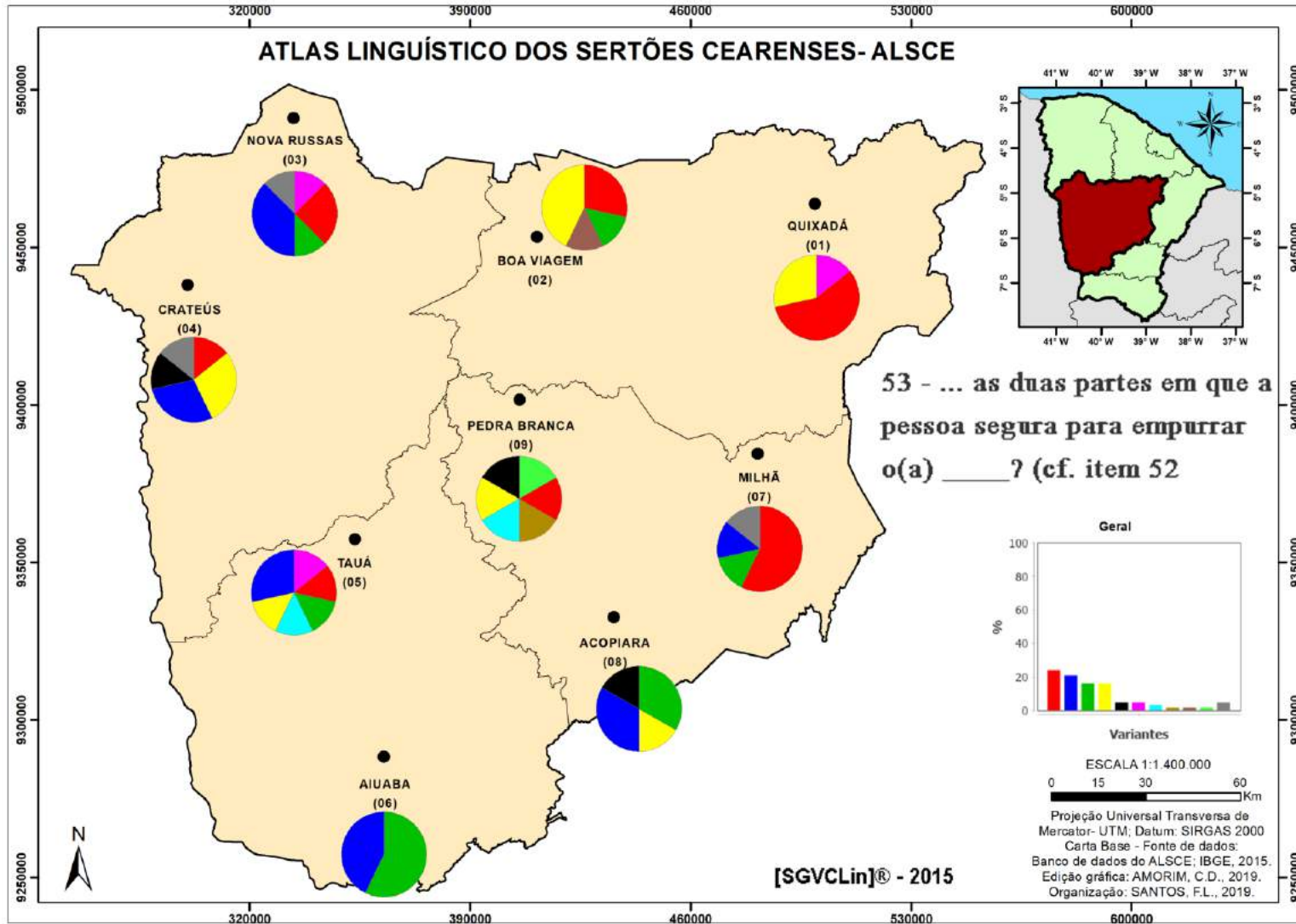
Carta L 23. Mangará



CARTA L23 - Mangará



Carta L 24. Cabos (do carrinho de mão)



CARTA L24 - CABOS

Legenda

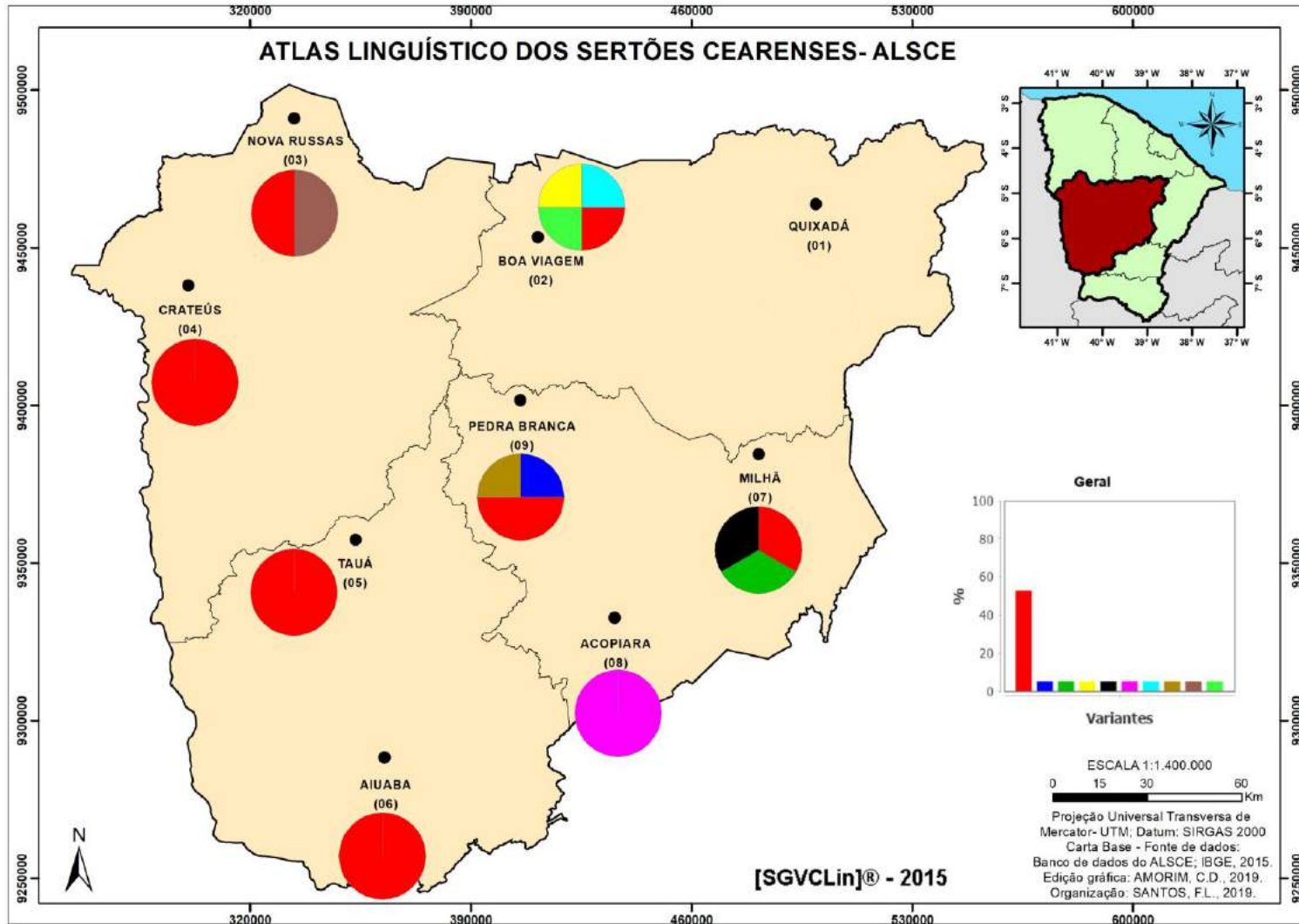
- Cabo/ Cabos
- Braço do carrinho/ Braços do carrinho
- Mão do carrinho/ Mãos do carrinho
- Braço/ Braços
- Apoio
- Guidão
- Alça
- Direção
- Aselhas
- Mão/ Mãos
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Corrimão* (INF 03.6 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Nova Russas) e *Hastes* (INF 07.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Milhã).

Foi identificada a variação fonética do item lexical *Guidão*: *Guidom*.

Carta L 25. Canga



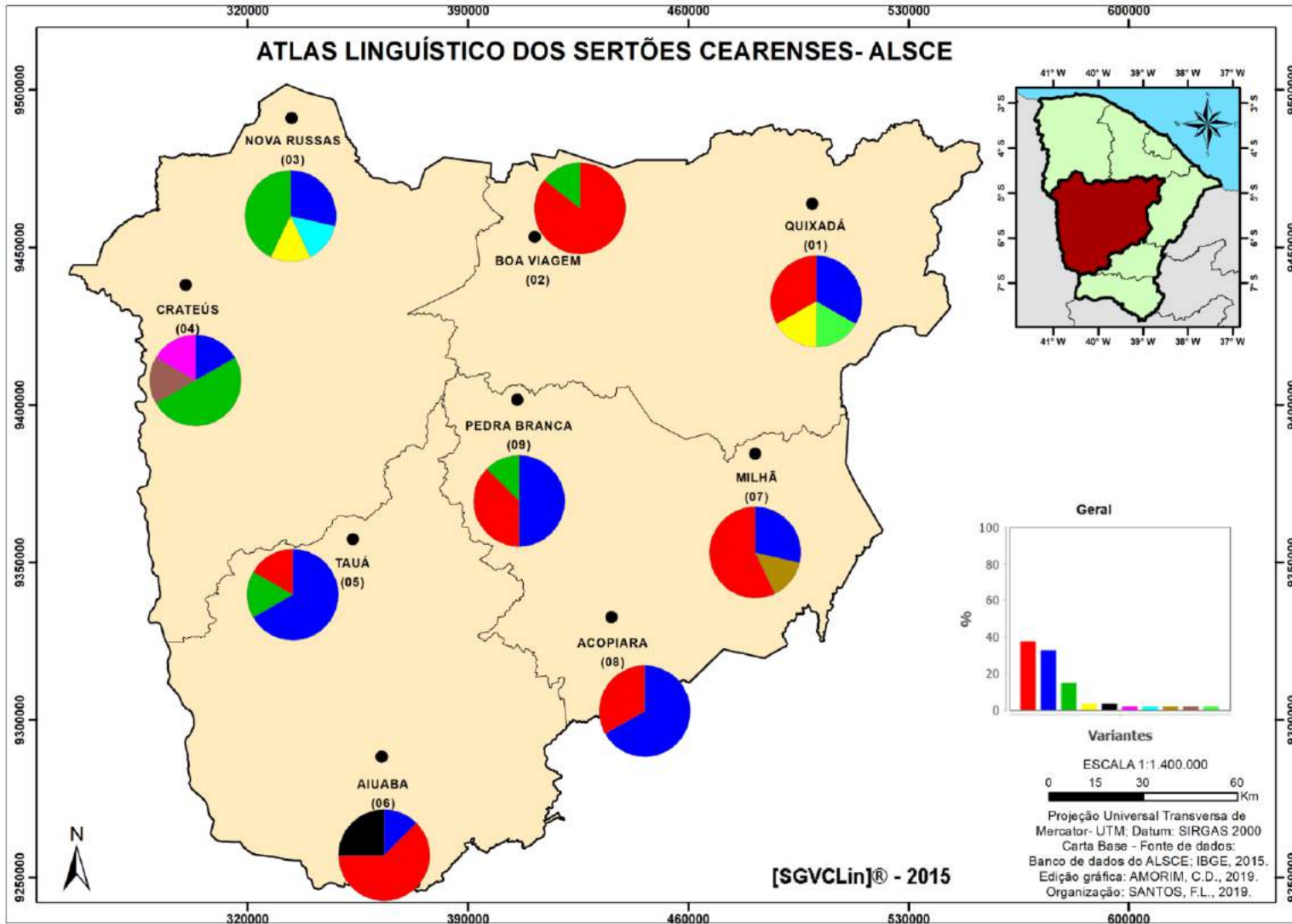
CARTA L25 - CANGA

56 - ...a peça de madeira que vai no pescoço do bo, para puxar o carro ou o arado?

Legenda

- Canga
- Cangaço
- Canguita
- Peitoral
- Caçuá
- Cangalha
- Cangueta
- Canga de boi
- Carrossel
- Freio

Carta L 26. Caçuá



CARTA L26 - Caçuá

57 - ...aqueles objetos de vime, de taquara, de cipó traçado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou burro?

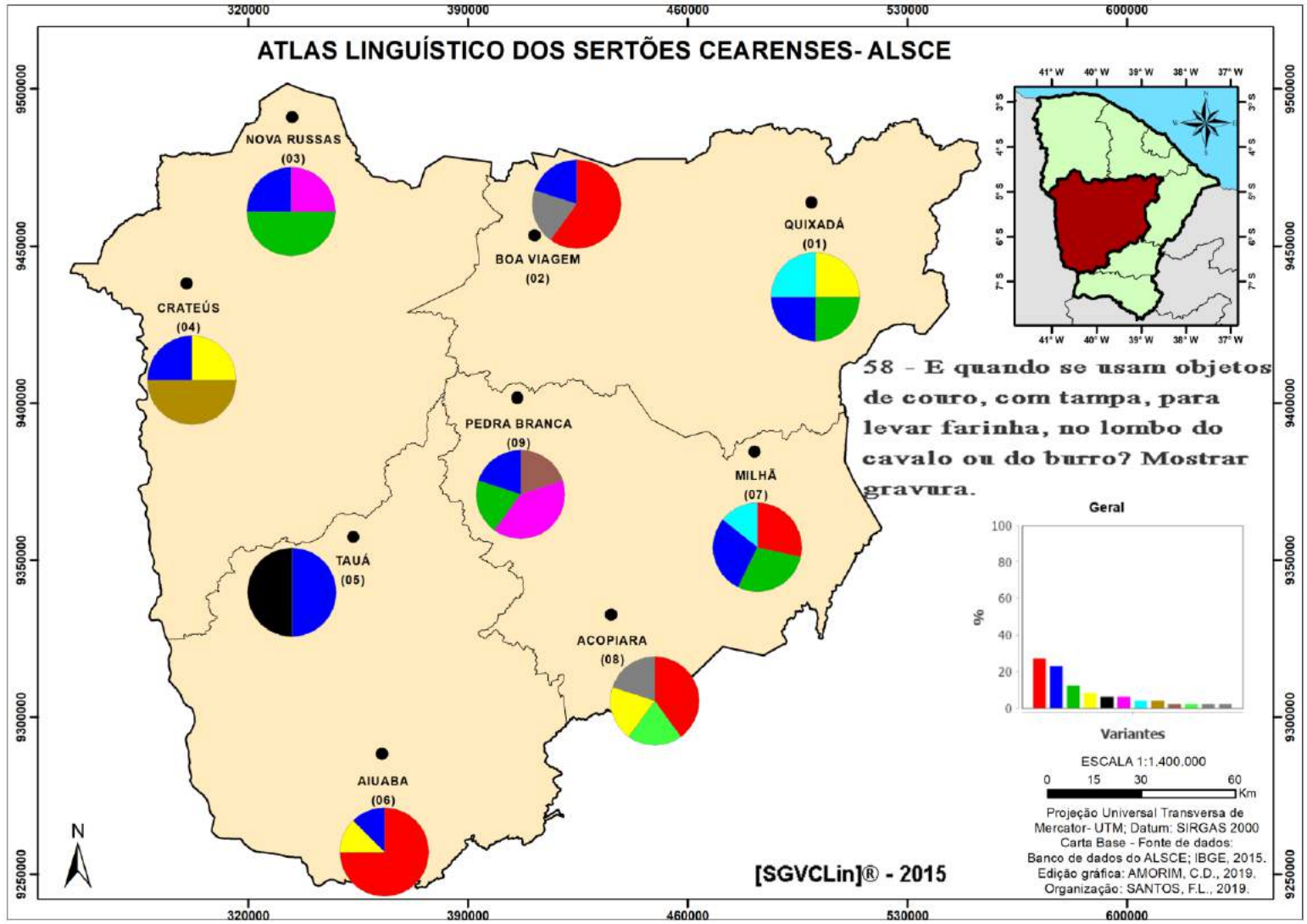
Legenda

- Caçuá/ Caçuás
- Cesto(a)(s)
- Jacá
- Balaio
- Mala
- Surrão
- Garajau
- Ancoreta
- Baú
- Cangalha

NOTA

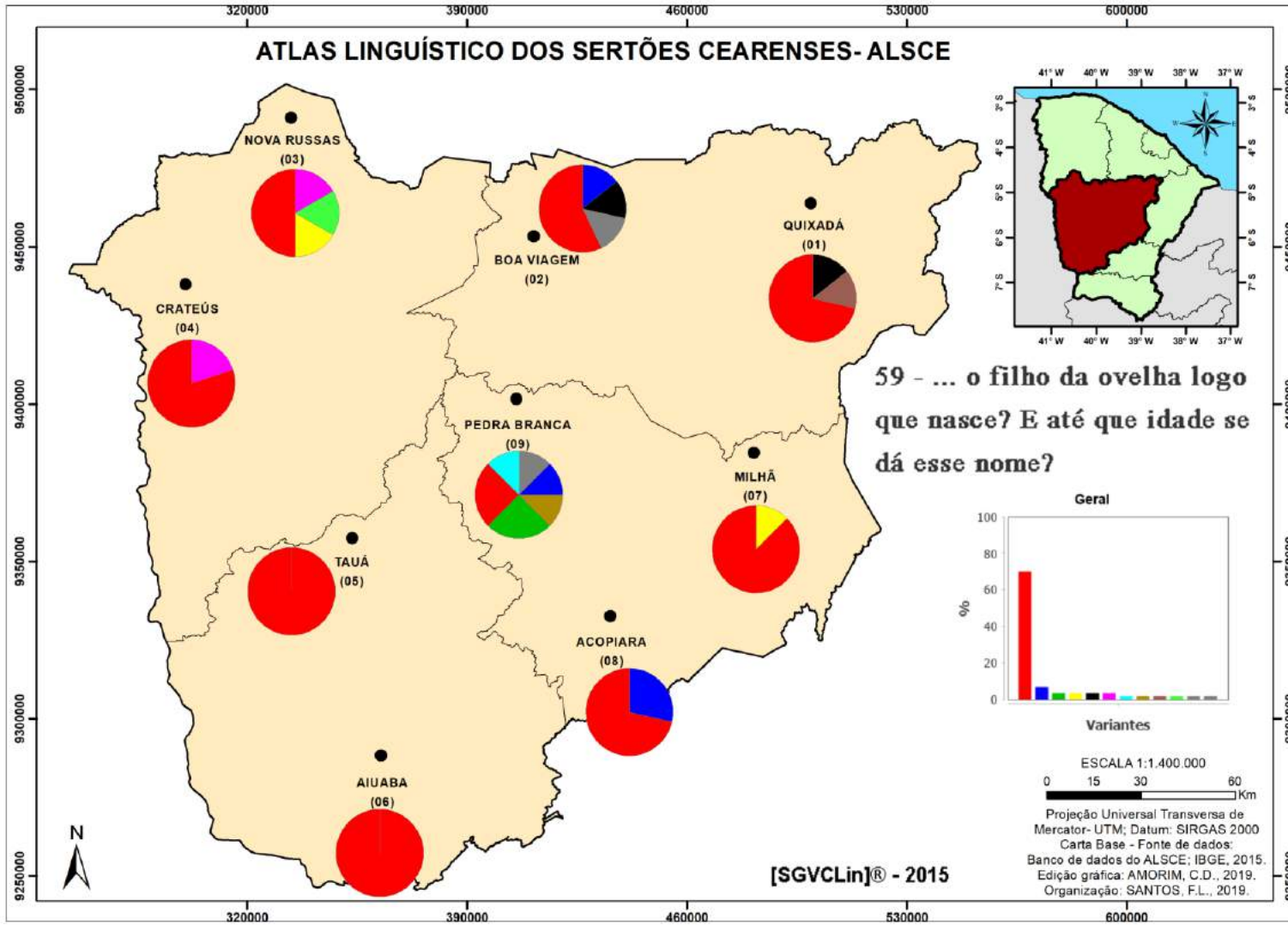
Foi identificada a variação fonética do item lexical Jacá: *Jacau*.

Carta L 27. Mala



Carta L27 - MALA

Carta L 28. Borrego



CARTA L28 - BORREGO

Legenda

- Borrego / Borrega
- Filhote
- Carnerinho
- Ovelha
- Cordeiro
- Marrã
- Ovelhinha
- Cabrito
- Cria da ovelha
- Borreguinho
- Novilha
- Carneiro

NOTAS

Em relação à segunda parte da pergunta: “E até que idade se dá esse nome?”, as respostas variaram:

1. Em termos de tempo de vida:

INF 02.5 - Boa Viagem: Uns seis meses.

INF 03.3 - Nova Russas: Mais ou menos uns dois meses.

INF 04.8 - Crateús: Três ou quatro meses.

2. Em termos de tamanho:

INF 05.4 - Tauá: Até ele ficar grande.

INF 06.1- Aiuaba: Até perto de 1 metro de altura.

INF 08.7 - Acopiara: Enquanto é novinho.

3. Em termos de amamentação:

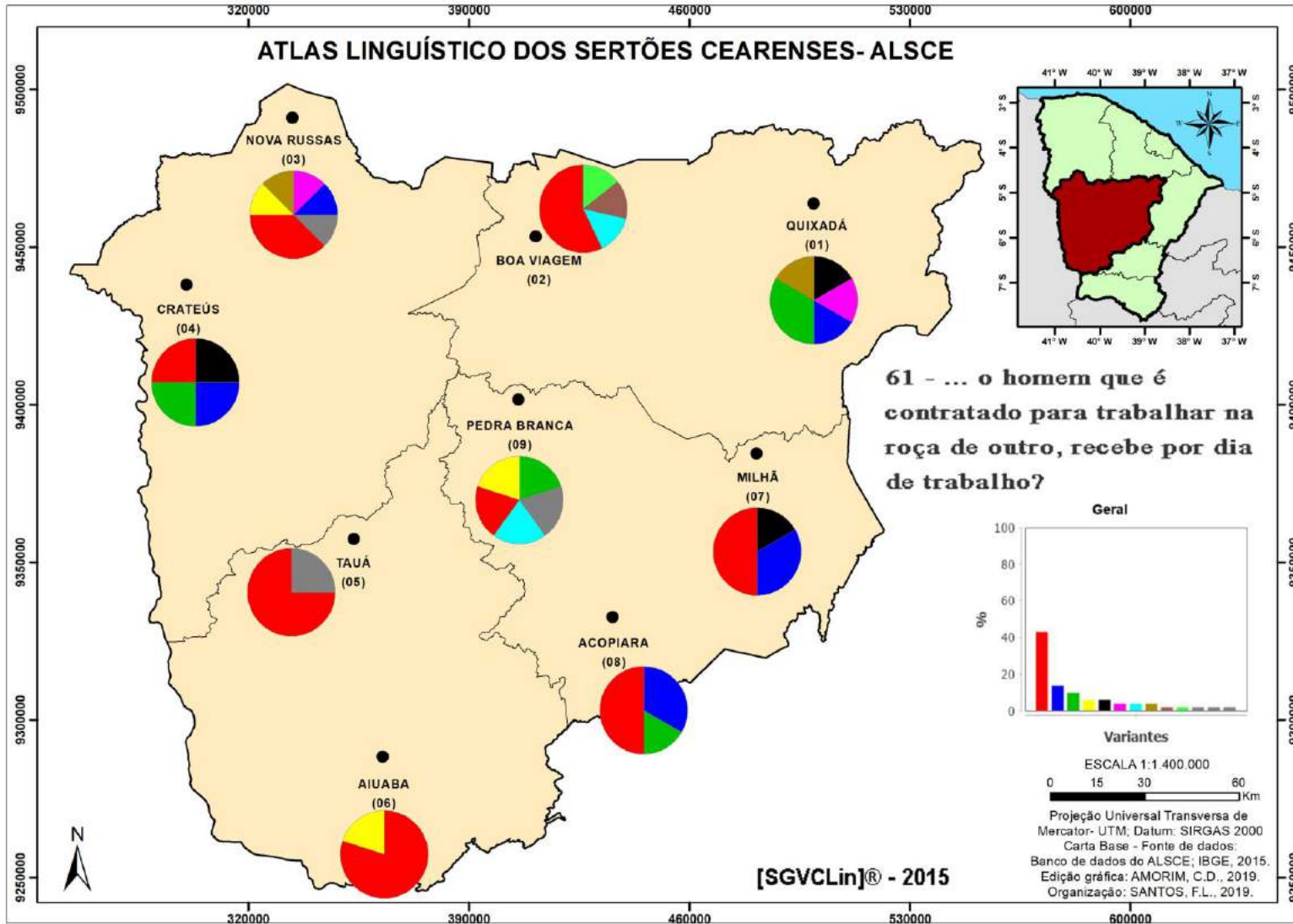
INF 01.8 – Quixadá: Até eles tirarem a mama.

INF 05.5 - Tauá: Até parar de mamar.

INF 06.6 - Aiuaba: Até primeira cria.

Foi identificada a variação fonética do item lexical Borrego: *Burrego*. A variação deu-se no feminino também: *Burrega*.

Carta L 29. Trabalhador

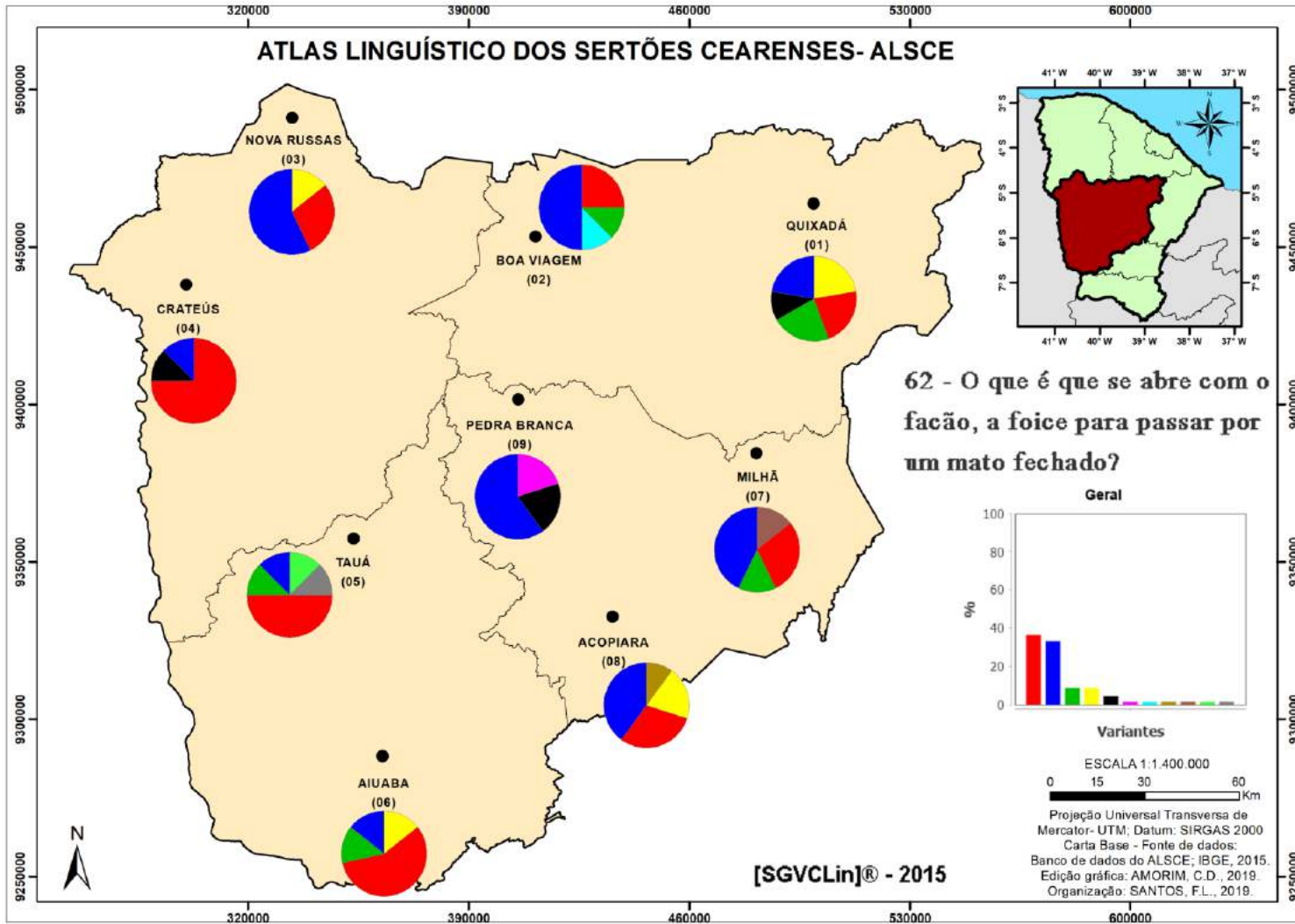


CARTA L29 - TRABALHADOR

Legenda

- Trabalhador
- Diarista
- Peão
- Agricultor
- Ajudante
- Boia fria
- Meeiro
- Trabalhadores avulsos
- Trabalhador rural
- Arrendado
- Trabalhador de Aluguel
- Lavrador
- Rendeiro

Carta L 30. Caminho



CARTA L30 - CAMINHO

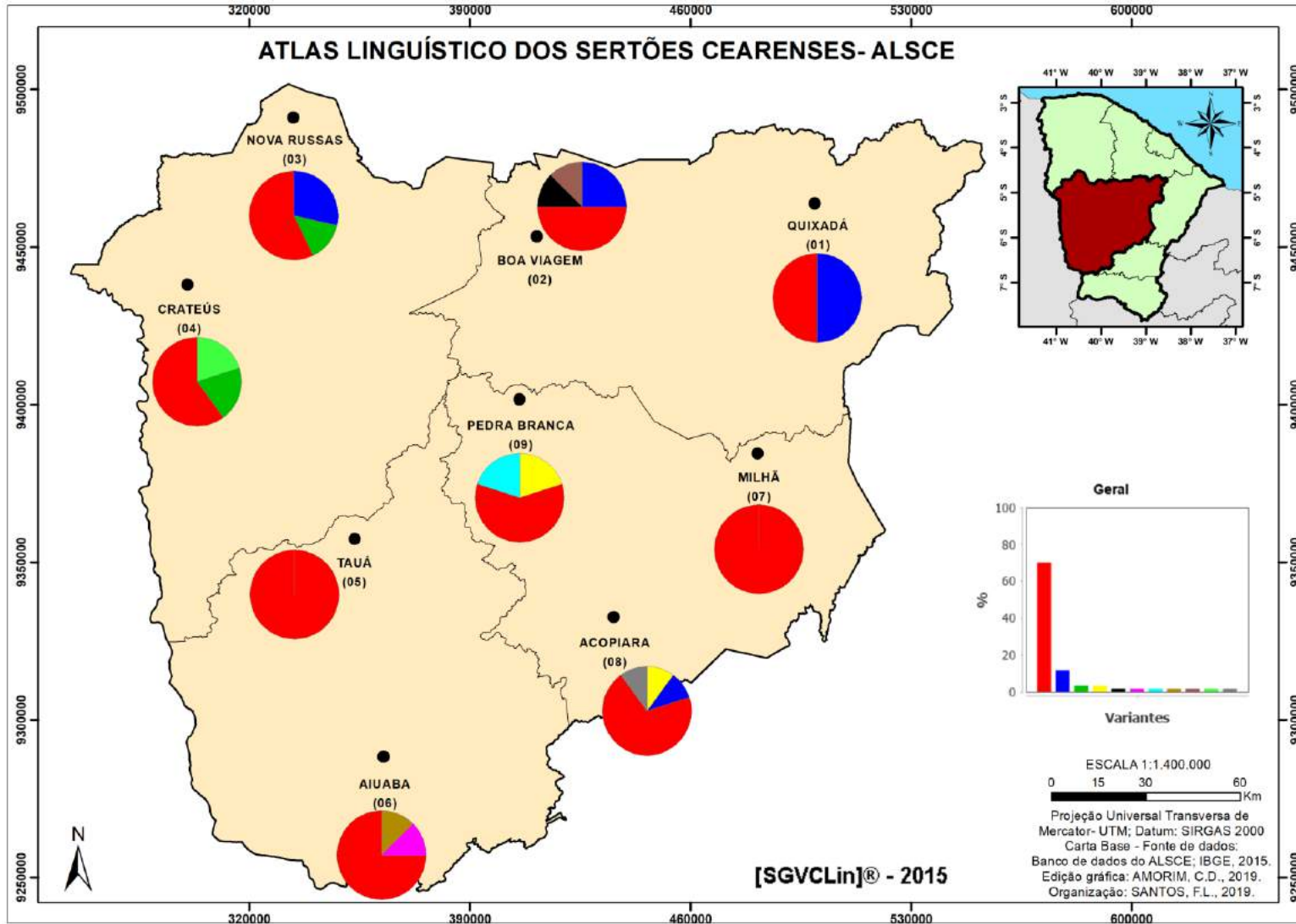
Legenda

- Caminho/ Um caminho
- Vareada/Vereda
- Mata / Mato
- Trilha
- Picada/ Uma picada
- Cipó
- Roça o mato
- Pico
- Estrada
- Espaço
- Vala

NOTA

Foi identificada a variação fonética do item lexical Vereda: *Vareda*.

Carta L 31. Vereda



CARTA L31 - VEREDA

63 - ... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

Legenda

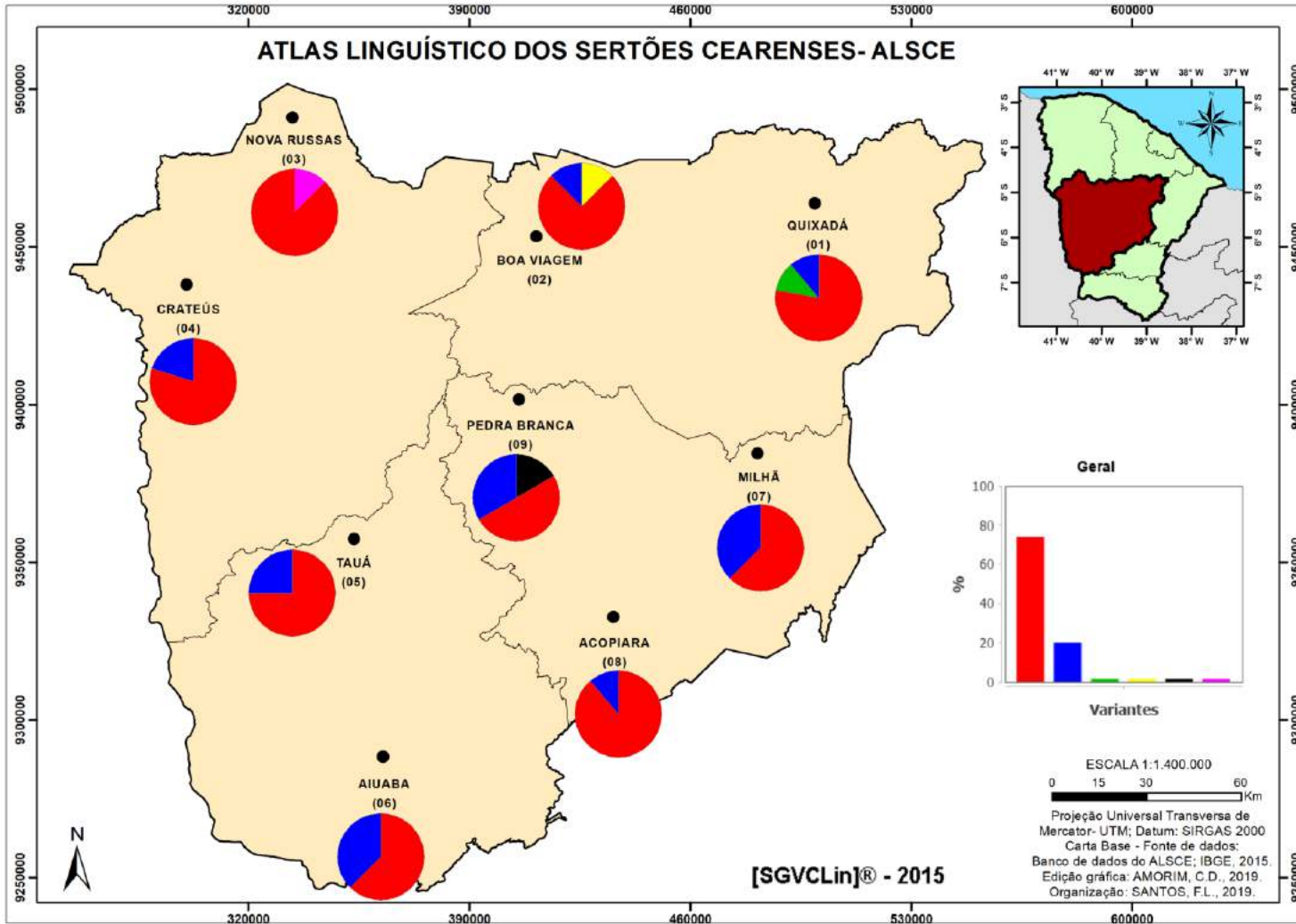
- Vereda
- Caminho
- Trilha
- Estrada
- Roça o mato
- Caminho feito
- Campesto
- Passagem
- Mato
- Vargem
- Atalho

NOTA

Foi identificada a variação fonética do item lexical Vereda: *Vareda*.

O item lexical *Vargem*, foi realizado na forma fonética *Vage* pelo INF 04.3 (Informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Crateús).

Carta L 32. João-de-barro



CARTA L32 - João-de-barro

66 - ... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

Legenda

- João-de-barro
- Maria-de-barro
- Rolinha
- Maribondo
- Tabacu
- Joana-de-barro

NOTAS

Sobre a realização de *Maribondo* pelo informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem (INF 02.2):

INQ.: E como é que se chama a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?

INF: Aquelas casinha de barro, aqueles coisa...

INQ: Isso. Como é que se chama a ave que faz essas casinhas?

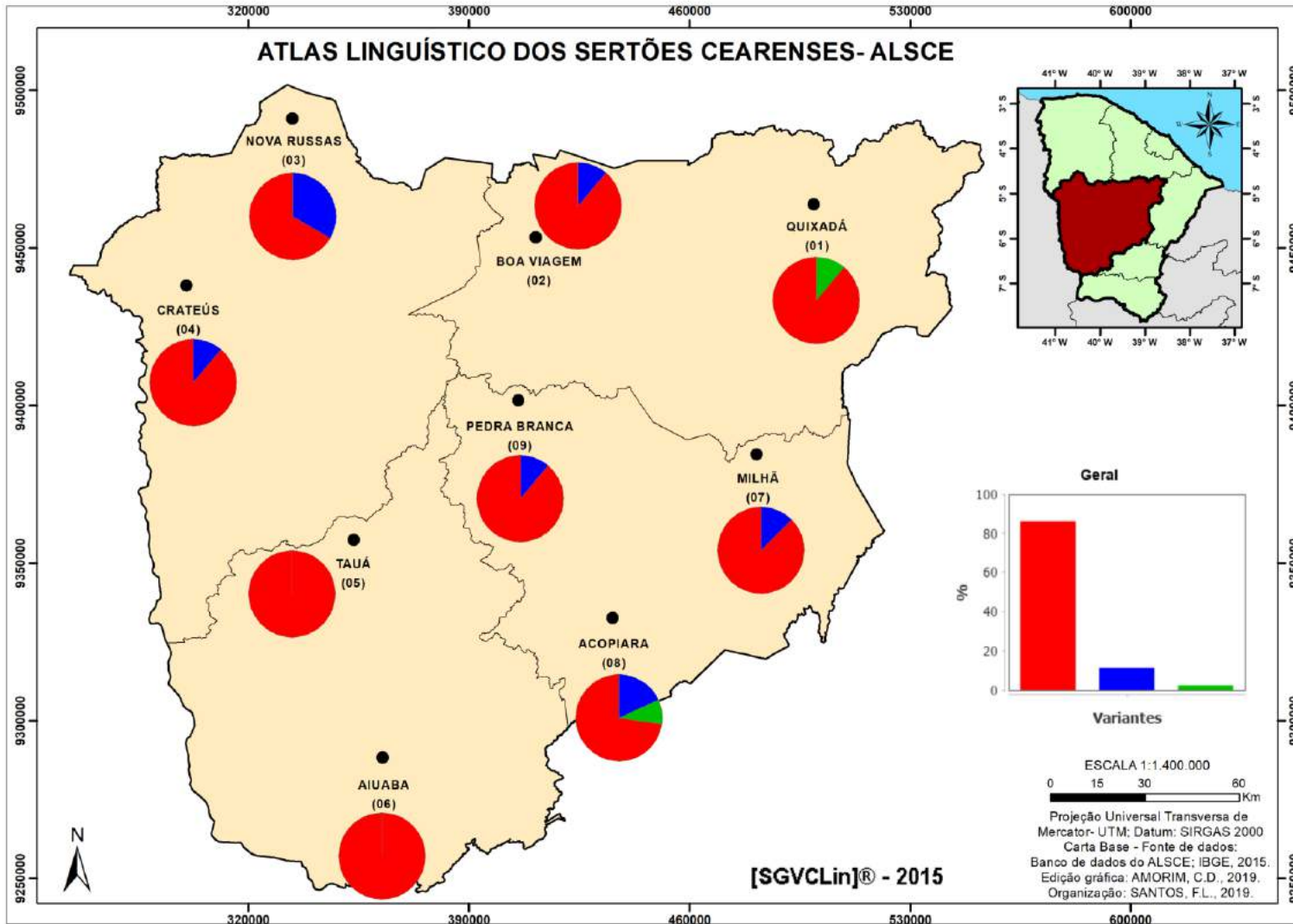
INF: Como é, meu Deus, aquele bicho que pica a gente.

INQ: É a ave que faz as casas de barro. INF: como é... valha não lembrei o nome não, eu sei aqueles bicho que, valha eu to querendo o nome mais eu não sei.

INQ: você acha que a gente pode voltar? INF: é pergunta as outras que eu vou ficar me lembrando aqui.

(retomando) é maribonio né? INQ: tá certo.

Carta L 33. Capote



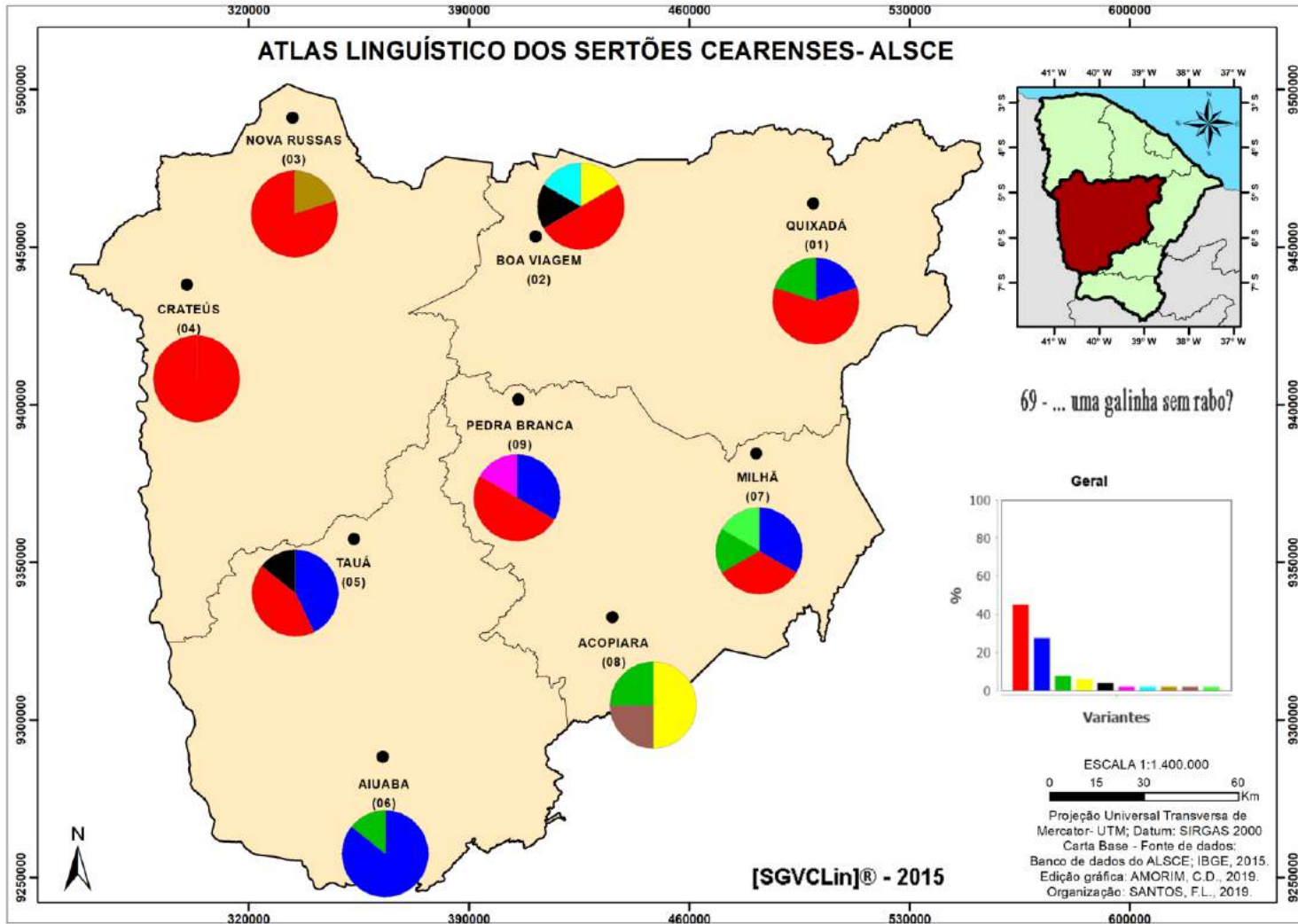
CARTA L33 - CAPOTE

67 - ...a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

Legenda

- Capote
- Galinha de(a) Angola
- Galinha d'Angola

Carta L 34. Sura

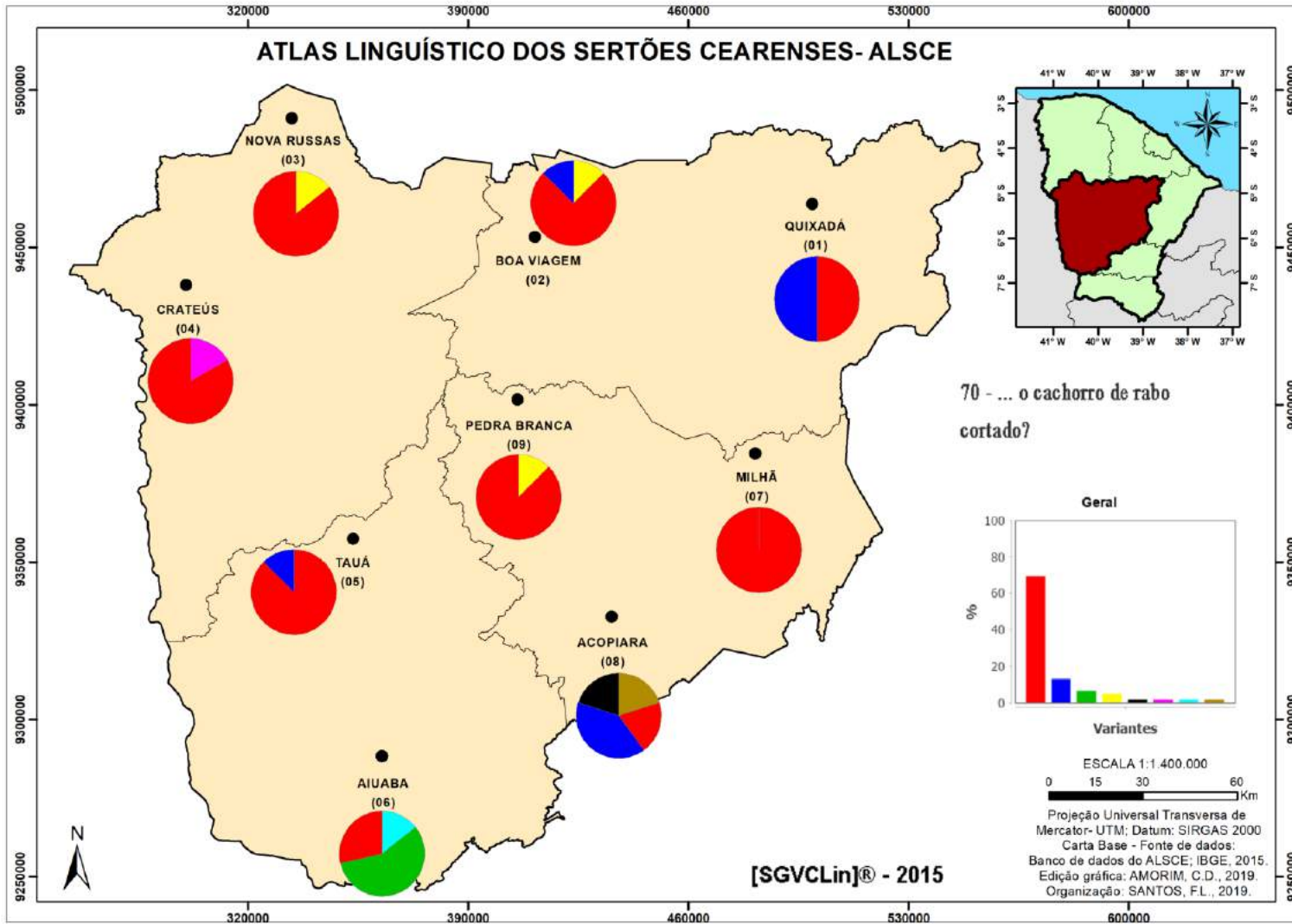


CARTA L34 - SURA

Legenda

- Bicó
- Sura
- Cotó
- Suru
- Nanica
- Piruá
- Coró
- Rabicó
- Nambu
- Carijó

Carta L 35. Bicó

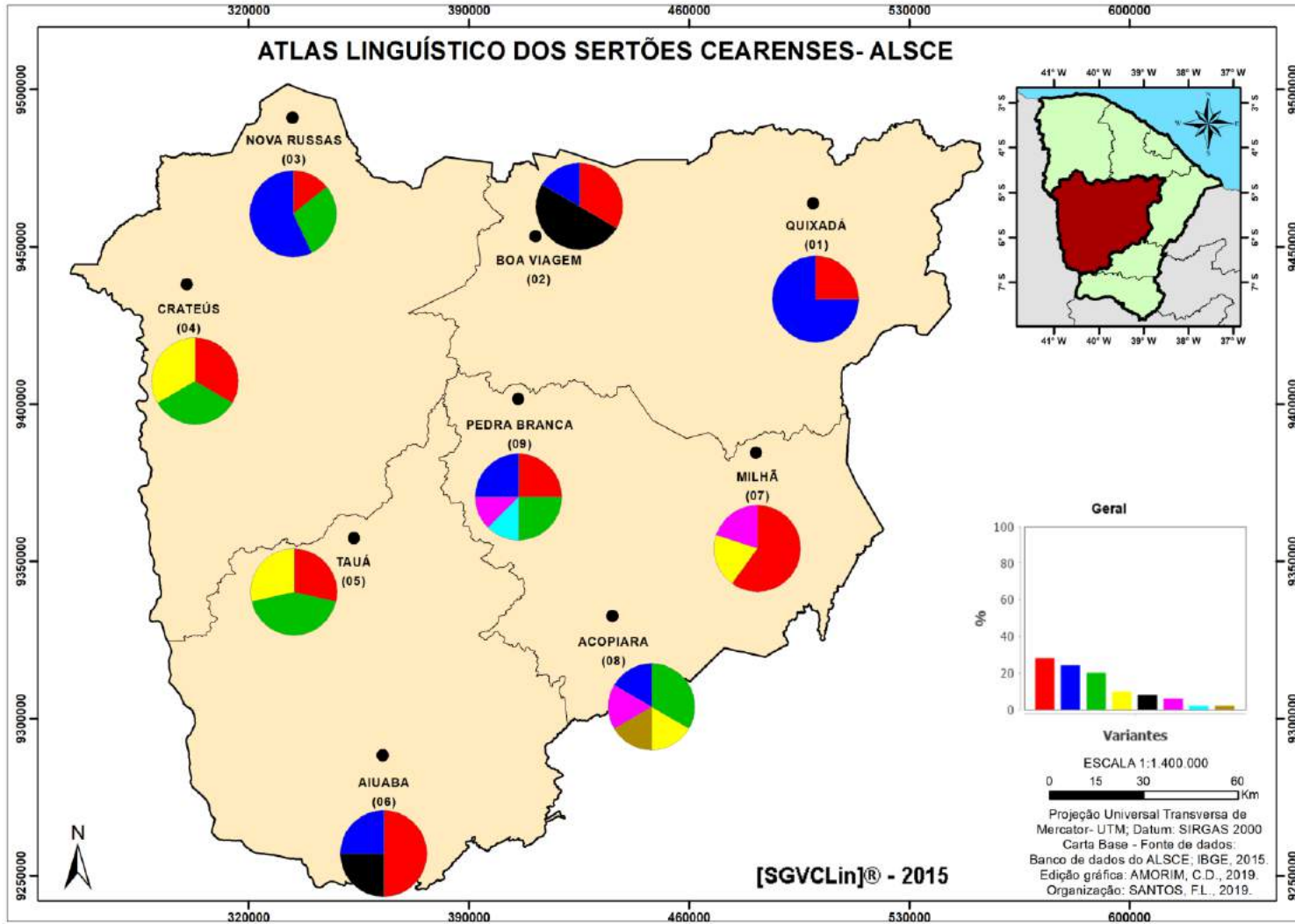


CARTA L35 - Bicó

Legenda

- Bicó
- Cotó
- Bodó
- Rabicó
- Troncho
- Pitoco
- Pito
- Rabo cortado

Carta L 36. Patas dianteiras



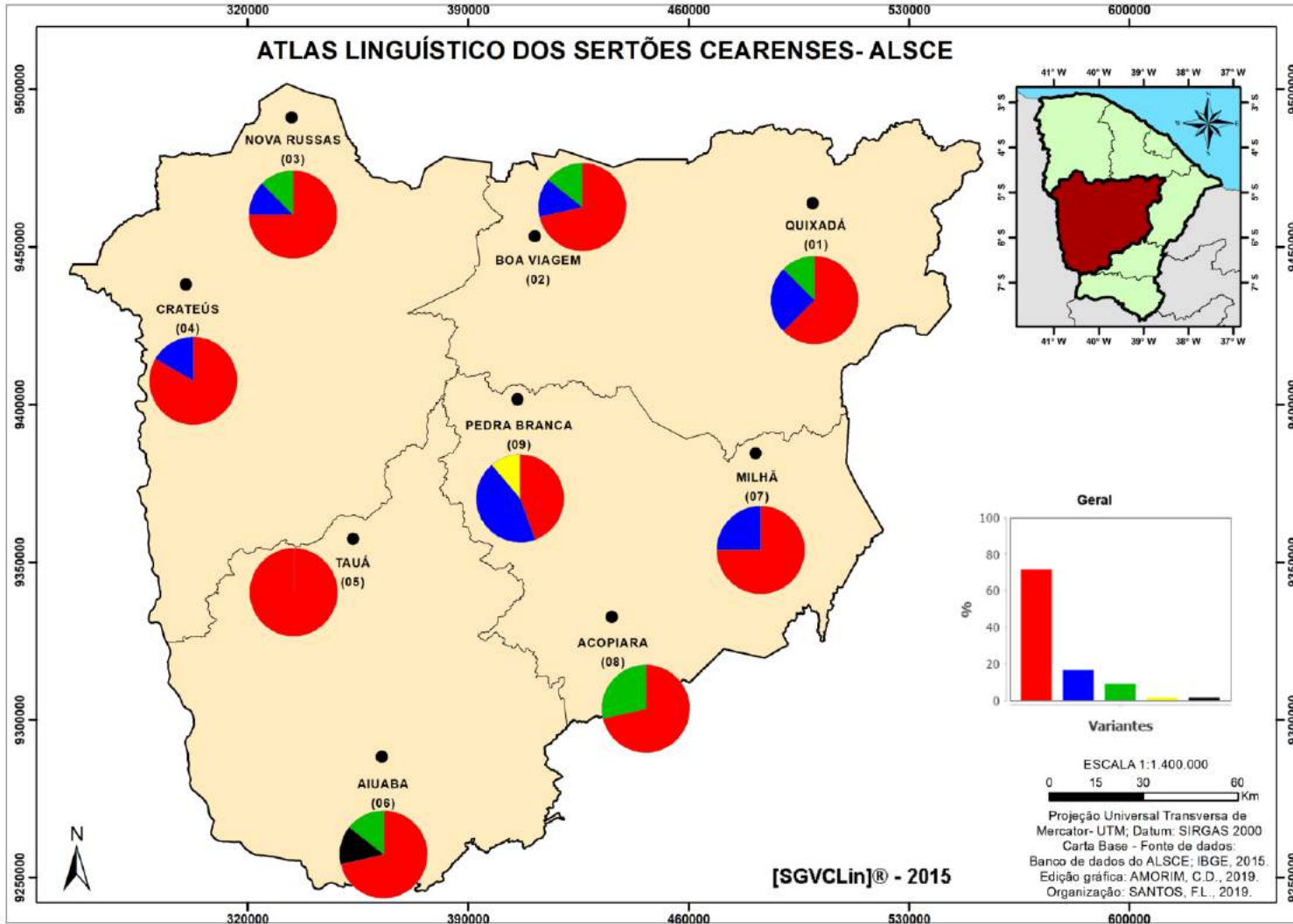
CARTA L36 - PATAS DIANTEIRAS

72 - ... as patas dianteiras do cavalo?

Legenda

- Mão(s)
- Pata(s) dianteira(s)
- Dianteira (s)
- Pata(s)
- Patás da Frente
- Casco
- Perna(s)
- Pés

Carta L 37. Lombo



CARTA L37 - LOMBO

75 - ...a parte do cavalo onde vai a sela?

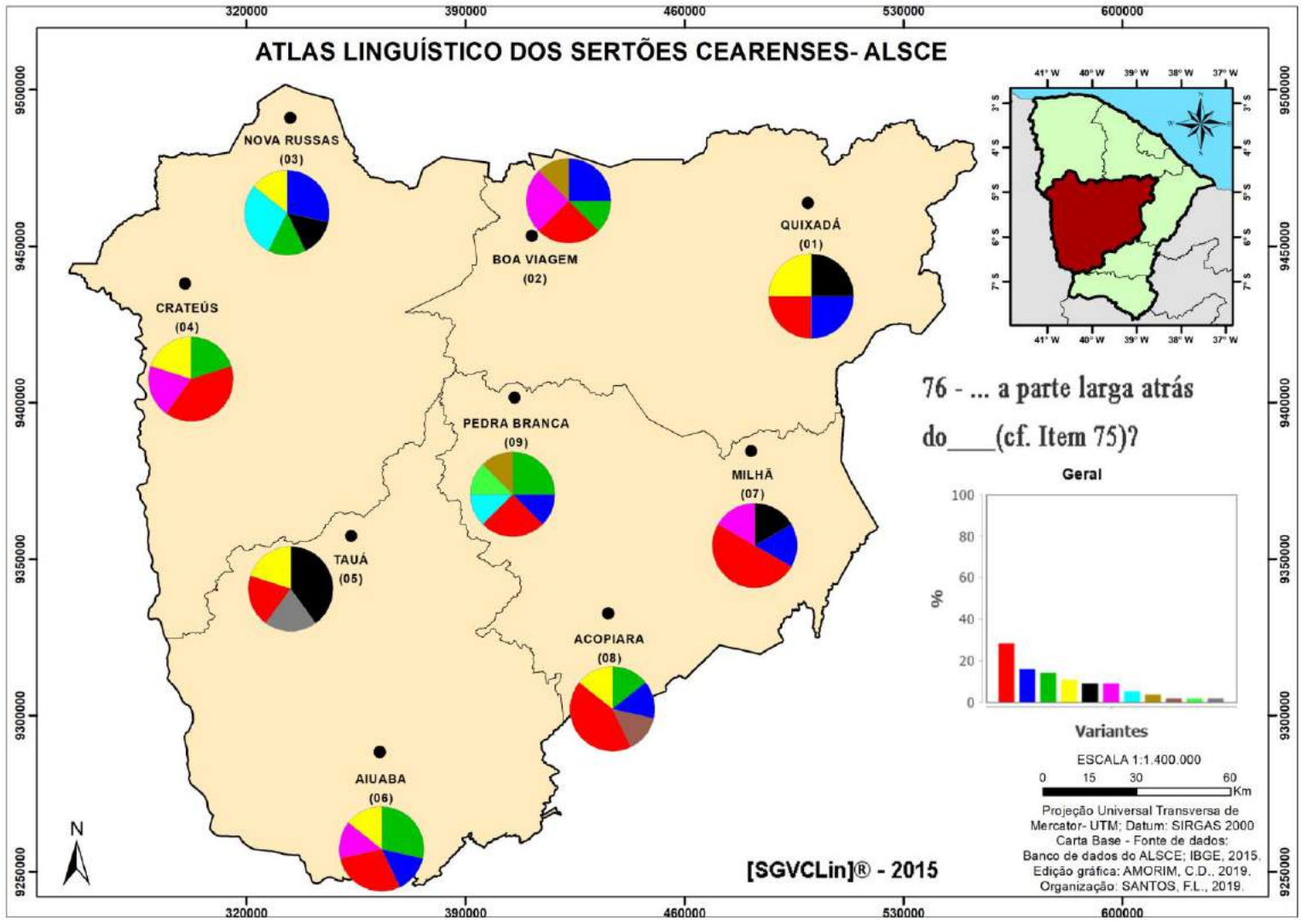
Legenda

- Lombo
- Espinhaço
- Costas
- Meio
- Tronco

NOTA

Foi encontrada a seguinte variação fonética de Espinhaço: *Ispinhaço*.

Carta L 38. Garupa

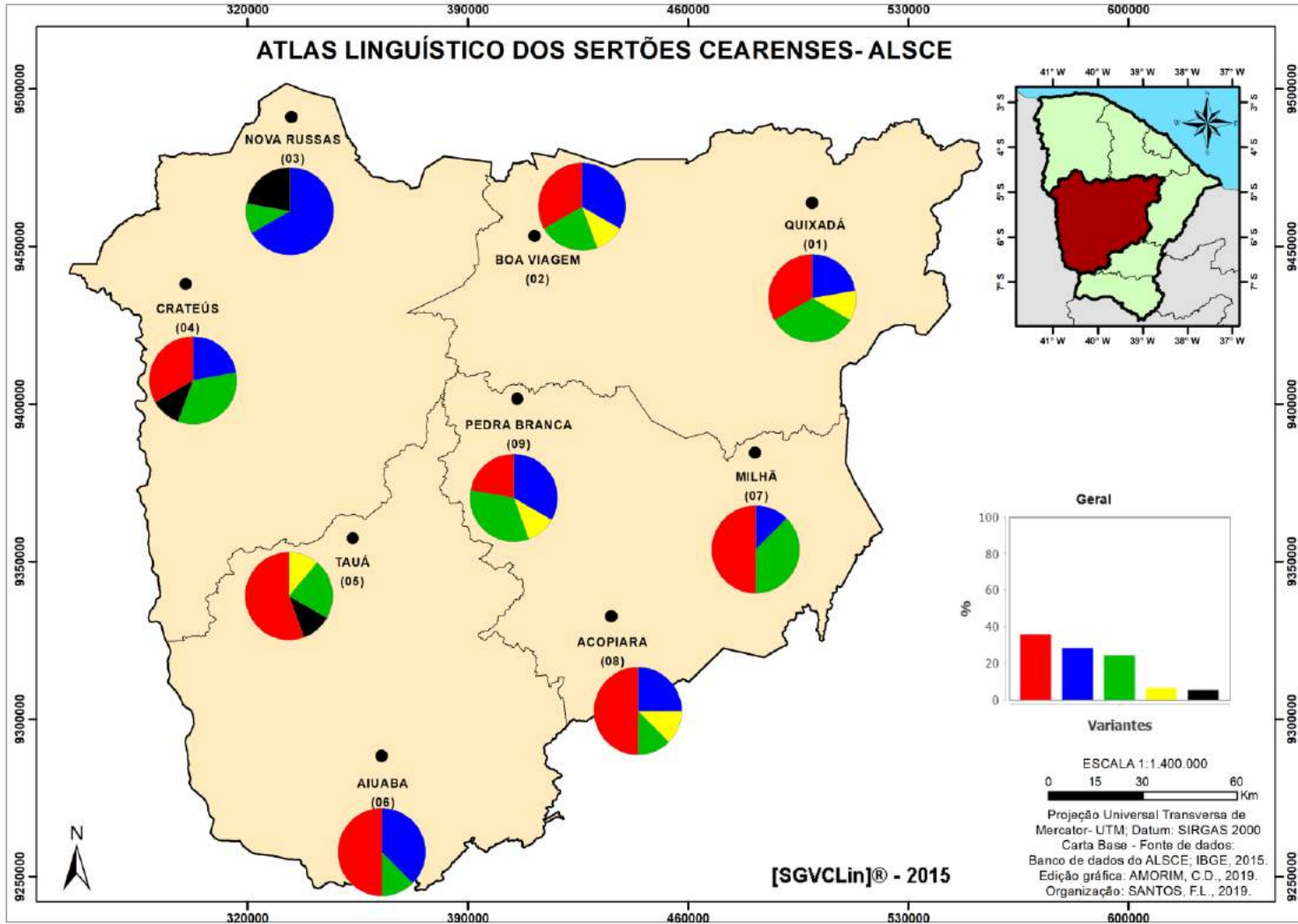


CARTA L38 - GARUPA

Legenda

- Garupa
- (Os) quarto(s)
- Traseira
- Quadril
- Bunda
- Anca(s)
- Rabo
- Poupa
- Lombo
- Quadrilho
- Cadeira

Carta L 39. Úbere



CARTA L39 - UBERE

80 - Em que parte da vaca fica o leite?

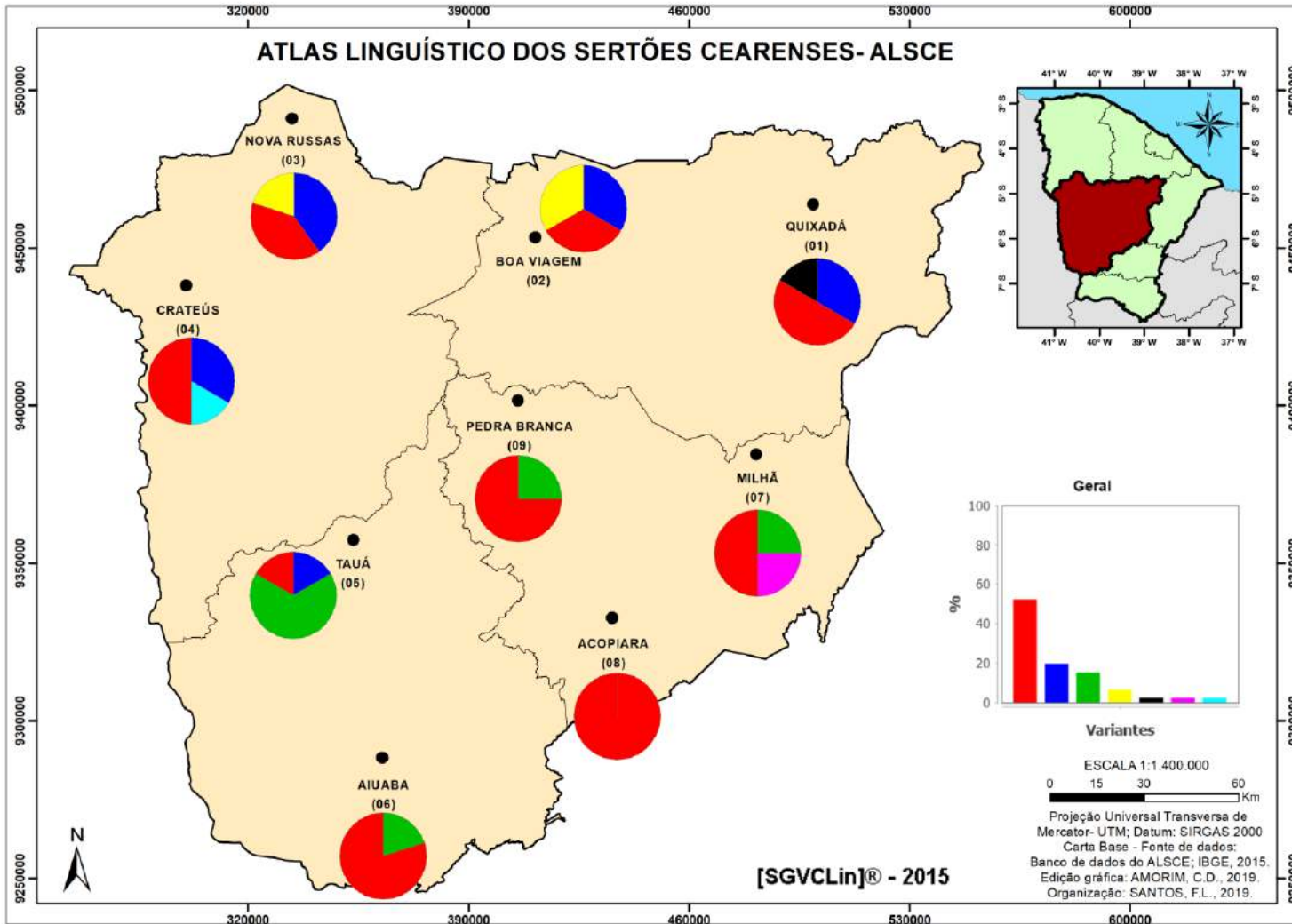
Legenda

- Úbere
- Teta(s)
- Peito(s)
- Seio (s)
- Mama (s)

NOTA

A lexia úbere foi produzida com as seguintes variações fonéticas: *ubre / úmbere / umbro / ubro / ubo*.

Carta L 40. Manco

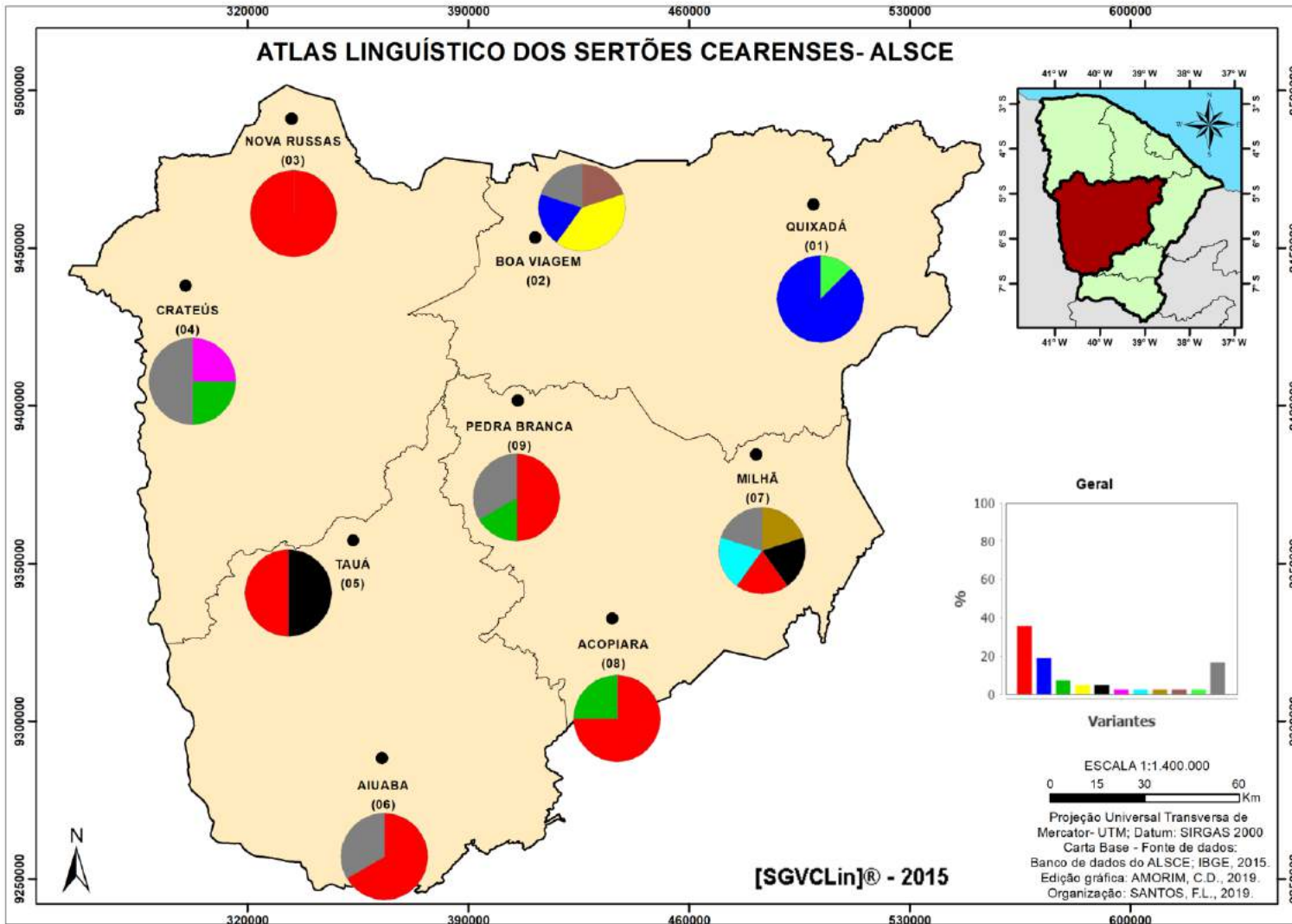


CARTA L40 - MANCO

82 - ... o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?

- Legenda**
- Manco
 - Aleijado
 - Coxo(a)
 - Caxingó
 - Troncho
 - Coxó
 - Derrengado

Carta L 41. Libélula



CARTA L41 - Libélula

85 - ...o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

Legenda

- Libélula
- Lambe-água
- Louva Deus
- Gafanhoto
- Lava bunda
- Aviãozinho
- Bicho d'água
- Bebe-água
- Mariposa
- Liliu
- Outros

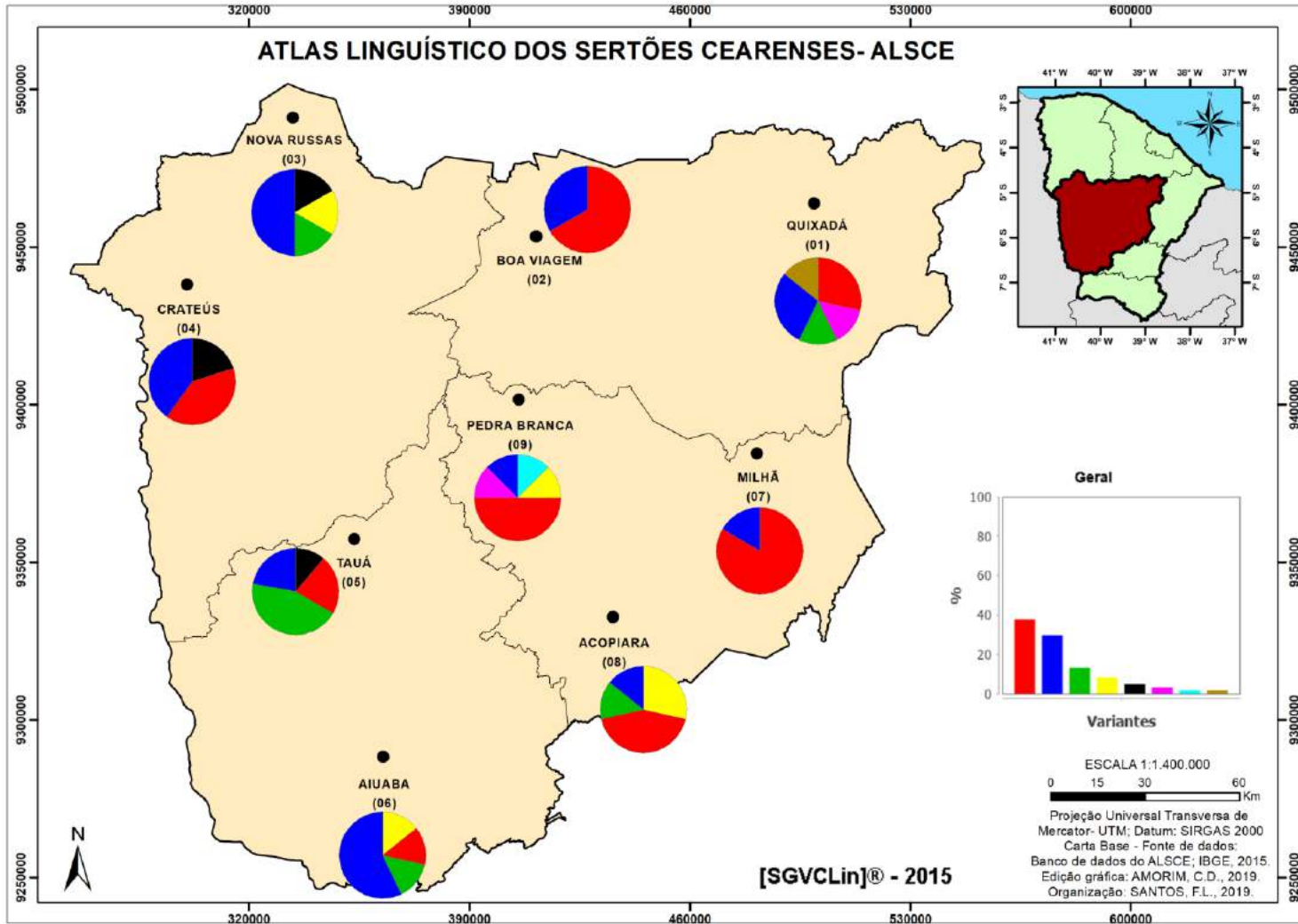
NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Lava-cu* (INF 02.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Boa Viagem); *Aviãozinho* (INF 04.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Crateús); *Mané mago* (INF 04.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Crateús); *Xixiu* (INF 06.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Aiuaba); *Bunda na água* (INF 07.5 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Milhã); *Besouro* (INF 09.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Pedra Branca), e *Vespa* (INF 09.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Pedra Branca).

Apesar das realizações encontradas, ainda tivemos um número considerável de informantes que não souberam responder, especialmente nas localidades de Tauá e Aiuaba.

Foi encontrada a seguinte variação fonético-fonológica de Libélula: *Libérula*.

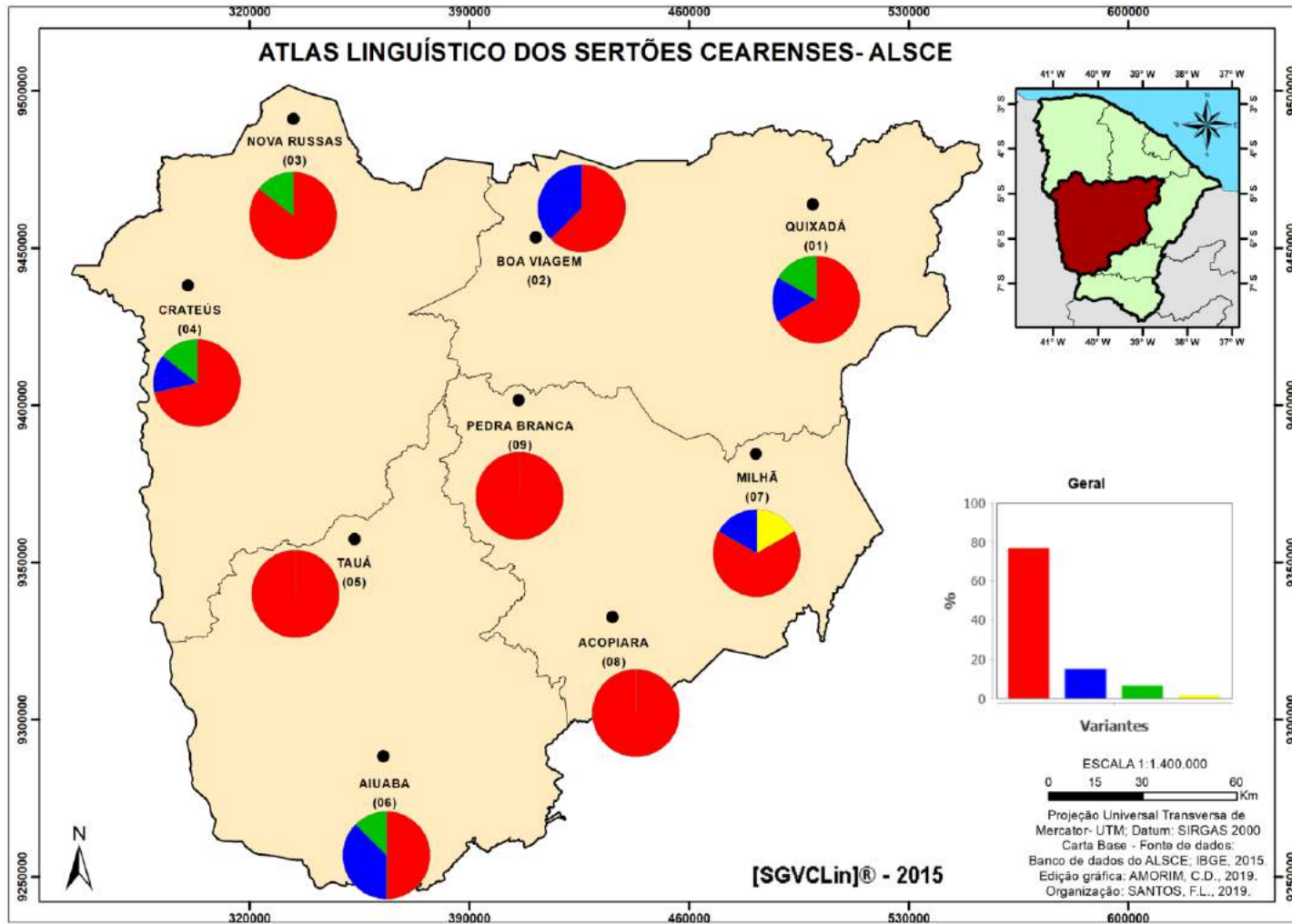
Carta L 42. Tapuru



CARTA L42 - TAPURU

86 - ... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?

Carta L 43. Pálpebras



CARTA L43 - Pálpebras

89 - ...esta parte que cobre o olho? Apontar.

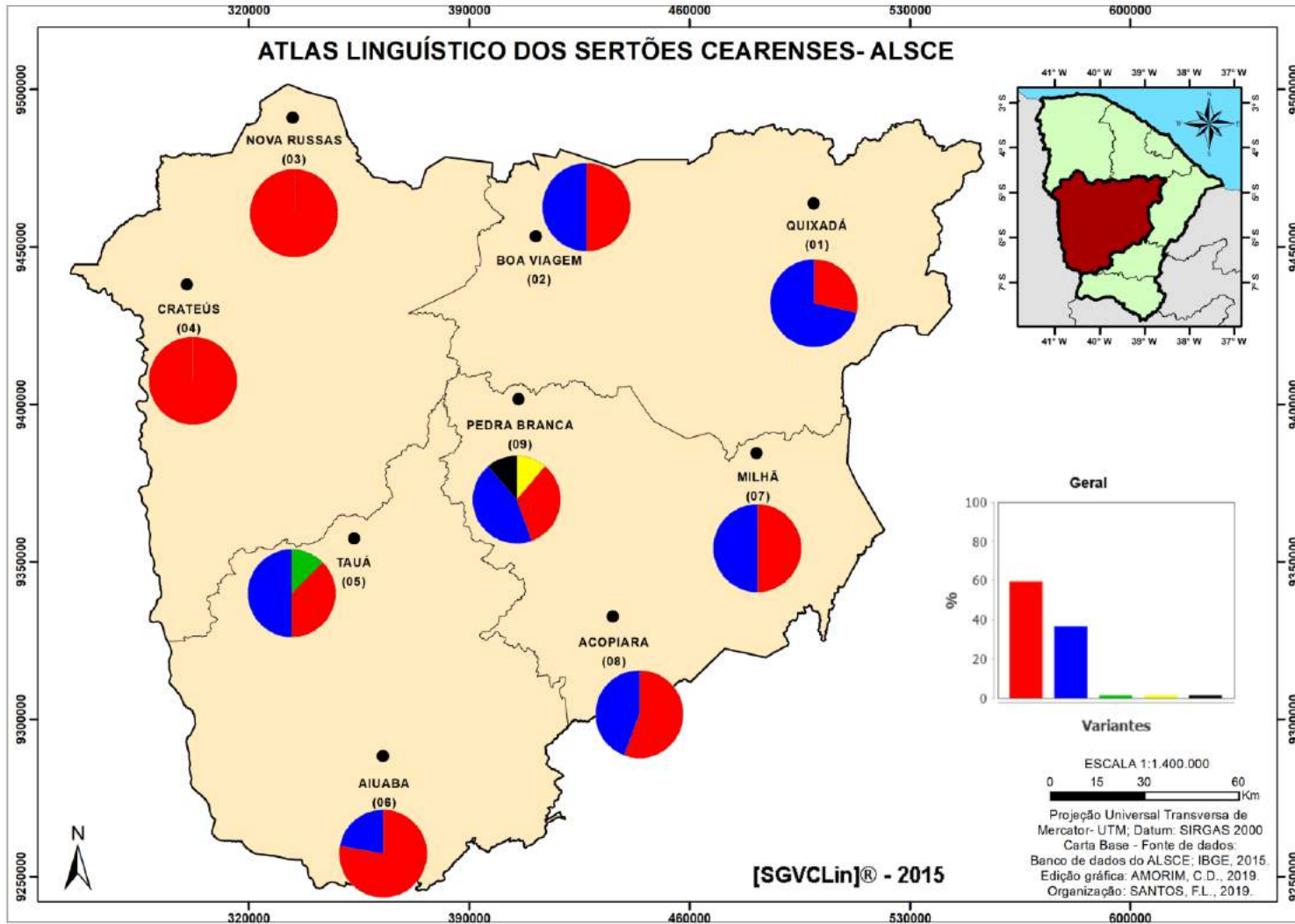
Legenda

- Pálpebra(s)
- Pestana(s)
- Cílio(s)
- Capela do olho

NOTA

Foi encontrada a seguinte variação fonética de Pestana: *Pestanhas*.

Carta L 44. Cisco



CARTA L44 - CISCO

90 - ...alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

Legenda

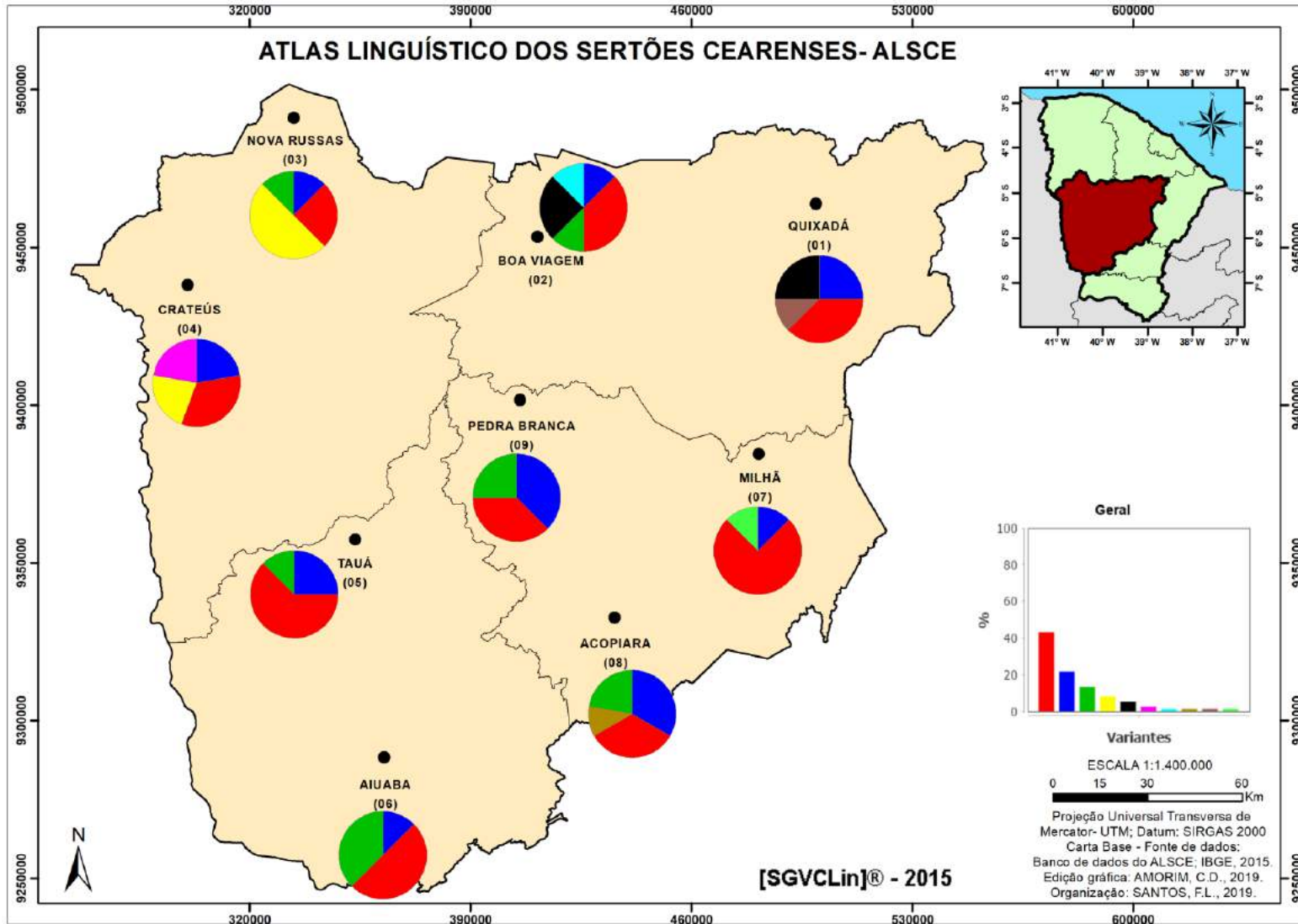
- Cisco
- Algueiro
- Chuvisco
- Cílio
- Granizo

NOTA

Foram encontradas as variações fonéticas de:

1. Algueiro: *Alguero / Argueiro / argueiro*.
2. Granizo: *Granito*.

Carta L 45. Zanolho



CARTA L45 - ZANOLHO

92 - ...a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? Completar com um gesto dos dedos.

Legenda

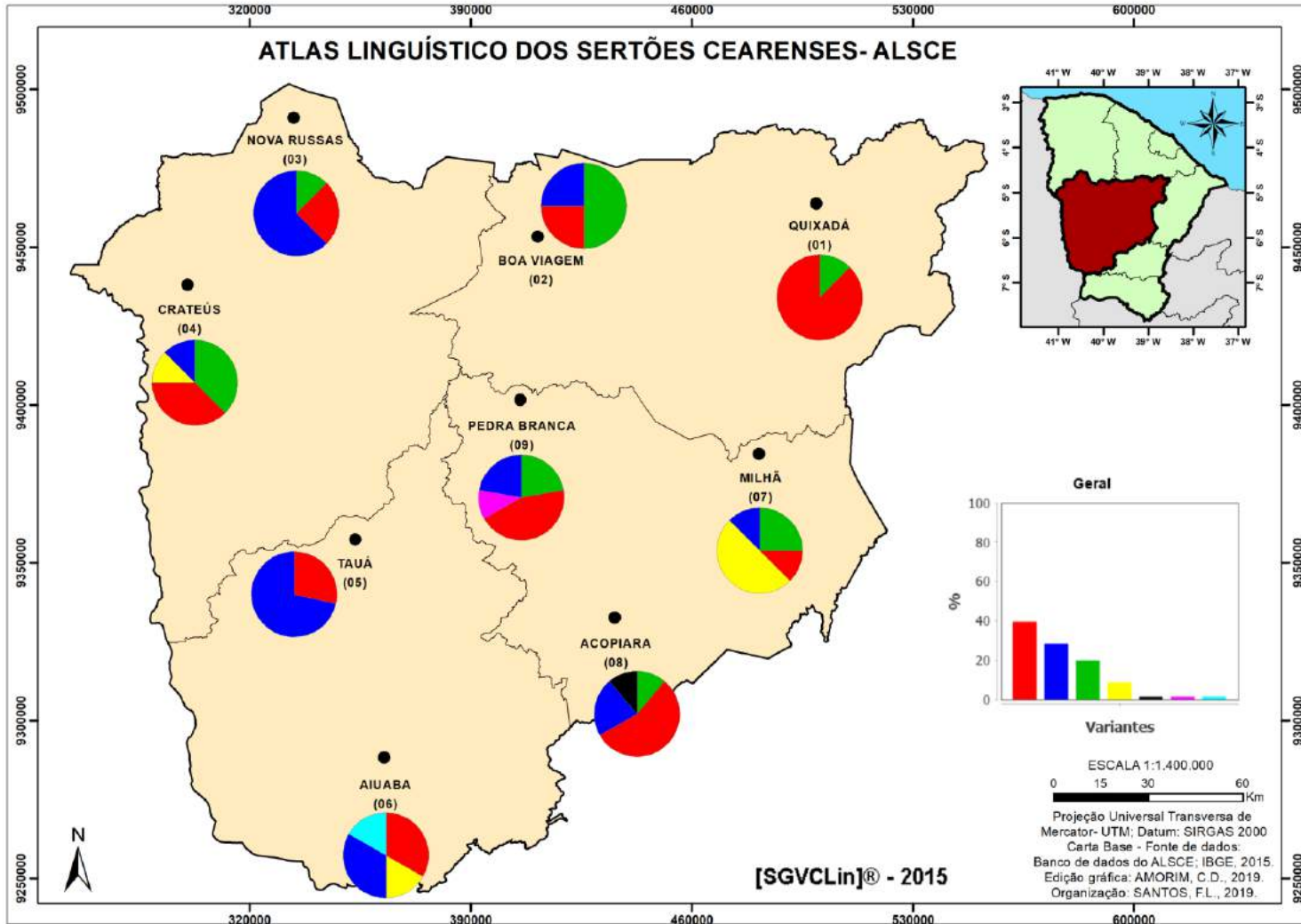
- Zanolho
- Vesga/ Vesgo
- Zarolho
- Violho
- Caralho
- Estrabismo
- Olho atravessado
- Olho trocado
- Estrábico
- Caolho

NOTA

Foram encontradas as variações fonéticas de:

1. Zanolho: *Zanôi / Zanoio / Zanoia / Zanoa.*
2. Caraolho: *Caraôi.*
3. Estrábico: *Istrábico.*

Carta L 46. Meleca



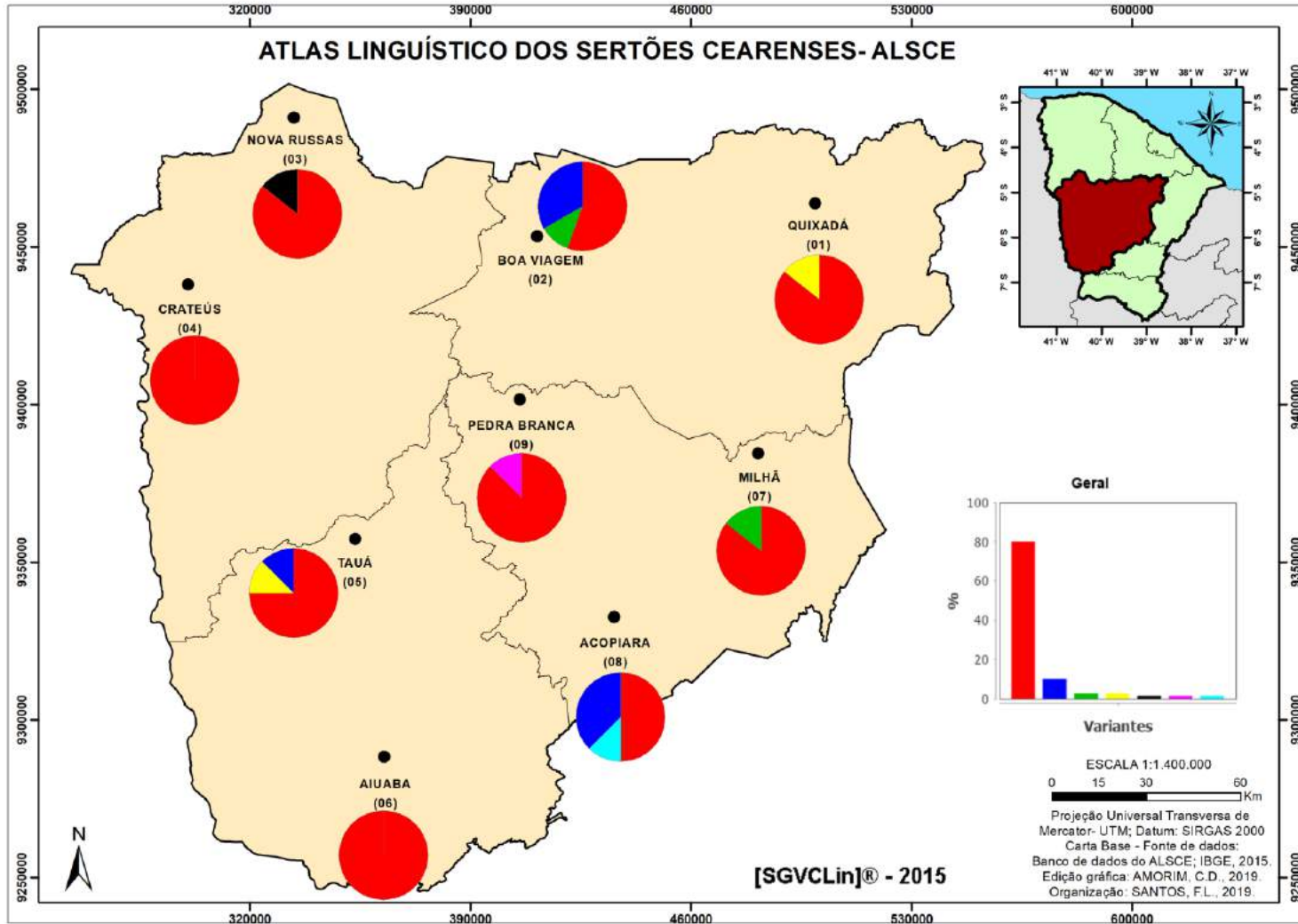
CARTA L46 - MELECA

102 - ...a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

Legenda

- Meleca
- Catarata
- Cataraca
- Caraca
- Remela
- Catarro
- Cacaraca

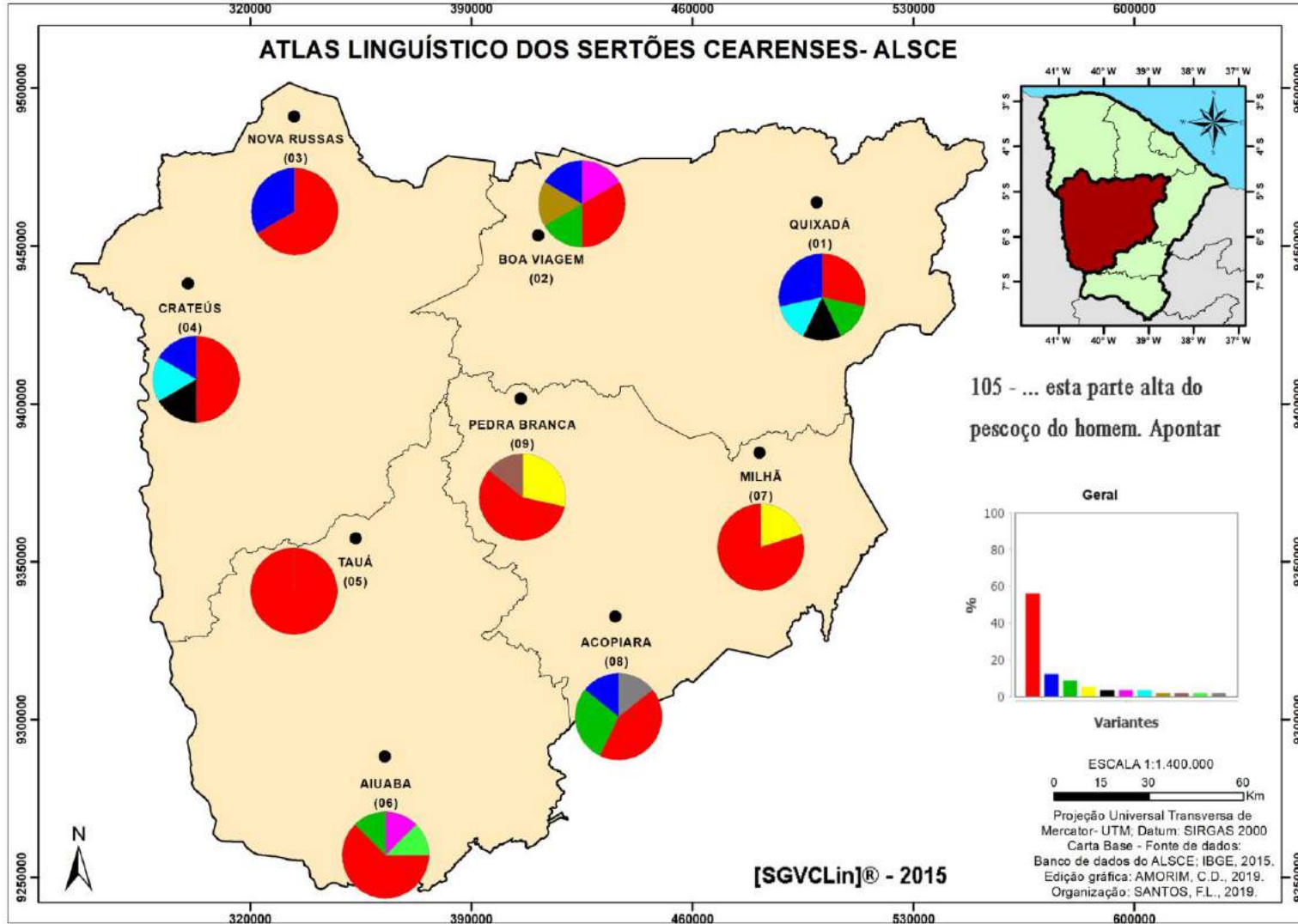
Carta L 47. Nuca



CARTA L47 - NUCA

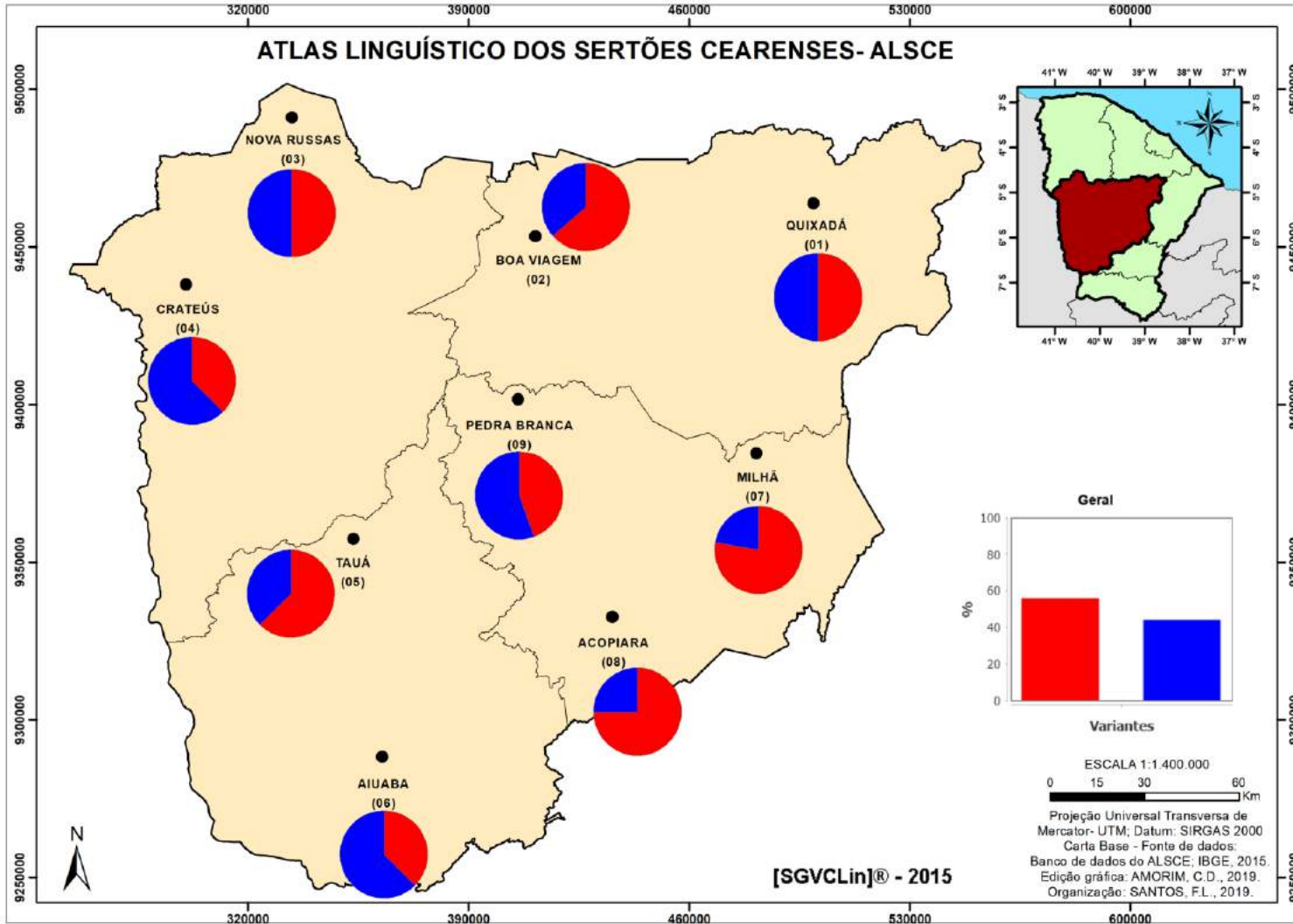
104 - ... isto? Apontar

Carta L 48. Gogó



CARTA L48 - Gogó

Carta L 49. Axila



CARTA L49 - AXILA

108 - ... esta parte aqui?

Apontar

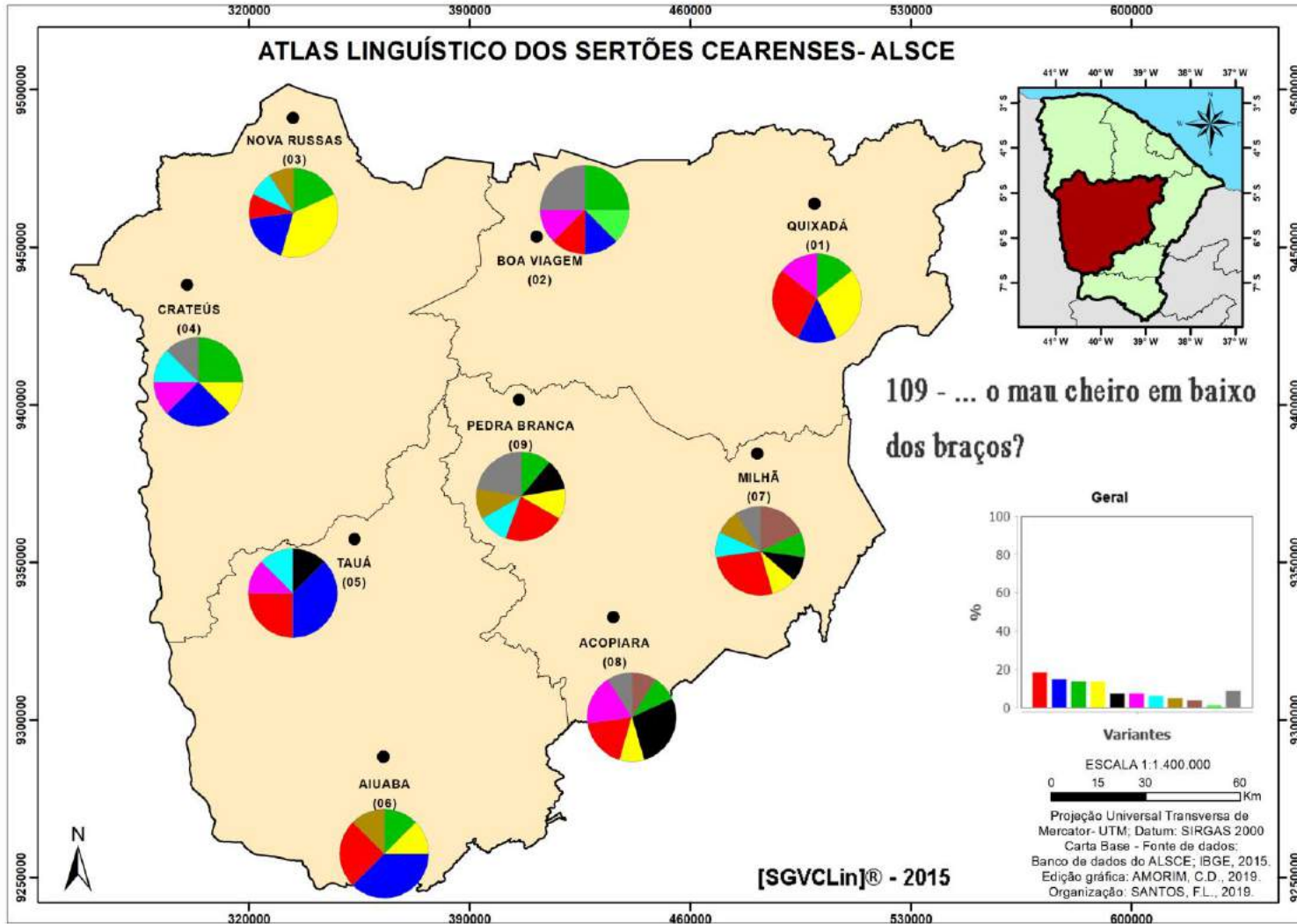
Legenda

- Axila/ Axilas
- Sovaco

NOTA

Em todas as respostas com a lexia *Sovaco*, obtivemos a variação fonética *Sivaco*.

Carta L 50. Sovaqueira



CARTA L50 - SOVAQUEIRA

Legenda

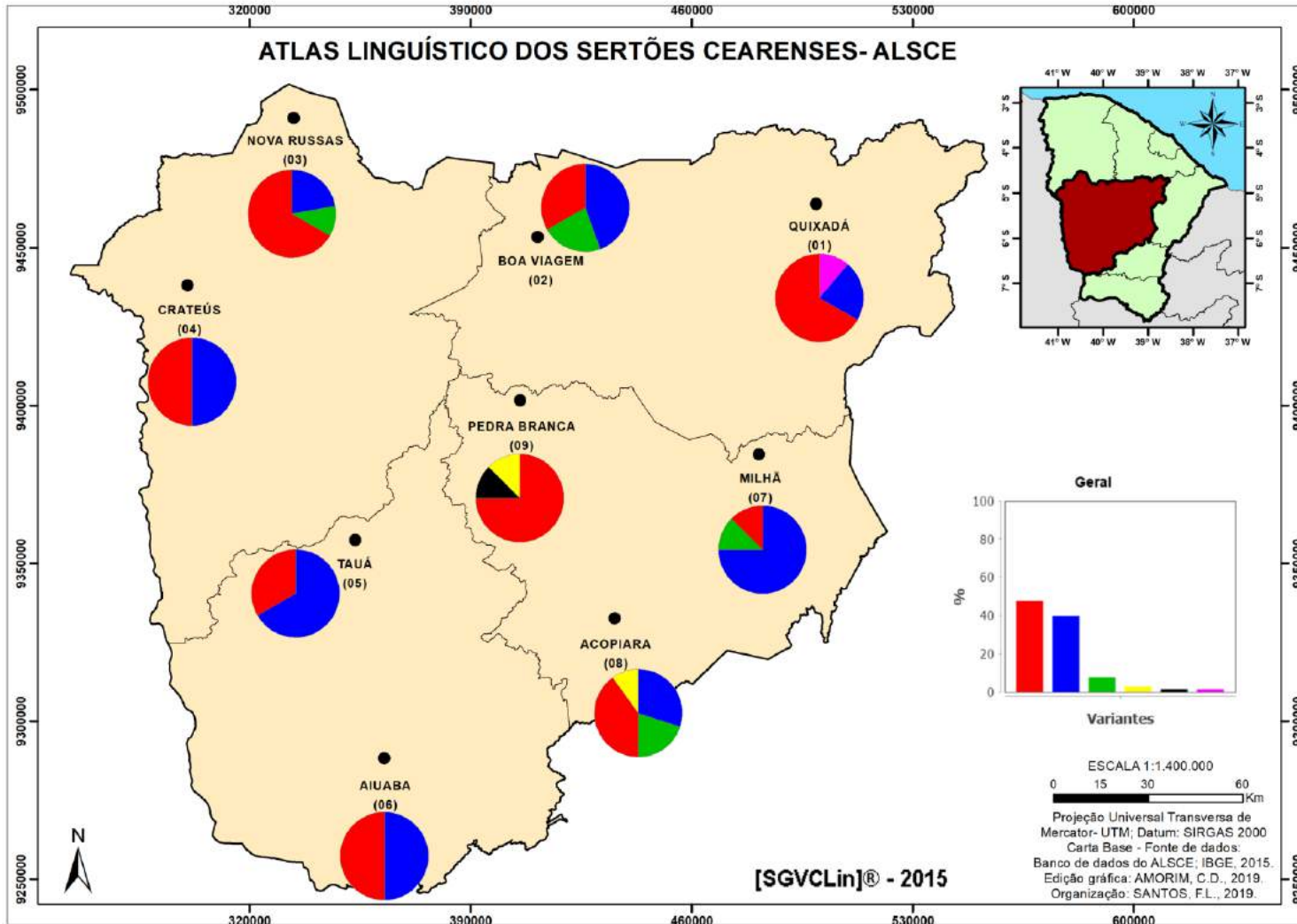
- Sovaqueira
- Catinga/ Catinga de sovaco
- Suor
- Cecê
- Sovaco
- Mau odor/ Odor
- Enhaca
- Mau cheiro/ Mau cheiro de suor
- Fedor
- Cheiro de sovaco
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Sovaco fedendo* (INF 02.2 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem); *Cheiro forte* (INF 04.5 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Crateús); *Sujo de suor* (INF 07.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Milhã); *Fedorento* (INF 08.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Acopiara); *Cheiro de gambá* (INF 09.6 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Pedra Branca), e *Fedorenta como gambá* (INF 09.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Pedra Branca).

As lexias relativas a *Sovaqueira* e a *Sovaco* foram realizadas nas formas fonéticas *Suvaqueira* e *Suvaco*.

Carta L 51. Útero



CARTA L51 - ÚTERO

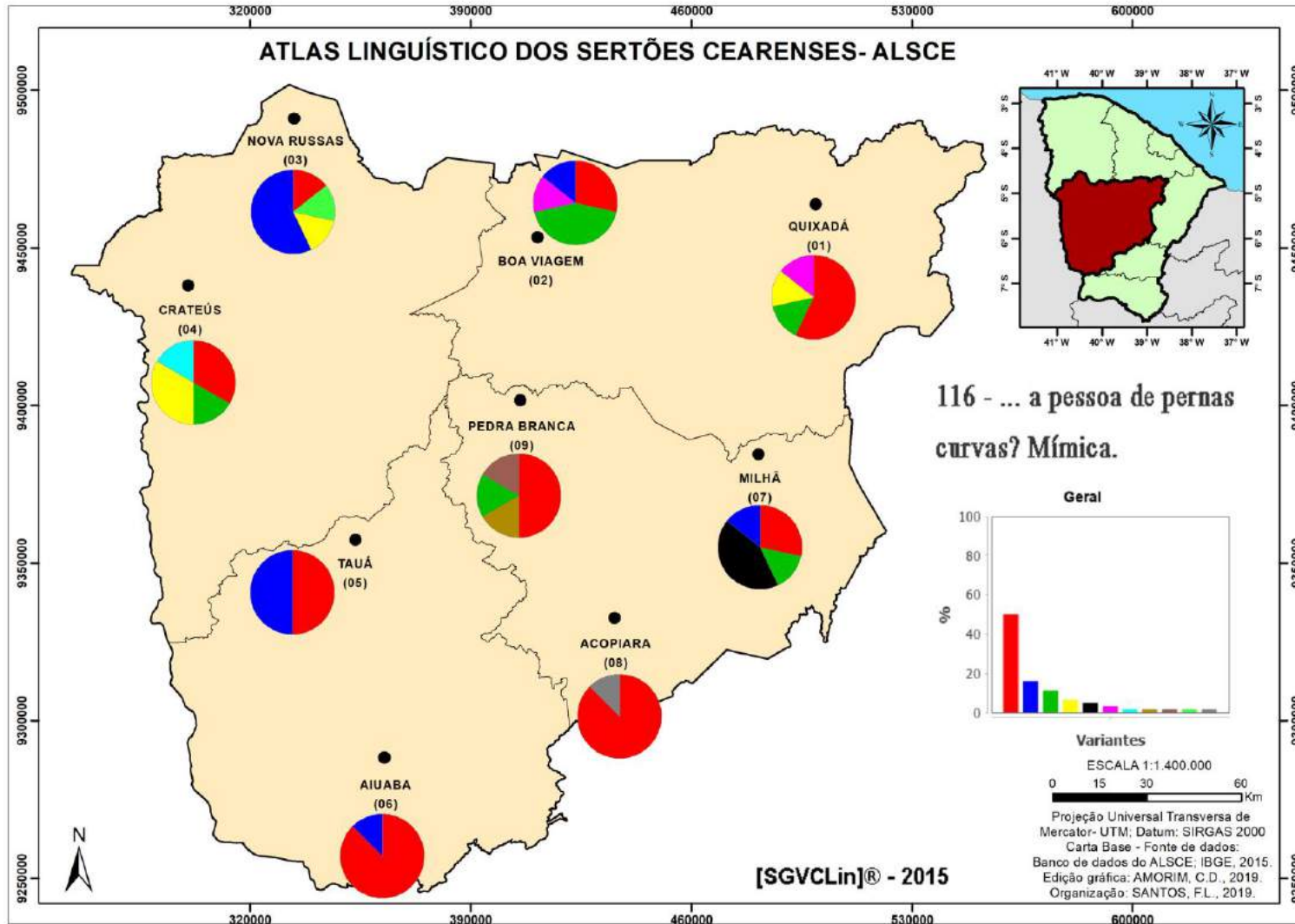
113 - ... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/ bebê antes de nascer?

- Legenda**
- Útero
 - Barriga
 - Ventre
 - Bucho
 - Úbere
 - Placenta

NOTA

A lexia *Úbere* foi realizada na forma fonética *Ube*.

Carta L 52. Cambota



CARTA L52 - CAMBOTA

Legenda

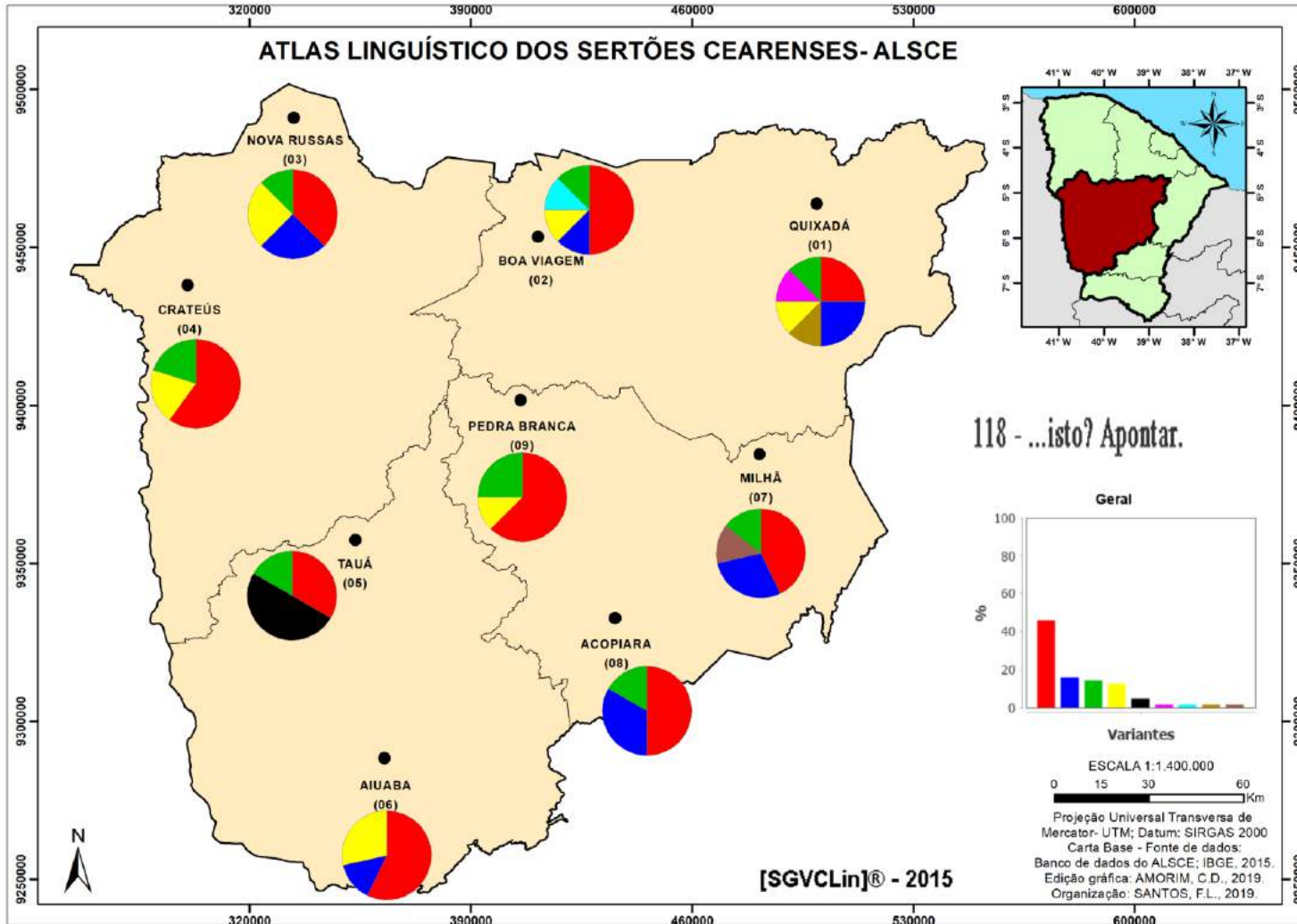
- Camboto(a)
- Perna torta/ Pernas tortas / Torta
- Zambeta
- Deficiente / Deficiente fisico
- Cambado
- Perna cambota
- Caçambo
- Caxingando
- Maneta
- Aleijado
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Deficiente* (INF 01.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Quixadá); *Torta* (INF 02.4 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem), e *Valgo* (INF 08.5 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Acopiara).

Valgo (INF 08.5) é a forma científica para se referir ao nome da pessoa que possui as pernas arqueadas.

Carta L 53. Tornozele



CARTA L53 - TORNOZELO

Legenda

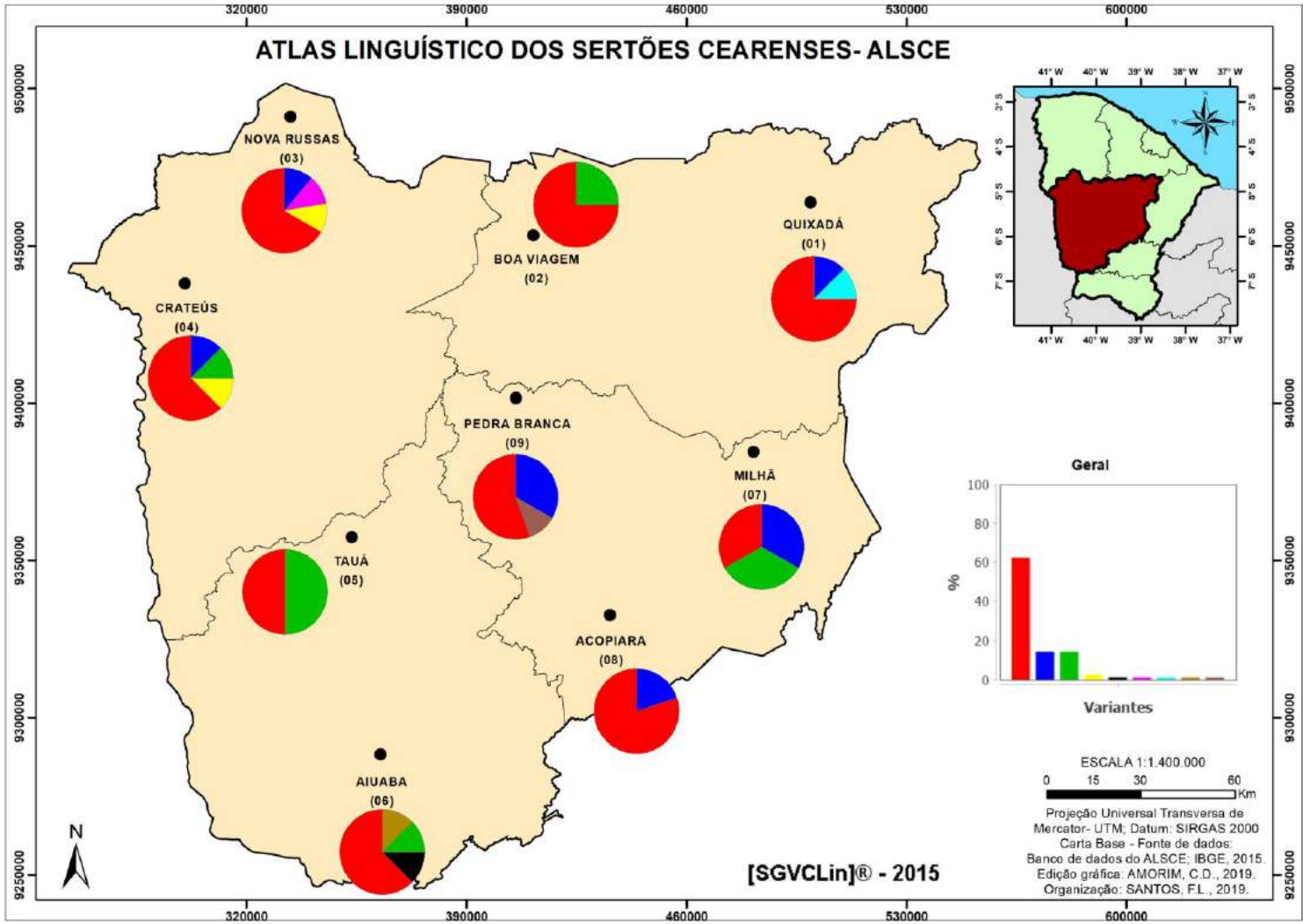
- Tornozele
- Calcanhar
- Mocotó
- Canela
- Maria-Joaquina
- Osso-do-vintém
- Rejeito
- Cambito
- Osso gostoso

NOTA

Foram encontradas as variações fonético-fonológicas de:

1. Calcanhar: *Carcanhá*.
2. Rejeito: *Rejeto*.

Carta L54. Parir

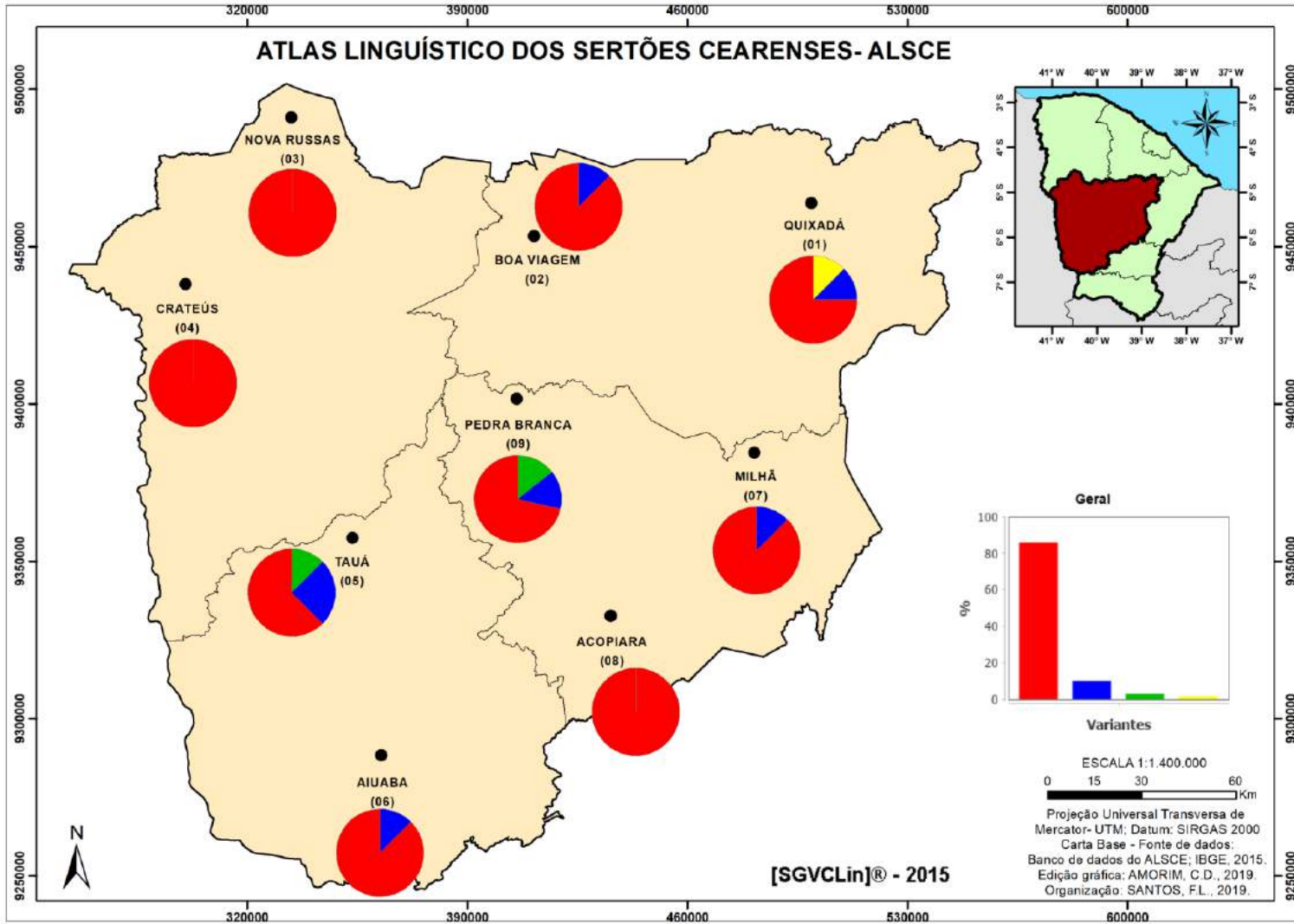


CARTA L54 - PARIR

124 - Chama-se a ____ (cf. item 123) quando a mulher está para ____.

- Legenda**
- Parir
 - Dar à luz
 - Ganhar neném
 - Ter filho
 - Ter bebê
 - Ter a criança
 - Ter neném
 - Receber a criança
 - Parto

Carta L 55. Caçula



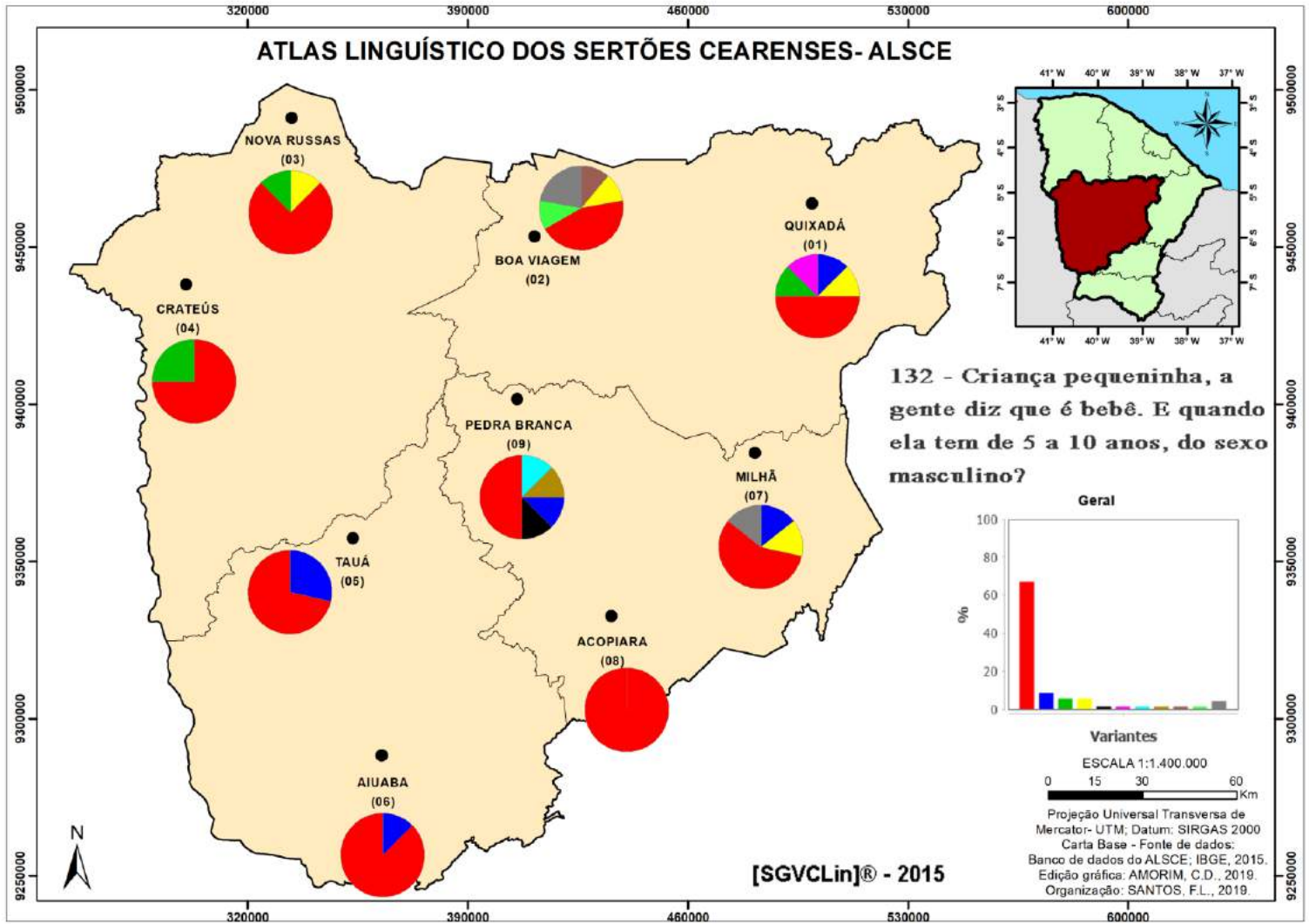
CARTA L55 - CAÇULA

131 - ...o filho que nasceu por último?

Legenda

- Caçula
- Mais novo
- Derradeiro
- Temporão

Carta L 56. Menino



CARTA L56 - MENINO

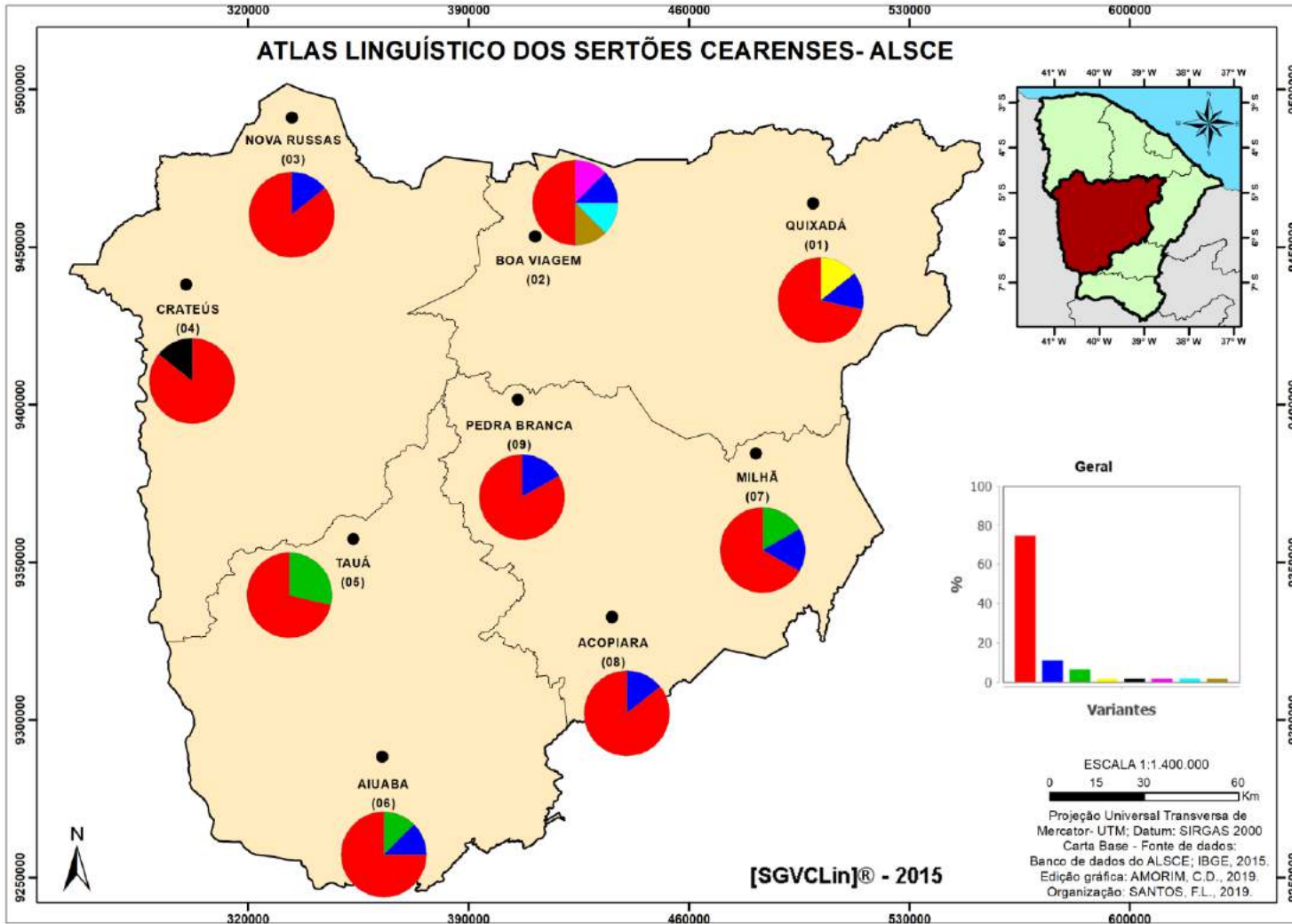
Legenda

- Menino
- Garoto
- Criança
- Rapaz
- Masculino
- Frangote
- Rapazinho
- Pré-adolescente
- Pivetinho
- Adolescente
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Gurizinho* e *Meninozinho* (INF 02.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem) e *Príncipe* (INF 07.4 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Milhã).

Carta L 57. Menina

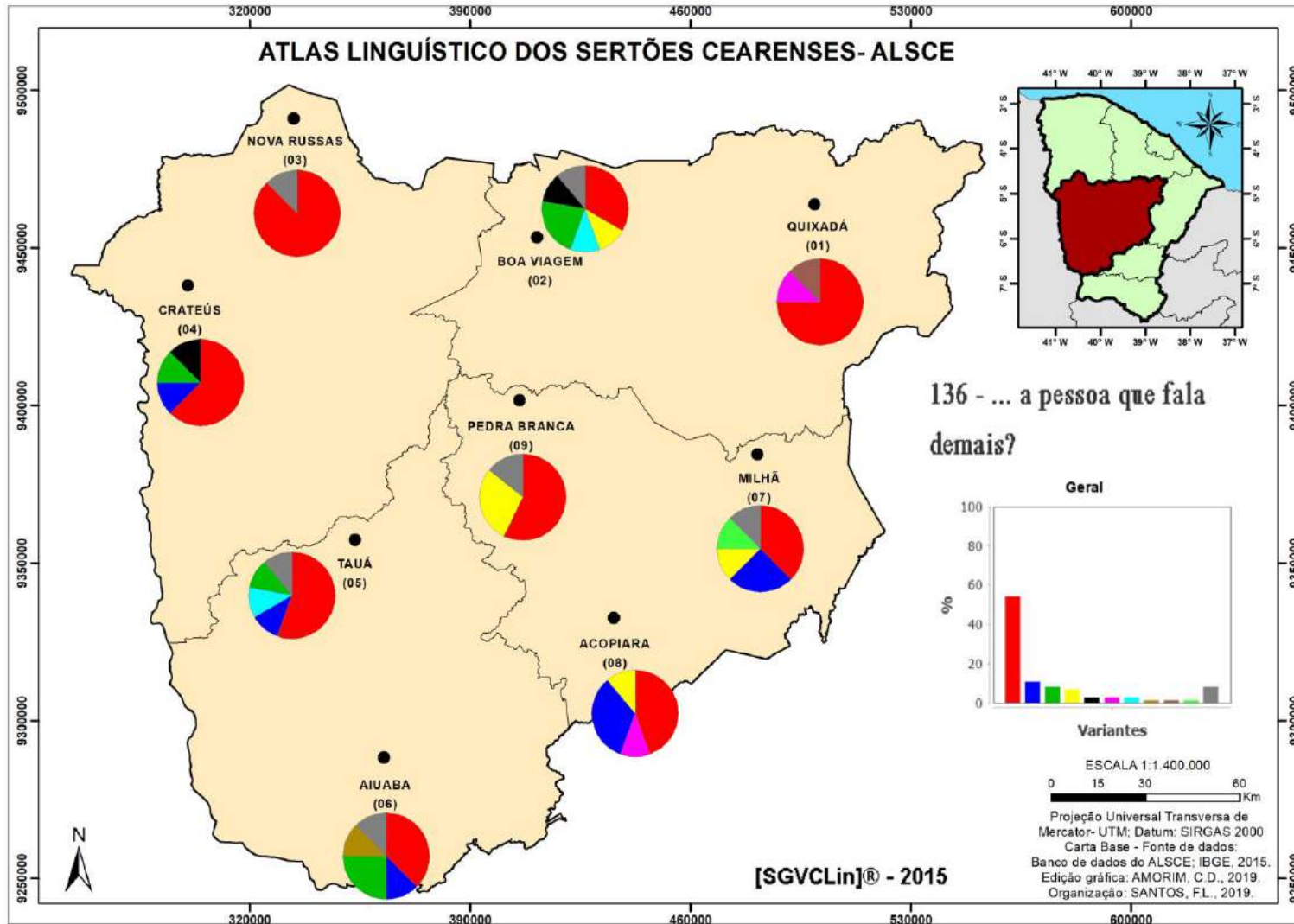


CARTA L57 - MENINA

133 - E se for do sexo feminino, como se chama?

- Legenda**
- Menina
 - Moça
 - Garota
 - Meninota
 - Criança
 - Meninazinha
 - Feminina
 - Garotinha

Carta L 58. Tagarela



CARTA L58 - TAGARELA

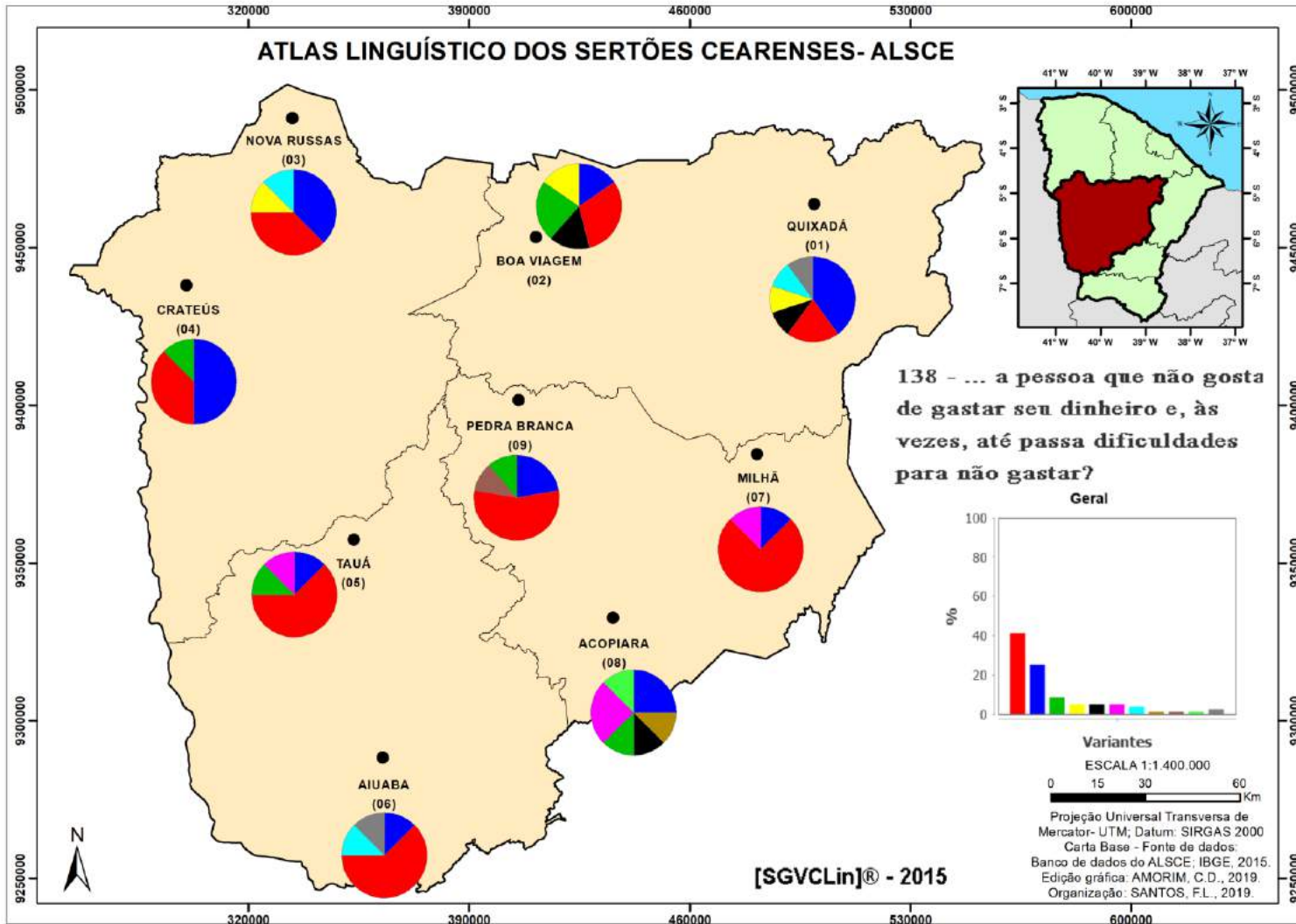
Legenda

- Tagarela
- Faladeira/ Falador
- Fofoqueira/ Fuxiqueira
- Linguarudo
- Fala demais / Fala pelos cotovelos
- Língua solta
- Conversadeira/ Conversador
- Fala mais que o homem da cobra
- Zuadenta
- Fala mansa
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Barulhento* (INF 02.5 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Boa Viagem); *Bebeu água de chuchalho* (INF 03.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Nova Russas); *Fala demais* (INF 04.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Crateús); *Gasguita* (INF 05.2 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Tauá); *Tagalera* (INF 06.5 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Aiuaba), e *Boca grande* (INF 09.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Pedra Branca).

Carta L 59. Miserável



CARTA L59 - Miserável

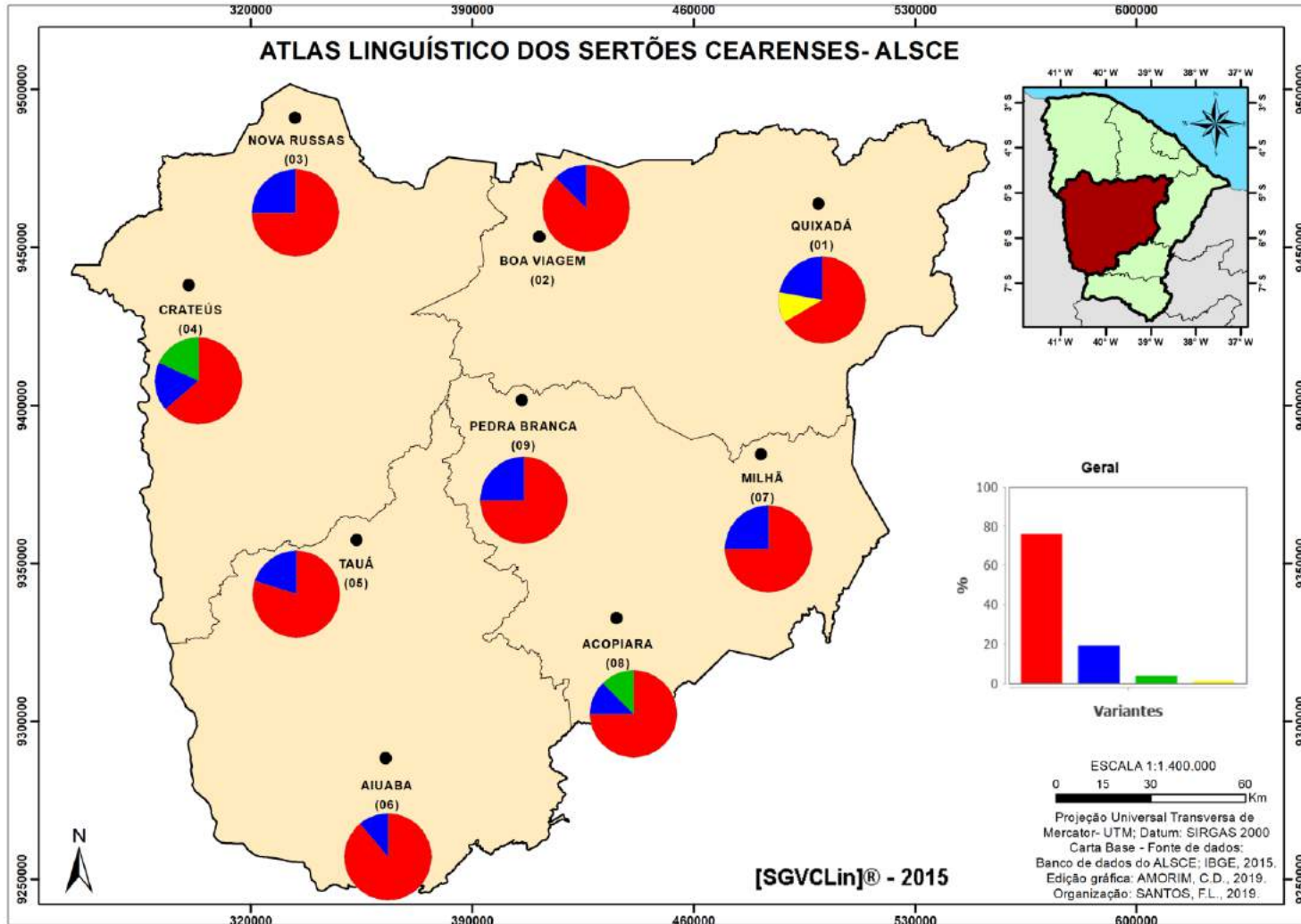
Legenda

- Miserável
- Mão-de-vaca
- Sovina/ Sovino
- Ranzinza
- Pão-duro
- Avarento
- Muquirana
- Mão-fechada
- Ureca
- Econômico
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Unha de fome* (INF 01.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Quixadá), e *Penoso* (INF 06.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Aiuaba).

Carta L 60. Corno



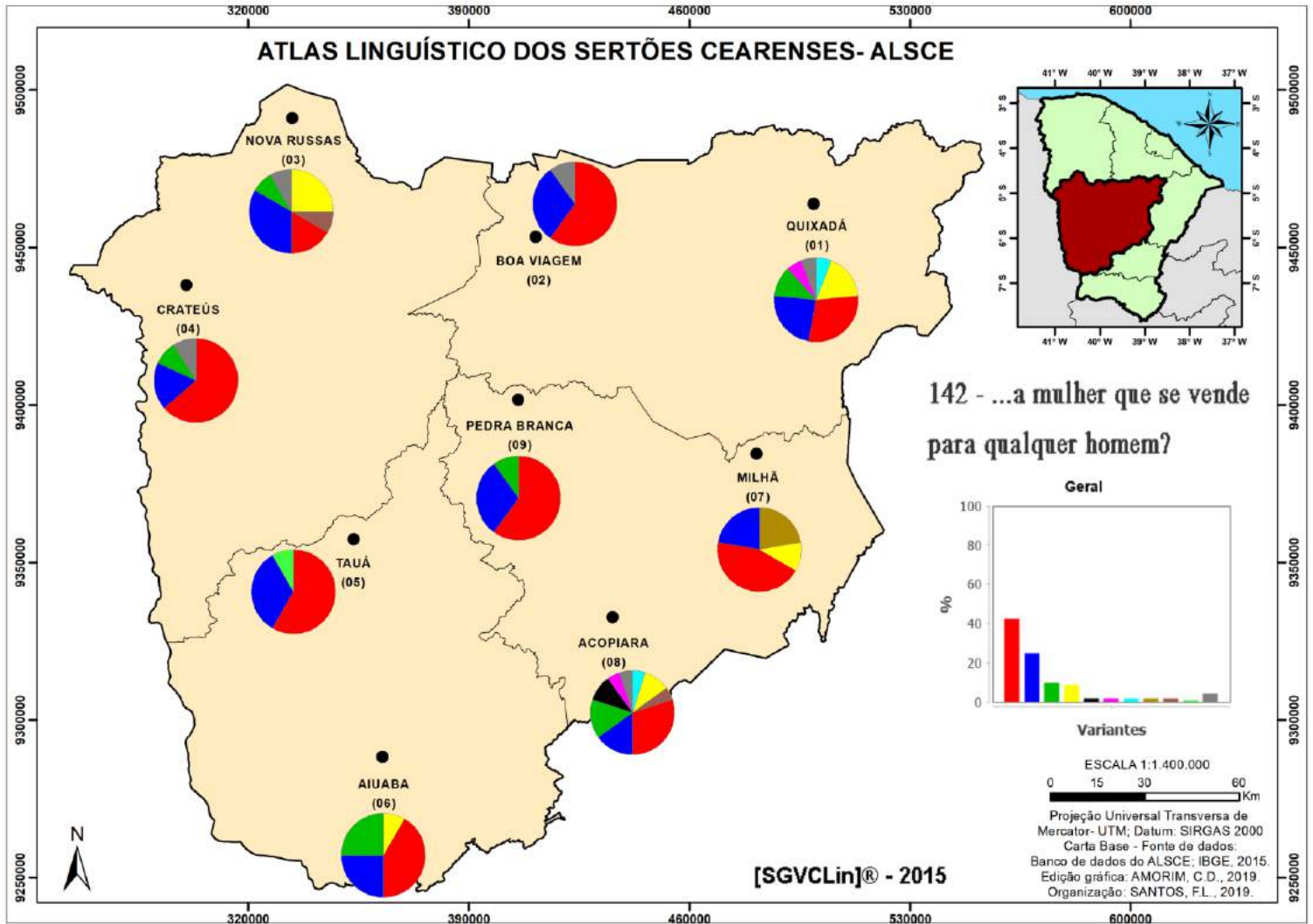
CARTA L60 - CORNO

141 - ...o marido que a mulher
 passa para trás com outro
 homem?

Legenda

- Corno
- Chifrudo
- Traído
- Cornélio

Carta L 61. Prostituta



CARTA L61 - PROSTITUTA

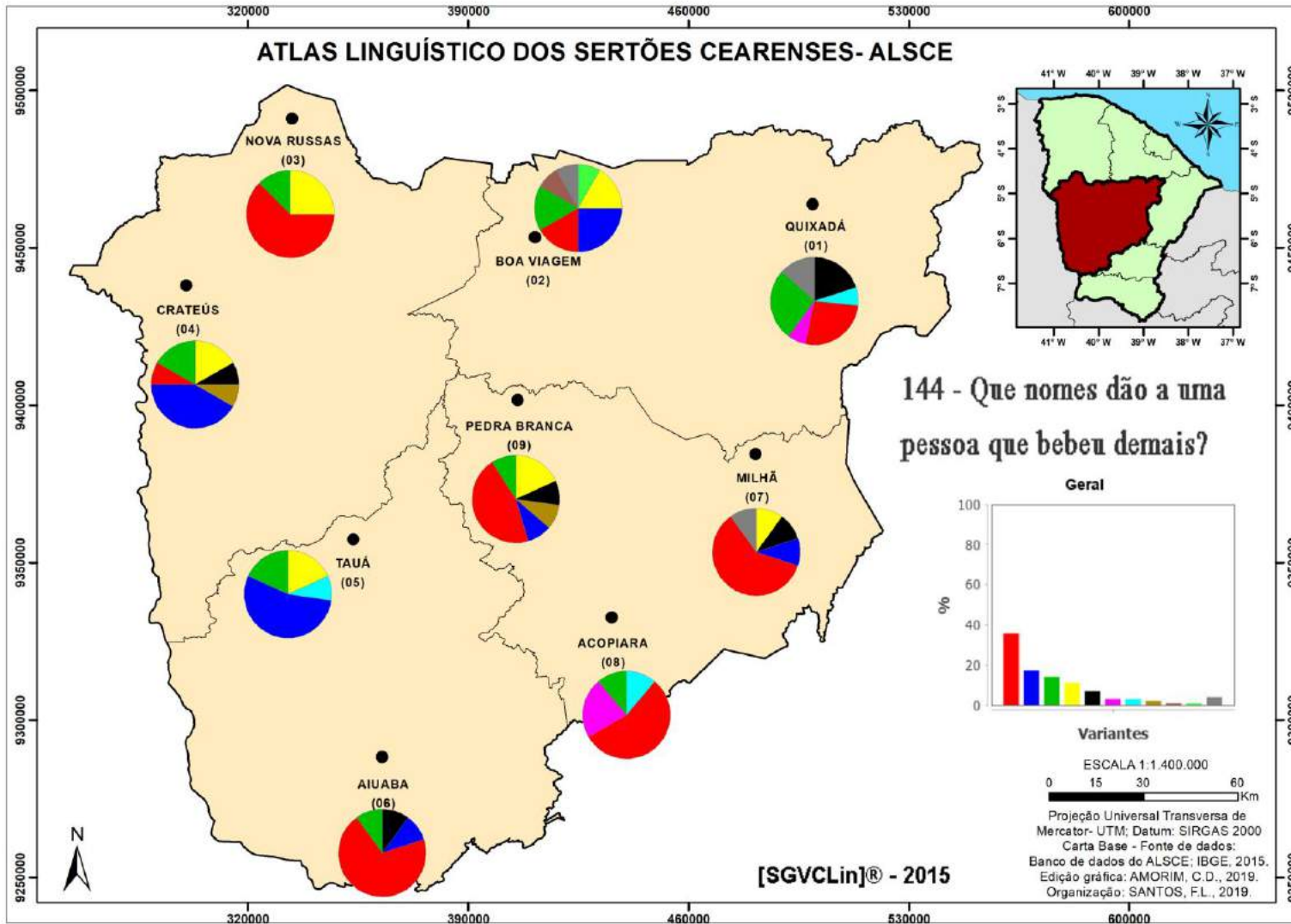
Legenda

- Prostituta
- Rapariga
- Quenga/ Quenga de aluguel
- Puta
- Manteúda/ Teúda
- Piranha
- Garota de Programa
- Vagabunda
- Mulher-da-vida
- Promíscua
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Profissional do sexo* (INF 01.5 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Quixadá); *Galinha* (INF 02.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem); *Cutruvia* (INF 03.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Nova Russas); *Meretriz* (INF 04.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Crateús), e *Vadia* (INF 08.4 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Acopiara).

Carta L 62. Bêbado



CARTA L62 - Bêbado

Legenda

- Bêbado(a)
- Alcoólatra
- Cachaceiro
- Bebarrão
- Pinguço
- Papudim
- Bebum
- Pé-inchado
- Bebo fi duma égua
- Bebo pai d'égua
- Outros

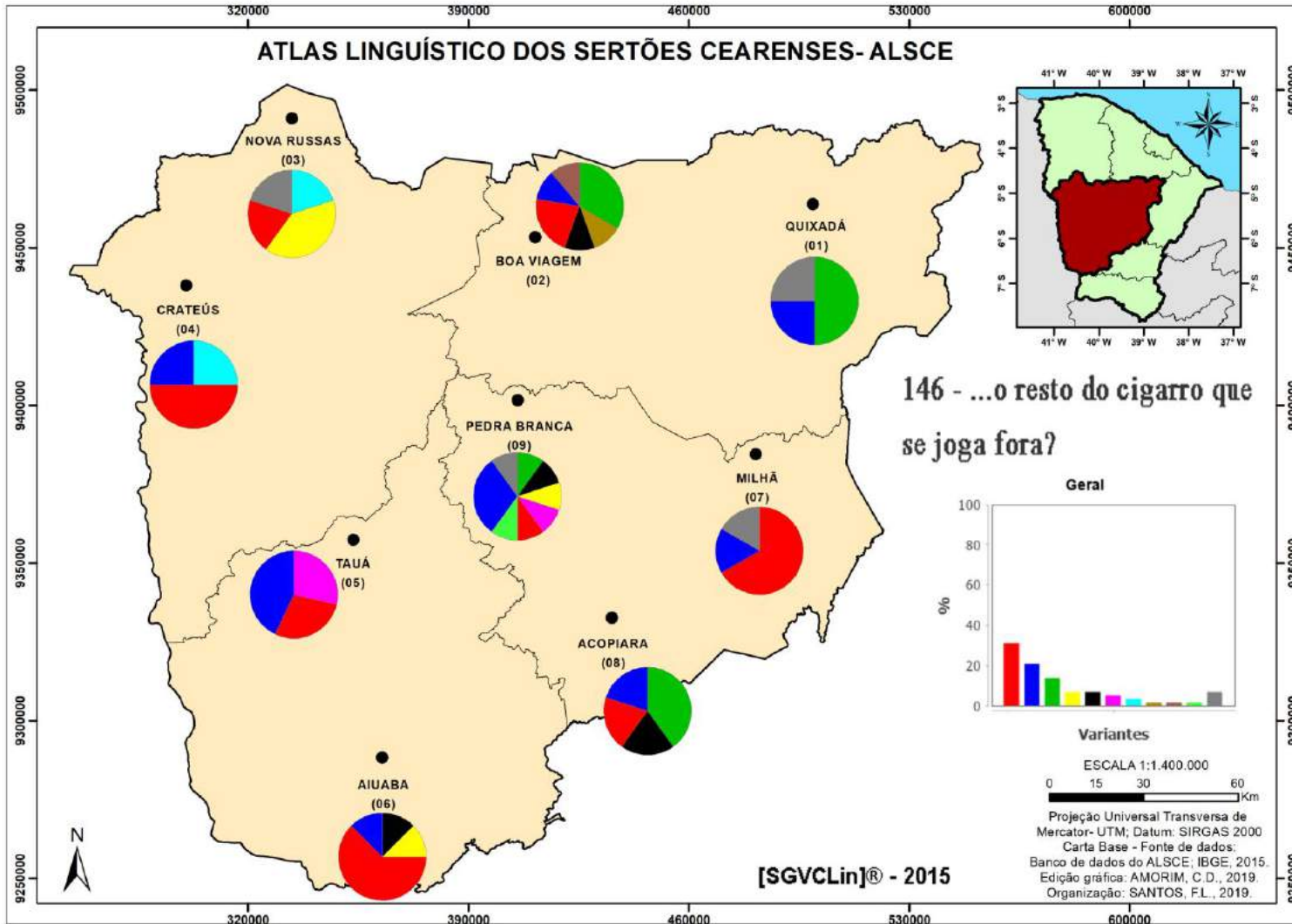
NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Pudim de cachaça* (INF 01.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Quixadá); *Bebo pai d'égua*, *Bebo merda* e *Bebo fi duma égua* (INF 02.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem), e *Cu-de-cana* (INF 07.6 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Milhã.

A lexia *Bêbado(a)* foi realizada também na forma fonética *Bebo(a)*.

Atribuímos a ocorrência *Alcoólico* como variação de *Alcoólatra*.

Carta L 63. Ponta-de-cigarro



CARTA L63 - PONTA-DE-CIGARRO

Legenda

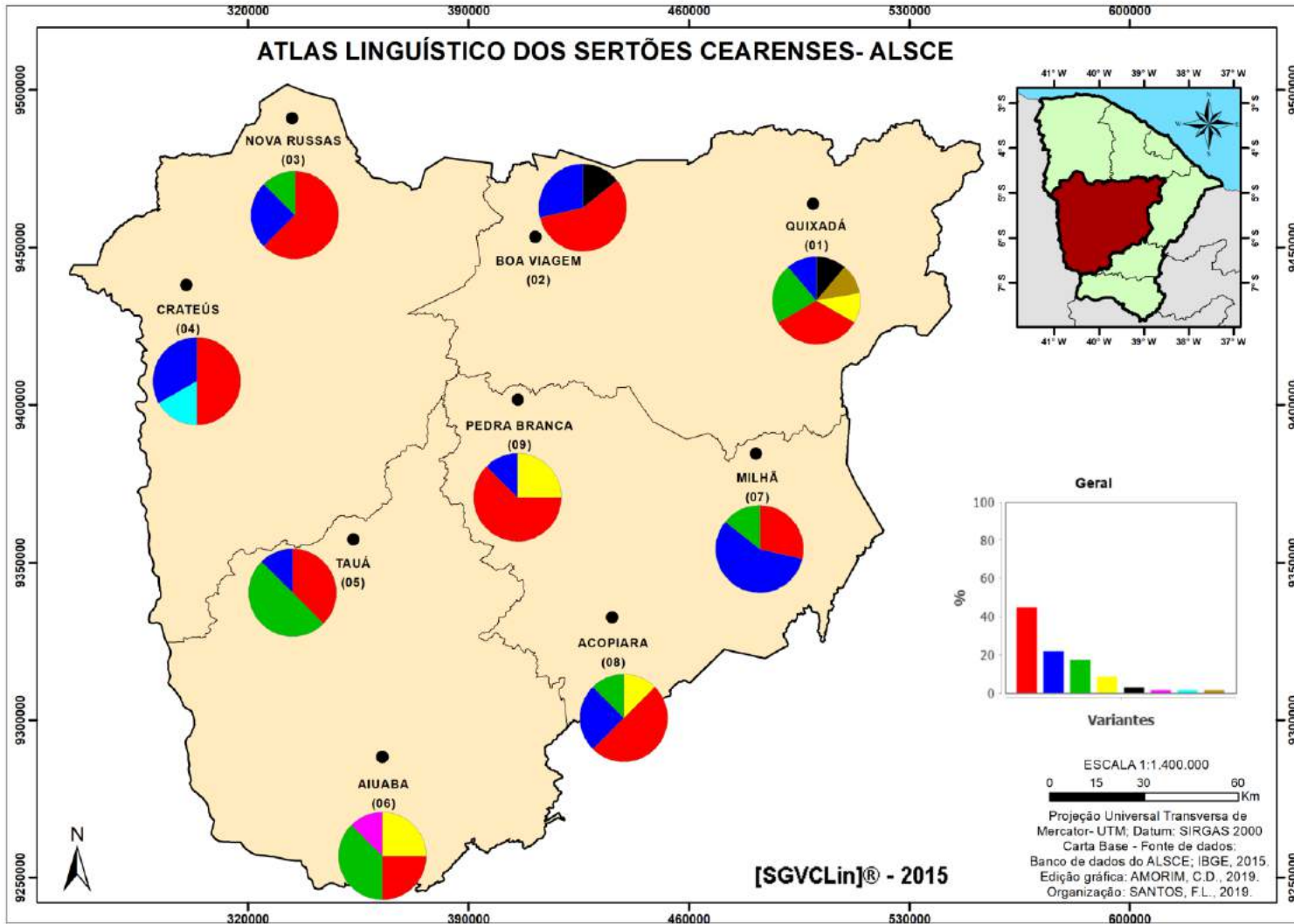
- Ponta/ Ponta-de-cigarro
- Bituca
- Coxia
- Filtro
- Pitoco
- Resto
- Bico/ Bico do cigarro
- Toco
- Cirna
- Pitaquinho
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Cirna* (INF 02.2 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem); *Bico de cigarro* (INF 04.2 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Crateús); *Piora* (INF 07.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Milhã); *Pitaquinho* e *Pedacinho* (INF 09.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Pedra Branca).

A lexia *Bituca* também foi realizada nas formas fonéticas *Bitoca* e *Butuca*. Assim como a lexia *Pitoco* foi realizada nas formas fonéticas *Pituca* e *Pituco*.

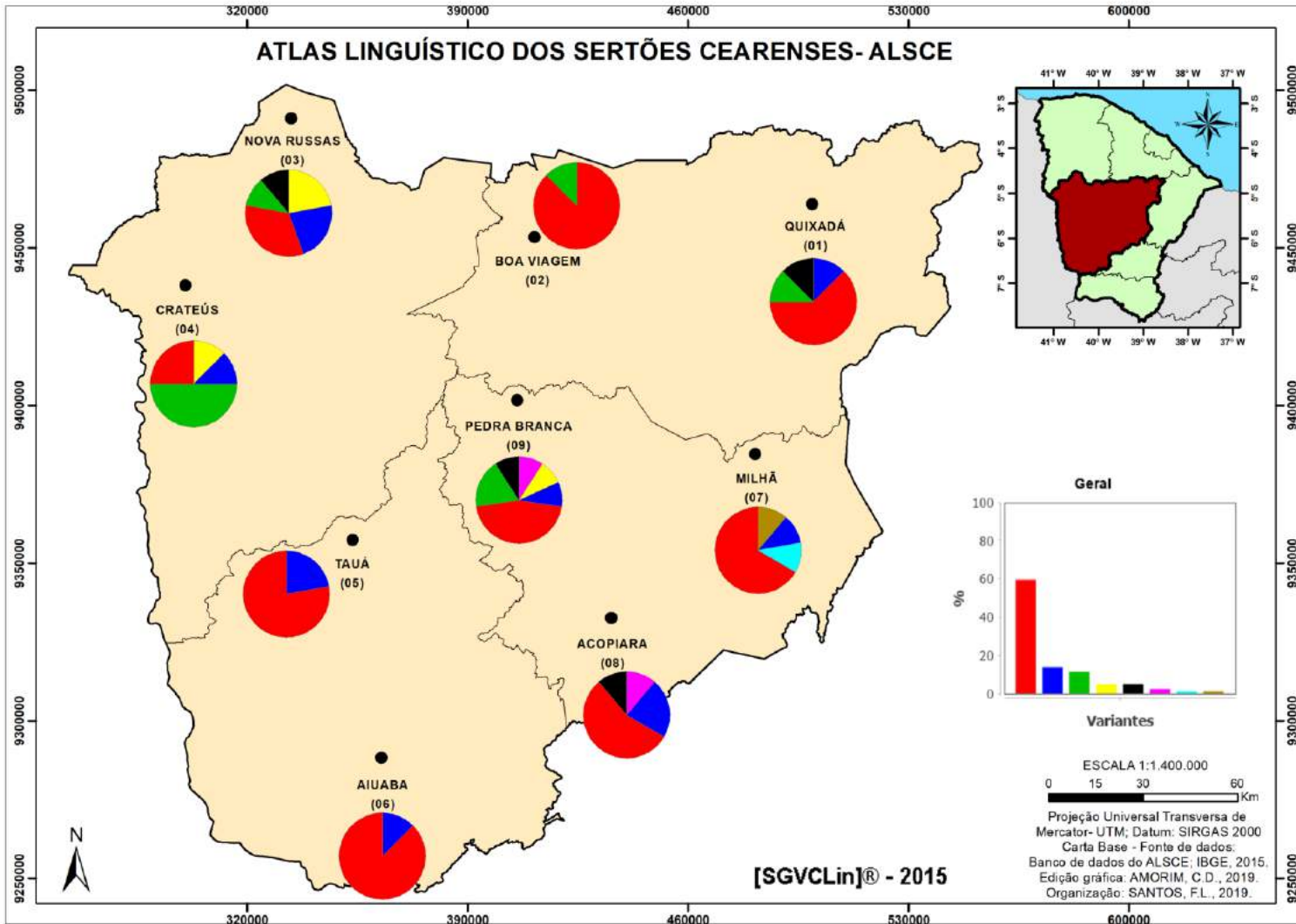
Carta L 64. Diabo



CARTA L64 - DIABO

147 - Deus está no céu e no inferno está ____.

Carta L 65. Alma



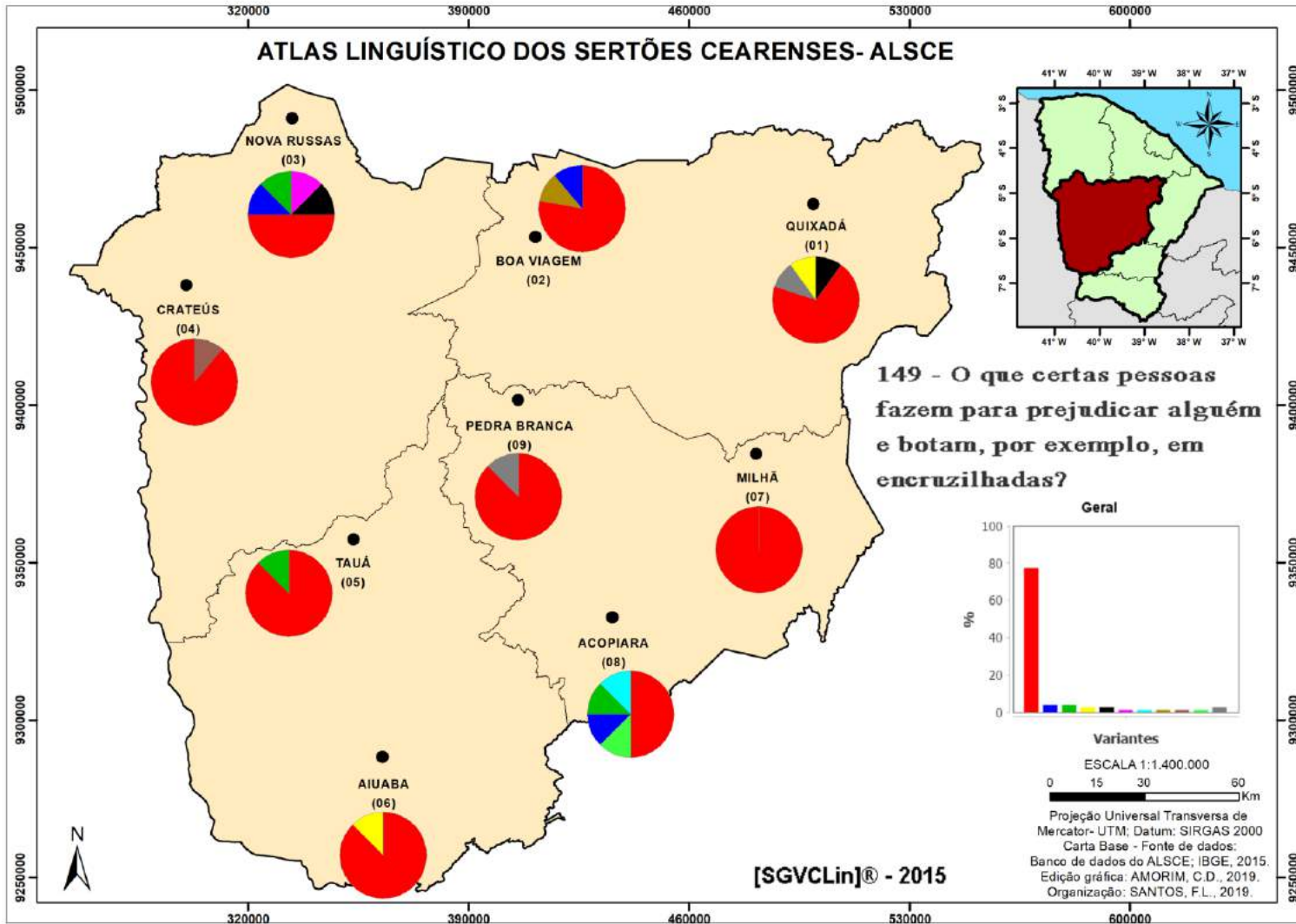
CARTA L65 - ALMA

148 - O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitério ou em casa, que se diz que é do outro mundo?

Legenda

- Alma/ Almas
- Assombração
- Visagem/ Visagens
- Fantasma(s)
- Alma-penada
- Espírito(s)
- Coveiro
- Morte

Carta L 66. Macumba



CARTA L66 - MACUMBA

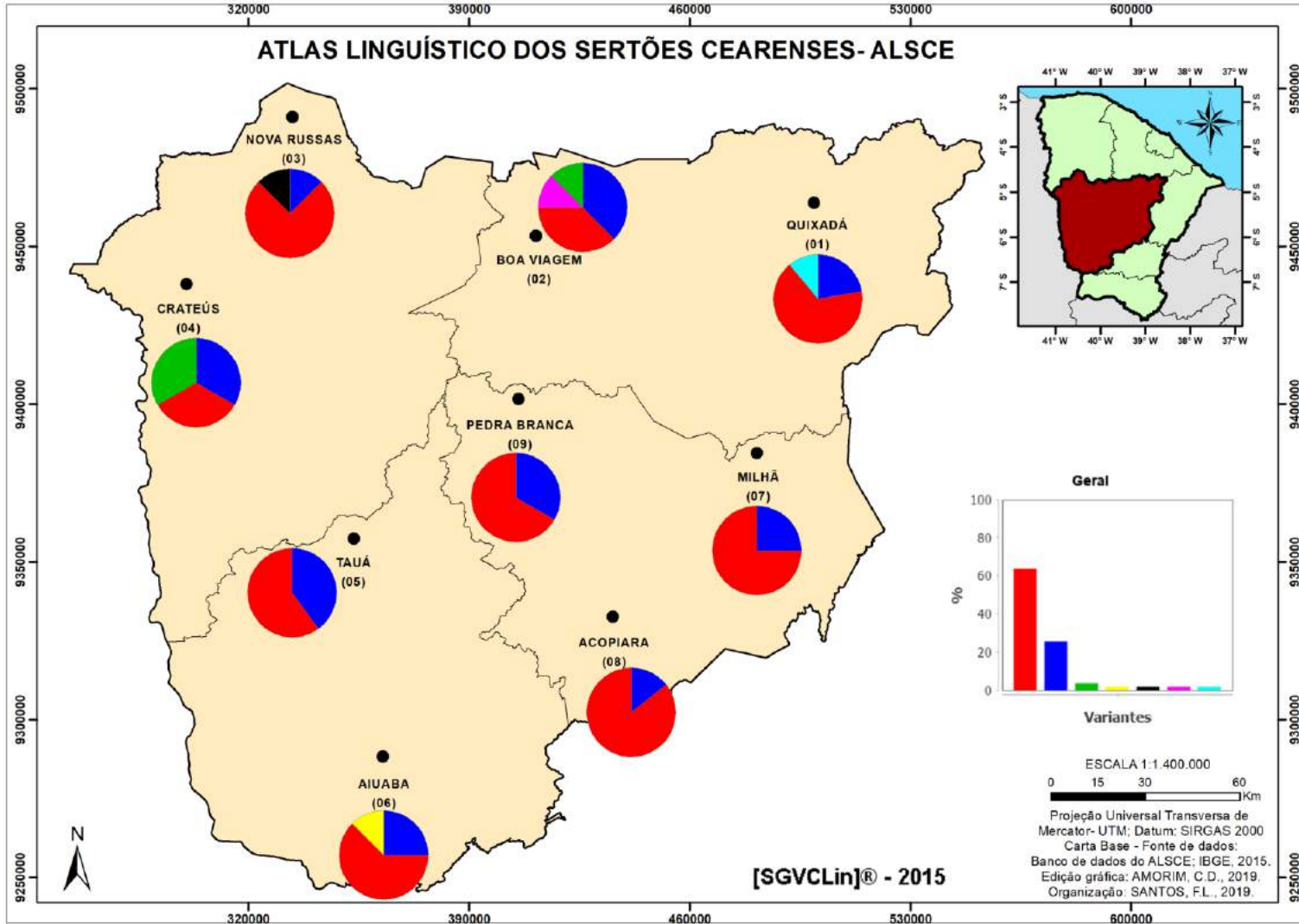
Legenda

- Macumba
- Galinha-preta
- Despacho
- Bruzaria
- Mandinga
- Espiritismo
- Alho
- Gato-Preto
- Feitiçaria
- Cruz
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Oferenda* (INF 01.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Quixadá), e *Vela* (INF 09.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Pedra Branca).

Carta L 67. Presépio



CARTA L67 - Presépio

154 - No Natal, monta-se um grupo de figura representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?

Legenda

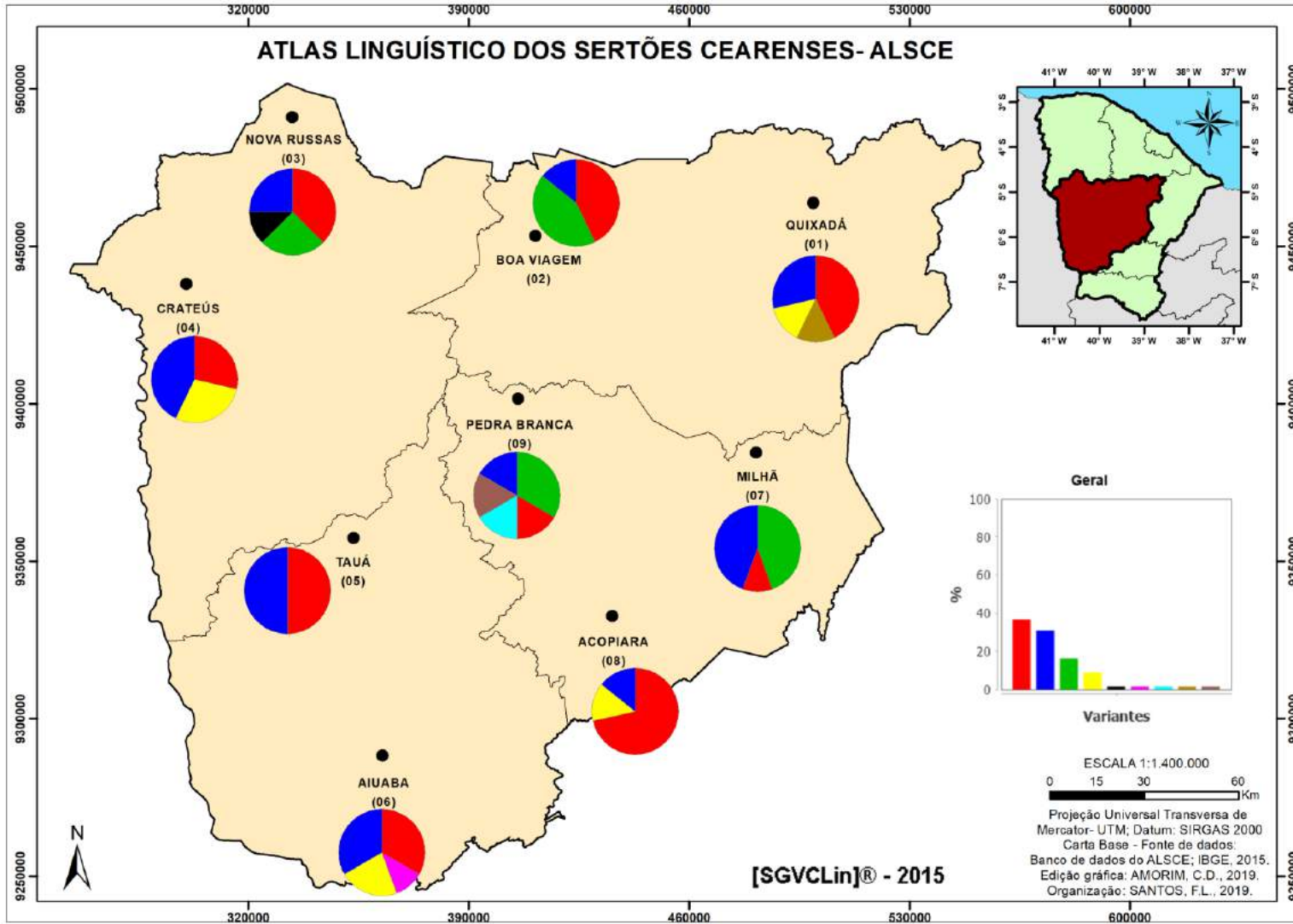
- Presépio
- Lapinha
- Nascimento de Jesus
- Representação
- Manjedoura
- A chegada do menino Jesus
- Árvore de natal

NOTA

Apesar das realizações encontradas, ainda tivemos um número considerável de informantes que não souberam responder, especialmente nas localidades de Crateús, Tauá, Milhã e Pedra Branca.

Encontramos a variação fonética de Lapinha: *Napinha*.

Carta L 68. Cambalhota



CARTA L68 - CAMBALHOTA

155 - ...a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? Mímica

Legenda

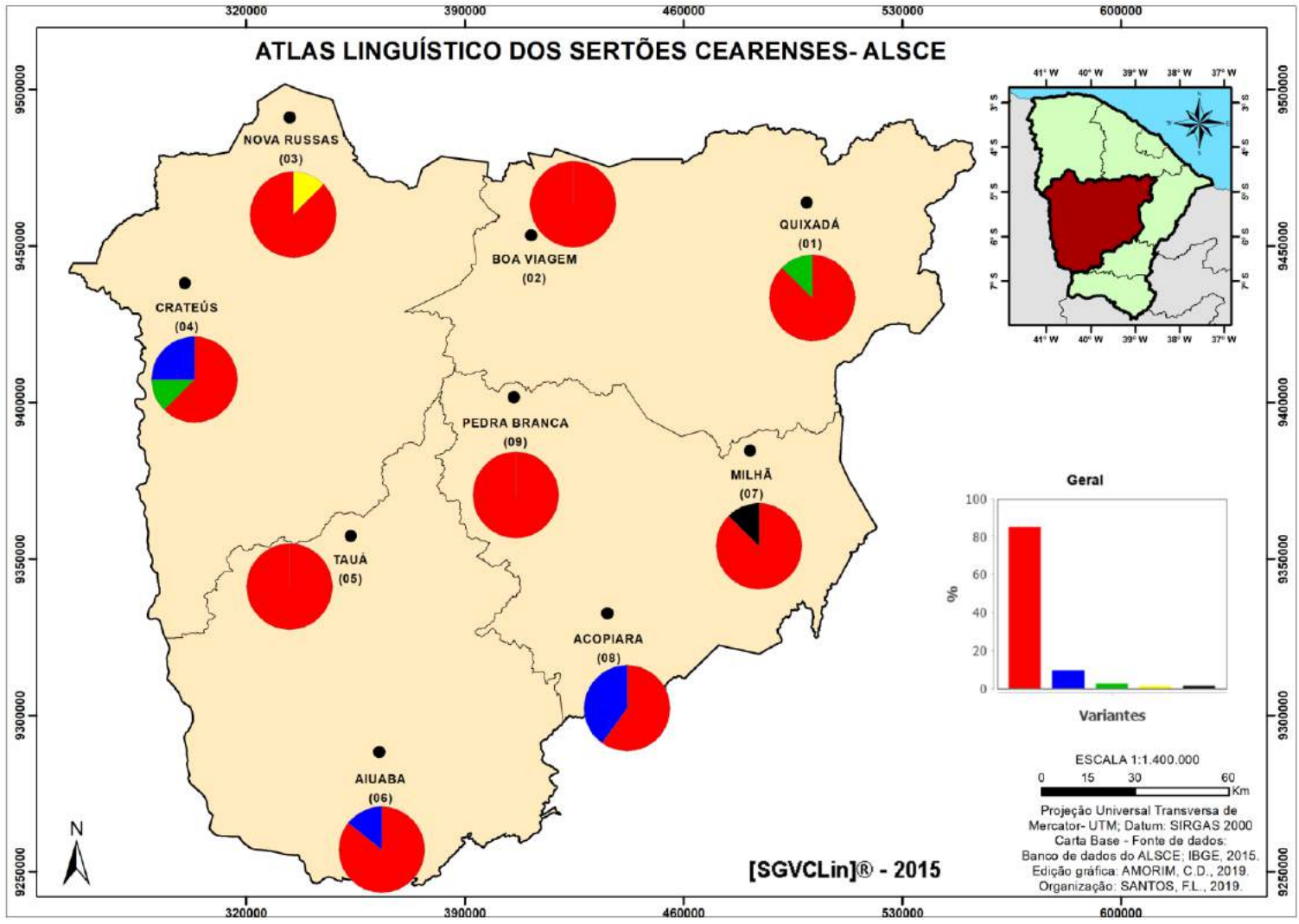
- Cambalhota
- Bunda-canastra
- Bunda-canaça
- Mortal
- Estrelinha
- Capoeira
- Cangapé
- Bunda-canaçu
- Bananeira

NOTAS

A lexia Bunda-canastra foi realizada também na forma fonética *Bunda-canasca*.

Já a lexia *Mortal* foi encontrada na variação *Pular mortal*.

Carta L 69. Bila

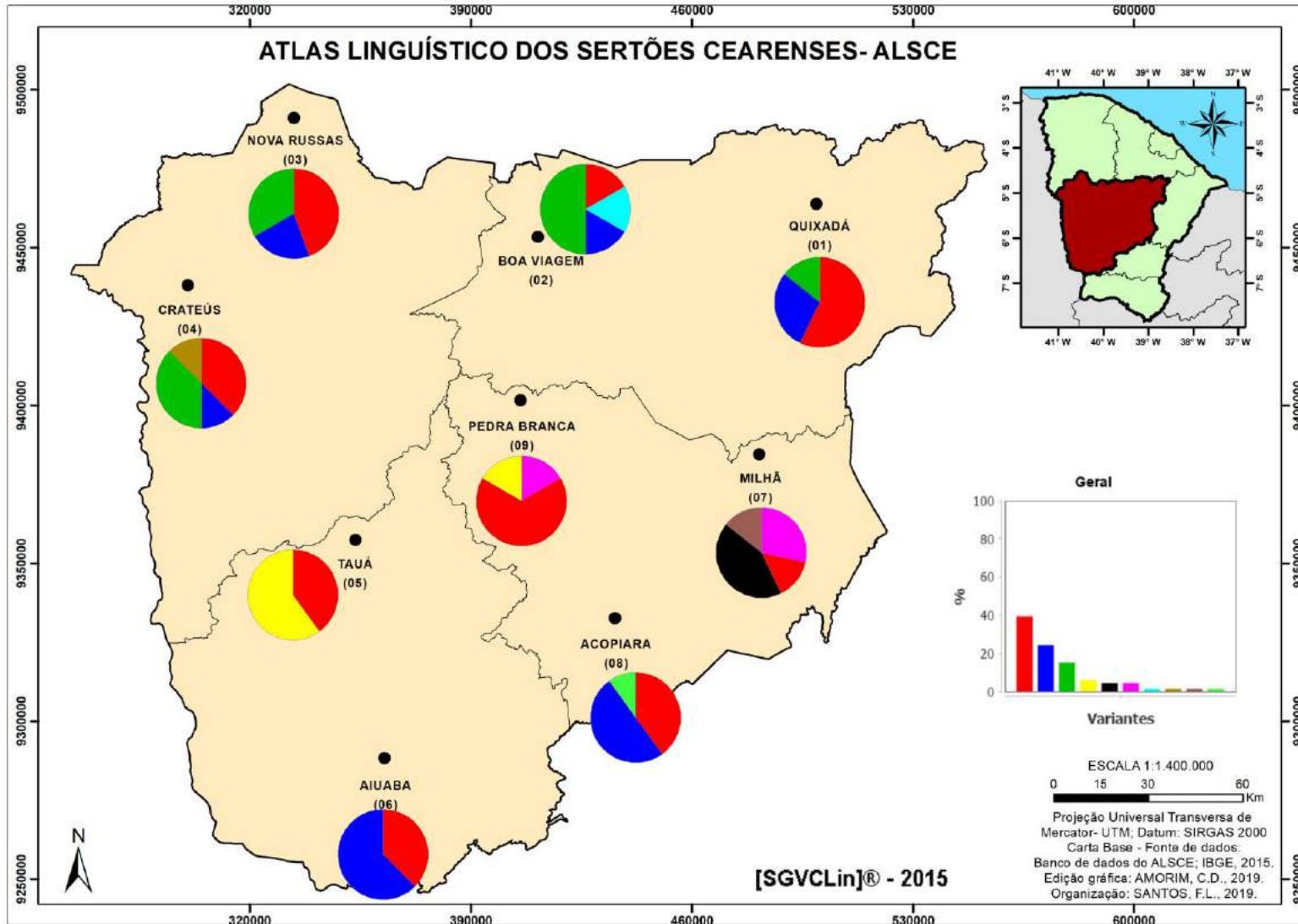


CARTA L69 - BILA

156 - ...as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

- Bila
- Bolinha-de-gude
- Bola-de-gude
- Bila-de-gude
- Bolinha

Carta L 70. Pega-pega



CARTA L70 - PEGA-PEGA

162 - ...uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?

Legenda

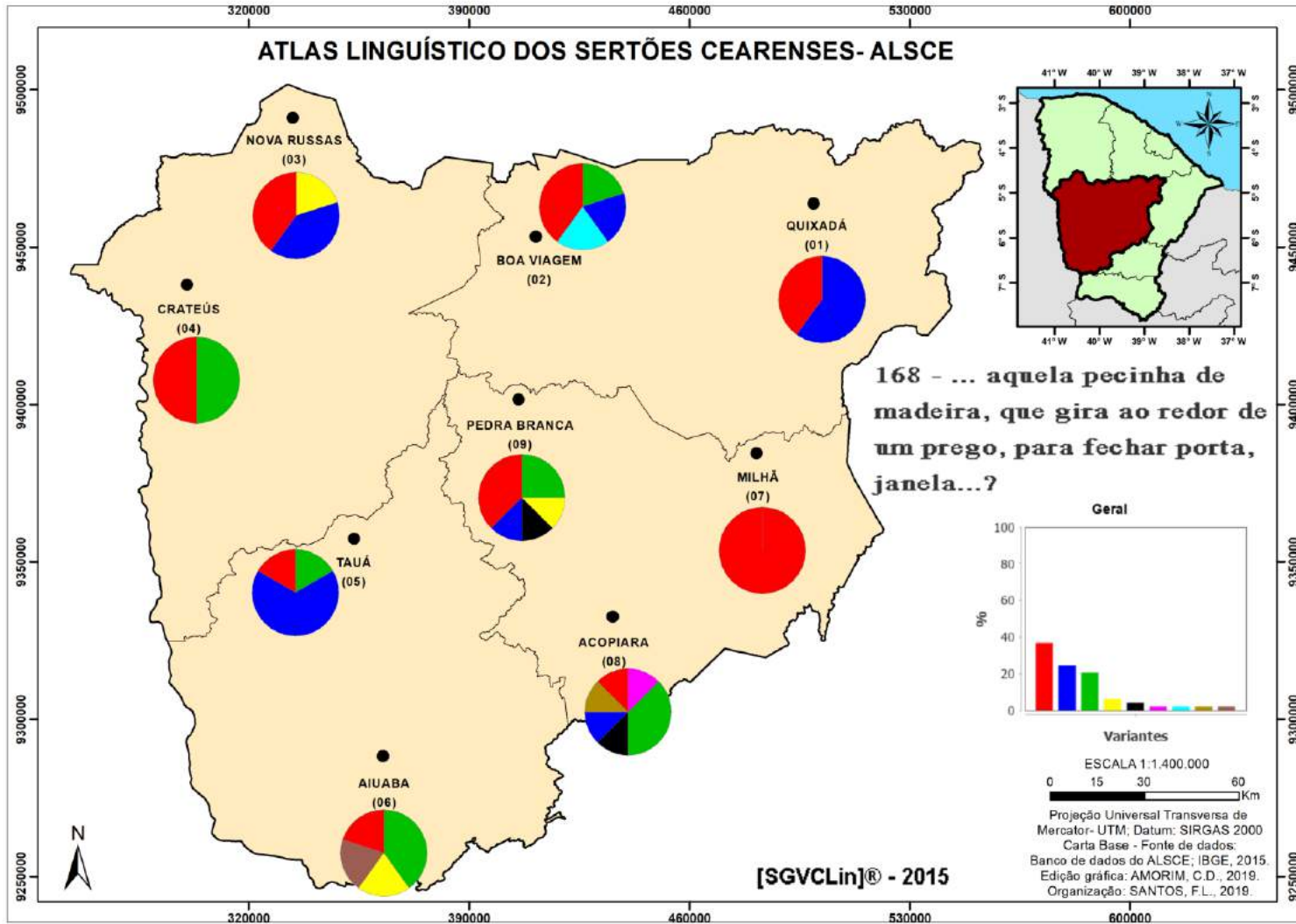
- Pega-pega
- Trisca
- Pega
- Bicheira
- Podre
- Cola
- Bandeira
- Te peguei
- Brincar do Podre
- Trisco

NOTA

A lexia *Podre* também foi realizada na forma *Pode*.

Carta L 71. Tramela

CARTA L71 - TRAMELA

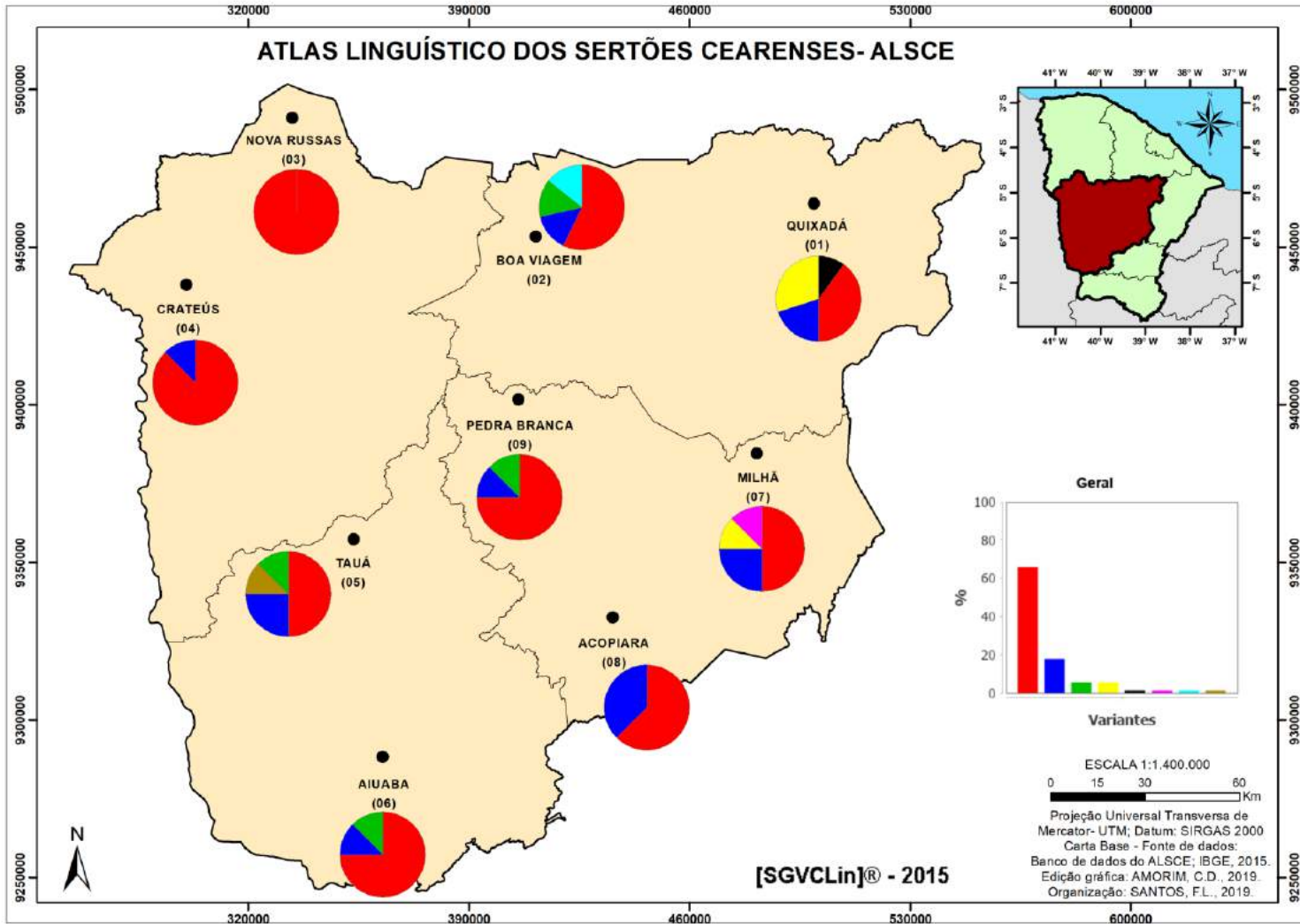


NOTA

Apesar das realizações encontradas, ainda tivemos um número considerável de informantes que não souberam responder, especialmente na localidade de Crateús, com apenas duas realizações, seguidos por Boa Viagem, Nova Russas e Milhã.

A lexia *Ferrolho* foi realizada também na forma fonética *Ferrôi*.

Carta L 72. Vaso sanitário



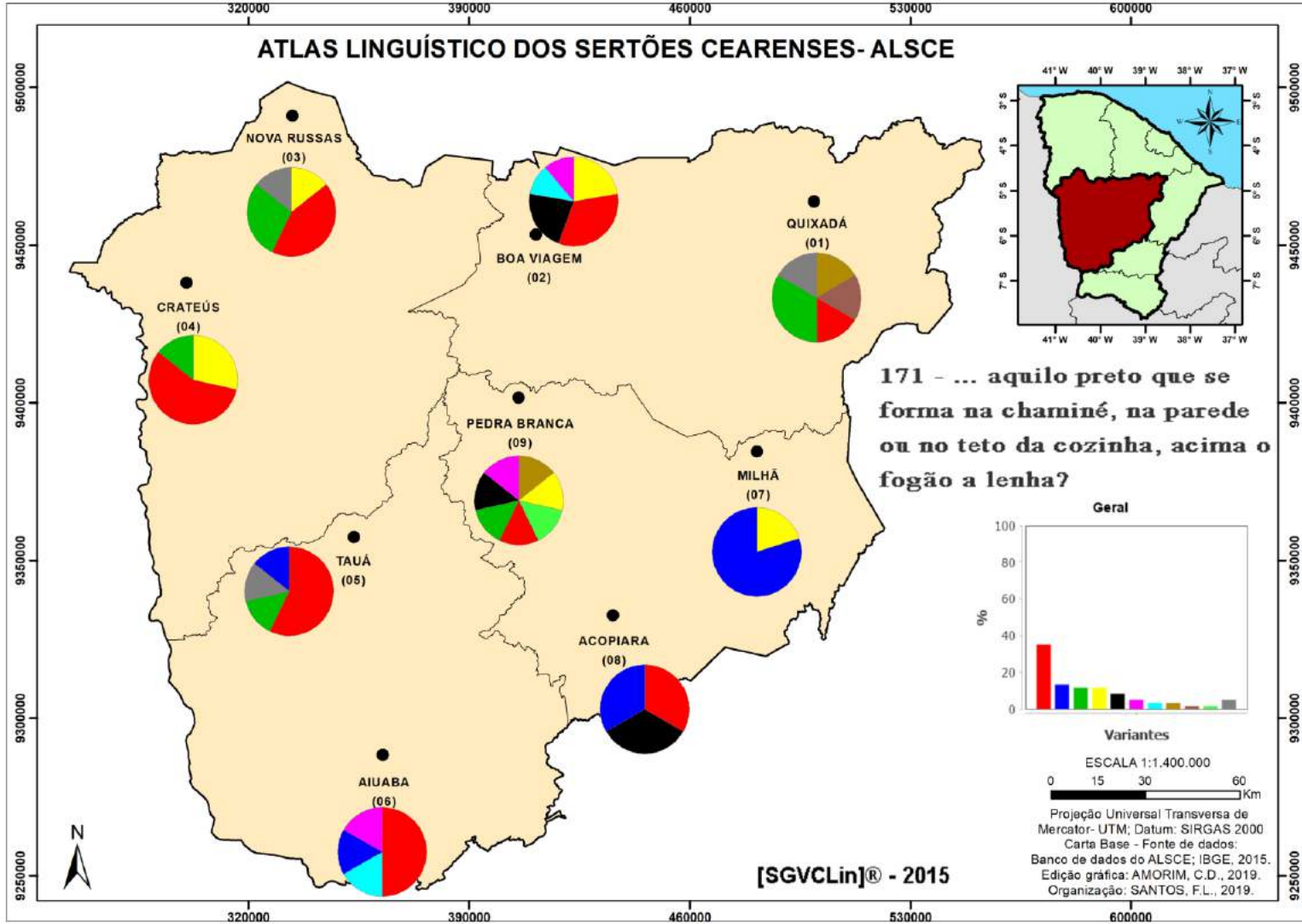
CARTA L72 - VASO SANITARIO

170 - Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa senta para fazer as necessidades?

Legenda

- Vaso/ Vaso sanitário
- Aparelho/ Aparelho sanitário
- Sanitário
- Privada
- Banheiro
- Bacia sanitária
- Bojo
- Bidê

Carta L 73. Fuligem



CARTA L73 - FULIGEM

Legenda

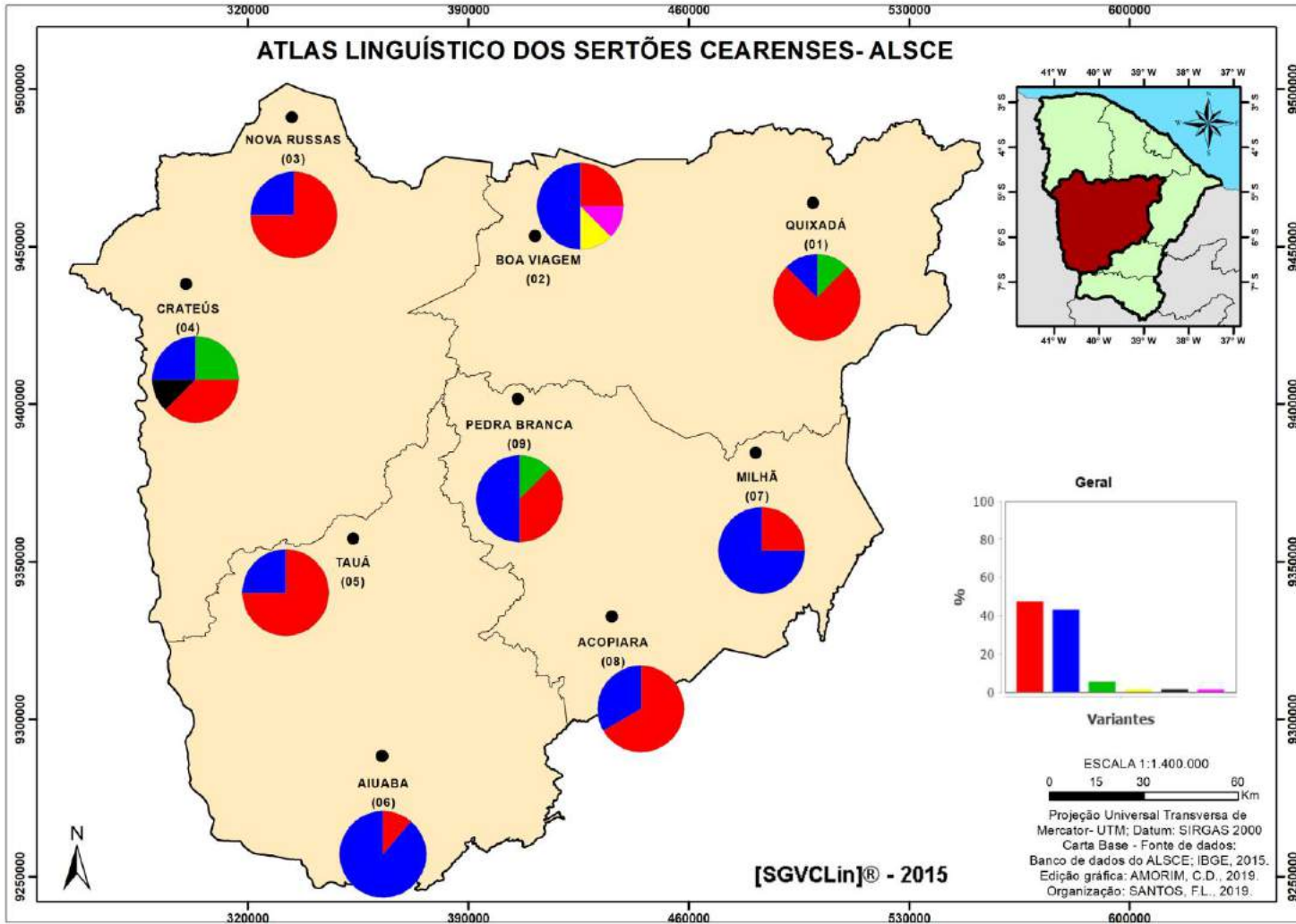
- Fumaça
- Carvão
- Fuligem
- Tirna
- Cinza
- Tucumã
- Pucumã
- Chaminé
- Sujeira
- Borrvalho
- Outros

NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Mucumã* (INF 01.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Quixadá); *Tiçã* (INF 03.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Nova Russas), e *Carimã* (INF 05.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Tauá).

A lexia Borrvalho foi realizada na forma *Borraio*.

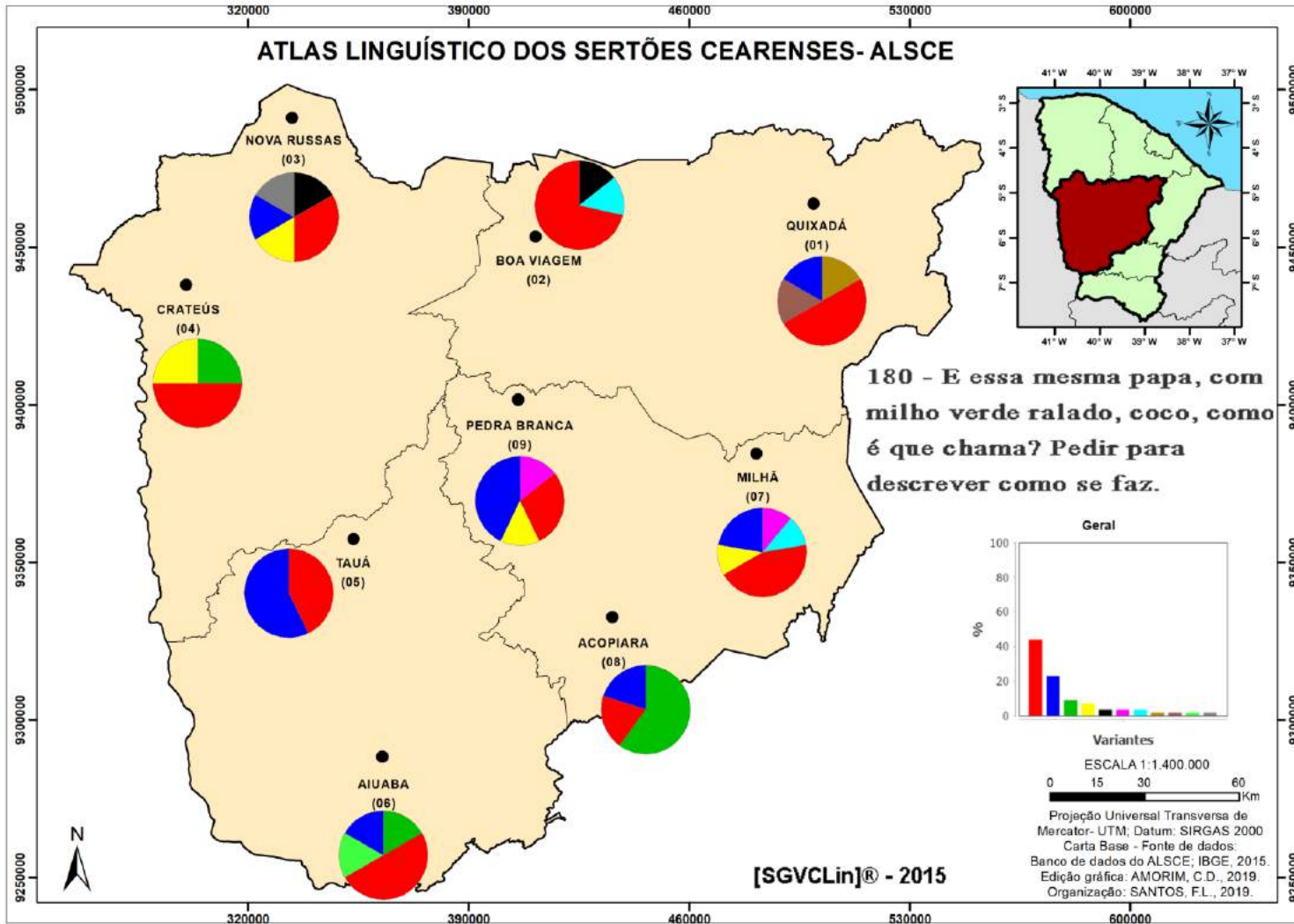
Carta L 74. Café da manhã



CARTA L74 - Café da manhã

176 - ... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?

Carta L 75. Canjica

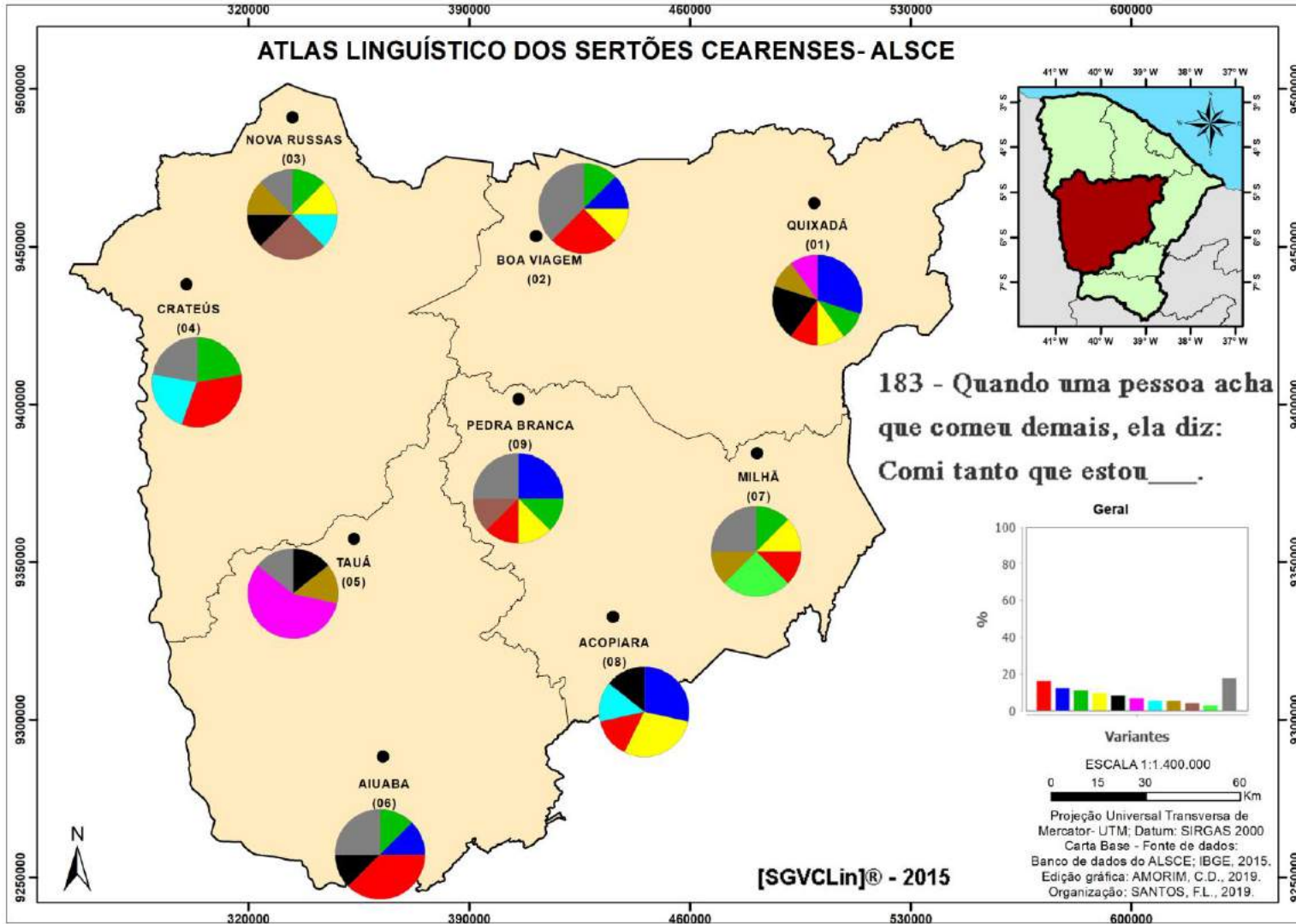


CARTA L75 - CANJICA

NOTA

A ocorrência em *Outros* é: *Curau* (INF 03.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Nova Russas).

Carta L 76. Esbaforido



CARTA L76 - ESBAFORIDO

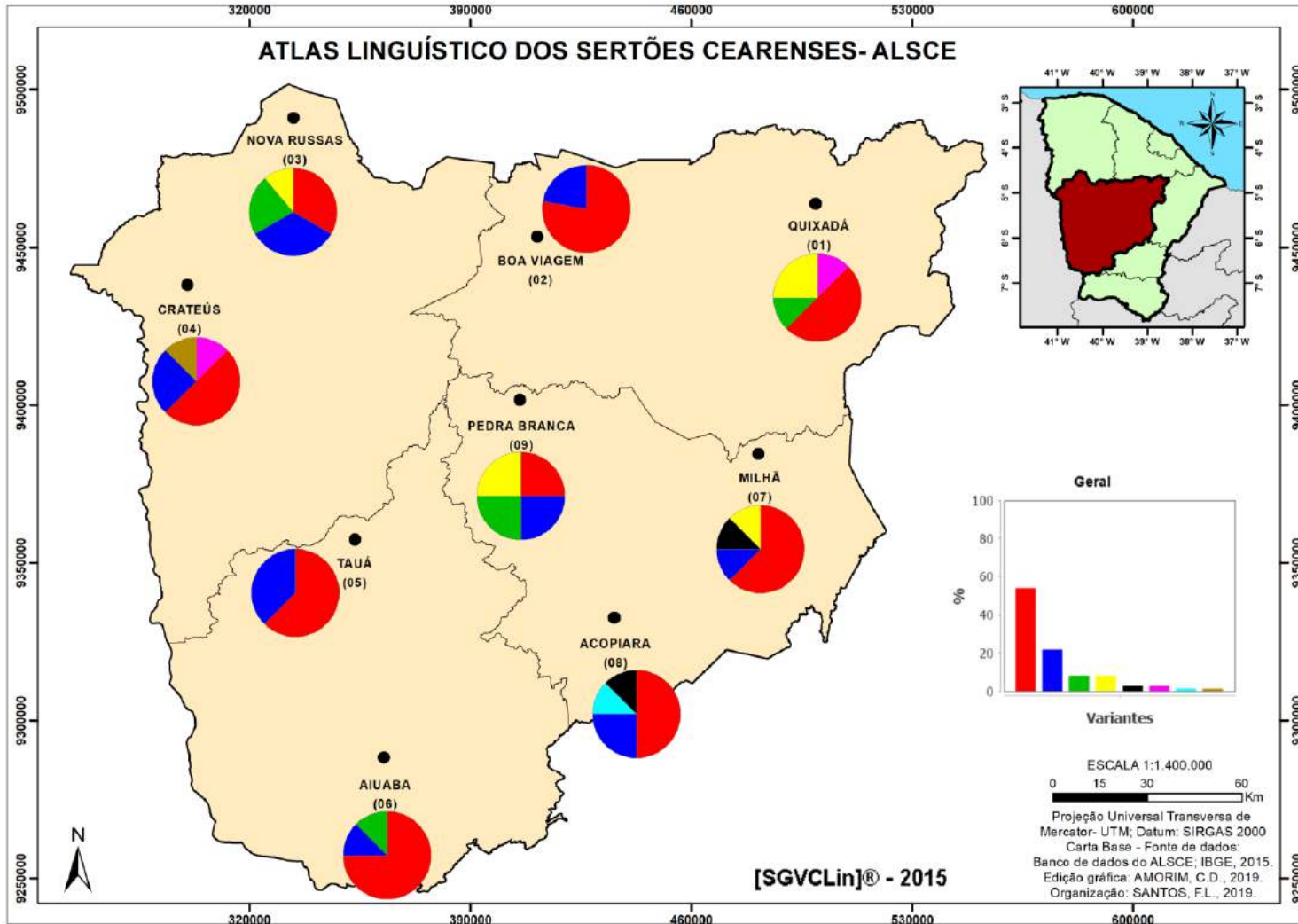
NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Pra morrer* (INF 02.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem); *Amarrotado(a)* (INF 02.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Boa Viagem); *Satisfeita* (INF 02.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Boa Viagem); *Estou para vomitar* (INF 03.6 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Nova Russas); *Pansa cheia* (INF 04.4 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Crateús); *Entanguida* (INF 04.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Crateús); *Enfartando* (INF 05.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Tauá); *Passando mal* (INF 06.2 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Aiuaba e INF 09.6 - informante feminino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Pedra Branca); *Estourando* (INF 07.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Milhã); *Barriga tempo de estourar* (INF 07.4 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Milhã), e *Enjoada* (INF 09.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Pedra Branca).

Foram encontradas as variações fonéticas de:

1. Esbaforido(a): *Esbaforido(a)*
2. Empanturrado: *panturrado*.
3. Fadigado: *Afadigado*.

Carta L 77. Guloso



CARTA L77 - GULOSO

184 - ...uma pessoa que normalmente come demais?

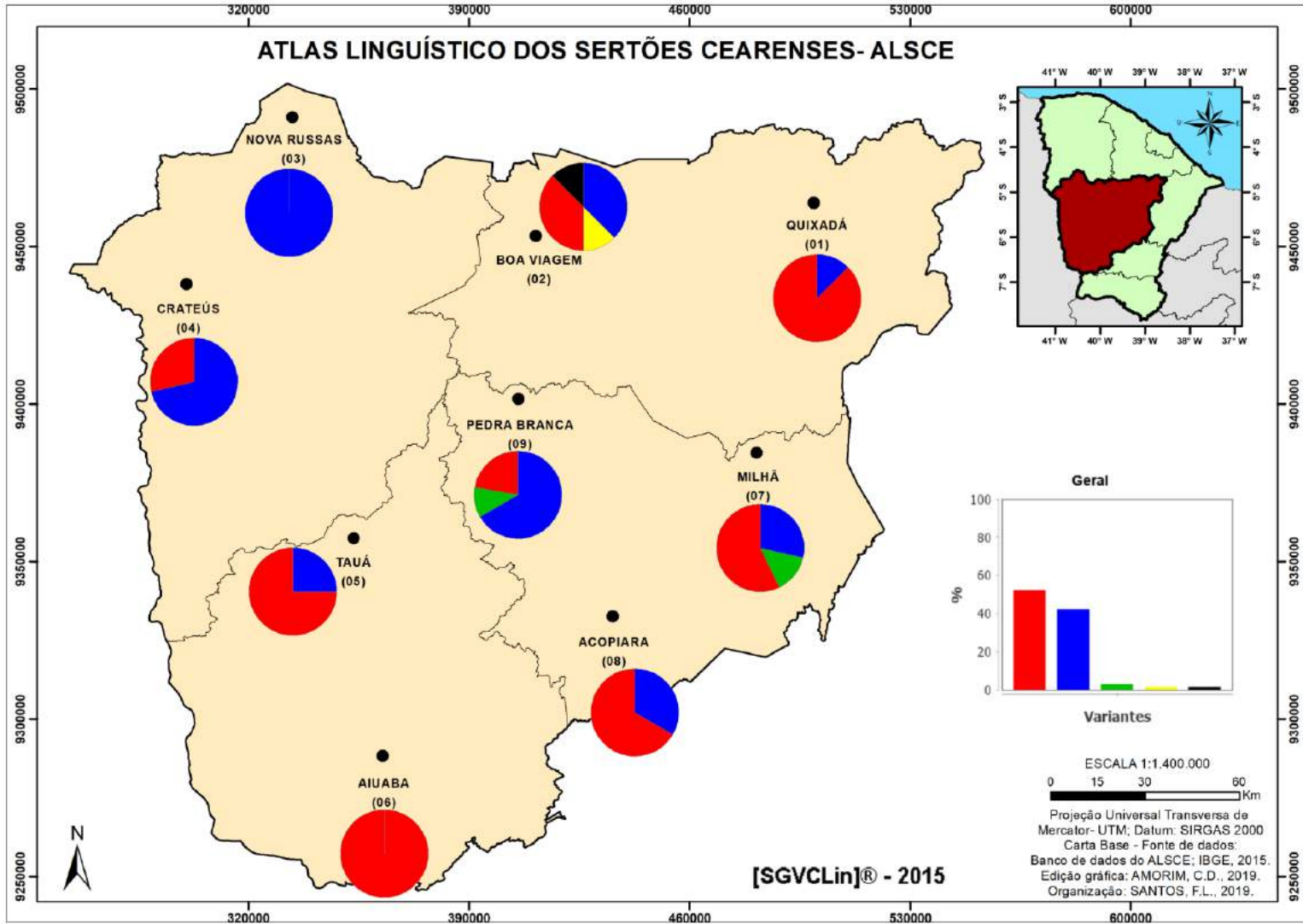
- Legenda**
- Guloso(a)
 - Comilão/comilona
 - Esgalamida/ Esgalamido
 - Esfomeado(a)
 - Amundiçado(a)
 - Glutão
 - Faminto
 - Morta-de-fome

NOTA

Foram encontradas as variações fonéticas de:

1. Comilão: *Comelão*.
2. Esfomeado: *Esfomiado*.
3. Glutão: *Grutão*.

Carta L 78. Presilha



CARTA L78 - PRESILHA

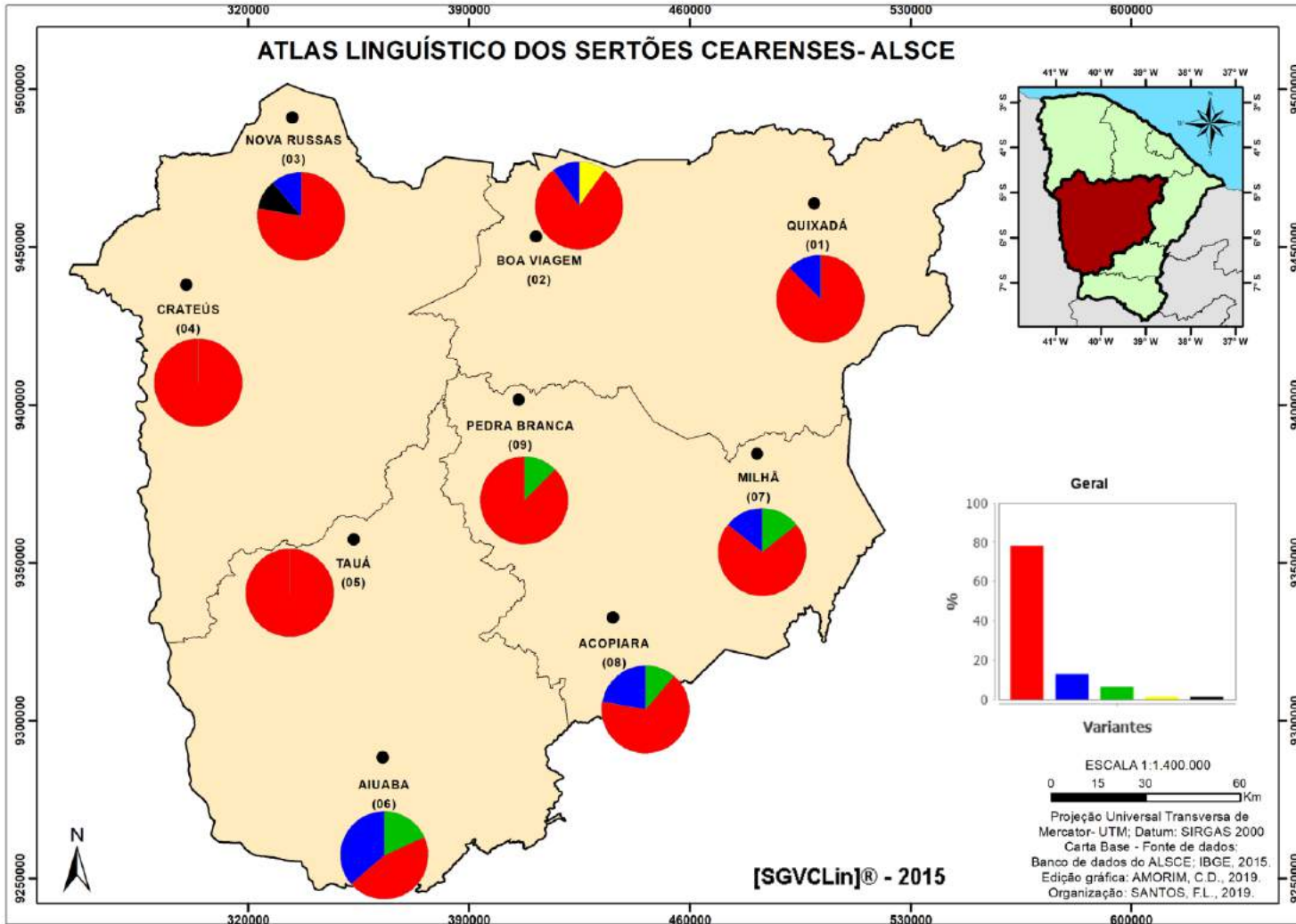
192 - ...um objeto fino de metal, para prender o cabelo?
Mostrar.

- Legenda**
- Presilha
 - Grampo(s)
 - Gigolé
 - Prendedor
 - Presilhinha

NOTA

A lexia Presilha também foi realizada na forma fonética *Prisilha*.

Carta L 79. Terreno



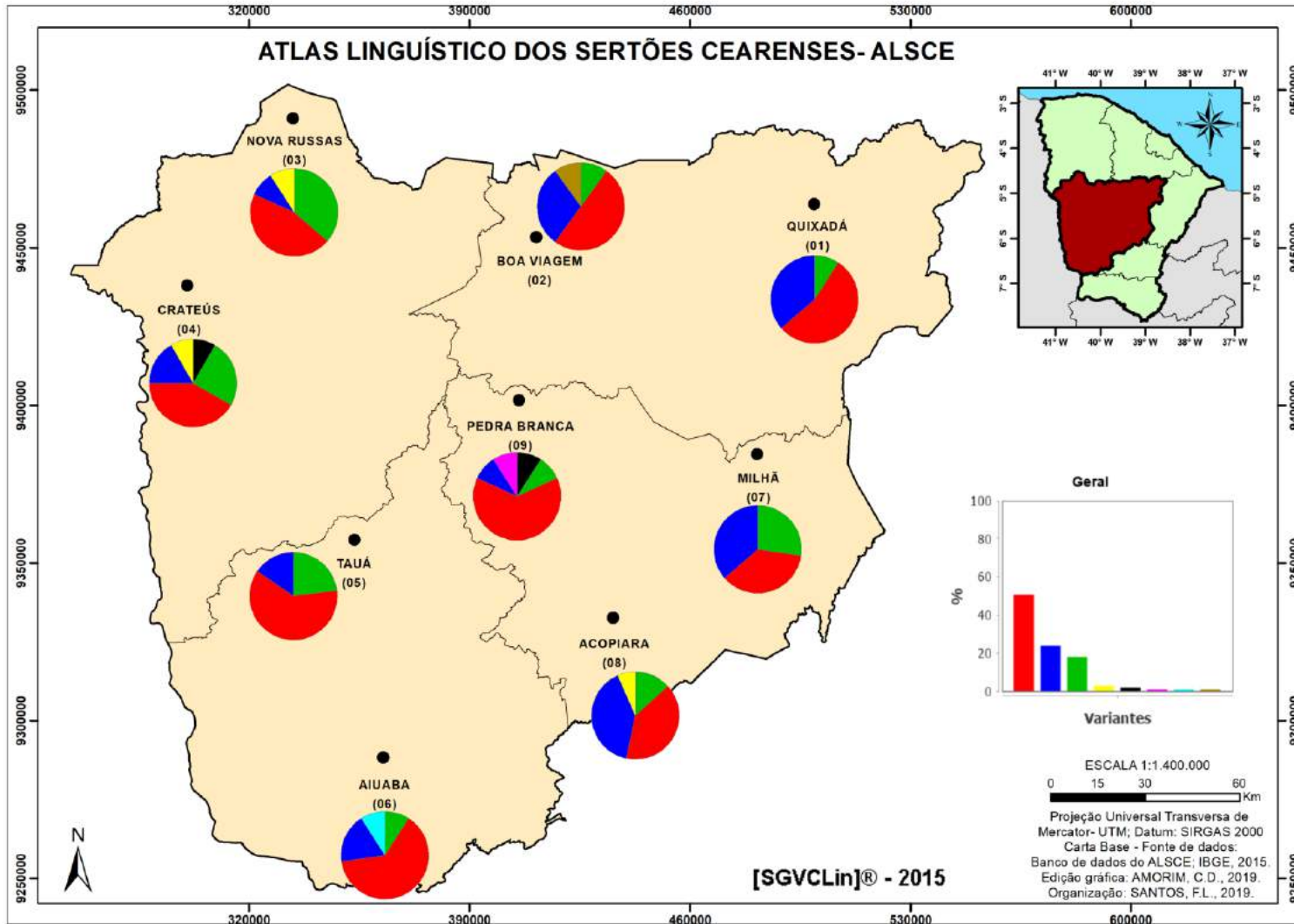
CARTA L79 - TERRENO

199 - ... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa cidade?

Legenda

- Terreno(s)
- Lote(s)
- Chão/ Chão de terra
- Espaço
- Loteamento

Carta L 80. Bar



CARTA L80 - BAR

202 - ... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber___(cf. item182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

Legenda

- Bar/Bares
- Boteco
- Bodega
- Barzinho
- Botequim
- Balcão
- Mercearia
- Botequins

NOTA

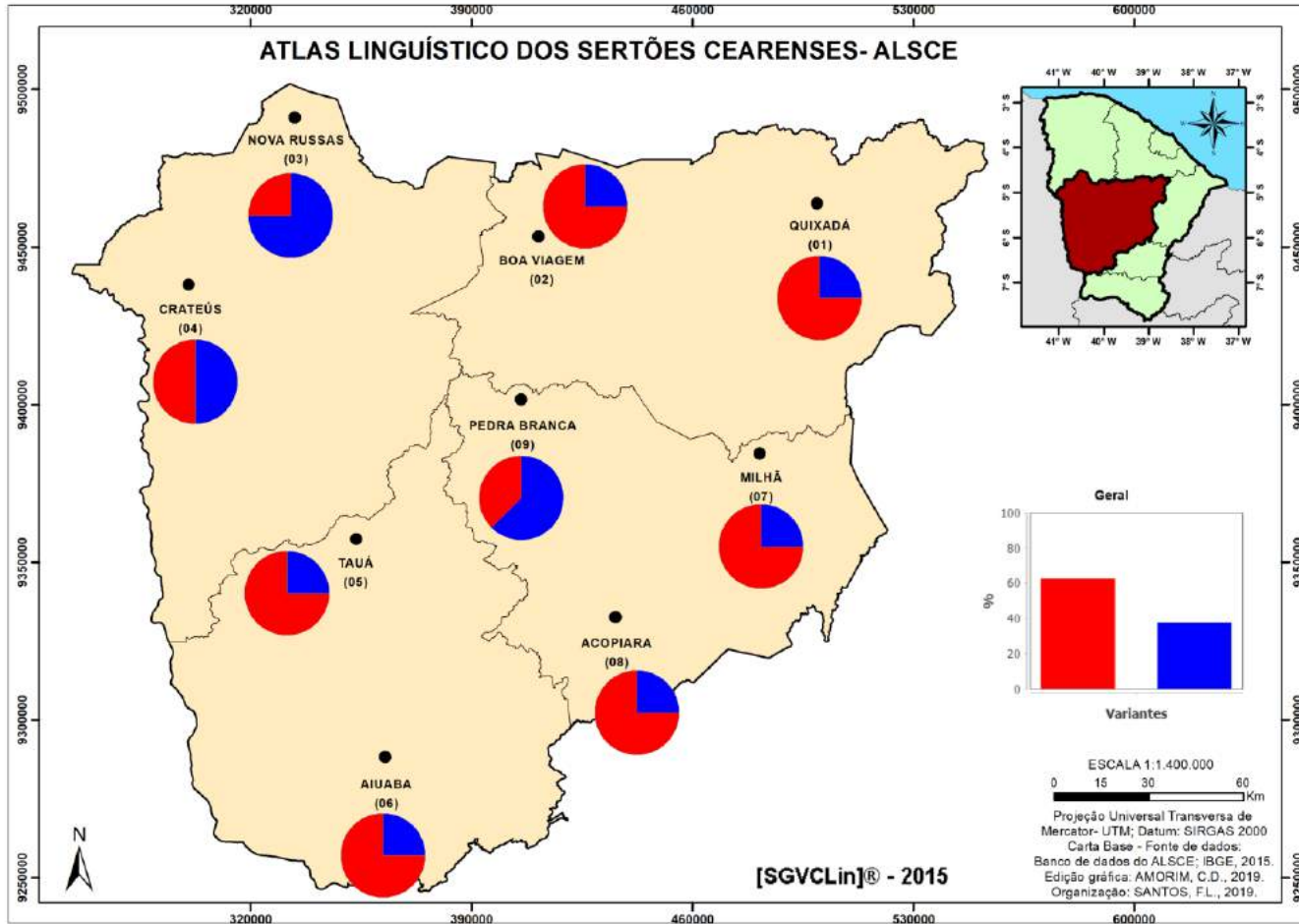
Foram encontradas as variações fonéticas de:

1. Bodega: *Budega*.
2. Botequim: *Botiquim*.

5.3 Cartas morfossintáticas

Carta M 1. Artigo diante de nome próprio	248
Carta M 2. Alface.....	249
Carta M 3. Guaraná.....	250
Carta M 4. Feminino de Alemão.....	252
Carta M 5. Feminino de Chefe.....	253
Carta M 6. Feminino de Ladrão.....	255
Carta M 7. Feminino de Presidente.....	256
Carta M 8. Plural de Lápis	258
Carta M 9. Plural de Pão	259
Carta M 10. Plural de Leão	261
Carta M 11. Plural de Degrau.....	263
Carta M 12. Plural de Flor	265
Carta M 13. Plural de Olho	267
Carta M 14. Grau comparativo bom/mau	268
Carta M 15. Pronomes Tu/você /a gente.....	269
Carta M 16. Pronomes Nós/ a gente	271
Carta M 17. Pronome Comigo.....	273
Carta M 18. Pronome Conosco.....	274
Carta M 19. Pronome Menos	276
Carta M 20. Viver 3ª PP.....	278
Carta M 21. Caber (1ª PS).....	280
Carta M 22. Saber (1ª PS).....	282
Carta M 23. Trazer (1ª PS).....	283
Carta M 24. Por (1ª PS).....	286
Carta M 25. Futuro do presente	288
Carta M 26. Futuro do pretérito	290
Carta M 27. Ter/ haver	292
Carta M 28. Resposta negativa 1	293
Carta M 29. Resposta negativa 2	295
Carta M 30. Resposta negativa 3	296

Carta M 1. Artigo diante de nome próprio



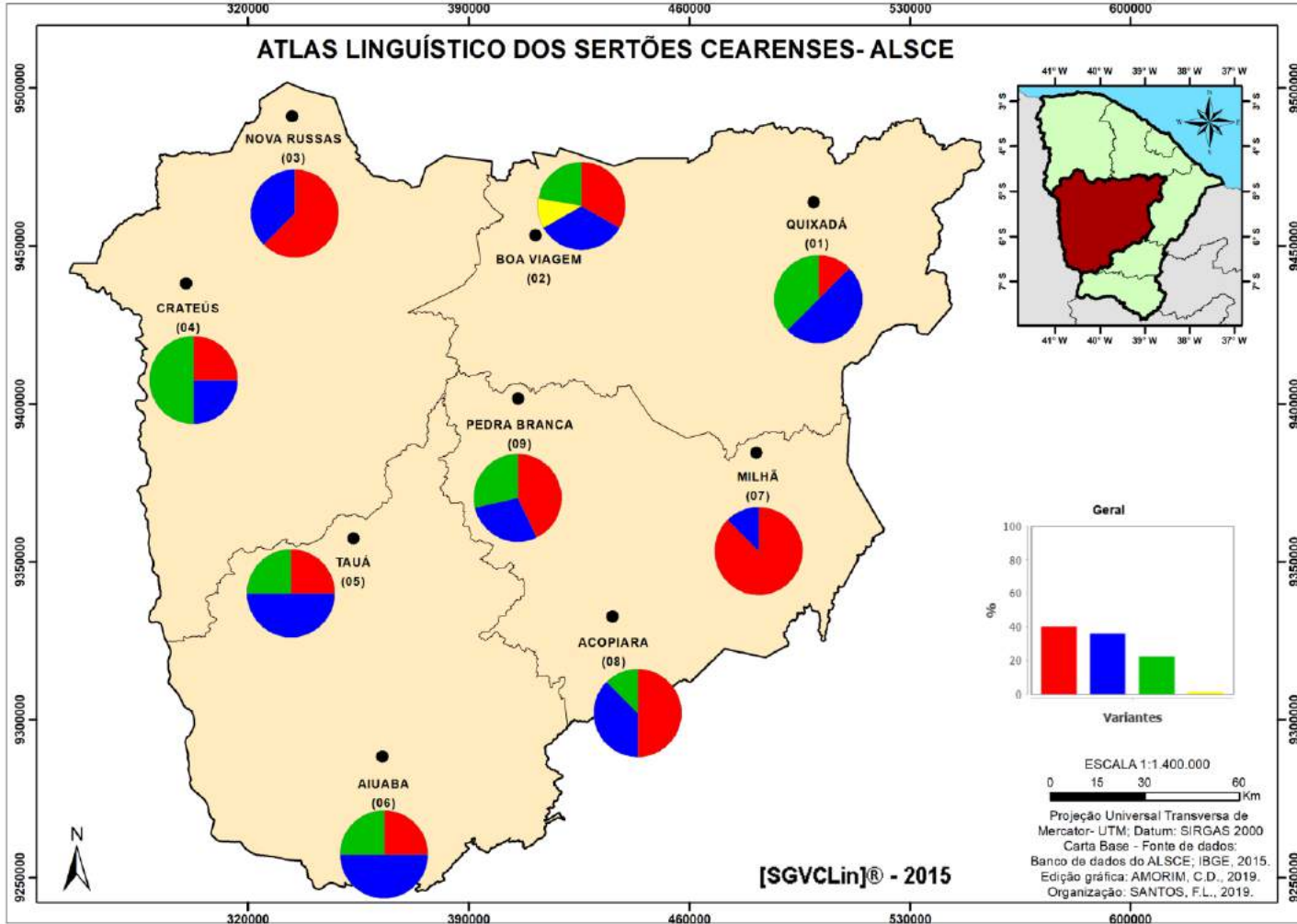
CARTA M01 - Artigo diante de nome próprio

2 - Você/o(a) senhor(a) poderia dizer o nome de alguns vizinhos ou amigos? Com quem costuma falar mais?

Legenda

- Ausente
- Presente

Carta M 2. Alface



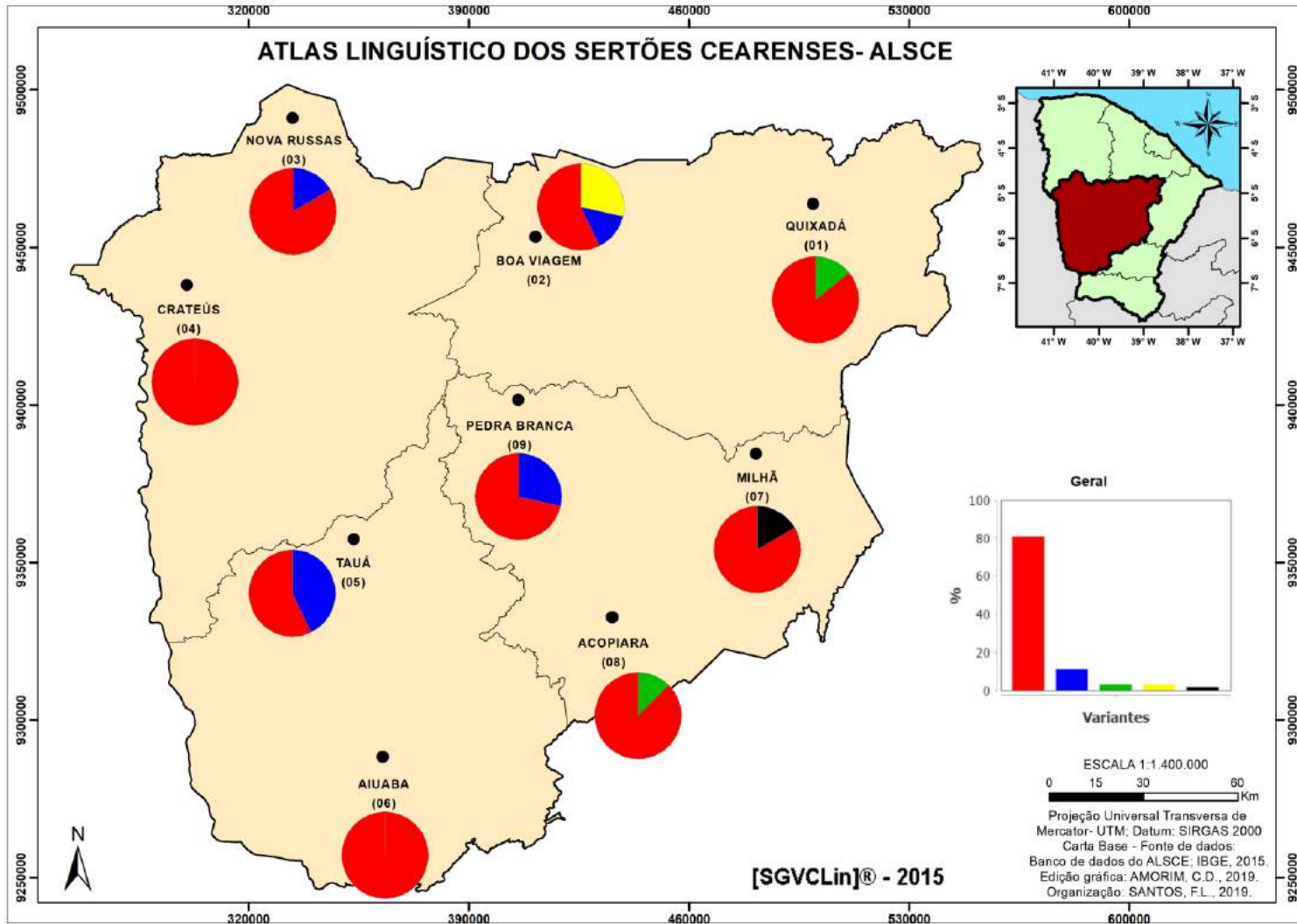
CARTA M02 - ALFACE

3 - Como é que se chama aquela folha verde que se come geralmente na salada?

Legenda

- Alface
- O alface
- A alface
- A folha de alface

Carta M 3. Guaraná



CARTA M03 - Guaraná

5 - Por exemplo, quando o senhor tem sede, como é que o senhor pede guaraná? “ Por favor, me dá _____”.

Legenda

- Um guaraná
- Guaraná
- O guaraná
- Uma guaraná
- Esse guaraná

NOTA

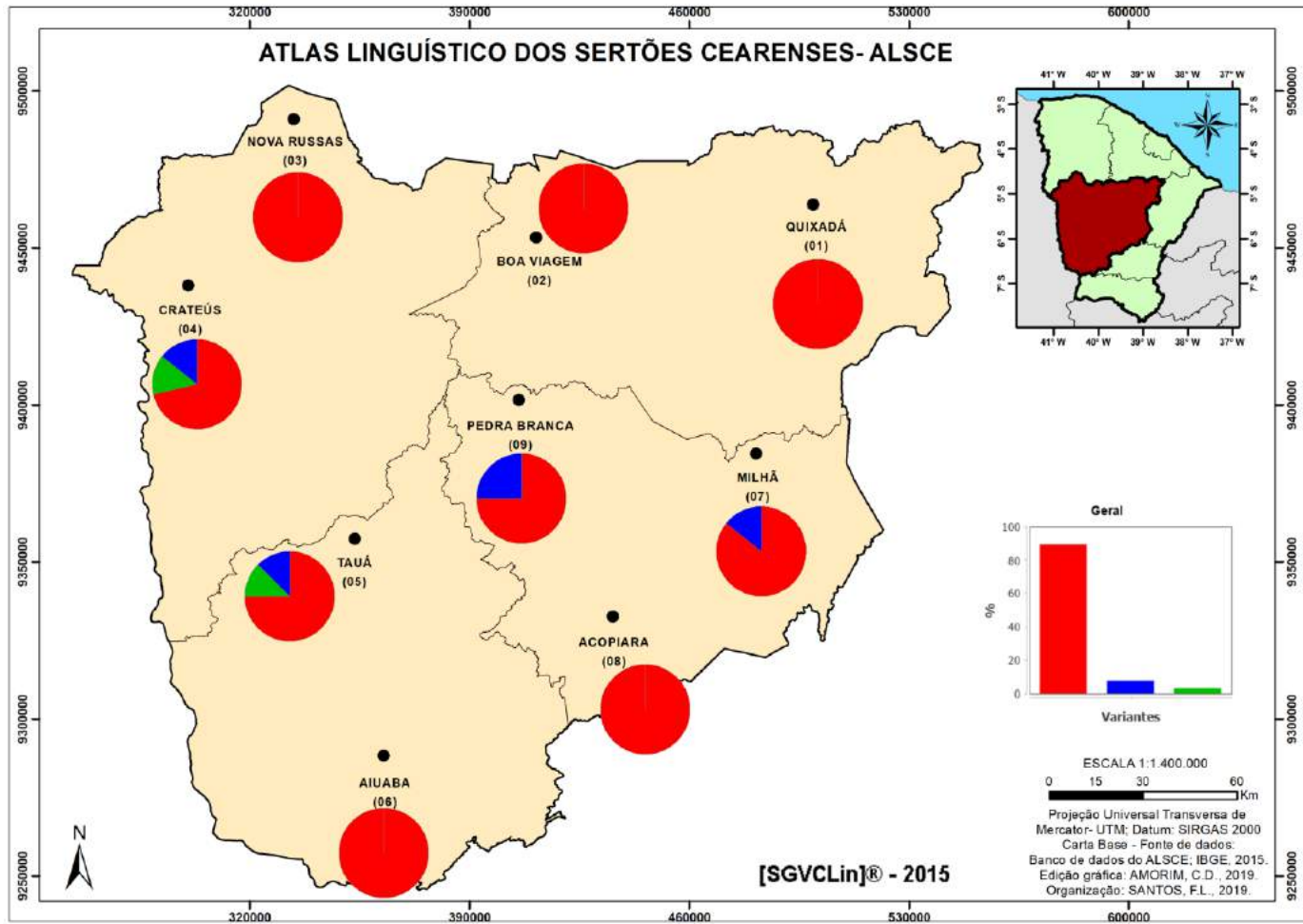
Obtivemos algumas Respostas não produtivas (RNP) tais como:

Refrigerante (INF 01.2)

Refri de Guaraná (INF 03.1)

Coca-cola (INF 04.3)

Carta M 4. Feminino de Alemão



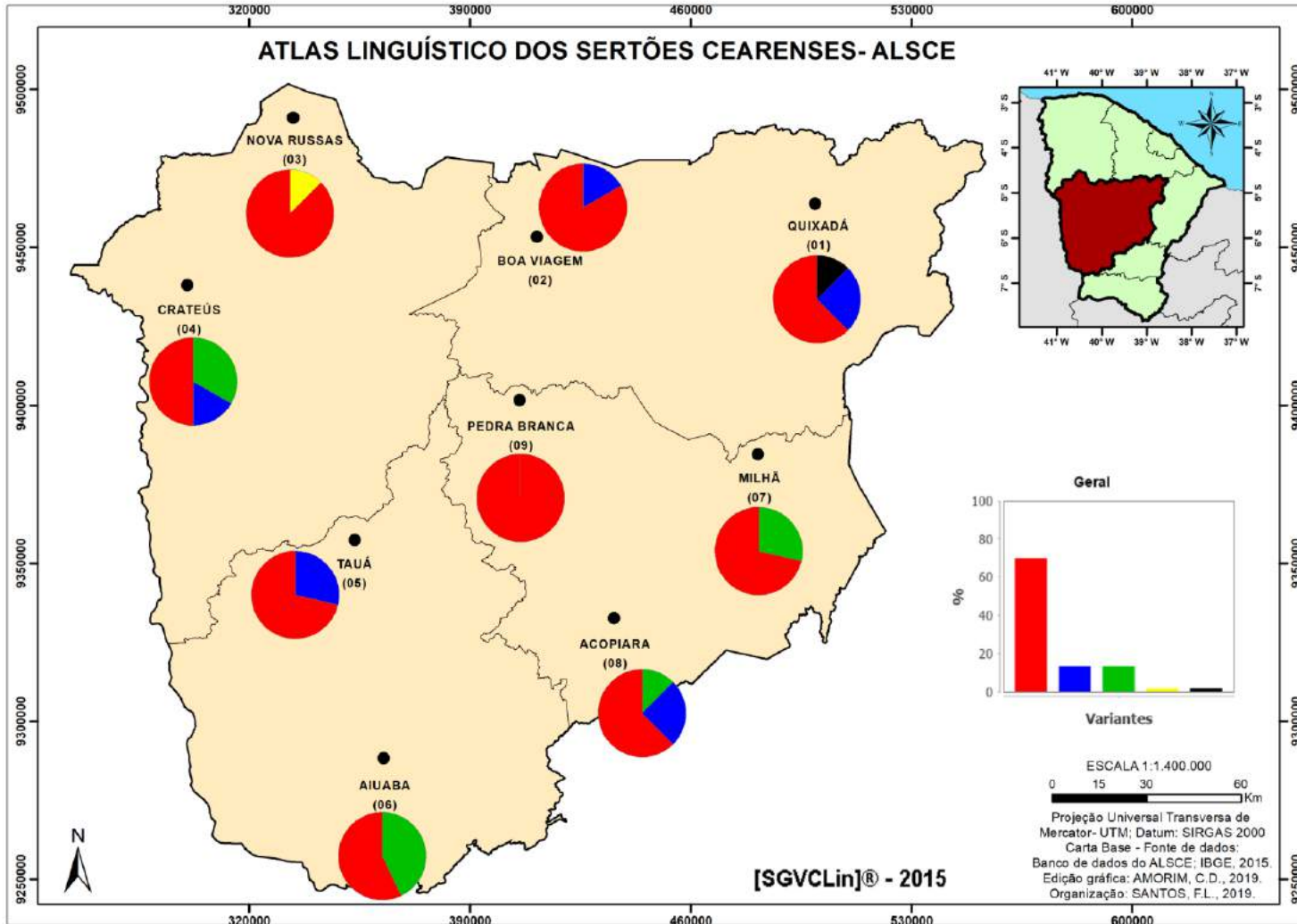
CARTA M04 - Feminino de Alemão

6 - Uma mulher que nasce no Brasil é brasileira. E a que nasce na Alemanha?

Legenda

- Alemã
- Alemãha
- Germana

Carta M 5. Feminino de Chefe



CARTA M05 - FEMININO DE CHEFE

7 - Há homens e mulheres que chefiam. No caso, se é uma mulher, ela é o quê?

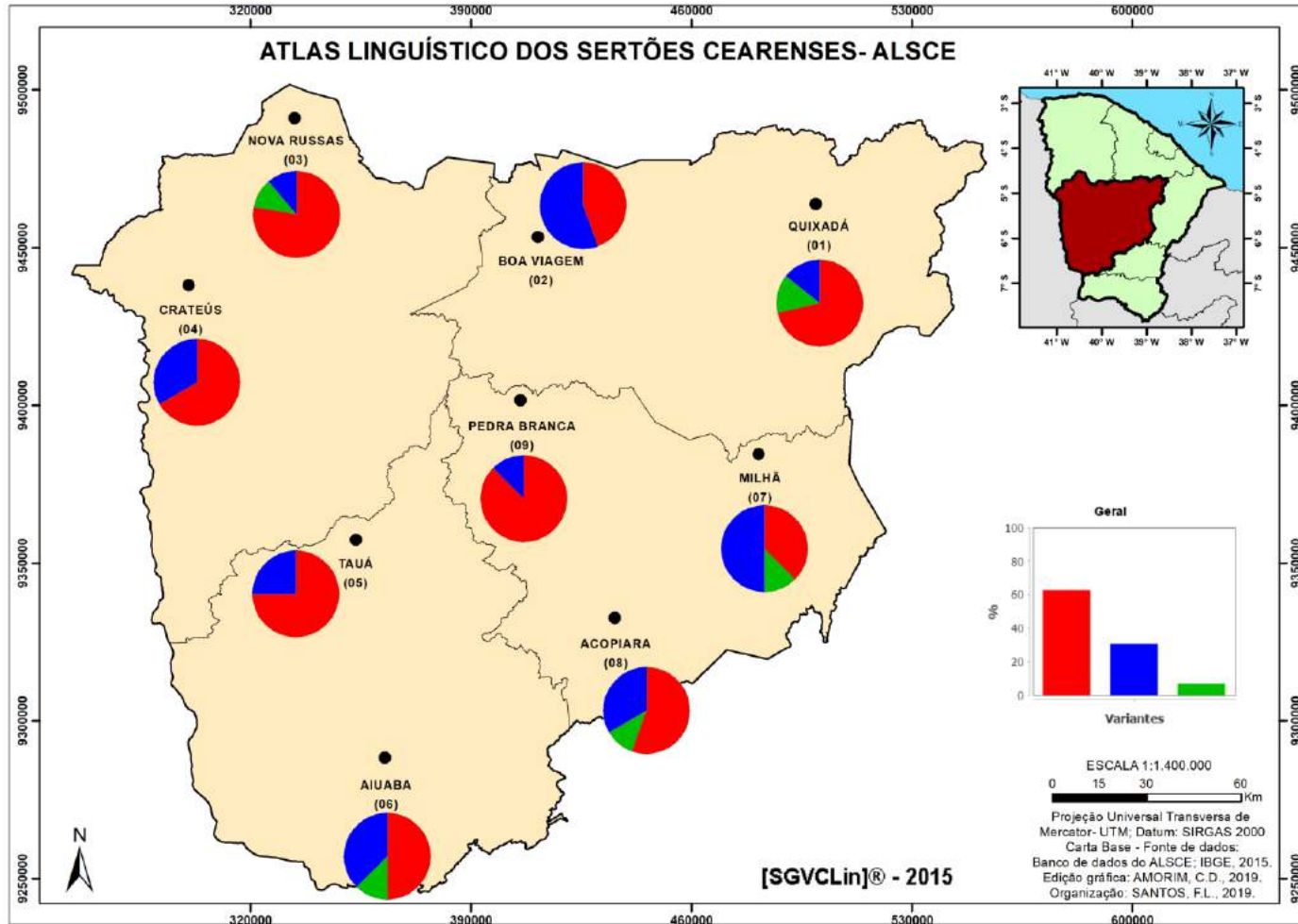
Legenda

- Chefe
- Chefa
- A chefe
- Chefona
- A chefe

NOTA

Obtivemos as seguintes Respostas não produtivas (RNP): *Patroa / Matriarca / Dona / Líder.*

Carta M 6. Feminino de Ladrão



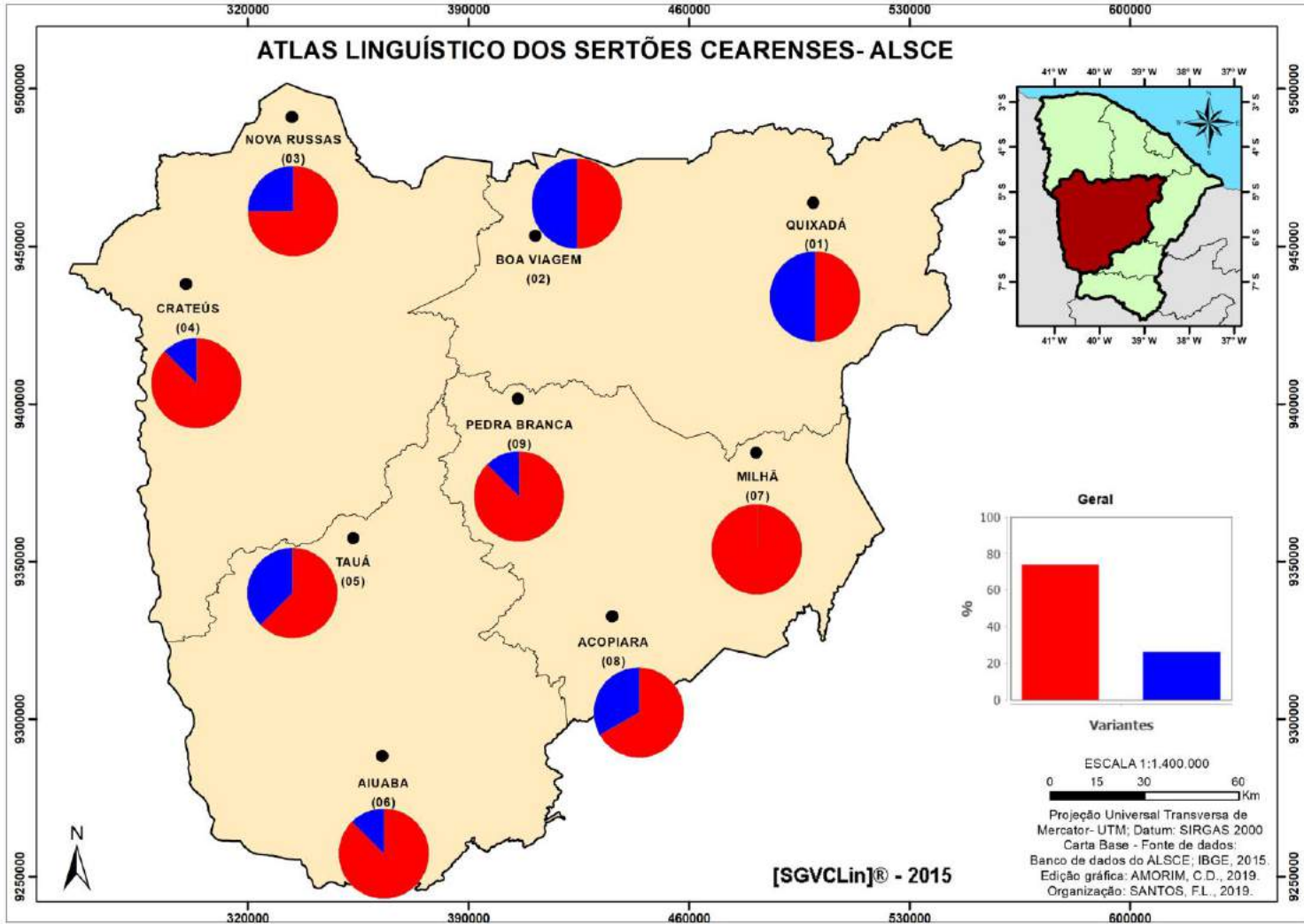
CARTA M06 - Feminino de Ladrão

8 - Um homem que rouba é ladrão. E quando é uma mulher?

Legenda

- Ladra
- Ladrona
- Ladroa

Carta M 7. Feminino de Presidente



CARTA M07 - FEMININO DE PRESIDENTE

9 - Se na presidência da República, estivesse uma mulher, ela seria o quê?

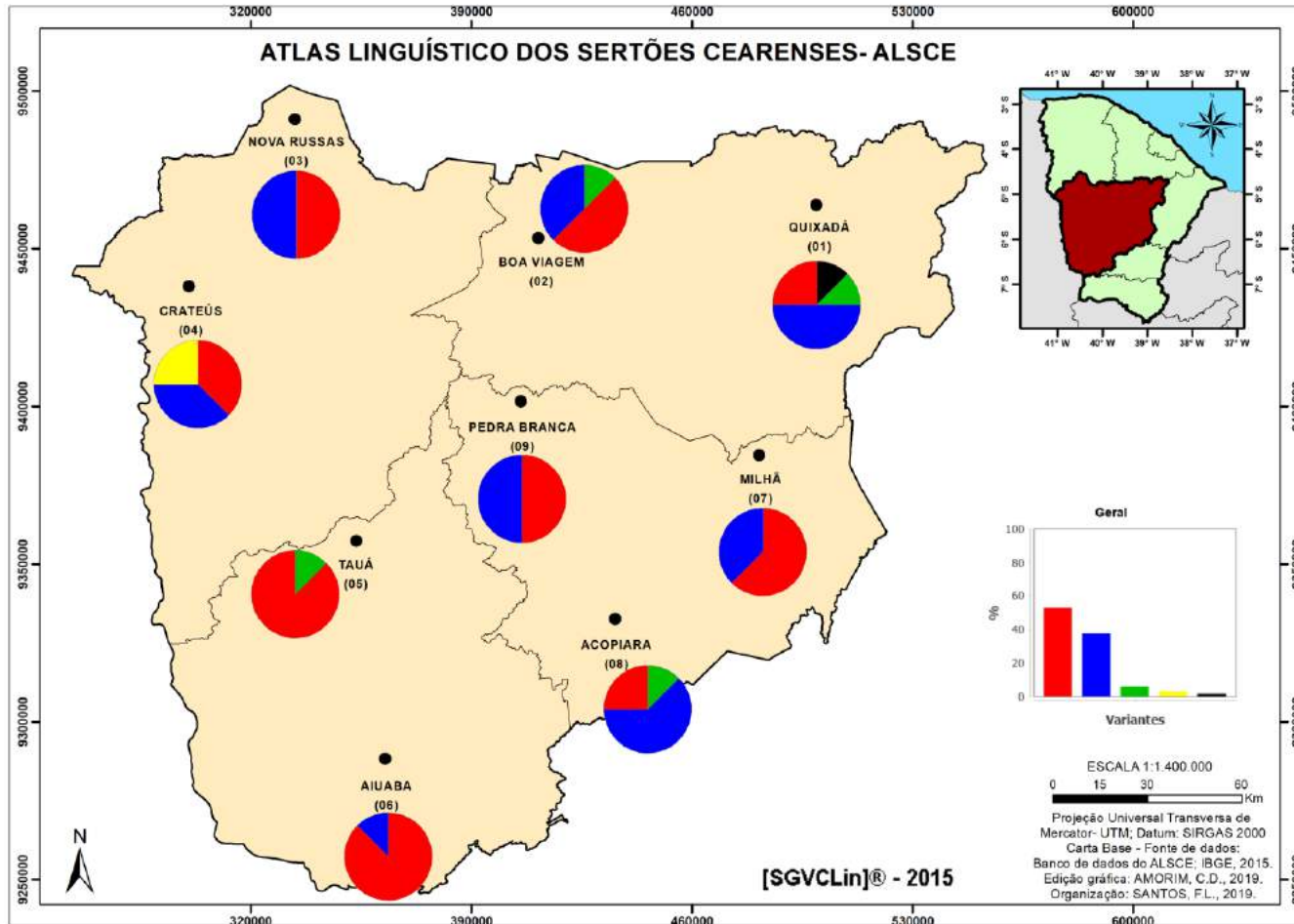
Legenda

- Presidente
- Presidenta

NOTA

Obtivemos uma Resposta não produtiva (RNP): *Presidência*.

Carta M 8. Plural de Lápis



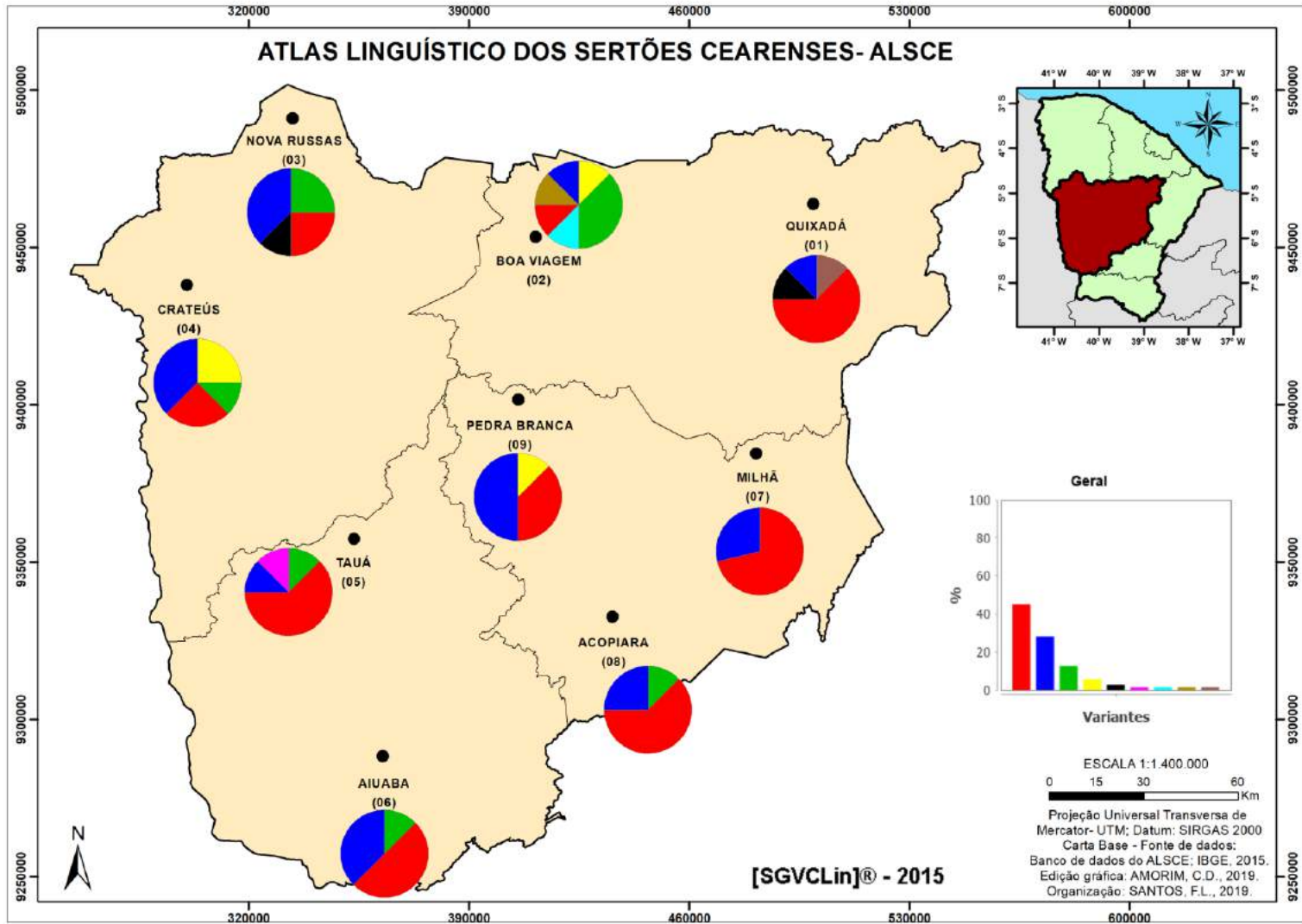
CARTA M08 - Plural de Lápis

10 - LÁPIS

Legenda

- Vários lápis
- Lápis
- Lápis de cor
- Dúzia de lápis
- Lápis coloridos

Carta M 9. Plural de Pão



CARTA M09 - PLURAL DE PAO

13 - PÃES

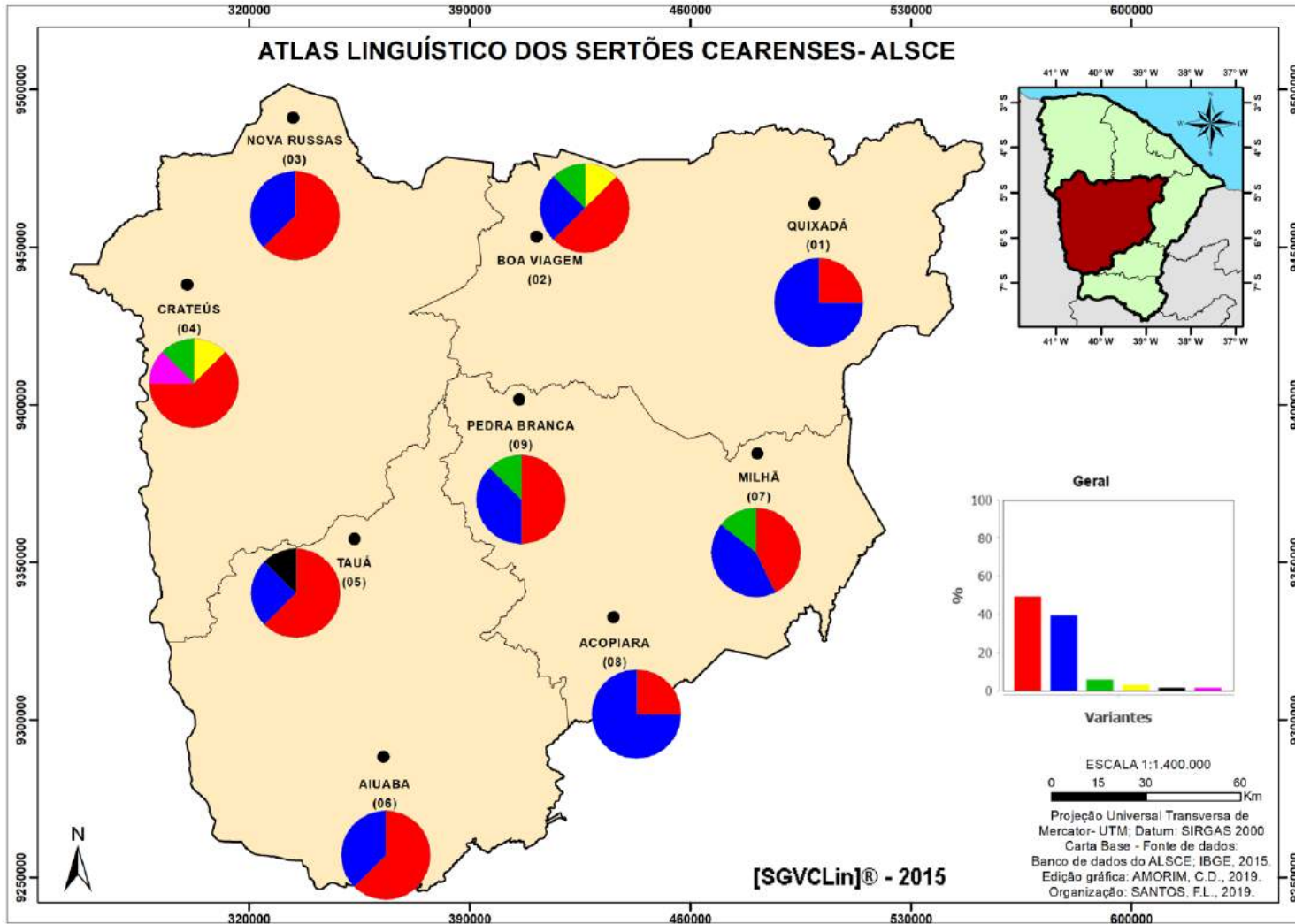
Legenda

- Pães
- Seis pães
- Vários pães
- Seis pão
- Pão carioca
- Vários pãos
- Dúzia de pão
- Dúzia de pães
- Pãos

NOTA

Obtivemos uma Resposta não produtiva (RNP): *Cariocas*.

Carta M 10. Plural de Leão



CARTA M10 - PLURAL DE LEÃO

15 - LEÕES

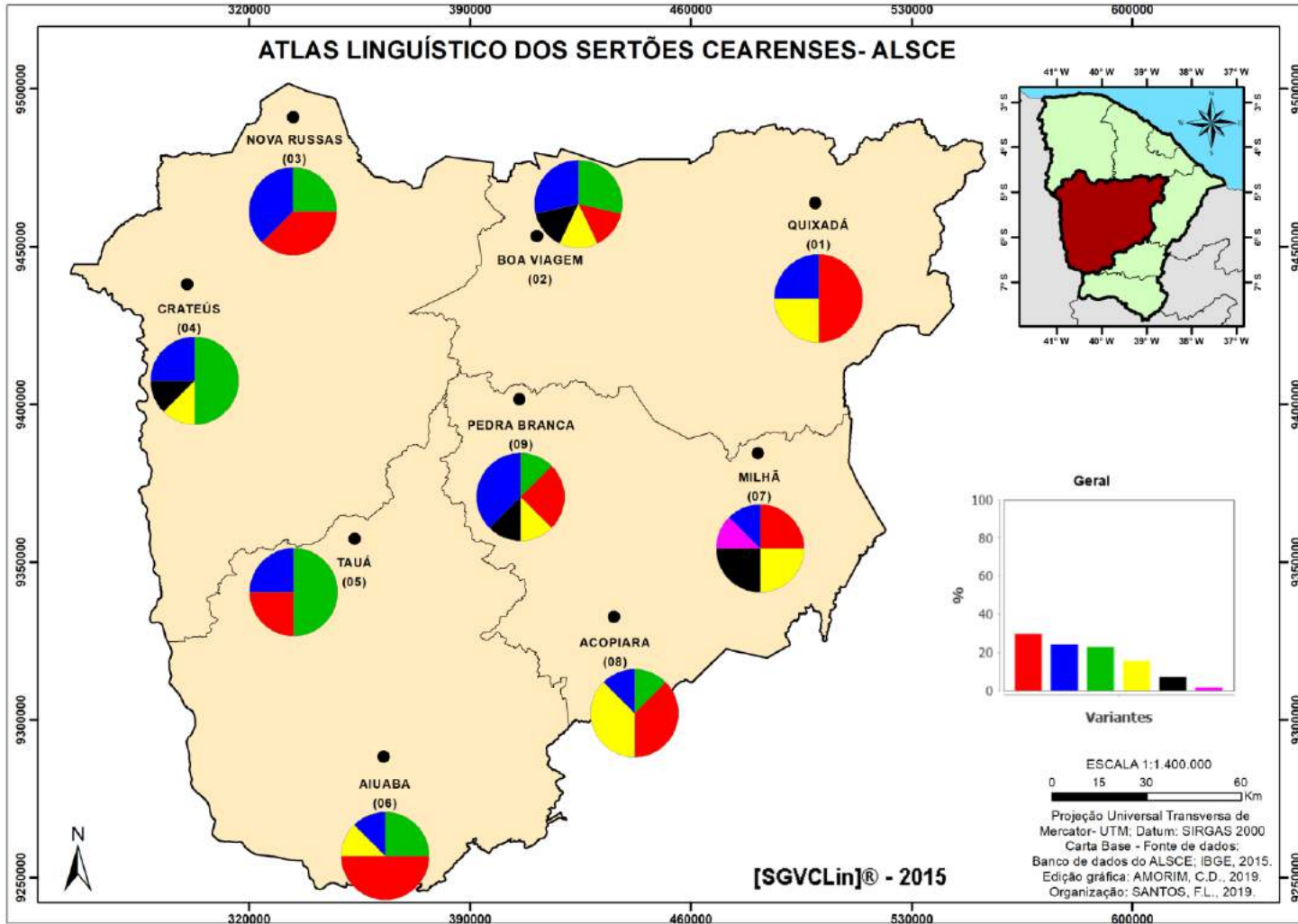
Legenda

- Vários leões
- Leões
- Uns leão
- Leão
- Leões
- Casal de leão

NOTA

Obtivemos uma Resposta não produtiva (RNP): *Uma leoa.*

Carta M 11. Plural de Degrau



CARTA M11 - PLURAL DE DEGRAU

16 - DEGRAUS

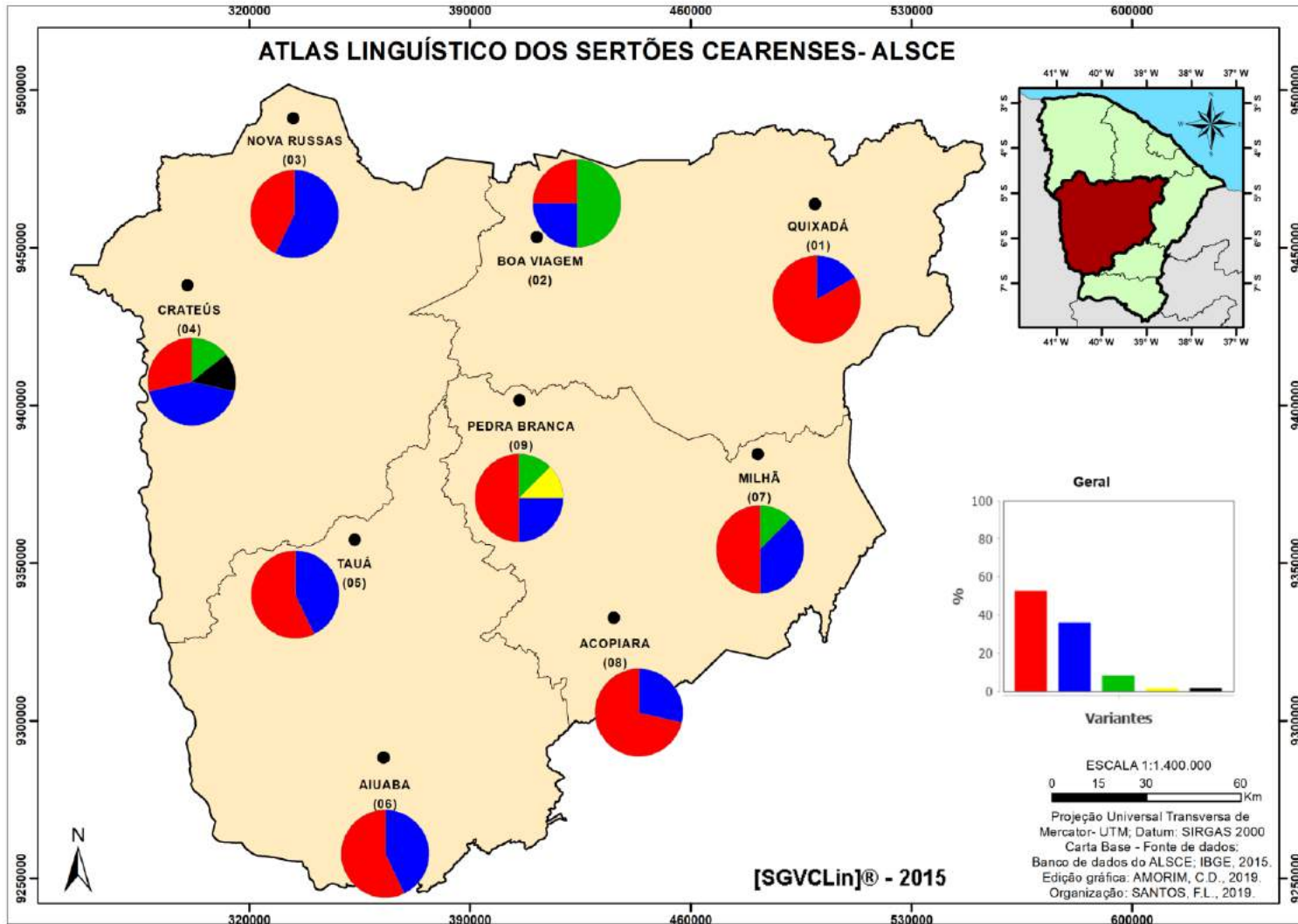
Legenda

- Degraus
- Vários degrais
- Vários degrais
- Dregais
- Vários degrau
- Degrau

NOTA

Obtivemos uma Resposta não produtiva (RNP): *Escada*.

Carta M 12. Plural de Flor



CARTA M12 - PLURAL DE FLOR

17 - FLORES

Legenda

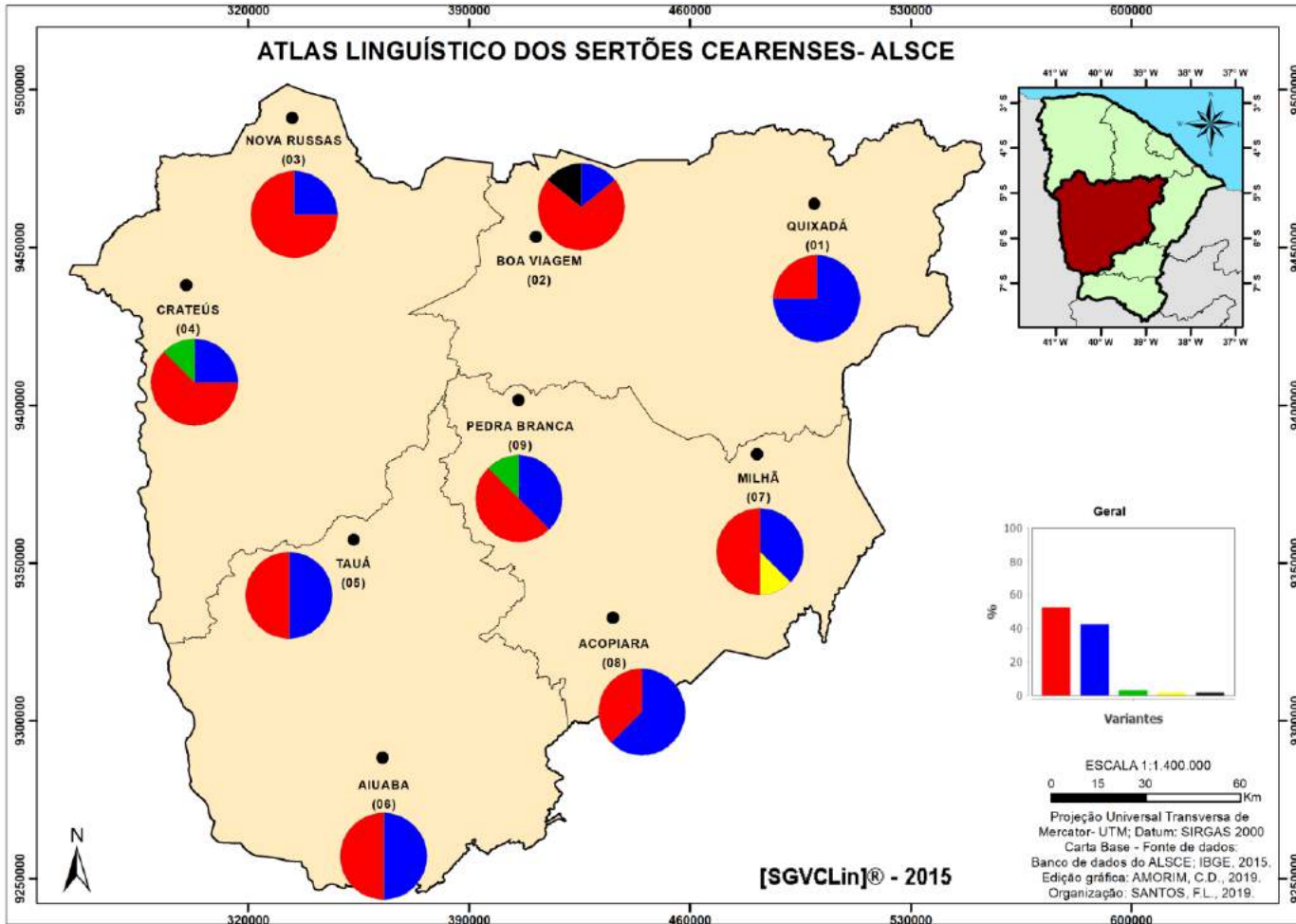
- Flores
- Várias flores
- Quatro flor
- Trajo de flor
- Buquê de flores

NOTA

Obtivemos algumas Respostas não produtivas (RNP): *Várias rosas / Buquê / Rosas / Arranjos*.

A Resposta não produtiva *Várias rosas* representou 11% das respostas.

Carta M 13. Plural de Olho



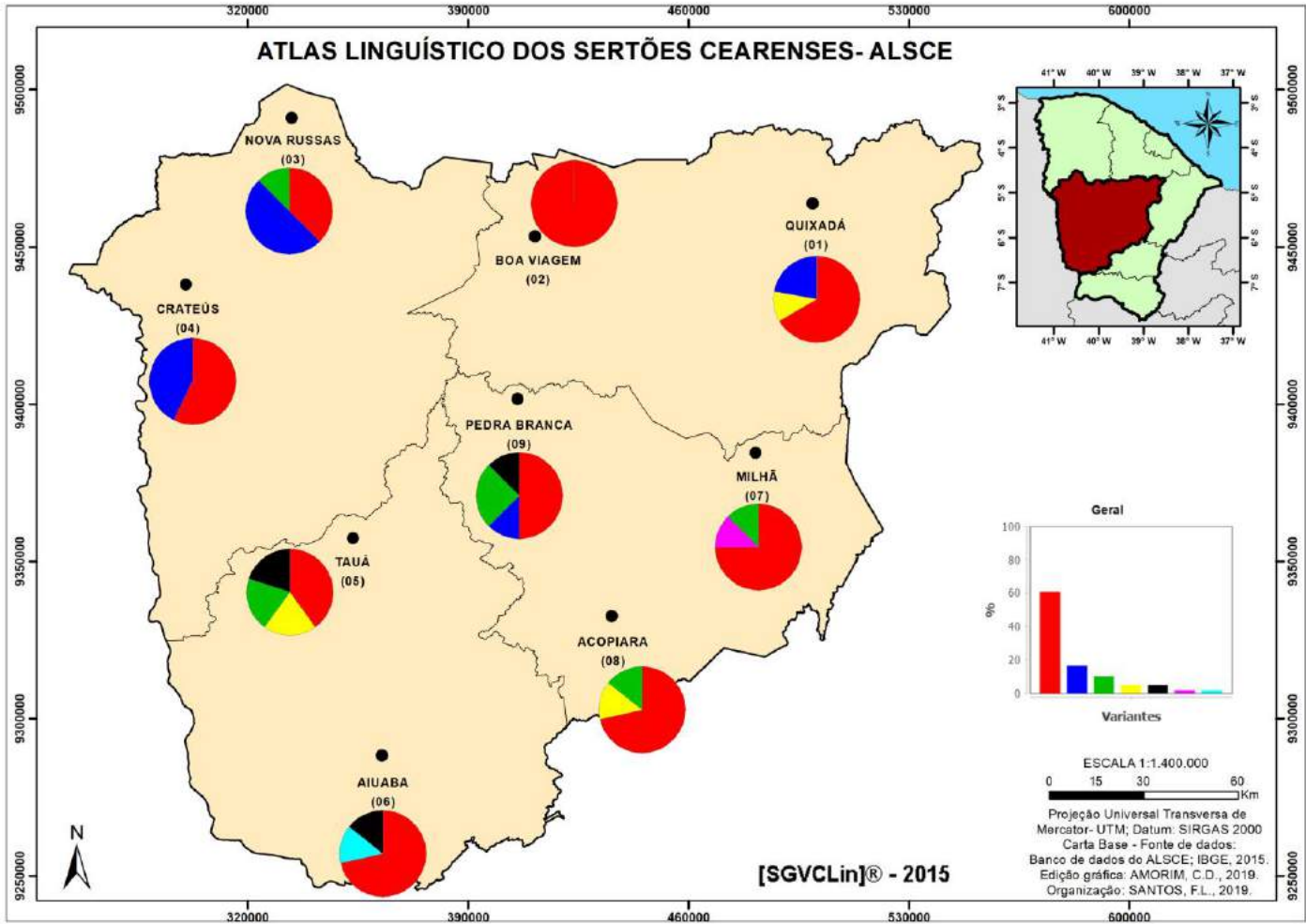
CARTA M13 - Plural de Olho

20 - OLHOS

Legenda

- Vários olhos
- Olhos
- Dois olho
- Zolhos
- Muitos zói

Carta M 14. Grau comparativo bom/mau



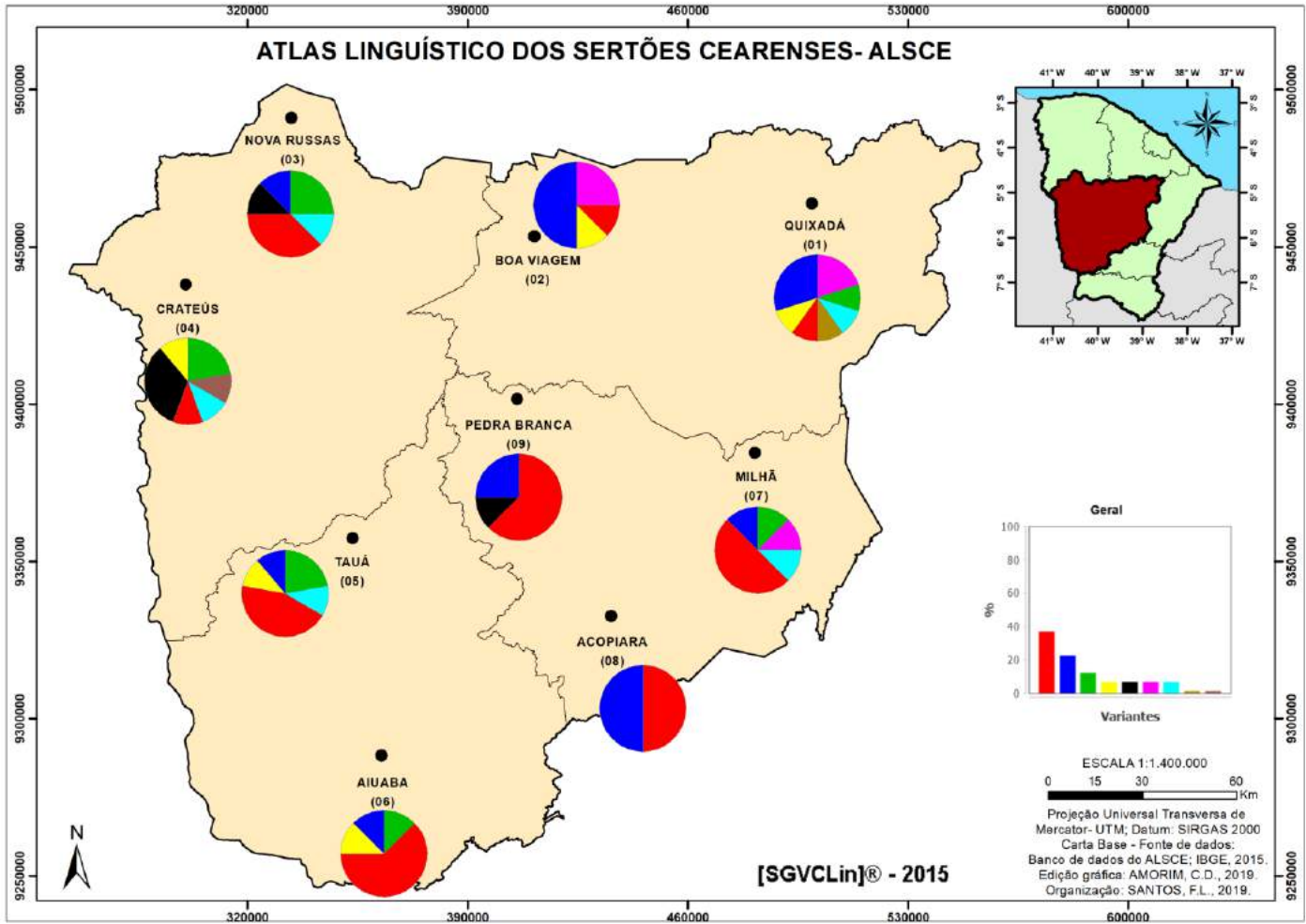
CARTA M14 - Grau comparativo Bom/Mau

22 - Você/o(a) senhor(a) prefere a comida da sua esposa/ de sua filha ou de sua mãe? Por quê? (apurar as variações mais bom/melhor, mais mau/pior)

Legenda

- Melhor
- Mais gostosa
- Boa
- Ruim
- Ótima
- Péssima
- Mais ruim

Carta M 15. Pronomes Tu/você /a gente



CARTA M15 - Pronomes Tu/Você/A gente

25 - Conhece alguma simpatia? (para tirar verruga, por exemplo?) [Conhece alguma receita de uma comida típica daqui?] [Como se faz aqui para ganhar o próprio sustento?]

- Legenda**
- Você
 - Suj. oculto (você)
 - Eu
 - A gente
 - Suj. impessoal
 - Suj. oculto (eu)
 - 3ª PS/ PP
 - O pessoal
 - Tu

NOTAS

Ocorrência com Sujeito oculto (você)

INF 01.5: "pega uma garrafa de litro branca..."

Ocorrência com Sujeito oculto (eu)

INF 01.2: "Passo no liquidificador, depois adiciono a massa o fermento."

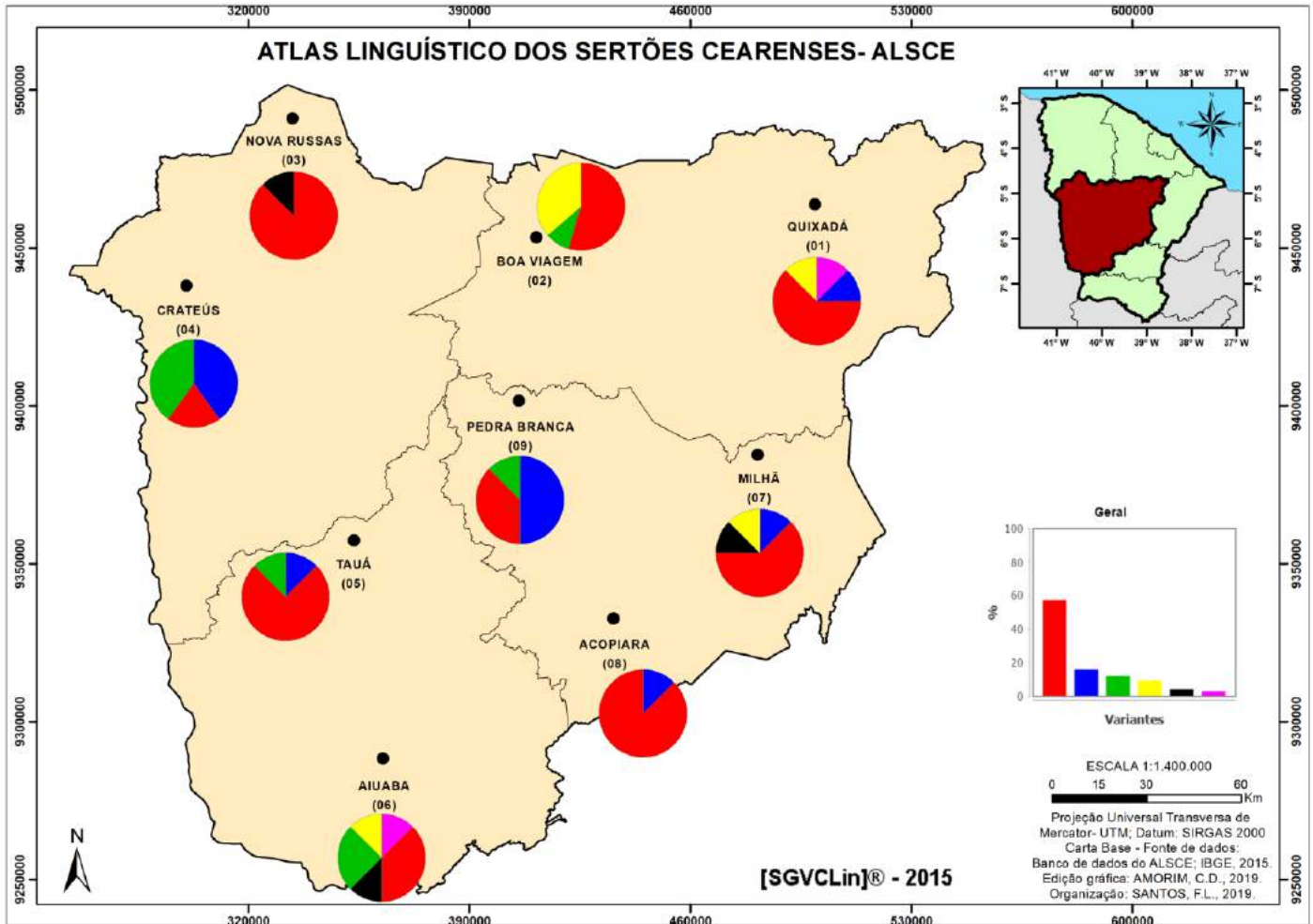
Ocorrência com 3ªPS/PP

INF 01.8: "ai elas colocavam um prato branco tinha que ser ágata né..." cê quer que eu saiba fazer aqui o baião de dois pra ti?"; "Primeiro o que que eu faço, eu douro a cebola no alho com azeite..."

Ocorrência com Sujeito impessoal

INF 03.5: "Pegar um trevo de quatro folhas, guardar na carteira."

Carta M 16. Pronomes Nós/ A gente



CARTA M16 - Pronomes Nós/ A gente

26 - O que é que vocês fazem no final de semana?

Legenda

- A gente
- Verbo Infinitivo Impessoal
- Sujeito oculto
- Nós
- Suj. composto
- Verbo Infinitivo Pessoal

NOTAS

Ocorrência com Sujeito oculto

INF 02.7: "às vezes fazemos."

Ocorrência com Sujeito composto

INF 03.6: "final de semana? passear. Às vezes pra algum restaurante, lanchonete, mais passeio mesmo. INQ: aí quem vai geralmente.

INF: eu, meu esposo, meu irmão, raramente minha mãe e meu pai."

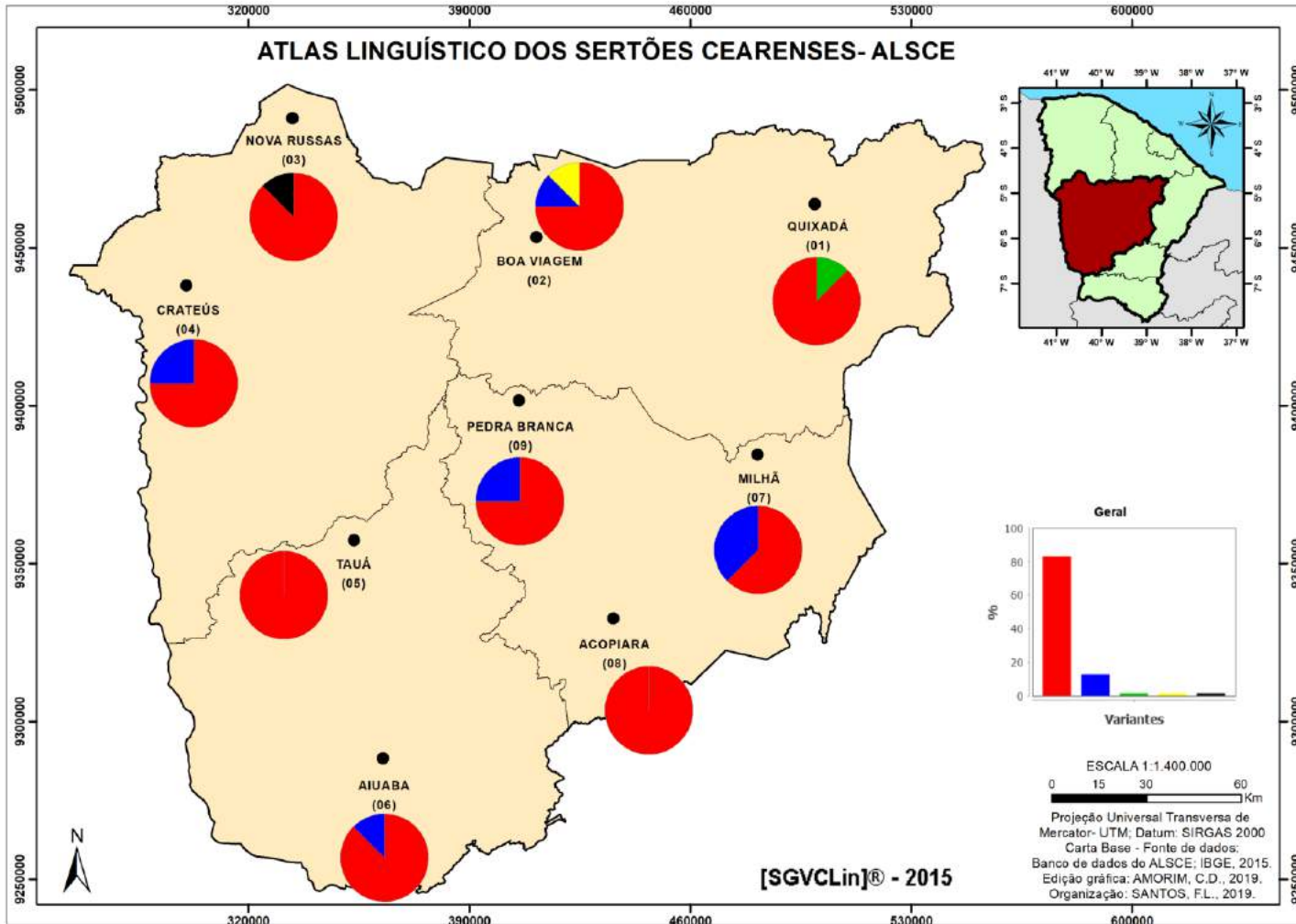
Ocorrência com o Verbo no infinitivo pessoal

INF 06.8: "...aí quando eu chego em casa é só arregaçar as mangas e passar pano, limpar telhas, lavar a louça, e adoro ir pra cozinha."

Ocorrência com o Verbo no infinitivo impessoal

INF 07.5: "ir a pizzaria, ir a praça."

Carta M 17. Pronome Comigo



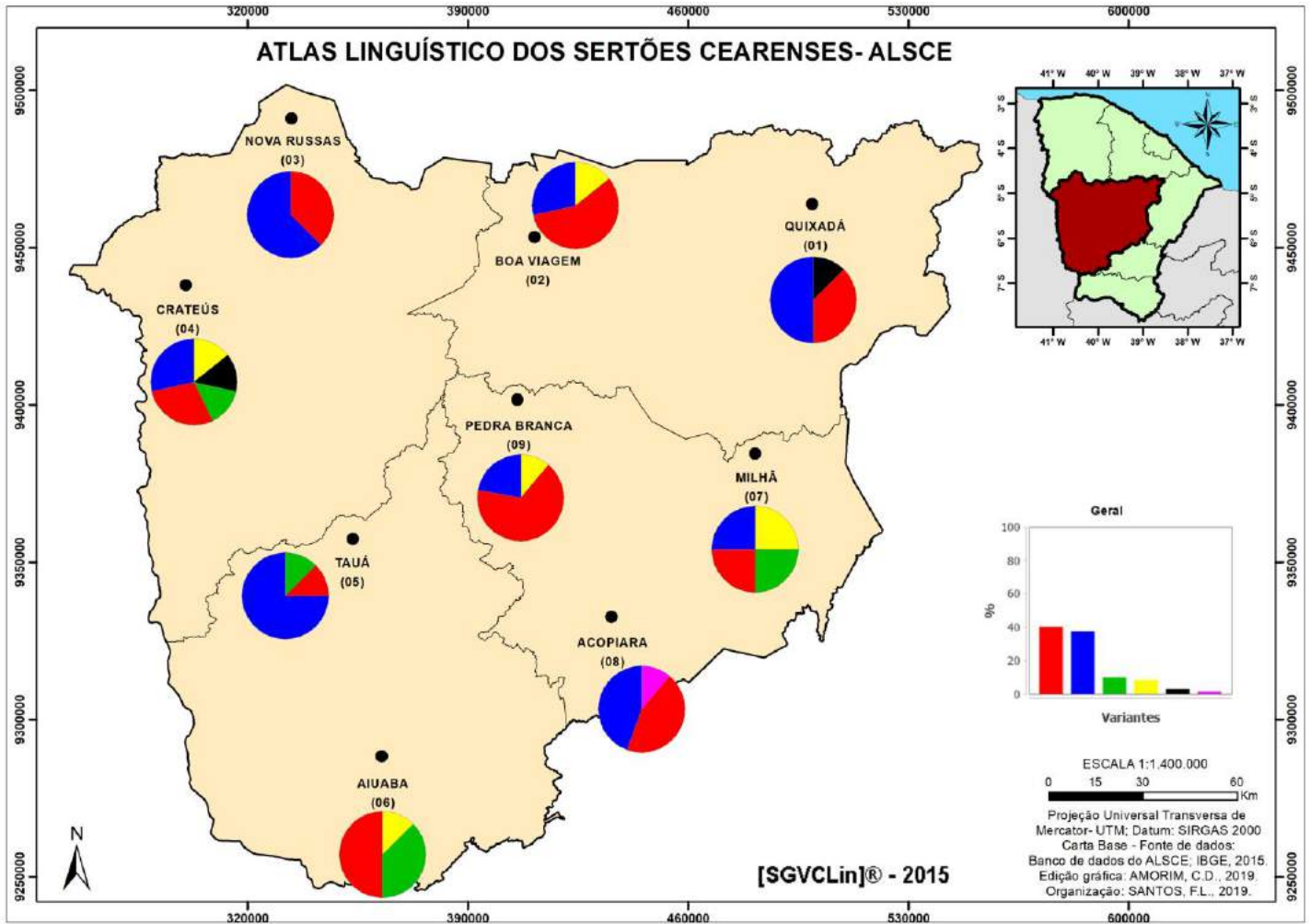
CARTA M17 - Pronome Comigo

27 - Quando alguém não quer tomar café sozinho, diz para outra pessoa: "quer tomar café ___?"

Legenda

- Comigo
- Vamos tomar café
- Bora tomar
- Junto(s)
- Com a gente

Carta M 18. Pronome Conosco



CARTA M18 - Pronome Conosco

28 - E se nós dois estivermos tomando café e queremos outra pessoa, ou mais pessoas na mesa, dizemos que essa(s) pessoa(s): Venha tomar café

Legenda

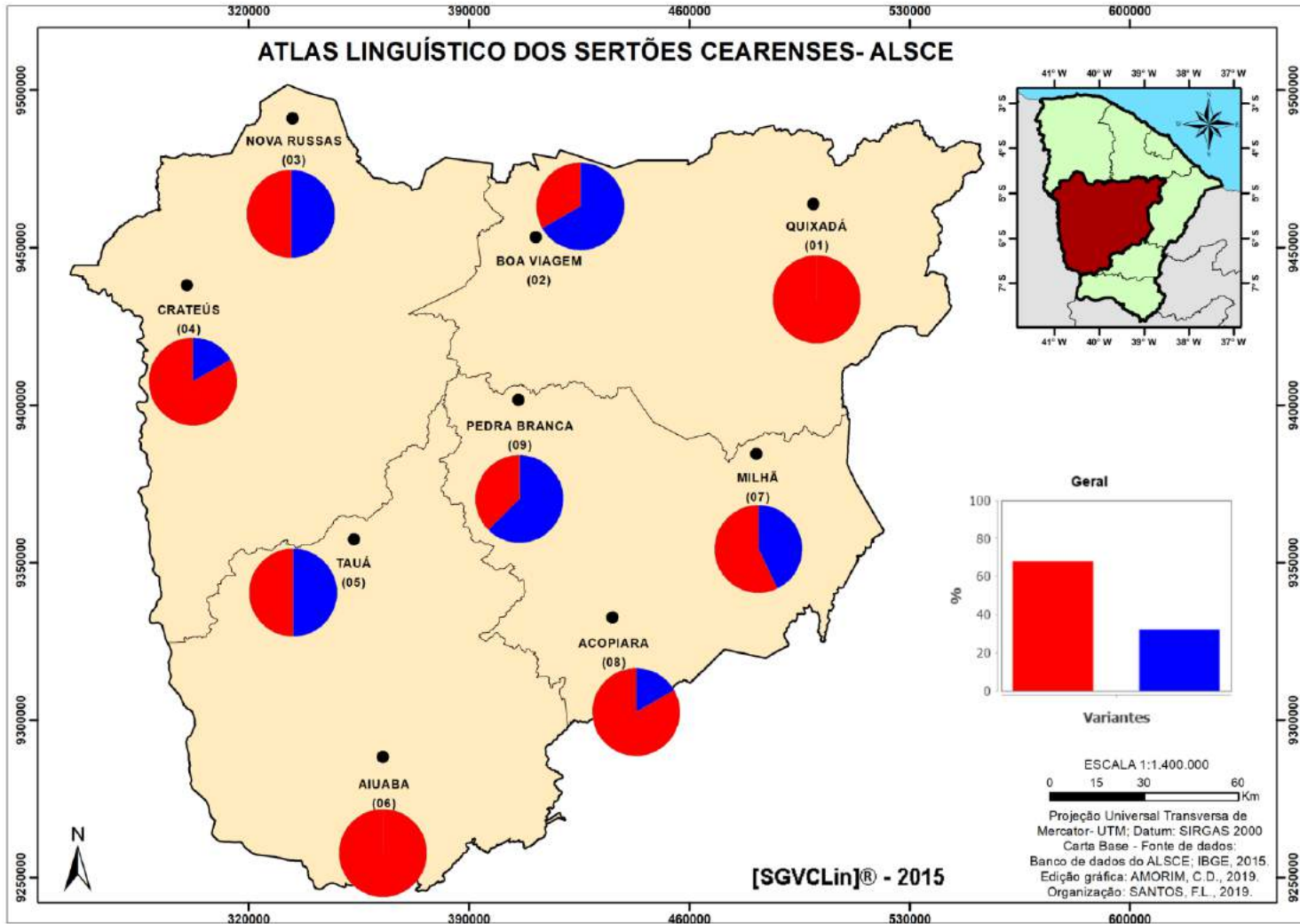
- Com a gente
- Conosco
- Vamos tomar café junto(a)s
- Com nós
- Comigo e (nome)
- Mais nós

NOTA

Ocorrência com o pronome comigo e o nome próprio.

INF 01.1: " Ei, Mauro, senta aqui comigo e com a Fabiana pra tomar um suco de goiaba."

Carta M 19. Pronome Menos



CARTA M19 - PRONOME MENOS

32 - Paulo tem muita força e Luís tem pouca força. Então podemos dizer que Paulo tem mais força do que Luís. Luís, pelo contrário, tem força do que Paulo.

Legenda

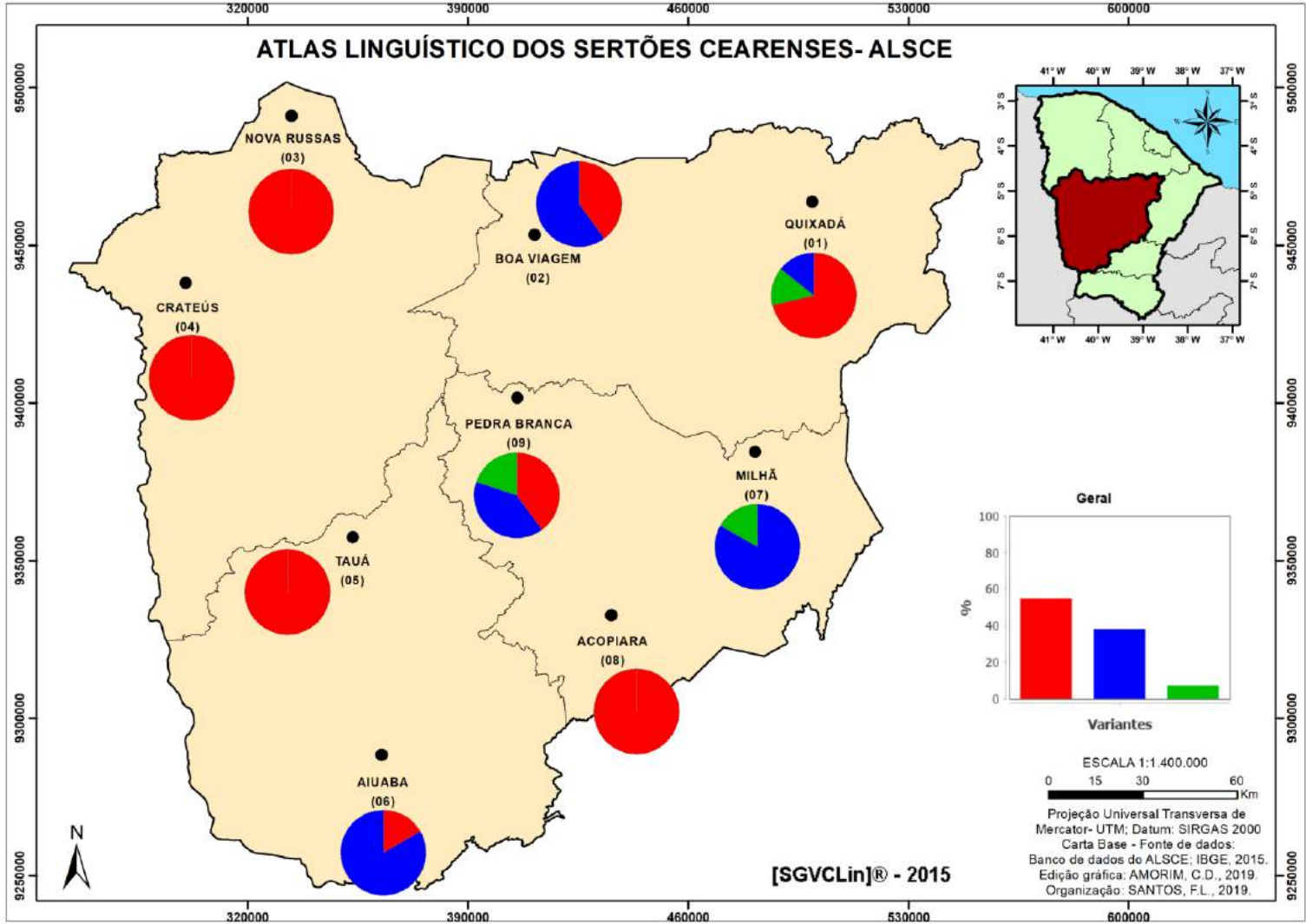
- Menos
- Menas

NOTA

Obtivemos dois tipos de Respostas não produtivas (RNP): *Pouca* / *Mais*.

A resposta não produtiva *Pouca* representou 19% das respostas.

Carta M 20. Viver 3ª PP



CARTA M20 - VIVER 3ª PP

34 - Como é a vida das pessoas que não têm casa? [Na vida , há os que já morreram e os que ainda _____]

Legenda

- Vivem
- Estão vivos
- Tá vivo

NOTAS

Obtivemos algumas Respostas não produtivas (RNP) tais como:

INF 02.7: "de maneira sofrida".

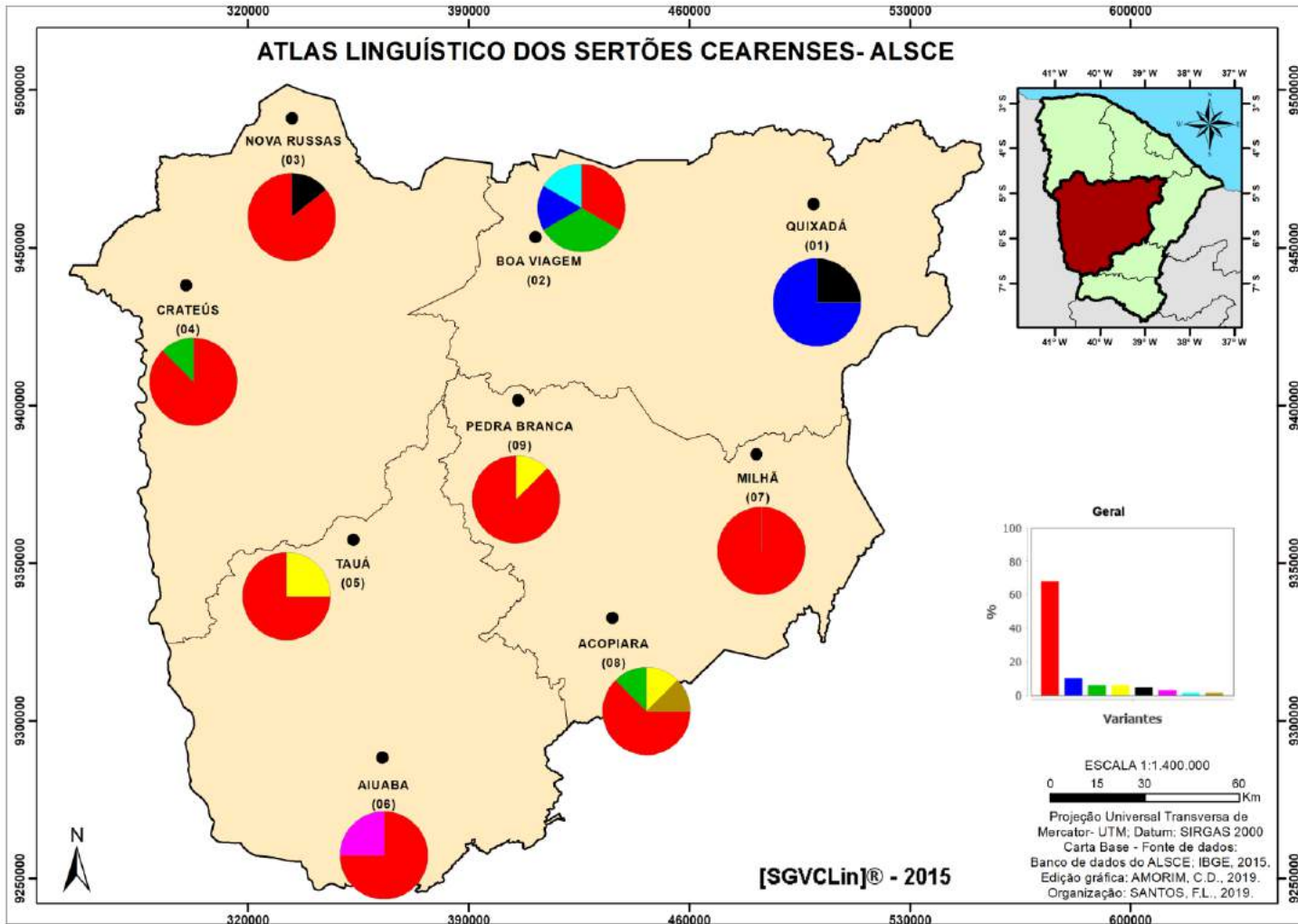
INF 03.3: "É muito dificultoso, né!"

INF 04.4: "Vida difícil".

Além desses termos, obtivemos as seguintes Respostas não produtivas: *Vão morrer / Tem vida / Morrerão*.

As Respostas não produtivas representaram 40% das ocorrências.

Carta M 21. Caber (1ª PS)



CARTA M21 - CABER (1ª PS)

36 - Digamos que o carro está lotado , mesmo assim o motorista insiste que ainda cabe alguém. Então, eu posso dizer assim: "Não, eu não _____ neste carro".

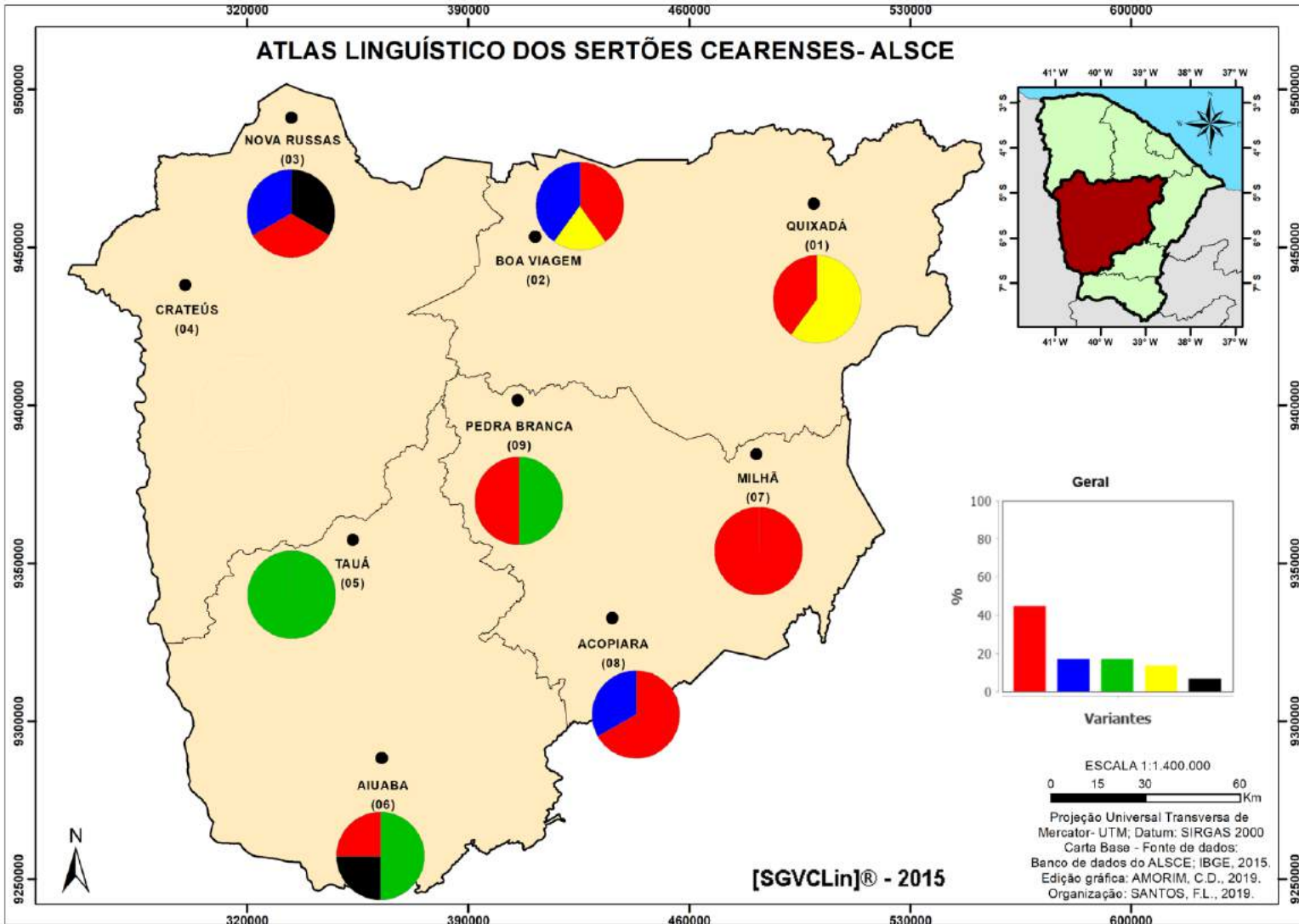
Legenda

- Não vou
- Eu não vou
- Não cabe
- Não quero ir
- Caibo
- Está cheio
- Cabe
- Cabo

NOTAS

As Respostas produtivas ocorreram apenas uma vez cada: *Não cabe / Caibo / Cabe / Cabo.*

Carta M 22. Saber (1ª PS)



CARTA M22 - SABER 1ª PS

39 - Por exemplo, quando você /o(a) senhor(a) toma conhecimento de que um amigo seu casou, como comenta com esse amigo essa novidade?

Legenda

- Soube
- Tá sabendo
- Sabia
- Fiquei sabendo
- Não sabe

NOTAS

Obtivemos, ainda, algumas Respostas não produtivas (RNP) inusitadas como as realizadas pelos informantes de Boa Viagem:

INF 02.1 - O informante respondeu, usando a expressão: "Se amancebou?"

INF 02.3 - O informante usou a expressão "lascou-se".

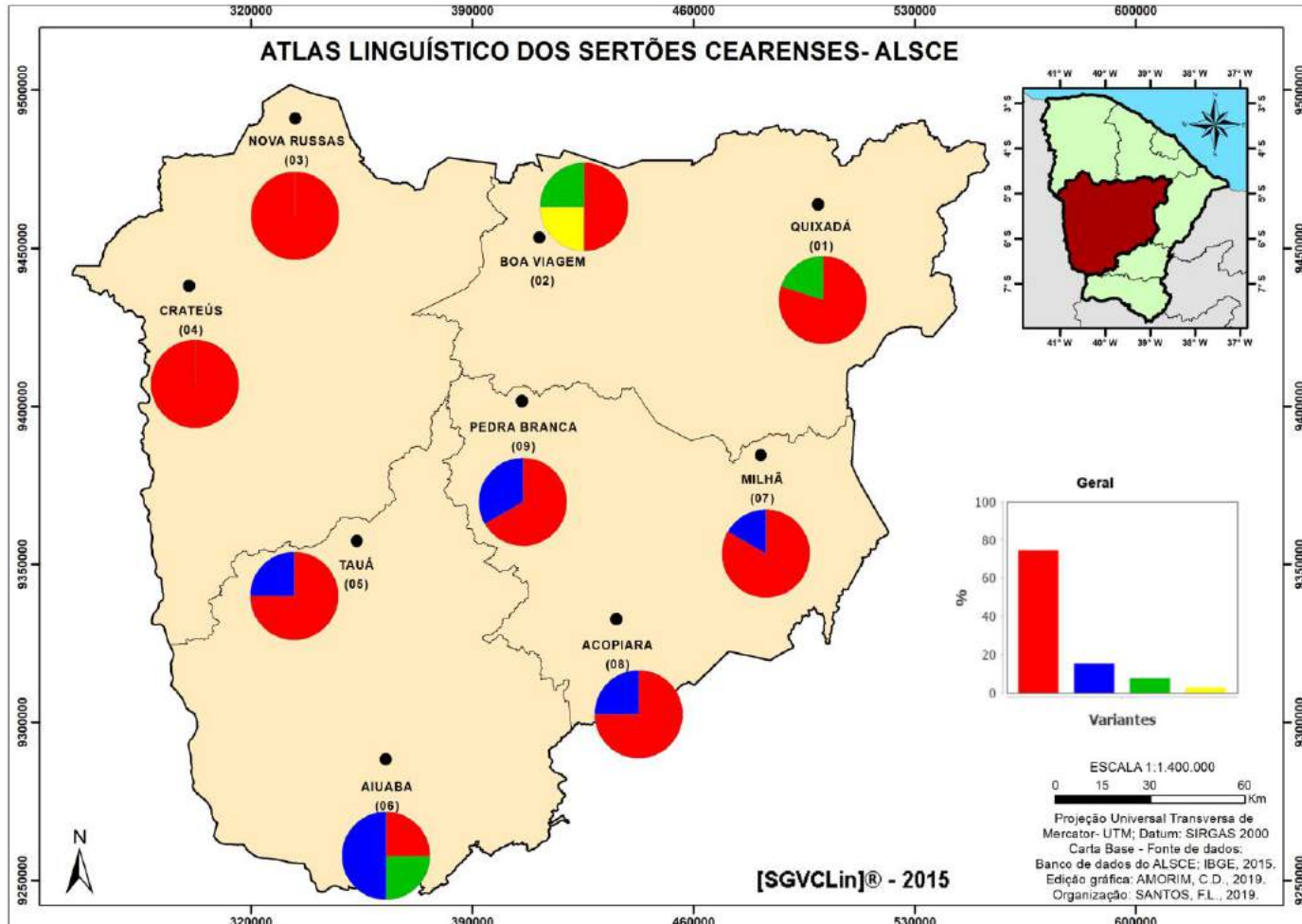
INF 02.7 - O informante usou a expressão: "desejando felicidades e parabenizando".

INF 04.5 – O informante respondeu com a expressão “tá vendo?”

As demais Respostas não produtivas giraram em torno do verbo casar: *Casou (se) / Tá casando*. Estas respostas representaram 30% das ocorrências.

As realizações na localidade de Crateús foram todas RNP, portanto não há registro na carta morfossintática.

Carta M 23. Trazer (1ª PS)



CARTA M23 - TRAZER 1ª PS

41 - Você /o(a) senhor(a) tinha que trazer uma encomenda para alguém, mas você /o(a) senhor(a) não fez isso. Se a pessoa perguntar pela encomenda, o que é que você/ o(a) senhor(a) diz? “Infelizmente, eu não _____ a encomenda.”

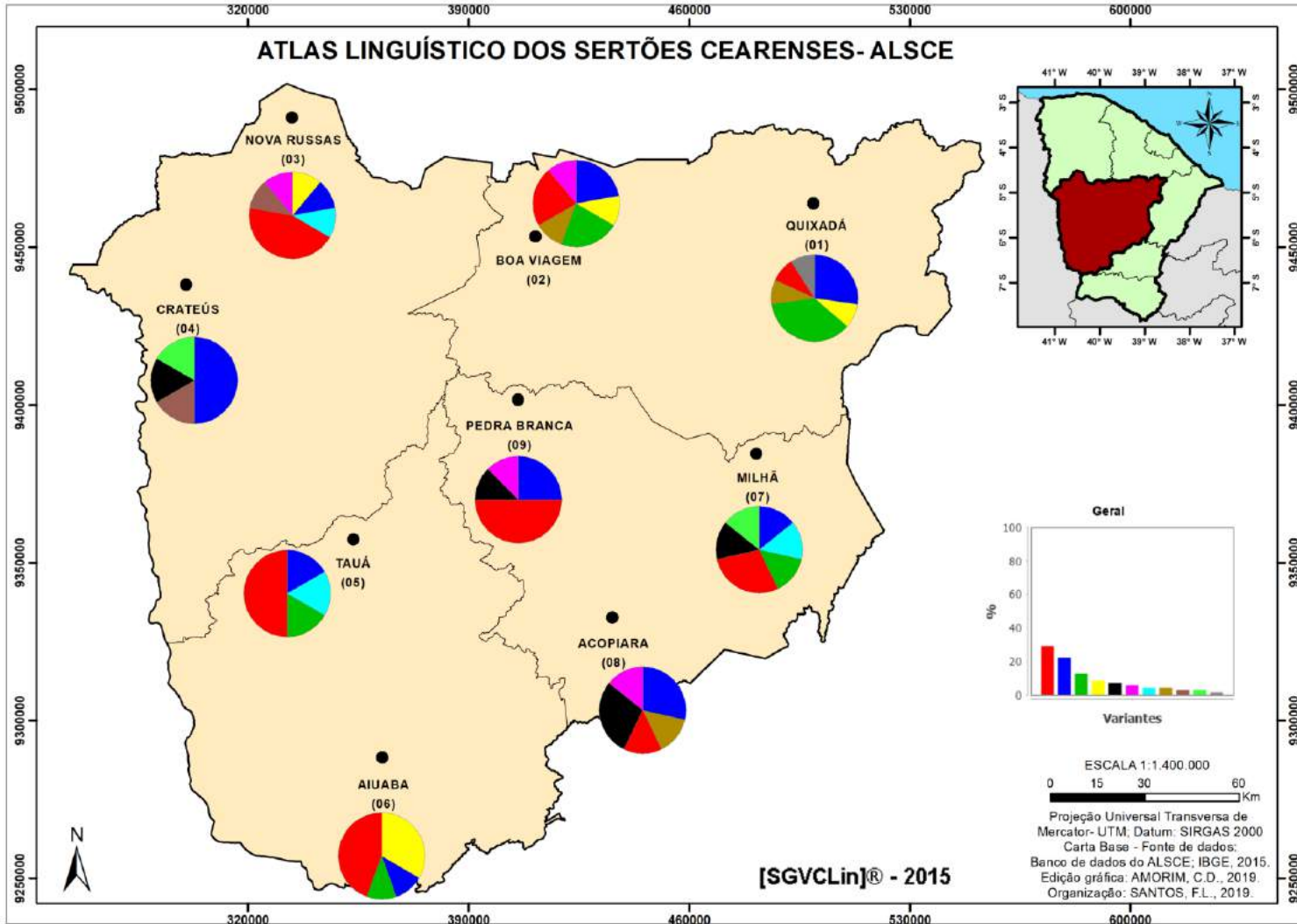
Legenda

- Trouxe
- Não pude trazer
- Trago
- Truxe

NOTAS

As Respostas não produtivas (RNP) que obtivemos foram: *Esqueci / Eu me esqueci / Não Lembrei*. Estas respostas representaram 40% das ocorrências.

Carta M 24. Por (1ª PS)



CARTA M24 - POR (1ª PS)

42 - Uma pessoa procura um objeto, por exemplo, uma chave ou um livro e não acha. Então, ela pergunta onde você /o(a) senhor(a) pôs esse objeto. Na realidade, você sabe onde pôs o objeto. Como é que você /o(a) senhor(a) responde?

Legenda

- Está (em)
- Guardei
- Coloquei
- Deixei/ Deixou
- Colocou
- Botei/ Botou
- Peguei
- Achei
- Cadê
- Entregou
- Outros

NOTAS

A ocorrência em *Outros* é: *Vá procurar* (INF 01.4 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Quixadá).

A realização do verbo *Por* não foi produzida por nenhum informante dessa malha geográfica.

Como Respostas não produtivas (RNP), obtivemos as realizações:

INF 04.1 - O informante usou a expressão "naquele lugar".

INF 04.5 - O informante usou a expressão: "em cima".

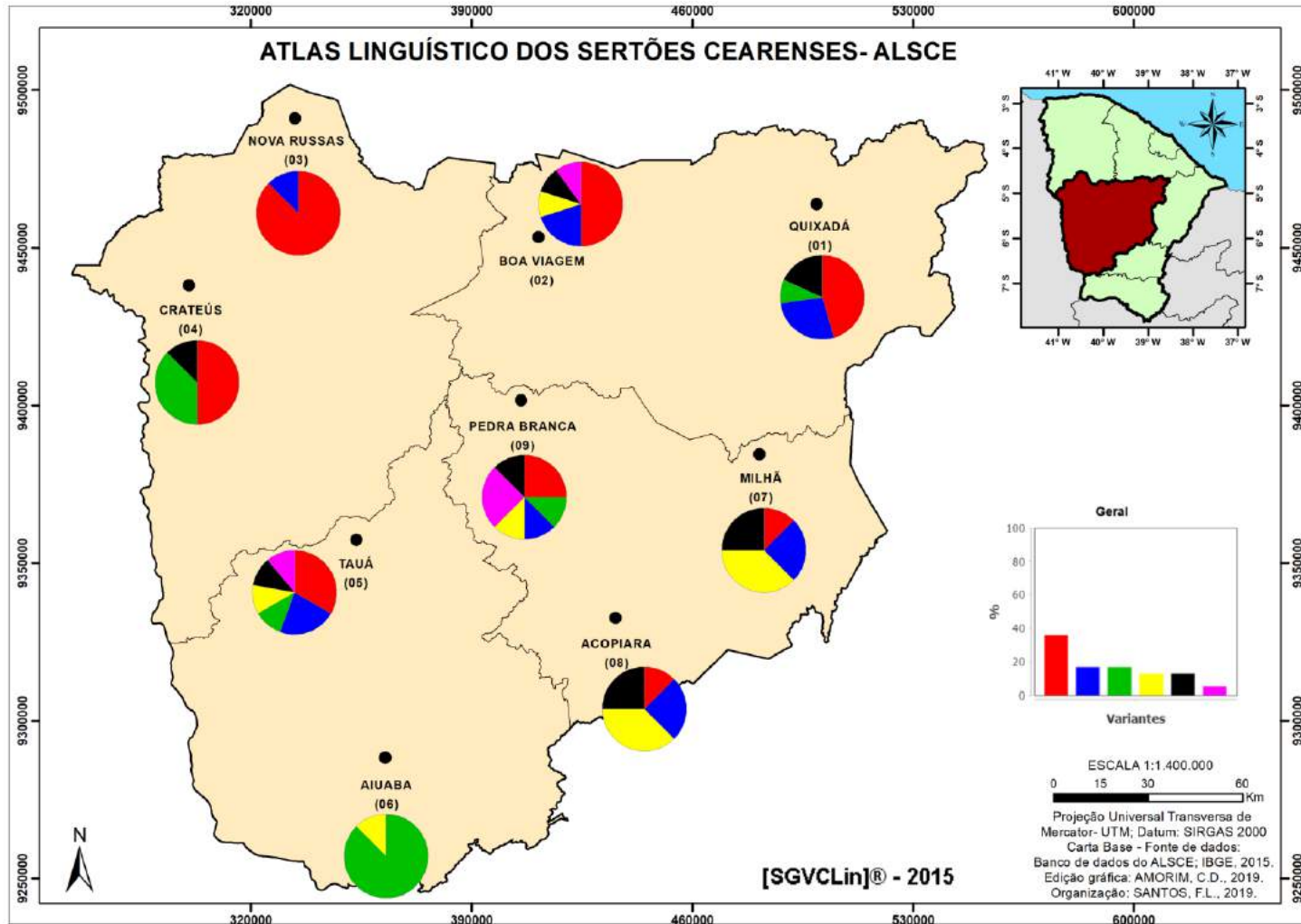
INF 05.6 - O informante usou a expressão: "tá esquecida".

INF 07.3 - O informante usou a expressão: "lá na estante".

INF 08.3 - O informante usou a expressão: "não lembrei".

INF 09.2 - O informante usou a expressão: "no mesmo lugar de sempre".

Carta M 25. Futuro do presente



CARTA M25 - Futuro do Presente

43 - O que você /o(a) senhor(a) fará amanhã?

Legenda

- Verbo Ir + Infinitivo
- Adv + Pres. Indicativo
- Infinitivo
- Presente
- Forma simples do verbo
- Ausente

NOTAS

Ocorrência com Verbo Ir + infinitivo

INF 03.6: “amanhã, amanhã é quinta feira, vou lavar roupa, vou limpar a casa, vou ao cartório, depois vou dar aula, depois vou dar mais aula a noite.”

Ocorrência do Advérbio + presente

INF 01.1: “De manhã eu não tenho nada pra fazer. À tarde vou treinar e a noite vão sair.

Ocorrência do Infinitivo

INF 06.8: “Muita coisa boa, trabalhar”

Ocorrência com ausência do verbo

INF 02.1: “INQ: o que você fará amanhã?

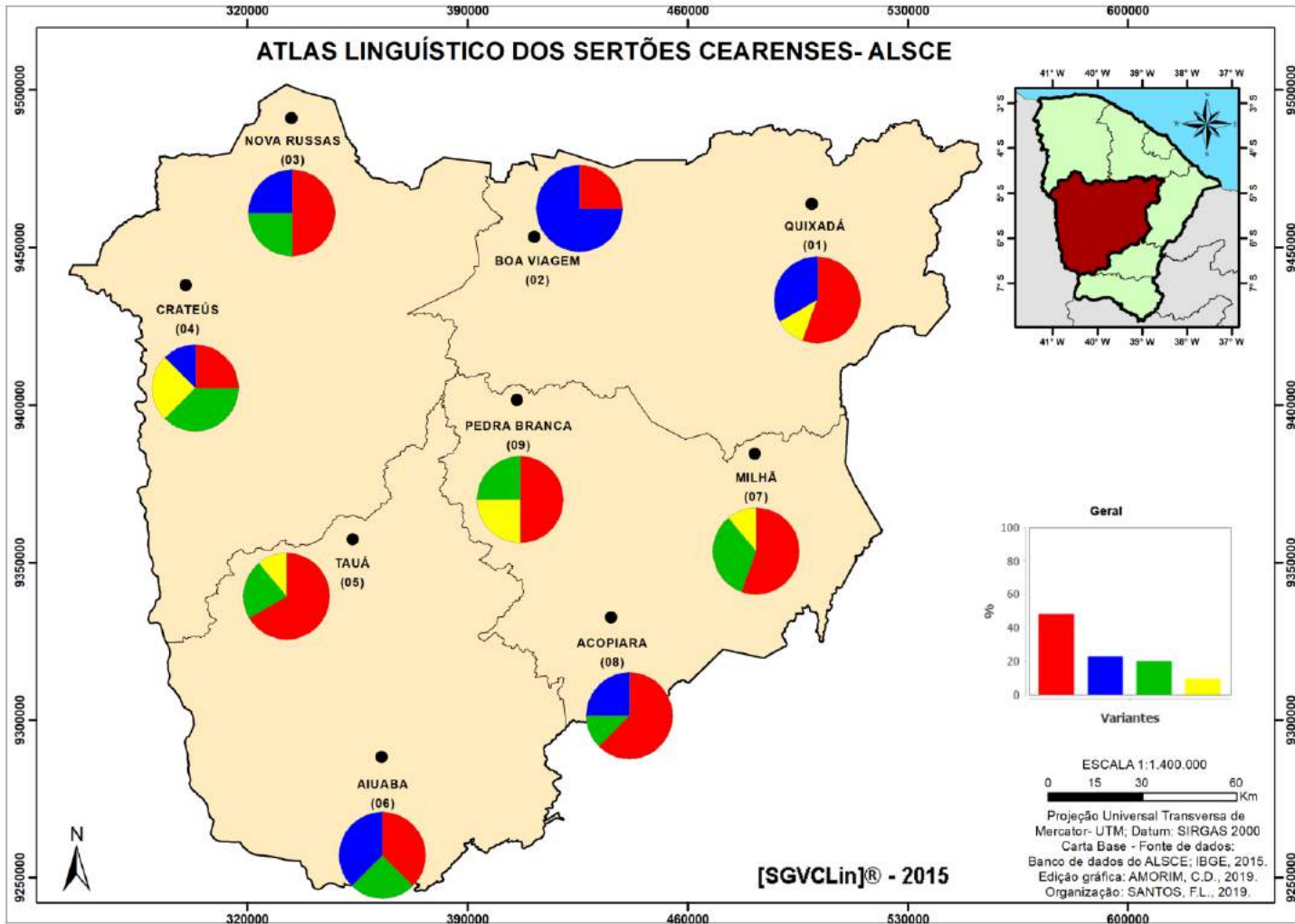
INF: mais visitas. (risos)

INQ: além das visitas vai fazer algo de diferente?

INF: reunião.

INQ: hunrum.”

Carta M 26. Futuro do pretérito



CARTA M26 - Futuro do Pretérito

44 - O que é que você/o(a) senhor(a) faria se ganhasse na loteria?

Legenda

- Futuro do pretérito
- Verbo ir + infinitivo
- Pretérito imperfeito do indicativo
- Infinitivo

NOTAS

Ocorrência com Verbo Ir + infinitivo

INF 07.5: “Ah! eu iria viajar, conhecer outras cidades, conhecer outros países, iria viver a vida, ajudar minha família.”

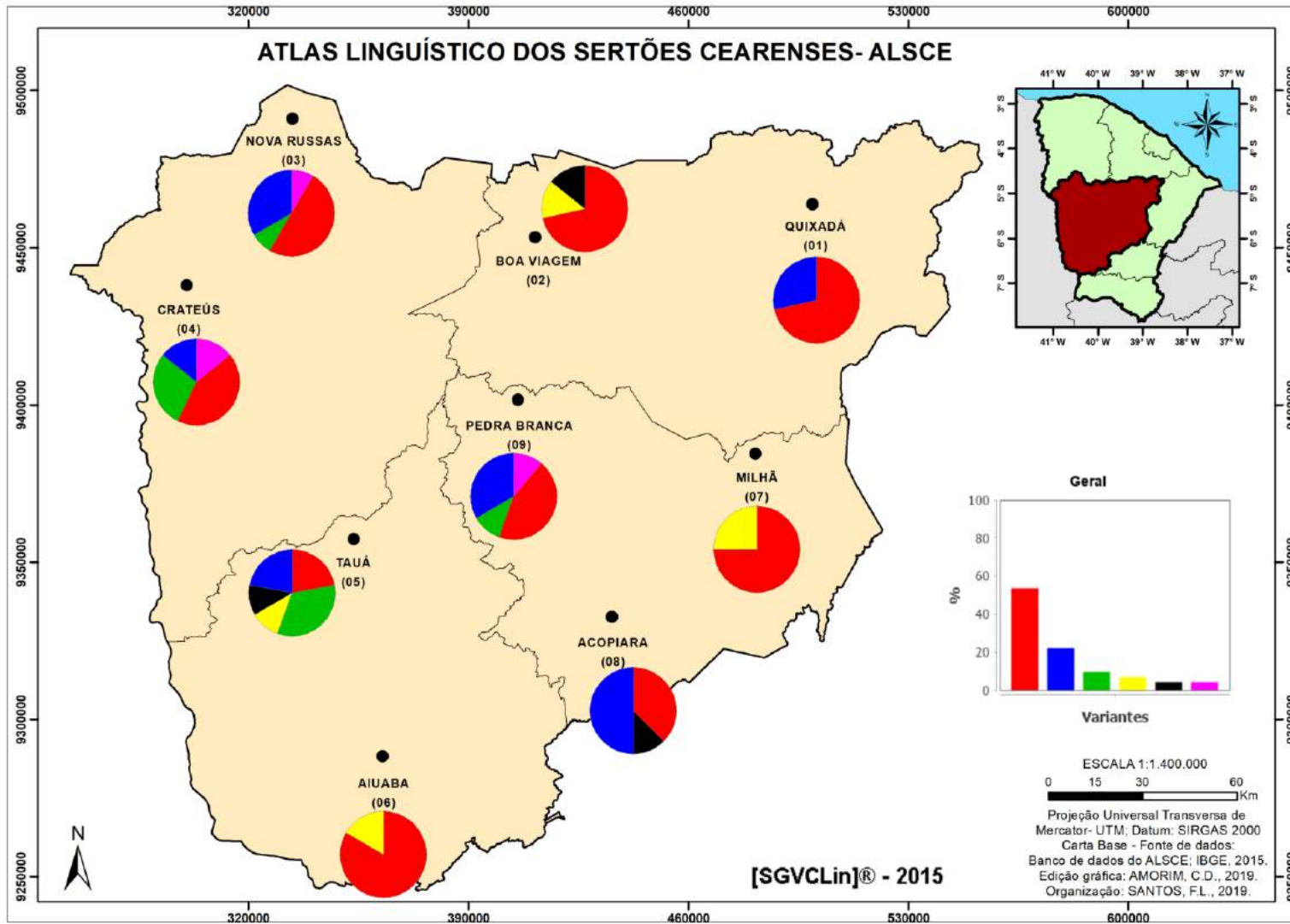
Ocorrência do Infinitivo

INF 07.3: “Ajudar as pessoas que precisasse.”

Ocorrência com o Pretérito imperfeito do indicativo

INF 05.7: “Eu tirava umas férias”

Carta M 27. Ter/ haver



CARTA M27 - TER/HAVER

46 - Como era esta cidade antigamente em termos de festas? [Antigamente, esta cidade era mais desenvolvida? Por quê?]

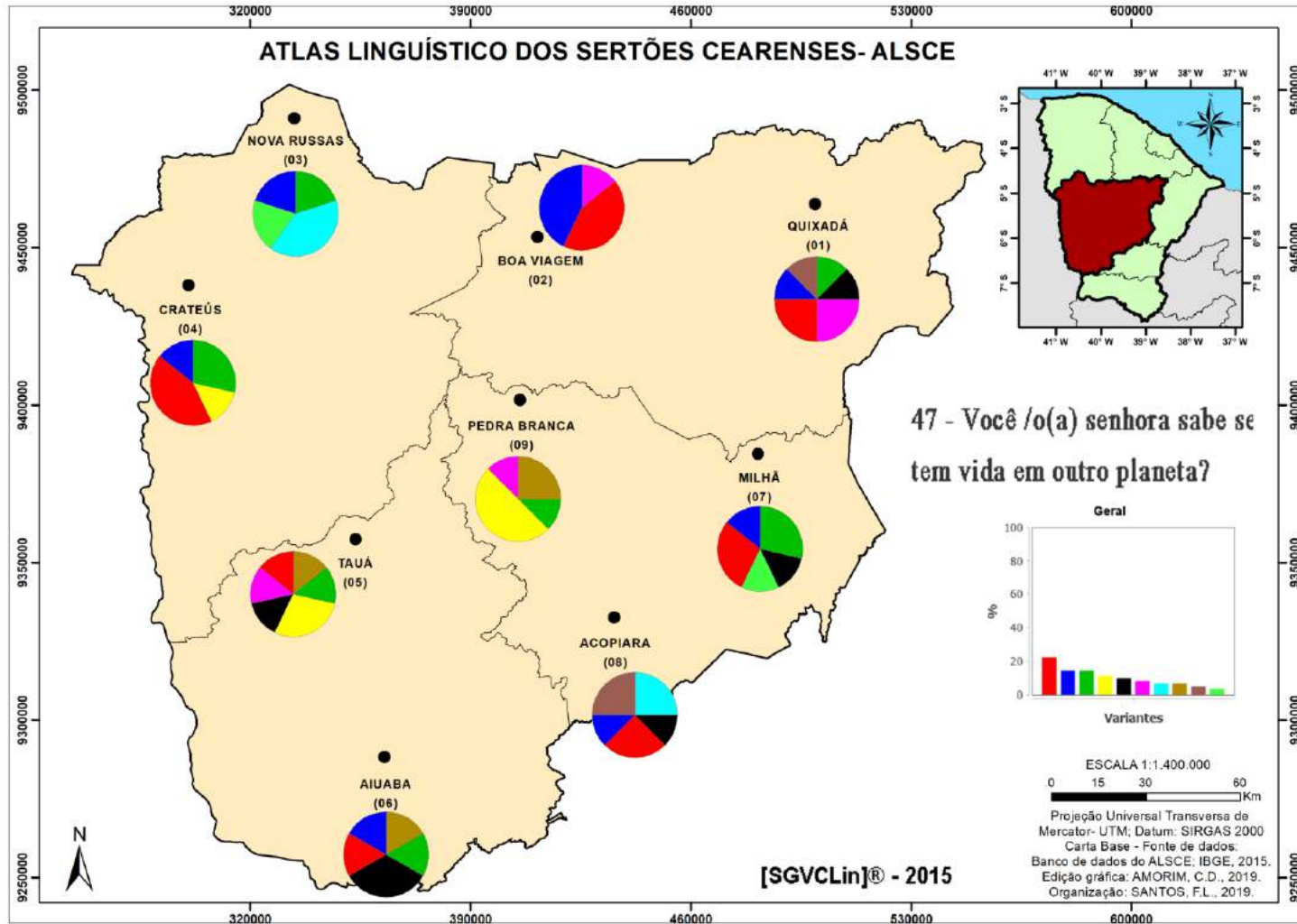
Legenda

- Tinha
- Tem
- Teve
- Tinham
- Tivemos
- Havia

NOTAS

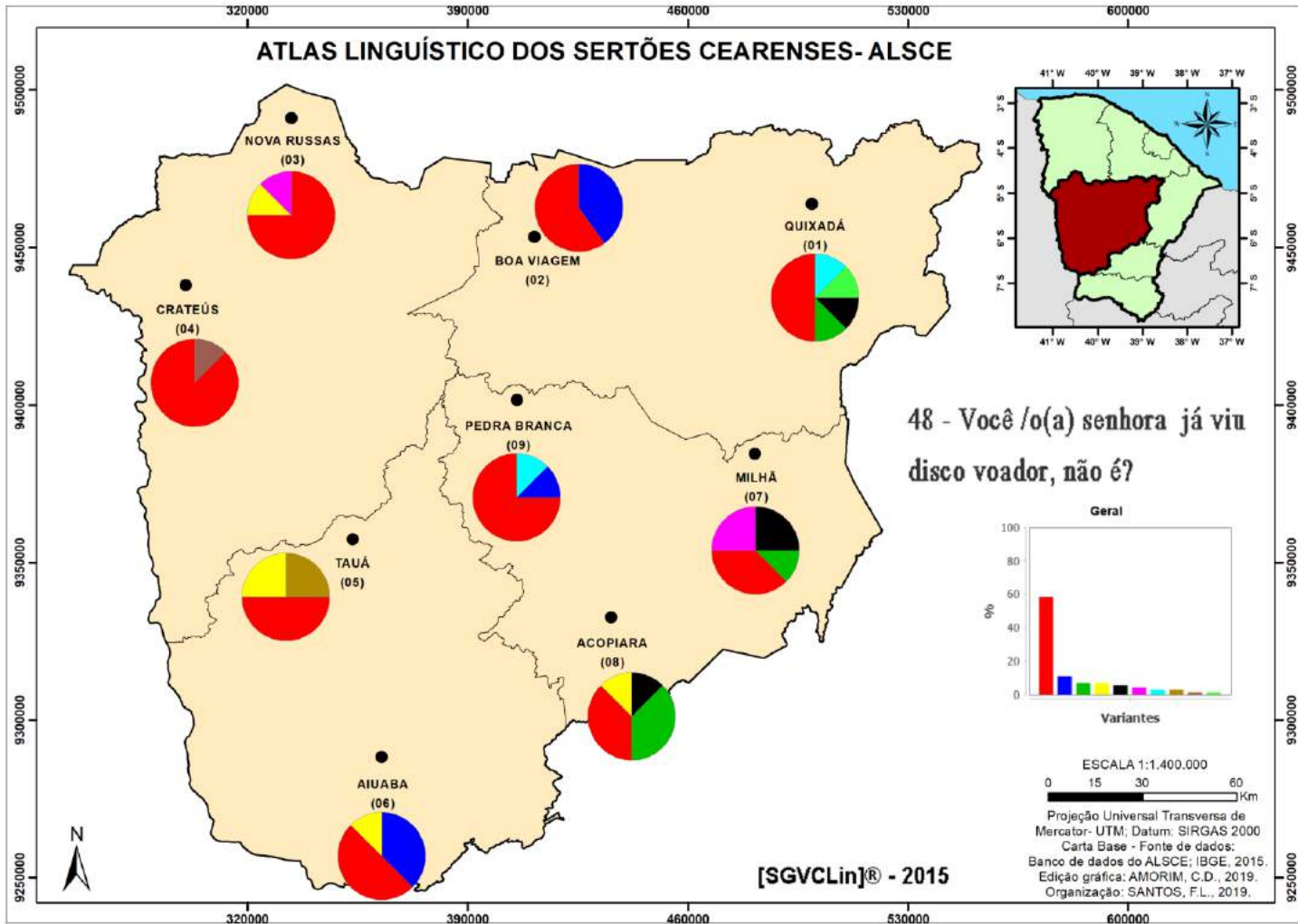
Obtivemos a seguinte Resposta não produtiva (RNP): *Era.*

Carta M 28. Resposta negativa 1



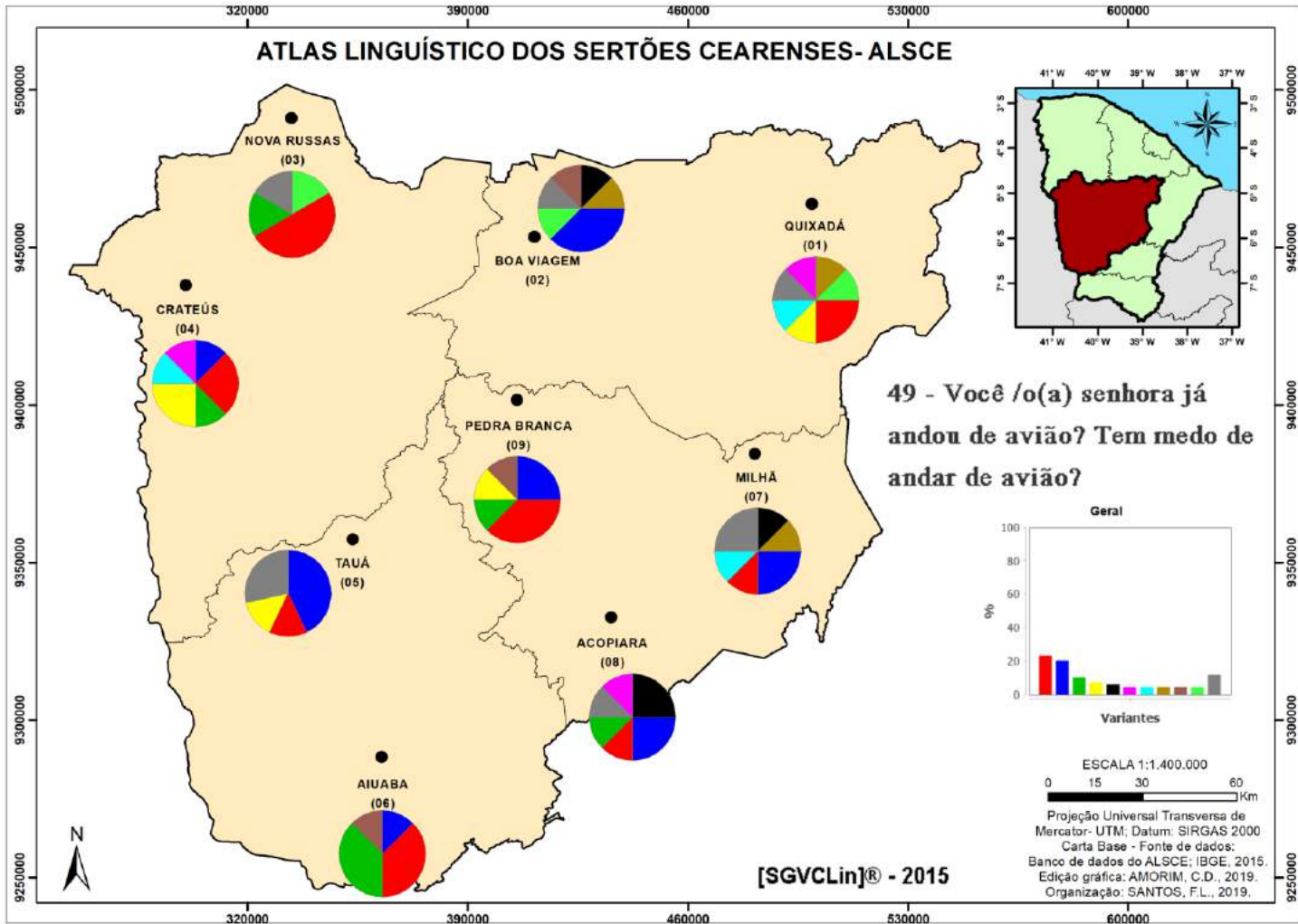
CARTA M28 - Resposta Negativa 1

Carta M 29. Resposta negativa 2



CARTA M29 - Resposta Negativa 2

Carta M 30. Resposta negativa 3



CARTA M30 - Resposta Negativa 3



NOTAS

As ocorrências reunidas em *Outros* são: *Já. Mas senti frio na barriga* (INF 01.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Quixadá e INF 05.1 - informante masculino, faixa etária 1, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Tauá); *Sim. Medo não* (INF 03.3 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Médio, da localidade de Nova Russas); *Já. Tenho não* (INF 05.7 - informante masculino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Tauá), e *Sim. Não* (INF 08.8 - informante feminino, faixa etária 2, escolaridade de Nível Superior, da localidade de Acopiara).

6 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CARTAS LINGUÍSTICAS

O objetivo principal deste trabalho é documentar as realizações linguísticas da mesorregião Sertões Cearenses por meio de um atlas, o qual foi denominado de Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE). Dessa forma, não incorre aqui uma análise sistemática e profunda do mesmo. No entanto, é preciso fazer algumas considerações com o intuito de esclarecer que, mesmo sendo um produto com uma estrutura metodológica bastante rígida, algumas escolhas devem ser feitas e que determinam o seu resultado.

Uma dessas escolhas trouxe um salto de qualidade a este atlas. Foi a utilização do software [SVGCLIN], a ferramenta operacional para elaboração de cartas e relatórios, que nos trouxe agilidade, facilidade e opção de escolhas à medida que ia sendo produzida cada carta. Esta ferramenta veio preencher a lacuna da agilidade em divulgar os resultados obtidos, bem como a qualidade desses dados, por permitir sua aplicação pluridimensional. É possível produzir diversos tipos de cartas a partir do mapa-base; contudo, para constituição deste atlas, utilizou-se somente a opção de cartas diatópicas.

Tais cartas apresentam uma estrutura multimodal em que a relação imagem e texto dialogam entre si construindo informações que só podem ser compreendidas com a leitura desses dois elementos. Sendo assim, é preciso compreender que o gráfico pizza ao lado de cada ponto, por exemplo, representa a localidade e a frequência de realização de uma dada variante. Além disso, a presença de notas explicativas para algumas cartas proporciona maior entendimento ao dado analisado, tornando a leitura das cartas simples e dinâmica.

A partir de então, teceremos algumas considerações acerca do conjunto cartas produzidas para compor o ALSCE. Como o atlas está dividido em cartas semântico-lexicais e morfossintáticas, subdividimos as considerações em 02 blocos para sistematizar melhor as observações gerais acerca de cada um.

6.1 As cartas semântico-lexicais

O critério de escolha das cartas de cunho lexical foi motivado pelos itens lexicais já cartografados nos 03 atlas publicados até então no Ceará. A ideia é criar uma imagem cartográfica do falar cearense em determinados períodos de tempos através do registro desses mesmos itens ao longo do tempo, já que esses atlas tiveram suas pesquisas realizadas em anos

diferentes, como retratado no capítulo 2. Com isso, proporcionamos mais material para os estudos sociolinguísticos sobre variação e mudança. Seguindo esse critério, foi feito um levantamento de 79 itens, no entanto resolvemos acrescentar a carta L57 (MENINA) para fazer par com a L56 (MENINO) e analisar se as variantes obtidas se relacionam com seus respectivos gêneros. Com isso, totalizamos ao final 80 cartas semântico-lexicais.

No que diz respeito à produção lexical, observamos a prevalência de lexias simples, representadas por substantivos, na maioria dos casos, seguidos por adjetivos e algumas formas nominais do verbo e advérbios, como nos exemplos a seguir: *Riacho* (L01), *Tempestade* (L08), *Sereno* (L14), *Úmida* (L15), *Amanhecer* (L18), *Anoitecendo* (L19), *Ontante* (L21), *Anteontem* (L22), *Arrendado* (L29), *Derrengado* (L40), *Cachingando* (L52), *Derradeiro* (L55), *Feminina* (L57), *Traído* (L60), *Alcoólico* (L62), *Esbafarido*, e *Cheio e Estufando* (L76).

Em alguns casos, os substantivos foram representados tanto no diminutivo quanto no aumentativo: *Riozinho* (L01), *Noitinha* e *Tardezinha/Tardinha* (L19), *Carneirinho* e *Borreguinho* (L28), *Aviãozinho* (L41), *Gogozinho* (L48), *Rapazinho* e *Pivetinho* (L56), *Meninota*, *Meninazinha* e *Garotinha* (L57), *Bebarrão* e *Bebum/bebão* (L62) e *Comilão/comilona* (L77). A variação de gênero e número também é bem expressiva como nestes exemplos: *Cabo/cabos* (L24), *Cesto(a)(s)* (L26), *Faladeira/falador* (L58), *Pitoco/Pituca* (L63), *Esgalamido/esgalamida* (L77), *Terreno(s)* (L79) e *Bar/Bares* (L80).

Observamos, ainda, que há uma significativa presença de lexias compostas e complexas. Dentre as compostas, encontramos as mais comuns voltadas para os campos semânticos: atividades agropastoris, fauna e jogos e diversões infantis, podendo aparecer em outros campos também: *Arco-íris* (L13), *João-de-barro*, *Maria-de-barro* e *Joana-de-barro* (L32) *Lambe-água* e *Bebe-água* (L41), *Ossodo-vintém* (L53), *Mão-de-vaca* e *Mão-fechada* (L59), *Mulher-da-vida* (L61), *Pé-inchado* (L62), *Bolinha-de-gude*, *Bola-de-gude* e *Bila-de-gude* (L69), *Pega-pegas* e *Esconde-esconde* (L70).

No que se refere às lexias complexas, identificamos um variado conjunto de formações de difícil definição que, em estudos mais aprofundados, poderia ser analisado pelo viés dos conceitos da Fraseologia moderna.

Ainda em relação aos aspectos da produção lexical, é preciso fazer algumas considerações sobre a produtividade dos pontos, especialmente, sobre aqueles onde não obtivemos nenhum dado, seja porque o informante não lembrava, seja porque não sabia, a questão é que, em alguns pontos, não houve quase ou nenhuma produção diante de uma determinada pergunta.

Dentre as cartas onde não houve nenhuma realização por ponto, tivemos 02 casos: a carta L18 (ALVORADA) nos pontos 06 (Aiuaba) e 07 (Milhã), e a carta L25 (CANGA) no ponto 01 (Quixadá). A carta L18 ainda apresentou baixo índice de produção lexical; pois, de um total de 72 informantes, só obtivemos 11 respostas válidas.

Além disso, outras cartas apresentaram um baixo índice de produção lexical por ponto, mesmo apresentando um bom número de respostas válidas. Podemos citar, como exemplo, a carta L41 (LIBÉLULA) em que tivemos a produção de vários itens lexicais, contudo a maioria dos informantes das localidades de Tauá e Aiuaba não souberam responder. Com isso, deixamos essas informações registradas nas notas explicativas.

No caso das respostas válidas, precisamos destacar as cartas L21 (ANTES DE ONTEM) e L22 (ANTES DE ANTES DE ONTEM). A produção referente aos itens lexicais indicativos de tempo foi bem baixa comparando ao indicativo das datas. Uma vez que os informantes encontravam dificuldades para responder com os advérbios de tempo equivalentes, preferiam denominá-los por meio de datas ou dos dias da semana como nos exemplos a seguir:

1. Carta L21: (INF. 01.8) - *INQ.: E o dia que foi antes desse dia? /INF.: Segunda, foi seis.*
2. Carta L22: O informante (INF. 03.4 - Nova Russas) respondeu que se chama pelo nome do dia. *INF.: Não sei não. INQ: o... [...] INF: Ai já não chama mais nada. Chama o nome dele mesmo. / INQ: ah certo! Entendi. / INF: É o nome do dia mesmo, quinta feira, ou sexta, ou sábado...*

Outro ponto que merece ser considerado é a escolha dos itens lexicais transcritos. A orientação, segundo o Questionário do ALiB 2001, é que a transcrição seja feita de forma grafemática, sem a influência das variações fonéticas próprias da fala, uma vez que um de seus objetivos é

oferecer aos estudiosos da Língua Portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos), aos pesquisadores de áreas afins (história, sociologia, antropologia e outras e aos pedagogos (gramáticos, autores de livro-texto para o ensino fundamental e o ensino médio, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.” (SANTOS, 2003, p. 128).

Sendo assim, a representação do item lexical de acordo com a forma dicionarizada faz-se necessária. Diante desse impasse, optamos por registrar no corpo da carta a forma dicionarizada e colocar uma observação contendo as demais formas fonéticas na nota

explicativa. Dessa forma, a transcrição grafemática foi mantida e registramos as formas fonéticas produzidas em respeito aos nossos informantes.

Para exemplificar, apresentamos aqui as cartas mais expressivas em relação à variação fonética. São elas: L04 e L05, ambas cartografam *Redemoinho*; L17, retratando *Neblina*, e L22 em que os itens lexicais se configuram muito mais como uma variação fonética do termo *Antes de antes de ontem* do que uma variação lexical propriamente dita. Temos ainda as cartas L37 para *Espinhaço*; L39 para *Úbere*; L44 para *Algueiro*, e L45 para *Zarolho*.

Para finalizar as considerações sobre as cartas semântico-lexicais, destacamos algumas lexias que acreditamos ter sido realizadas por motivações socioculturais, algumas delas foram classificadas como RNP e outras foram consideradas: *Raso* (L01: RIACHO); *Canoa* e *Prancha* (L02: PONTE); *Fluxo* (L04: CORRENTE, ou onda do rio); *Dilúvio* (L10: TEMPESTADE); *Evaporação* (L16: ORVALHO); *Meteoro* e *Cometa* (L20: ESTRELA CADENTE); *Guidão*, *Apoio* e *Ferro* (L24: CABOS DO CARRINHO DE MÃO); *Freio* (L25: CANGA); *Ajudante*, *Boia fria* e *Trabalhador de Aluguel* (L29: TRABALHADOR); *Aviãozinho* e *Mariposa* (L41: LIBÉLULA); *Tapuru*, *Larva* e *Largo* (L42: TAPURU, ou bicho da goiaba); *Placenta* (L51: ÚTERO); *Pivetinho* (L56: MENINO); *Feminina* (L57: MENINA); *Cornélio* (L60: CORNO); *Inimigo* (L64: DIABO); *Espiritismo* (L66: MACUMBA); *Mortal* e *Capoeira* (L68: CAMBALHOTA); *Fechadura*, *Chave* e *Trinco* (L71: TRAMELA); *Lanche* (L74: CAFÉ DA MANHÃ), e *Piranha* (L78: PRESILHA).

Uma carta que merece atenção pela especificidade de sua resposta é a L28 (BORREGO). Para obtenção de sua lexia, fazemos duas perguntas (... *a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?*). Sendo assim, com o intuito de melhor representar esses dados, retratamos por meio da carta a resposta para a cria da ovelha e colocamos nos comentários, em forma de notas, as variações de idade obtidas nas respostas dos informantes. Vejamos: (INF. 02.5 - Boa Viagem: *Uns seis meses.*); (INF. 06.1- Aiuaba: *Até perto de 1 metro de altura.*); e (INF. 05.5 - Tauá: *Até parar de mamar.*)

Em termos gerais, as lexias encontradas ao longo destas 80 cartas se assemelham às dos demais atlas do Estado do Ceará, ocorrendo pequenas diferenças com a presença de novas variantes. Com isso, podemos supor que estas realizações fazem parte do patrimônio vernacular do cearense.

6.2 As cartas morfossintáticas

A construção das cartas morfossintáticas partiu da observação dos resultados das transcrições do QMS para quais itens nos chamavam mais atenção, devido à variação morfossintática presente na fala dos informantes. Questões que já nos eram comuns, mas que careciam de dados científicos comprobatórios. Neste limiar entre a intuição e a ciência, selecionamos 30 itens morfossintáticos que nos pareceram os melhores representantes da morfossintaxe cearense os quais estão retratados aqui, em forma de cartas, e alicerçados por comentários nas notas explicativas, sempre que necessários, seguindo o mesmo padrão das cartas léxicas.

As cartas de M01 a M03 referem-se à presença ou ausência do artigo diante de substantivos. No que diz respeito à carta M01, em que se destaca a presença ou ausência do artigo diante de nomes próprios, a nossa intuição levantava a hipótese de que a presença do artigo se faria mais presente na microrregião mais próxima da capital e ausente nas regiões mais distantes, seguindo o mesmo caminho da palatização. Contudo, pelos dados obtidos, essa hipótese não se confirmou. Curiosamente as cidades que mais apresentaram a presença do artigo foram Pedra Branca, Nova Russas e Crateús, ou seja, as mais equidistantes da capital.

Já nas cartas M02 (ALFACE) E M03 (GUARANÁ) começa a aparecer o fenômeno que será comum às cartas que apresentarem realizações mais complexas como a flexão do verbo saber. Ou seja, os informantes buscarão outras formas de produção para representar o mesmo elemento. Assim podemos observar a presença de *A folha de alface* (M02) e *Refrigerante* (M03) representando alface e guaraná precedidos ou não de artigo ou de outro determinante (*Esse guaraná*). Obtivemos um número significativo de respostas com a lexia refrigerante e outras denominações. Para se manter fiel ao fenômeno pesquisado, consideramos essas realizações como não produtivas e fizemos referências nas notas explicativas.

As realizações referentes ao gênero foram contempladas da carta M04 a M07. Nelas, além de identificarmos variação morfossintática, identificamos variação lexical. A carta que mais apresentou variação lexical foi a M05 (*Chefa, Patroa, Matriarca, Dona e Líder*), justamente pelo fenômeno da substituição citado acima. Nas cartas M04 e M07, encontramos 02 lexias inusitadas (*Germana e Presidência*). Tais lexias estão retratadas nas notas explicativas.

Nas cartas destinadas à observação do número, escolhemos retratar os lexemas lápis (M08), pão (M09), leão (M10), degrau (M11), flor (M12) e olho (M13), já que,

dependendo da escolarização e do meio em que o informante vive, podem ocorrer variações na formação deste plural. Sendo assim, registramos realizações com a forma segundo os padrões gramaticais (*pães, leões, degraus, flores e olhos*); com a pluralização somente no determinante (*uns leão, vários degrau e dois olho*), com o acréscimo somente da marca de plural (*pãos e leãos*), com hipercorreção (*degrais e dregais*) e com substituição do lexema (*cariocas, leoa, escada, buquê, rosa e arranjo*), estes últimos considerados não produtivos.

Com relação à carta M13 (Plural de Olho), fazem-se necessárias algumas observações. Primeiro esse lexema é estudado pelos questionários do ALiB nas 03 áreas: fonética-fonológica (QFF), lexical (QSL) e morfossintática (QMS). Além disso, é um dos itens registrado no ALECE e que foi pesquisado neste trabalho. Para não nos tornarmos, repetitivos, achamos produtivos registrar apenas nas cartas morfossintáticas, pois analisaríamos não só sua realização de número, mas também seu aspecto fonético. Sendo assim, obtivemos as seguintes produções: *Vários olhos, Olhos, Dois olho, Zolho e Muitos Zói*.

A substituição do lexema é bastante marcada em algumas cartas, como em M14 (*Mais gostosa concorrendo com Melhor*), e em M19 (*Pouca concorrendo com menas*). Essa estratégia usada pelos informantes fica mais marcada ainda quando se trata de algumas formas verbais.

As mais representativas são M20 (VIVER 3ª PP), em que os informantes buscaram outras realizações no lugar da forma *vivem* (*Vão morrer, Têm vida, Tá vivo e Morrerão*); M21 (CABER 1ª PS) em que a expressão mais usada para substituir *caibo* foi *Não vou*, dentre outras; M22 (SABER 1ª PS) em que usaram outras flexões do verbo saber (*Sabia, Tá sabendo, Fiquei sabendo...*) ou outra forma verbal motivada pelo teor da pergunta (*Casou-se*); M23 (TRAZER 1ª PS) em que a forma padrão *Trouxe* concorreu com suas variações fonéticas (*Truxe e Trago*) e com outras formas dos verbos esquecer e lembrar (*Esqueci e Lembrei*), por fim, a carta M24 (POR 1ª PS).

A primeira observação sobre essa carta (M24) é a ausência de realização das formas verbais do verbo *por* independente do tempo verbal ou da motivação da pergunta-base (*Uma pessoa procura um objeto (chave, sandália) e não acha. Então ela pergunta onde você /o (a) senhor (a) pôs. Como é que você /o (a) senhor (a) responde?*). Sendo assim, as realizações morfossintáticas concentraram-se nas formas dos verbos estar (em algum lugar), colocar, deixar, guardar e botar, entre outros, variando entre a 1ª e a 3ª PS. Ainda apareceu a forma *Cadê* referindo-se ao lugar onde estaria o objeto.

No que se refere ao modo como os pronomes circundam na fala do cearense, registramos algumas ocorrências por meio das cartas M15, M16, M17 e M18. Dessas 04

cartas, as duas primeiras se referem ao modo como os pronomes pessoais (*tu, nós*) se relacionam com suas formas concorrentes (*você e a gente*), e as duas últimas, à realização do *Comigo* e *Conosco*.

As realizações obtidas na carta M15 mostram toda a diversidade da língua no seu ambiente de uso. Os informantes extrapolaram a barreira da presença desses pronomes e fizeram uso de formas verbais em suas diversas possibilidades (*Sujeito oculto (eu), Sujeito oculto (você), Sujeito Impessoal e 3ª PS/PP*), além do uso diversificado dos pronomes (*Eu, Tu, Você e a Gente*). A carta M16 segue o mesmo padrão registrando as seguintes ocorrências: (*A gente, Nós, Sujeito Oculto, Sujeito Composto e Verbos no Infinitivo Pessoal e Impessoal*).

As cartas M17 e M18 registram a forma padrão *Comigo* e *Conosco*, no entanto encontramos as realizações *Com a gente, Juntos*, a expressão de chamamento *Vamos (bora)*, *Com nós, Mais nós*, além do nome da pessoa convidada.

As cartas M25 e M26 têm o objetivo de investigar as realizações verbais dos tempos presente e pretérito do indicativo. Após uma exaustiva análise de como iríamos representar essas realizações e muita pesquisa, chegamos à decisão de representar pelos tempos e formas verbais mediante a resposta do informante. Com isso, chegamos às seguintes ocorrências: M25 (*Forma simples do verbo, Ausência verbal, Presente, Infinitivo, Verbo ir + infinitivo e Advérbio de tempo + presente do indicativo*), e M26 (*Futuro do pretérito, Pretérito imperfeito do indicativo, Verbo ir + infinitivo e Infinitivo*). Vale ressaltar que essas ocorrências foram exemplificadas nos comentários equivalentes a cada carta.

Quanto às 04 últimas cartas, a M27 (TER/HAVER) confirma a tendência do cearense em utilizar as formas do verbo *Ter* para caracterizar a ideia de existência em detrimento do verbo *Haver*. Já as cartas M28, M29 e M30 representam as realizações da negativa no falar cearense e a sua preferência pela dupla negação (*Eu não acredito que não, Não vi não e Eu não tenho medo não*).

Estas observações foram apenas uma pequena análise preliminar e superficial do mar de possibilidades que este atlas oferece, mesmo assim já é possível vislumbrar a riqueza dos dados documentados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses, a maior mesorregião político-administrativa do Ceará, teve como objetivo inicial documentar os falares cearenses e os registros morfossintáticos de uma região mais abrangente do Estado como forma de complementar os estudos geolinguísticos já existentes sobre essa região. No entanto, como em toda pesquisa, um mundo de possibilidades foi-se abrindo à nossa frente e novos desafios foram propostos para aperfeiçoamento da proposta inicial e finalização do mesmo. Afinal, em algum momento, precisamos colocar um ponto final.

É notório, com a produção do ALSCE, que o objetivo geral da pesquisa foi alcançado. Contudo há percepções factíveis, observadas ao longo da investigação, que não podem deixar de ser mencionadas.

A primeira delas é que o falar cearense segue o padrão da ocupação dos “sertões de fora”, política expansionista da coroa portuguesa quando ainda era capitania, ou seja, seguiu o caminho construído de acordo com a ocupação das sesmarias, da rota da carne de charque e do algodão. Como a mesorregião localiza-se no início do centro do Estado indo na direção oeste, é ponto de passagem de todas essas rotas que vão em direção à capital. Com isso, permite-se claramente observar que as características linguísticas fazem a mesma rota.

Esta constatação é verificada principalmente pela realização do processo fonético-fonológico de palatização das consoantes linguodentais [t] e [d], registrados durante os inquéritos realizados nas cidades selecionadas. Mesmo não sendo o objeto de estudo deste trabalho, pudemos observar essa rota entre as cidades de Aiuaba e Quixadá, onde a realização das linguodentais tornou-se mais constante em Aiuaba (lado oeste), enquanto sua palatização apresentou-se bastante expressiva em Quixadá (centro-leste).

Outro ponto bastante instigante é que não é mais possível fazer pesquisa geolinguística com informantes de escolaridade zero. O desenvolvimento sociocultural das cidades do interior foi atingido por um forte investimento administrativo que permitiu o desenvolvimento econômico e educacional destas cidades. O avanço tecnológico também permitiu que o mundo entrasse nas casas das pessoas mais simples, fazendo com que essa influência chegasse também às suas escolhas linguísticas. Exemplo disso é o uso de aparelho celular como recurso tecnológico moderno mais usado pelos informantes.

Levando em conta que a pesquisa geolinguística é de uma riqueza indescritível, a divulgação de seus resultados é imprescindível para que ela continue viva, não só nos

corredores acadêmicos, mas que também possa atingir aquele professor que vive o dia-a-dia da sala de aula. Principalmente quando vivemos num mundo onde outras áreas de estudo, como discurso, são muito mais atrativas do que a simples descrição da língua. No entanto, não podemos esquecer que o discurso começa no uso concreto dessa língua com todos os seus aspectos fonéticos, morfossintáticos e lexicais. Portanto, os percalços de sua aplicação e divulgação podem levar muitos pesquisadores a desistirem dessa empreitada.

Pensando nisso, pesquisadores criaram a ferramenta [SVGCLIN], que surgiu como mais um elemento para facilitar esse trabalho, fato que poderá levar a inserção de mais adeptos a este tipo de pesquisa. Esta ferramenta proporcionou a produção das cartas, manuseio e condensação dos dados linguísticos, de modo que ficou mais fácil fazer um estudo mais detalhado desses dados.

Para alcançar um dos objetivos específicos mais desafiadores, oferecer subsídios importantes para a pesquisa geolinguística no Brasil e para os estudos da Língua Portuguesa falada, várias estratégias foram traçadas como podemos observar a seguir.

Com o intuito de contribuir para os estudos sociolinguísticos sobre variação e mudança, decidimos que seria muito mais produtivo construir um inventário linguístico com base nos que já existem para possibilitar estudos lexicais tanto de eixos sincrônicos quanto diacrônicos acerca do falar cearense. Ao final, não temos a garantia de que essa estratégia vai alcançar seu propósito, somente o tempo dirá.

Além disso, formulamos a estratégia de termos uma cidade satélite como meio para confirmação das realizações linguísticas, seguindo as orientações dos estudos Harald e Thun (1999). Levando essa ideia à frente, escolhemos a cidade de Pedra Branca como satélite por se encontrar localizada no centro da mesorregião, daí o motivo dos 09 pontos de inquéritos.

No entanto, esta estratégia não alcançou os resultados esperados, porque percebemos, ao longo das transcrições e seleções de dados, que nem sempre as realizações eram comuns àquela comunidade linguística. Com isso, a cidade passou a ser mais um ponto de pesquisa como os demais e suas realizações foram cartografadas em todas as cartas. De qualquer forma, não deixou de ser importante e ainda contribuiu com o arcabouço do inventário linguístico cartografado.

Procuramos, ainda, minimizar os percalços naturais da pesquisa de campo, fase mais desafiadora da pesquisa geolinguística, como relatam Lima, Santos e Aragão (2018),

Mesmo com um projeto bem estruturado, com a metodologia minuciosamente planejada e previamente definida, quando vamos a campo, precisamos lidar com inúmeros desafios que, certamente, não havíamos previsto durante o projeto. Nesse caso, é preciso que o pesquisador tenha a capacidade de lidar com os desafios, no sentido de superá-los e usá-los a seu favor. (LIMA, SANTOS, E ARAGÃO, 2018, p. 21)

O maior deles é garantir uma equipe para a realização dos inquéritos. Lamentavelmente devido a tempo e dinheiro, não foi possível montar uma equipe para acompanhar os devidos inquéritos; no entanto, mesmo incorrendo em algumas perdas, o trabalho de campo foi realizado e trouxe toda essa gama de informações que podem ser conferidas por futuros pesquisadores.

Como podemos perceber, a complexidade de uma pesquisa geolinguística é imensa e os desafios são maiores ainda sem nenhuma garantia de que os resultados alcançados são satisfatórios, contudo nenhum pesquisador deve se contentar com o produto acabado.

É certo que temos mais um atlas para contribuir com os estudos da língua falada. Mesmo com suas lacunas, ainda pode proporcionar boas pesquisas e diminuir a distância entre a academia e a sala de aula.

Por fim, podemos dizer, fazendo uso da parêmia ou ditado popular, “os fins justificam os meios”; no nosso caso, os “começos”, já que um atlas linguístico é o pontapé inicial para um leque de estudos dialetológicos e geolinguísticos.

REFERÊNCIAS

ALIB. **Questionários ALiB.** Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaQuestionarios>>. Acesso em: 28 out. 14.

ANGELO, Mario. **Poesia Pedra Branca.** Disponível em <<http://blogmarioangelo.blogspot.com/2012/03/pedra-branca-uma-historia-em-construcao.html>>. Acesso em: 22 maio. 2019

AIUABA, Prefeitura Municipal. **Historicidade do município de Aiuaba.** Disponível em <<http://aiuaba.ce.gov.br/historia-do-municipio>>. Acesso em: 22 maio.19.

ALMEIDA, J. F. de. **Bíblia Sagrada.** 1.ed. 3.imp. São Paulo – SP: Geográfica, 2012.

ALTINO, Fabiane C. de. Atlas Linguístico Etnográfico de Adrianópolis. **Anais:** Gelne, Fortaleza, vol. II, 1998, p. 421-424.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Linguística aplicada aos falares regionais.** João Pessoa: A. União Cia Ed., 1983.

_____. Atlas linguístico da Paraíba. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas.** Londrina: UEL, p. 55, 1998.

_____. **Bibliografia Dialectal Brasileira.** 2ª Ed. Fortaleza: UFC, 2006, 146 p. CDRom.

ALTENHOFEN, C. V.; THUN H. **Macroprojeto ALMA-H.** Disponível em <<https://www.ufrgs.br/projalma/macroprojeto-alma-h/>>. Acesso em: 17 out. 2017.

BANDEIRA, Juliana Santos, e LIMA, Jäder Ribeiro de. Da delimitação territorial do município de Fortaleza/CE à discussão dos conceitos de território e fronteira. In: **REVISTA GEONORTE**, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.1039-1052, 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/1220-1-3508-1-10-20151211%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/1220-1-3508-1-10-20151211%20(1).pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BESSA, J. R. F. (Coord.). **Atlas Linguístico do Ceará:** Introdução. Vol. I. Fortaleza: Edições - UFC, 2010.

_____. **Atlas Linguístico do Ceará:** Cartas linguísticas. Vol. II. Fortaleza: Edições - UFC, 2010.

CADERNO POPULAR. **História de Acopiara.** Disponível em <http://cadernopopular.blogspot.com/p/acopiara_08.html>. Acesso em: 22 maio. 2019.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2004.

CARDOSO, S. A. M. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. In: **Delta**. São Paulo: special issue, vol.17, 2001.

_____. Projeto ALiB: o sentido desta caminhada. In: MOTA et al (org.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Documentos 3**. Salvador: Vento Leste, 2012, pp. 13-32.

CARDOSO, S. A. M e Et al (Org.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Documentos 4**. Salvador: Vento Leste, 2013.

CARDOSO, e MOTA, **Percurso da Geolinguística no Brasil**. 2013. Disponível em <<http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v29n1/v29n1a06.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2017.

CARVALHO, Reinaldo Forte. Nas jurisdições do Império: espaço e poder na capitania do Ceará no século XVII. In: **XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo nacional**. Natal, 2013.

CASA DO CEARÁ EM BRASÍLIA. um cearense paidégua. In: **Jornal da Casa do Ceará**. Brasília, 2013. Disponível em <http://www.casadoceara.org.br/arquivos/Jornal/JornalJul07/Jornal_181.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.

CHAVES, Luciane Azevedo. **História do Estado**. Sobral: Inta, 2016.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001**. Loderina: EUL, 2001.

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.

COSERIU, Eugênio. **O Homem e sua Linguagem: estudos de teoria e metodologia linguística**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982, cap. 4, p. 79-116.

COSTA, João Eudes Cavalcante. **Ruas que contam a história de Quixadá**. Fortaleza: ABC Editora, 2008.

CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GEOGERAL. **Sertões Cearenses**. Disponível em < <http://geogeral.com/h/m/b/brcest.htm>> Acesso em: ago. 2016.

IBGE. **Panorama das cidades**. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

IPECE. **Perfil Básico Municipal/2016: Acopiara**. Fortaleza: SEPLAG, 2016. Disponível em < http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Acopiara.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

_____. **Perfil Básico Municipal/2016:** Aiuaba. Fortaleza: SEPLAG, 2016. Disponível em < http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Aiuaba.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

_____. **Perfil Básico Municipal/2016:** Boa Viagem. Fortaleza: SEPLAG, 2016. Disponível em < http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Boa_Viagem.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

_____. **Perfil Básico Municipal/2016:** Crateús. Fortaleza: SEPLAG, 2016. Disponível em < http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Crateus.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

_____. **Perfil Básico Municipal/2016:** Milhã. Fortaleza: SEPLAG, 2016. Disponível em < http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Milha.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

_____. **Perfil Básico Municipal/2016:** Nova Russas. Fortaleza: SEPLAG, 2016. Disponível em < http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Nova_Russas.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

_____. **Perfil Básico Municipal/2016:** Pedra Branca. Fortaleza: SEPLAG, 2016. Disponível em < http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Pedra_Branca.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

_____. **Perfil Básico Municipal/2016:** Quixadá. Fortaleza: SEPLAG, 2016. Disponível em < http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Quixada.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

_____. **Perfil Básico Municipal/2016:** Tauá. Fortaleza: SEPLAG, 2016. Disponível em < http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2016/Taua.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

ISQUERDO, A. N. Os Atlas Regionais Brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.(orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil:** Documentos 2. Salvador: Quarteto, 2006.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. Os primórdios da organização do espaço territorial e da vila cearense – algumas notas. In: **Anais do Museu Paulista.** São Paulo. N. Sér. v.20. n.1. p. 133-163. jan.-jun. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142012000100006>. Acesso em: 31 out. 2018.

KRESS, G.; LEEUWEN T. v. **Reading images:** the grammar of visual design. New York: Routledge, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Fabiana dos Santos. **Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu.** Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2009.

_____; SANTOS, Paula Perin dos, e ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Caminhos percorridos pela Geolinguística nos Sertões Cearenses: pesquisa de campo. **Revista Conexões Ciência e Tecnologia**. Fortaleza/CE, v.12, n. 2, p. 20 - 27, nov. 2018. Disponível em <<http://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/view/1454>>. Acesso em: 11 maio. 2020.

LOUREIRO, Paz. **Acopiara: formação histórica e Política** (De Celso Castro a Antônio Almeida). Acopiara, Tipogresso, 2007.

MILHÃ, Prefeitura Municipal. **História do município de milhã**. Disponível em <<https://www.milha.ce.gov.br/informa.php?id=1>>. Acesso em: 22 maio. 2019.

_____. **Hino de milhã**. Disponível em <<https://www.milha.ce.gov.br/simbolos.php>>. Acesso em: 22 maio. 2019.

MILROY, L. 2007. Social networks. In: CHAMBERS, J.K., TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Eds.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Reference Online, Blackwell Publishing, p. 411-428. Disponível em:<http://www.blackwellreference.com/subscriber/book?id=g9781405116923_9781405116923>. Acesso em: 28 dez. 2017.

MONTEIRO, José Lemos. Fontes bibliográficas para o estudo do dialeto cearense. **Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa**. Fortaleza, 9: 68-94, 1995.

_____. **Para compreender Labov**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Jamyle dos Santos. **Atlas linguístico léxico-semântico de Capistrano**. Dissertação de mestrado. Fortaleza: UECE, 2011.

MOTA, Jacyra A. Constituição do Corpus do Projeto ALiB: Procedimentos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida L.; MOTA, Jacyra Andrade (orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB: Documentos 1**. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2004.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. O estudo dialetológico no Brasil: a volta ou sedimentação de uma metodologia de trabalho? In: Aguilera, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998, p. 235-241.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos da geolinguística românica: um balanço. In: **Cadernos de tradução**, nº 05. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

ROMANO, Valter. **Atlas geossociolinguístico de Londrina**. 2012. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000171785>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

_____. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. In: **Entretextos**, v. 13, n. 2, 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>>. Acesso em: 17 out. 2017.

_____; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. In: **RELin** Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte, UFMG, v. 22, n.1, pp. 119-151, 2014. Disponível em <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5757>>. Acesso em: 17 out. 2017.

_____. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. In: **Papeis**: Revista do Programa de Pós-graduação em estudos de linguagens – UFMS, Vol. 18, Nº 35 Campo Grande-MS, 2014, pp. 135 a 153. Disponível em <<http://seer.ufms.br/index.php/papeis/article/download/3017/2445>> Acesso em: 17 out. 2017.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Técnicas de transcrição grafemática para o ALiB: reflexões. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida L.; MOTA, Jacyra Andrade (orgs.). **Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB**: Documentos 1. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, pp. 125-138, 2004.

SGVCLIN. **Software para geração e visualização de cartas linguísticas**. 2014. Disponível em <<http://sgvclin.altervista.org/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SILVA, Flávio Machado e. **Crateús**: lembranças que aquecem o coração. Fortaleza: Premium, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TARSO, Paulo de. **Té o mar tem vontade de ser desse meu torrão**. Disponível em <<http://paulodetarsoopoetadetaua.blogspot.com/>>. Acesso em: 22 maio. 2019.


TAUÁ, Prefeitura Municipal. **História de Tauá**, Disponível em <<http://www.taua.ce.gov.br/historia-do-municipio>>. Acesso em: 22 maio. 2019.

VIARO, Mário Eduardo. O sistema linguístico como conjunto e como código: o papel da diacronia nos estudos da linguagem. In: **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, Nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_3/189.pdf>. Acesso em: 11 maio 2020.

WIKIPÉDIA. **Mapa Os Sertões Cearenses**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_dos_Sert%C3%B5es_Cearenses#/media/File:Ceara_Meso_SertoosCearenses.svg>. Acesso em: ago. 2016.

ANEXOS

1. FICHA DO INFORMANTE

	<p align="center">Projeto Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses</p> <p>Ficha do Informante</p> <p>No. do ponto: _____ No. do informante: _____</p>
---	---

--

1. NOME:		2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F	5. IDADE:
6. ENDEREÇO: RUA e Nº: BAIRRO: CEP:		
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro		
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)		
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	

	15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO?
B. do pai:	NATURALIDADE: A. da mãe adotiva:
C. do cônjuge:	B. do pai adotivo:
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):	
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:

19. TIPO DE RENDA: A. individual B. familiar

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> programa de auditório D. <input type="checkbox"/> noticiários E. <input type="checkbox"/> programa religioso F. <input type="checkbox"/> filmes G. <input type="checkbox"/> outro	22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura
23. OUVE RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca D. <input type="checkbox"/> parte do dia E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha	24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> programa religioso D. <input type="checkbox"/> noticiário policial E. <input type="checkbox"/> música F. <input type="checkbox"/> progr. c/ participação do ouvinte G. <input type="checkbox"/> outro	
25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca D. <input type="checkbox"/> semanalmente E. <input type="checkbox"/> raramente		
26. NOME DO(S) JORNAL(IS): _____ _____	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> política D. <input type="checkbox"/> programa cultural E. <input type="checkbox"/> política F. <input type="checkbox"/> política G. <input type="checkbox"/> classificados H. <input type="checkbox"/> outra	

_____	C. Í variedades	F. Í página policial

A. Í local	B. Í estadual	C. Í nacional

28. LÊ REVISTA? A. Í às vezes B. Í semanalmente C. Í mensalmente D. Í raramente E. Í nunca

29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____

PARTICIPACÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
31. TEATRO	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
32. SHOWS	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
34. FUTEBOL	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
35. OUTROS ESPORTES	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í
36. OUTROS	A. Í	B. Í	C. Í	D. Í

37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. Í tímido B. Í vivo C. Í perspicaz D. Í sarcástico
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. Í total B. Í grande C. Í média D. Í fraca
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. Í cooperativa B. Í não cooperativa C. Í agressiva D. Í indiferente
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. Í "A" B. Í "B" C. Í "C" D. Í "D"

42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE		
46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
47. OBSERVAÇÕES:		
48. NOME DOS INQUIRIDORES: INQ: _____ - AUX: _____ AUX2: _____	49. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF:	50. DATA DA ENTREVISTA: 51. DURAÇÃO:

2. FICHA DA LOCALIDADE



Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses

Dados sobre a localidade

1. NOME OFICIAL:

2. NOME REGIONAL:

3. NOMES ANTERIORES:

4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES:

a) Pelos próprios:

b) Pelos habitantes de outras localidades:

5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL:

a) Pelos próprios habitantes:

b) Pelos habitantes de outras localidades:

6. NÚMERO DE HABITANTES:

7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:

8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:

9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):

10. COMUNICAÇÕES (rodoviárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)
11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:
13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:
15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):
16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

3. MODELO DOS QUESTIONÁRIOS

3.1 Questionário Semântico-lexical (QSL)

Nº DAS QUESTÕES	ÁREAS SEMÂNTICAS / PERGUNTAS	ITENS
	Acidentes geográficos	
01	...um rio pequeno, de uns dois metros de largura?	Córrego ~ riacho
02	...tronco, pedaço de pau ou tabua que serve para passar por cima de um... (cf. item 1)	Pinguela
03	...O lugar onde o rio termina ou encontra com outro?	Foz
04	Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?	Redemoinho (de água)
05	... o movimento de água do mar? Imitar o balanço das águas	Onda do mar
06	... o movimento de água do rio? Idem item 5.	Onda de rio
	Fenômenos atmosféricos	
07	... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?	Redemoinho (do vento)
08	...um clarão que surge no céu em dias de chuva?	Relâmpago
09	...uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais em dias de mau tempo?	Raio
10	...o barulho forte que se escuta logo depois de um ... (cf. item 9)	Trovão
11	...uma chuva com vento forte que vem de repente?	Temporal ~ vendaval ~ tempestade
12	Existem outros nomes para ... (cf. item 11)	Nomes específicos para temporal
13	...uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?	Tromba d'água
14	... uma chuva forte e continua?	Chuva forte
15	Durante uma chuva, pode cair bolinhas de gelo como chamam essa chuva?	Chuva de pedra
16	Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?	Compôr o tempo ~ estiar
17	Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímicas) Que nomes dão a essa faixa?	Arco-íris
18	... uma chuva bem fininha?	Garoa
19	Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como e que se diz que a terra fica?	terra umedecida pela chuva
20	De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?	Orvalho ~ sereno

21	Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, cobre tudo. Como chamam isso?	Nevoeiro ~ cerração ~ neblina
	Astros e tempos	
22	... a parte do dia quando começa a clarear?	Amanhecer (o dia)
23	O que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear?	Nascer do sol
24	... a claridade avermelha que fica no céu depois (cf. item 23)	Alvorada
25	E o que acontece no céu no final da tarde?	Pôr-do-sol
26	... a claridade avermelhada que fica no céu depois (cf. item 25)	Crepúsculo
27	E quando o sol se põe?	Entardecer
28	... o começo da noite?	Anoitecer
29	De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam essa estrela?	Estrela matutina ~ Vênus ~ estrela da manhã ~ estrela D'alva
30	De tardezinha uma estrela aparece antes da outra, perto do horizonte e brilha mais. Como chamam esta estrela?	Estrela vespertina ~ Vênus ~ estrela da tarde
31	De noite, muitas vezes, pode-se observar uma estrela que desloca no céu, assim (mímica) e faz um risco de luz. Como se chama isso?	Estrela cadente ~ estrela filante ~ meteoro ~ zelação
32	E quando se vê uma ~ (cf. item 31), como é que diz? Identificar os verbos usados para expressar o movimento da estrela cadente.	mudar ~ correr ~ uma estrela
33	Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta faixa ou banda?	Caminho de Santiago ~ via láctea
34	Quais são os meses do ano?	Meses do ano
35	Alguns desses meses tem outro nome, por exemplo, junho, julho etc?	Meses com nomes especiais
36	Hoje e segunda-feira. E domingo, que dia foi?	Ontem
37	... o dia que foi antes de (cf. item 36)	Anteontem
38	... o dia que foi antes de (cf. item 37)	Transanteontem
	Atividades agropastoris	
39	... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam cheiro na mão? Como elas são?	Tangerina mexerica ~
40	...o grão coberto por uma casquinha dura, que se	Amendoim

	come assado, cozido, torrado ou moído?	
41	... umas florzinhas brancas com miolo amarelinho, ou florzinhas secas que se compram nas farmácias ou no supermercado e servem para fazer chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até adulto e também para acalmar? Mostrar as florzinhas.	Camomila
42	... cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para amadurecer?	Penca
43	... duas bananas que nascem grudadas?	Banana dupla ~ Felipe ~ penca
44	... a ponta roxa no cacho da bananeira?	Parte terminal da inflorescência da bananeira ~ umbigo ~ coração
45	Quando se vai colher o milho, o que e se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]	Espiga
46	Quando se tira da ____ (cf. item 45) todos os grãos do milho, o que sobra?	Sabugo
47	Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?	Soca ~ touceira
48	... Flor grande, amarela, redonda, como uma rodela de sementes no meio?	Girassol
49	Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?	Vagem do feijão ~ bainha
50	... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca, marrom, que se cozinha para comer?	Mandioca ~ aipim
51	... uma raiz parecida com (item 50) que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?	Mandioca
52	... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?	Carrinho de mão ~ carriola
53	53 ... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o(a) _____ (cf. item 52)?	Hastes do carrinho de mão
54	... armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro / bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem a cerca?	Cangalha ~ forquilha
55	... a armação de maneira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para velar cestos ou cargas? <i>Mostrar gravura.</i>	Cangalha
56	...a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?	Canga
57	... aqueles objetos de vime, de taquara, de cipó traçado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou burro?	Jacá ~ balaio

58	E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? <i>Mostrar gravura.</i>	Bolsa ~ bruaca
59	... o filho da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?	Borrego (do nascer até ...)
60	Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?	Perda de cria
61	... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, recebe por dia de trabalho?	Trabalhador de enxada em roça alheia
62	O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?	Picada ~ atalho estreito
63	... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?	Trilho ~ caminho ~ vereda ~ trilha
	Fauna	
64	... a ave preta que come animal morto, podre?	Urubu
65	... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?	Colibri ~ beija flor
66	... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa?	João-de-barro
67	... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?	Galinha d'angola ~ guiné ~ cocar
68	... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?	Papagaio
69	... uma galinha sem rabo?	Sura
70	... o cachorro de rabo cortado?	Cotó
71	... o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?	Gambá
72	... as patas dianteiras do cavalo? patas dianteiras do cavalo?	Patas dianteiras do cavalo
73	... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?	Crina do pescoço
74	... o cabelo comprido na traseira do cavalo?	Crina da cauda
75	... a parte do cavalo onde vai a sela?	Lombo
76	... a parte larga atrás do_____ (cf. Item 75)?	Anca ~ garupa ~ cadeira
77	O que o boi tem na cabeça?	Chifre
78	... o boi sem _____ (cf. item 77)?	Boi sem chifre
79	... a cabra que não tem _____ (cf. item 77)?	Cabra sem chifre
80	Em que parte da vaca fica o leite?	Úbere
81	... a parte com que o boi espanta as moscas?	Rabo
82	... o animal que tem uma perna mais curta e que	Manco

	puxa de uma perna?	
83	... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulho quando voa?	Mosca varejeira
84	...um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado (cf. item 1)	Sanguessuga
85	... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?	Libélula
86	... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco?	Bicho de fruta
87	... aquele bicho que dá em esterco, em pau podre?	Coró
88	... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? <i>Imita o zumbido</i>	Pernilongo
	Corpo humano	
89	... esta parte que cobre o olho? <i>Apontar.</i>	Pálpebras ~ capela dos olhos
90	... alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?	Cisco
91	... a pessoa que só enxerga com um olho?	Cego de um olho
92	... a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? <i>Completar com um gesto dos dedos.</i>	Vesgo
93	... a pessoa que não enxerga longe, e tem que usar óculos?	Míope
94	... a bolinha que nasce na _____(cf. item 89), fica vermelha incha?	Terçol ~ viúva
95	... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?	Conjuntivite ~ dor d'olhos
96	... aquela pele branca no olho que dá em pessoa mais idosa?	Catarata
97	... esses dois dentes pontudos? <i>Apontar.</i>	Dentes caninos ~ presas
98	... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral, quando a pessoa já é adulta?	Dentes do siso ~ do juízo
99	... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos _____ (cf. item 98)? <i>Apontar.</i>	Dentes molares ~ dente queiro
100	... a pessoa que não tem dentes?	Desdentado ~ banguela
101	... a pessoa que parece falar pelo nariz? <i>Imitar.</i>	Fanhoso ~ fanho
102	... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?	Meleca ~ tatu

103	... este barulhinho que se faz? <i>Soluçar</i>	Soluço
104	...isto? <i>Apontar</i>	Nuca
105	... esta parte alta do pescoço do homem. <i>Apontar.</i>	Pomo-de-adão ~ gogó
106	... o osso que vai do pescoço até o ombro? <i>Apontar.</i>	Clavícula
107	... a pessoa que tem um calombo nas costas e fica assim (<i>mímica</i>)?	Corcunda
108	... esta parte aqui? <i>Apontar</i>	Axila
109	... o mau cheiro embaixo dos braços?	Cheiro nas axilas
110	... a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? <i>Completar com o gesto.</i>	Canhoto
111	... a parte do corpo da mulher como que ela amamenta os filhos?	Seio ~ peito
112	Se uma pessoa come muito e sente que vai por/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?	Vomitar
113	... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?	Útero
114	... a pessoa que não tem uma perna?	Perneta
115	... a pessoa que puxa de uma perna?	Manco
116	...a pessoa de pernas curvas? <i>Mímica.</i>	Pessoa de pernas arqueadas
117	... o osso redondo que fica na frente do joelho?	Rótula ~ pataca
118	... isto? <i>Apontar.</i>	Tornozelo
119	... isto? <i>Apontar.</i>	Calcanhar
120	Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? <i>Mímica.</i>	Cócegas
	Ciclos da vida	
121	As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?	Menstruação
122	Numa certa idade acaba a/o_____ (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher_____.	Entra na menopausa
123	... a mulher que ajuda a criança a nascer?	Parteira
124	Chama-se a _____ (cf. item 123) quando a mulher está para_____.	dar a luz
125	... duas crianças que nascem no mesmo parto?	Gêmeos
126	Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve_____.	Aborto
127	Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo,	Abortar

	não chega a ter a criança, se diz que ela _____?	
128	Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?	Ama-de-leite
129	O próprio filho da _____(cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o que um do outro?	Irmão de leite
130	... a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ela como se fosse?	Filho adotivo
131	... o filho que nasceu por último?	Filho mais moço ~ caçula
132	Criança pequeninha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?	Menino ~ guri ~ piá
133	E se for do sexo feminino, como se chama?	Menina
134	Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?	Madrasta
135	Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?	Finado ~ falecido
	Convívio e comportamento social	
136	... a pessoa que fala demais?	Pessoa tagarela
137	... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?	Pessoa pouco inteligente
138	... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?	Pessoa sovina
139	... a pessoa que deixa suas contas penduradas?	Mau pagador
140	... a pessoa que é paga para matar alguém?	Assassino pago
141	... o marido que a mulher passa para trás com outro homem?	Marido enganado
142	... a mulher que se vende para qualquer homem?	Prostituta
143	... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?	Xará
144	Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? (<i>designações</i>)	Bêbado
145	Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado a mão?	Cigarro de palha
146	... o resto do cigarro que se joga fora?	Toco de cigarro
	Religião e crenças	
147	Deus está no céu e no inferno está _____.	Diabo
148	O que algumas pessoas dizem já ter visto, a noite, em cemitério ou em casa, que se diz que é do outro	Fantasma

	mundo?	
149	O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, em encruzilhadas?	Feitiço
150	... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?	Amuleto
151	... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?	Benzedeira
152	... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?	Curandeiro
153	...a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?	Medalha
154	No Natal, monta-se um grupo de figura representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso?	Presépio
	Jogos e diversões infantis	
155	... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? <i>Mímica</i>	Cambalhota
156	... as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?	Bolinha de gude
157	... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (mímica), que os meninos usam para matar passarinho?	Estilingue ~ setra ~ bodoque
158	... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que empina no vento por meio de uma linha?	papagaio de papel ~ pipa
159	E um brinquedo parecido com o (a)____(cf.item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?	Pipa ~ arraia
160	... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?	Esconde-esconde
161	... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?	Cabra-cega
162	... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?	Pega-pega
163	... esse ponto combinado?	Ferrolho ~ salva ~ pícula ~ pique
164	...uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passado com uma pedrinha, uma varinha, um lenço, que deixa cair	Chicote queimado ~ lenço atrás

	atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?	
165	... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? <i>Mímica</i> .	Gangorra
166	... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? <i>Mímica</i>	Balanço
167	... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formado por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (<i>mímica</i>) e vão pulando com uma perna só? <i>Solicitar descrição detalhada</i>	Amarelinha
	Habitação	
168	... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?	Tramela
169	Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? <i>Mostrar gravura</i>	Veneziana
170	Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa senta para fazer as necessidades?	vaso sanitário ~ patente
171	... aquilo preto que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima o fogão a lenha?	Fuligem
172	... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?	Borrvalho
173	Para acender um cigarro, se usa fósforo ou _____?	Isqueiro ~ binga
174	...aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (<i>mímica</i>).	Lanterna
175	Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?	Interruptor de luz
	Alimentação e cozinha	
176	... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?	Café da manhã
177	... a pasta feita de frutas para passar o pão, biscoito?	Geleia
178	... a carne depois de triturada na máquina?	Carne moída
179	... uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?	Curau ~ canjica
180	E essa mesma papa, com milho verde ralado, coco, como é que chama? <i>Pedir para descrever como se faz.</i>	Curau
181	... aquele alimento feito com grãos de milho brancos, coco e canela?	mungunzá ~ canjica

182	... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar.	Aguardente
183	Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou_____.	Empanturrado
184	... uma pessoa que normalmente come demais?	Glutão
185	... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? <i>Mostrar. Pedir para descrever.</i>	Bala ~ confeito ~ bombom
186	... isto? <i>Mostrar.</i>	Pão francês
187	... isto? <i>Mostrar.</i>	Pão bengala
	Vestuário e acessórios	
188	... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?	Sutiã
189	... roupa que o homem usa debaixo da calça?	Cueca
190	... a roupa que a mulher usa debaixo da saia?	Calcinha
191	... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?	Rouge
192	... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? <i>Mostrar.</i>	Grampo (com pressão) ~ ramona ~ misse
193	... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? <i>Mímica.</i>	Diadema ~ arco ~ tiara
	Vida urbana	
194	Na cidade, o que costume ter em cruzamento com movimento, com luz vermelha, verde e amarela?	Sinaleiro ~ semáforo ~ sinal
195	...aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?	Lombada ~ quebra- molas
196	Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?	Calçada ~ passeio
197	... o que separa o _____ (cf. item 196) da rua?	Meio-fio
198	... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?	Rotatória ~ rótula
199	... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa cidade?	Lote ~ terreno ~ data
200	... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?	Ônibus urbanos
201	... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?	Ônibus interurbanos

202	... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber_____ (cf. item182) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?	Bodega ~ bar ~ boteco
-----	--	---

3.2 Questionário Morfossintático - QMS

QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO – QMS

Questões	Perguntas
Questões 01 e 02	Conteúdo: artigo diante de nome próprio (de pessoas)
01	Você/o(a) senhor(a) tem filhos?
02	Você/o(a) senhor(a) poderia dizer o nome de alguns vizinhos ou amigos? Com quem costuma falar mais?
Questões 03 a 05	Conteúdo: gênero dos substantivos alface e cal
03	ALFACE Como é que se chama aquela folha verde que se come geralmente na salada?
04	CAL Você/o(a) senhor(a) conhece cal? Como se faz para cair uma casa?
05	GUARANÁ Por exemplo, quando o senhor tem sede, como é que o senhor pede guaraná? “Por favor, me dá _____”.
Questões 06 a 09	Conteúdo: feminino de alemão, chefe, ladrão e presidente
06	ALEMÃO Uma mulher que nasce no Brasil é brasileira. E a que nasce na Alemanha?
07	CHEFE Há homens e mulheres que chefiam. No caso, se é uma mulher, ela é o quê?
08	LADRÃO Um homem que rouba é ladrão. E quando é uma mulher?
09	PRESIDENTE Se na presidência da República, estivesse uma mulher, ela seria o quê?
Questões 10 a 20	Conteúdo: número do substantivo (mostrar aos informantes gravuras com a solicitação). Poderia dizer o que você/ o(a) senhor(a) está vendo nesta gravura?
10	LÁPIS
11	ANÉIS
12	AVENTAIS
13	PÃES
14	MÃOS
15	LEÕES
16	DEGRAUS
17	FLORES
19	ANZÓIS
20	OLHOS
Questões 21 e 22	Conteúdo: uso alternativo dos adjetivos grande/pequeno, bom/mau (ruim), em contextos de comparação
21	GRANDE ~ PEQUENO Estas duas casas (mostrando um desenho de duas casas uma grande e outra pequena) têm o mesmo tamanho? A primeira é como? E a segunda? Poderia comparar as duas casas em termos de tamanho? (apurar as variações mais grande/maior, mais pequena/menor)

22	BOM ~ MAU (RUIM) Você/o(a) senhor(a) prefere a comida da sua esposa/ de sua filha ou de sua mãe? Por quê? (apurar as variações mais bom/melhor, mais mau/pior)
Questões 23 a 28 Conteúdo: pronomes pessoais	
23	EU ~ MIM Alguém pede para você/o(a) senhor(a) fazer uma tarefa. Mas outra pessoa acha que a tarefa é para ela. Então você/o(a) senhor(a) diz: “essa tarefa, na verdade, é para _____ fazer. (apurar a variação dos dois pronomes em contextos afins)
24	TU ~ VOCÊ (sujeito) Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para aonde ele vai, como é que se pergunta?
25	TU ~ VOCÊ ~ A GENTE Conhece alguma simpatia? (para tirar verruga, por exemplo?) [Conhece alguma receita de uma comida típica daqui?] [Como se faz aqui para ganhar o próprio sustento?]
26	NÓS ~ A GENTE (1ª. pessoa) O que é que vocês fazem no final de semana?
27	COMIGO ~ COM EU ~ MAIS EU Quando alguém não quer tomar café sozinho, diz para outra pessoa: “quer tomar café _____?”
28	CONOSCO ~ COM NÓS ~ COM A GENTE E se nós dois estivermos tomando café e queremos outra pessoa, ou mais pessoas na mesa, dizemos que essa(s) pessoa(s): Venha tomar café
Questões 29 a 32 Conteúdo: Pronomes possessivos e indefinidos	
29	TEU ~ SEU (relação inquiridor-informante) De quem é isso aqui? (aproveitando objetos que estejam com inquiridor).
30	TEU ~ SEU (relação entre irmãos) Você/o(a) senhor(a) tem irmão/irmã? E como diz para ele(a) que algo pertence a ele(a)? “Ó, meu irmão, isso é _____.” [“Ó, minha irmã, isso é _____.”]
31	SEU ~ DELE Fale sobre _____ (contextualizar um carro/ um moto/ uma bicicleta/ o quarto/ a casa/ a roça/ um objeto) de seu irmão/ irmã/ amigo(a)/ marido/ mulher/ pai/ mãe. [Esse(a) _____ (contextualizar) é, então, de você / do(a) senhor(a) ou do(a) irmão/ irmã/ amigo(a)/ marido/ mulher/ pai/ mãe?]
32	MENOS ~ MENAS Paulo tem muita força e Luís tem pouca força. Então podemos dizer que Paulo tem mais força do que Luís. Luís, pelo contrário, tem força do que Paulo.
Questões 33 a 46 Conteúdo: tempos verbais e concordância	
33	PRESENTE DO INDICATIVO O que é que você/o(a) senhor(a) faz durante o dia? Poderia descrever como é a sua rotina diária?
34	VIVER (3ª. pessoa do plural) Como é a vida das pessoas que não têm casa? [Na vida, há os que já morreram e os que ainda _____]
35	OUVIR (1ª. pessoa do singular)

	Você/ o(a) senhor(a) ouve rádio?
36	CABER (1. pessoa do singular) Digamos que o carro está lotado, mesmo assim o motorista insiste que ainda cabe alguém. Então, eu posso dizer assim: “Não, eu não _____ neste carro”.
37	PRETÉRITO PERFEITO O que você/o(a) senhor(a) fez de diferente ontem?
38	DAR (1ª. pessoa do singular) Se alguém pergunta se você / o(a) senhor(a) deu um presente ao aniversariante, você o(a) diz o quê? (apurar a existência da variação dei/di)
39	SABER (1ª. pessoa do singular) Por exemplo, quando você /o(a) senhor(a) toma conhecimento de que um amigo seu casou, como comenta com esse amigo essa novidade?
40	ESTAR (1ª. pessoa do singular) Agora, você /o(a) senhor(a) está aqui em _____ (dizer o nome da cidade onde se encontra) E em _____? [citar o nome onde o informante já esteve] [Apurar a existência da variação estive/tive]
41	TRAZER (1ª. pessoa do singular) Você /o(a) senhor(a) tinha que trazer uma encomenda para alguém, mas você /o(a) senhor(a) não fez isso. Se a pessoa perguntar pela encomenda, o que é que você/ o(a) senhor(a) diz? “Infelizmente, eu não _____ a encomenda.” (apurar a existência da variação trouxe/truxe)
42	PÔR (1ª. pessoa do singular) Uma pessoa procura um objeto, por exemplo, uma chave ou um livro e não acha. Então, ela pergunta onde você /o(a) senhor(a) pôs esse objeto. Na realidade, você sabe onde pôs o objeto. Como é que você /o(a) senhor(a) responde? (Apurar a existência da variação pus/ponhei)
43	FUTURO DO PRESENTE O que você /o(a) senhor(a) fará amanhã?
44	FUTURO DO PRETÉRITO O que é que você/o(a)senhor(a) faria se ganhasse na loteria?
45	Concordância: FAZ ~ FAZEM (indicador de tempo passado) Quanto tempo faz que você/o(a) senhor(a) mora aqui?
46	Concordância: TER ~ HAVER (em construções existenciais) Como era esta cidade antigamente em termos de festas? [Antigamente, esta cidade era mais desenvolvida? Por quê?]
Questões 47 a 49	Conteúdo: colocação do advérbio NÃO em respostas negativas
47	Você /o(a) senhora sabe se tem vida em outro planeta?
48	Você /o(a) senhora já viu disco voador, não é?
49	Você /o(a) senhora já andou de avião? Tem medo de andar de avião?